

Militares britânicos e nazis disputam o código
mais bem guardado de sempre.

KEN FOLLETT

Autor de *O Homem de Sompetersburgo*

A CHAVE PARA REBECCA

«Um emocionante thriller
de aventura, violência, intriga
e paixões... num ritmo alucinante.»

Washington Post

Best-seller internacional



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



A CHAVE DE REBECA

Ken Follett

Tradução do espanhol para o português: Kleber de Souza Andrade, 30/10/2010.

Nosso espião do Cairo é o maior de todos os heróis.

Erwin Rommel setembro de 1942

(Citado por Anthony Cave Brown em Bodyguard of Lies)

PRIMEIRA PARTE

TOBRUK

Capítulo 1

O último camelo desabou ao meio-dia. Era o macho branco de cinco anos comprado em Gialo, a mais jovem e forte das três bestas e que não tinha tão mau gênio. Gostava do animal tanto quanto um homem pode gostar de um camelo, o que equivale a dizer que só o odiava um pouco.

Subiram a sotavento uma colina pequena, marcando — homem e camelo — grandes e lerdas pisadas na areia instável. No cume se detiveram. Olharam adiante e só viram outra colina, e depois dessa, mil mais. Foi como se o camelo houvesse perdido a esperança. Em primeiro lugar suas patas dianteiras se dobraram; depois baixou os quartos traseiros, e assim ficou, no alto da colina, como um monumento olhando fixamente para o deserto vazio com a indiferença dos moribundos.

O homem tirou a rédea. A cabeça do camelo se adiantou e o pescoço se estirou, mas o animal não se levantou. O homem se aproximou dele pelas costas e, com todas suas forças, deu-lhe três ou quatro pontapés nas ancas. Finalmente, pegou um faca de beduíno, curva e de ponta aguda, afiada como uma navalha, e com ela lhe feriu na anca. O sangue fluiu, porém o camelo nem sequer olhou atrás.

O homem compreendeu o que ocorria. Os músculos do animal, privados de alimento, simplesmente haviam deixado de funcionar, como uma máquina sem combustível. Havia visto camelos desabarem como este, nos arredores de um oásis, rodeados de uma folhagem vivificante da qual não ligavam, carentes de energia para comer.

Podia ter tentado mais dois truques. Um era verter água no nariz do animal, até que começasse a se afogar. O outro consistia em acender fogo debaixo de seus quartos traseiros. Porém não podia desperdiçar água para o primeiro, nem lenha para o segundo, e, por outro lado, nenhum dos dois métodos oferecia grandes possibilidades de êxito.

De qualquer maneira, era hora de parar. O sol estava alto e ardia. Logo começaria o longo verão do Saara e a temperatura chegaria, ao meio-dia, a quarenta e três graus à sombra.

Sem descarregar o camelo, o homem abriu uma de suas bolsas e tirou sua tenda. Olhou de novo ao redor, mecanicamente: não havia sombra nem abrigo à vista; nenhum lugar era pior que qualquer outro. Montou a tenda junto ao camelo moribundo, ali, na cume da colina.

O homem se sentou com as pernas cruzadas na entrada da tenda, para preparar o chá. Alisou a areia num quadrado pequeno, colocou uns poucos e preciosos galinhos secos em forma de pirâmide e acendeu o fogo. Quando a água da pequena chaleira ferveu, preparou o chá ao estilo nômade, passando-o da chaleira à xicara, agregando-lhe açúcar, logo voltando a jogá-lo na chaleira, e assim várias vezes. A infusão resultante, muito forte e bastante melosa, era a bebida mais tonificante do mundo.

Mastigou algumas tâmaras e contemplou a morte do camelo enquanto esperava que o sol começasse a declinar. Sua calma era fruto da experiência. Havia feito uma longa viagem por aquele deserto, mais de mil e seiscentos quilômetros. Dois meses antes havia partido do Âgela,

sobre a costa mediterrânea da Líbia, e viajado rumo ao sul percorrendo oitocentos quilômetros, via Gialo e Kufra, para o vazio coração do Saara. Depois havia virado para o leste, cruzando a fronteira do Egito, sem ser visto por homem ou animal algum. Havia atravessado o páramo rochoso do deserto Ocidental e seguido rumo norte, perto de Kharga; já não estava longe de seu destino. Conhecia o deserto mas o temia. Todo homem inteligente o temia, inclusive os nômades, que passavam ali toda a sua vida. Contudo nunca permitiu que o medo o dominasse e o fizesse cair presa do pânico, que esgotava as energias do sistema nervoso. Sempre havia catástrofes: erros de orientação que desviavam o rumo dois ou três quilômetros e impediam de encontrar um poço de água; cantis que gotejavam ou arrebentavam; camelos aparentemente saudáveis que adoeciam depois de alguns dias de caminho. O único remédio era dizer Inshallah: É a vontade de Deus.

Finalmente, o sol começou a pôr-se. O homem contemplou a carga que o camelo levava, perguntando-se quanto poderia carregar. Havia três pequenas maletas européias, duas pesadas e uma leve, todas importantes; um saco pequeno com roupas, um sextante, os mapas, a comida e o cantil. Era muito: teria que abandonar a tenda, o jogo de chá, a panela, o almanaque e a sela.

Fez um pacote com as três maletas e por cima atou a roupa, a comida e o sextante prendendo tudo com um pedaço de tecido. Pôde passar os braços debaixo das faixas de pano e colocar o pacote nas costas como uma mochila. Pendurou o cantil de pele de cabra no pescoço, e diante dele.

Era uma carga pesada; três meses antes poderia carregá-la o dia todo e jogar tênis ao entardecer, porque era um homem forte; porém o deserto lhe havia debilitado. Seus intestinos eram pura água; sua pele, um monte de chagas; e havia perdido dez ou quinze quilos. Sem o camelo não poderia ir muito longe.

Com a bússola na mão começou a andar. Seguiu o rumo que ela marcava, resistindo à tentação de contornar as colinas, pois nos últimos quilômetros estava se orientando por puro cálculo e o mínimo erro podia fazê-lo se perder. Estabeleceu um passo lento e longo. Sua mente se esvaziou de esperanças e temores e se concentrou na bússola e na areia. Logrou esquecer a dor de seu corpo exausto e pôs mecanicamente um pé diante do outro, sem pensar e, portanto sem esforço.

Ao anoitecer, esfriou. O cantil ficava mais leve à medida que o seu conteúdo era consumido. Não queria pensar na quantidade de água que ainda tinha. Havia calculado que bebia três litros por dia, e sabia que não tinha o suficiente para outra jornada. Uma revoada de aves voou sobre sua cabeça assobiando ruidosamente. Olhou para cima, sombreando seus olhos com a mão, e viu que eram urogallos de Licchtenstein, aves do deserto parecidas com pombas marrons, que todas as manhãs e todas as tardes voavam para a água. Iam na mesma direção que ele. Isso significava que estava no rumo correto, mas sabia que essas aves podiam voar oitenta quilômetros até chegar ao oásis, de modo que era pouco o alento que lhe davam.

Com o frio se juntaram nuvens no horizonte. Detrás do homem, o sol baixou mais e se converteu num grande globo amarelo. Pouco depois apareceu uma lua branca no céu purpúreo.

Pensou em fazer uma parada. Era impossível caminhar toda a noite. Mas não tinha nem tenda, nem manta, nem arroz, nem chá. E tinha a certeza de encontrar-se perto do poço: conforme seus cálculos já deveria estar ali.

Seguiu andando. Começava a perder a calma. Havia oposto sua força e sua perícia ao deserto impiedoso, e começava a parecer que o deserto ganharia. Pensou de novo no camelo que havia abandonado e em como o animal havia se sentado na pequena colina, com a tranquilidade do

esgotamento, aguardando a morte. Pensou que ele não a esperaria: quando fosse inevitável, correria a seu encontro, as horas de angústia e de invasora loucura não eram para ele. Seria insignificante. Chegando esse momento tinha sua face.

A idéia o fez perder a esperança e já não pôde reprimir o temor. A lua se ocultou, mas a paisagem brilhava à luz das estrelas. Viu a sua mãe a distância. Admoestava-lhe: “Não dirás que não te adverti!”. Ouviu um trem que ofegava ao ritmo de seu coração, lentamente. Pedras pequenas se moviam ao seu passo, como ratos que perambulassem. Sentiu o cheiro de cordeiro assado. Com enorme esforço subiu uma elevação e viu, muito perto, o brilho vermelho do fogo no qual se havia cozido a carne, e ao lado dele um garotinho que roia os ossos. Havia tendas ao redor do fogo, camelos maneados pastando nos arbustos dispersos e, mais adiante, o manancial. Entrou naquela alucinação. Os que estavam na miragem levantaram a vista e o olharam assombrados. Um homem alto levantou-se e falou. O viajante desenrolou parcialmente o tecido de seu howli, para mostrar a cara.

O homem alto se adiantou comovido.

— Meu primo! — exclamou.

O viajante compreendeu que, afinal de contas, não se tratava de uma ilusão. Esboçou um sorriso e desabou.

Ao despertar achou por um momento que voltara a ser menino e que sua vida de adulto havia sido um sonho.

Alguém o tocava no ombro e lhe dizia no idioma do deserto: “Desperta, Achmed”. Fazia anos que ninguém o chamava Achmed. Deu-se conta de que estava envolto em uma manta grosseira e deitado sobre a areia fria, com a cabeça vendada. Abriu os olhos e viu o amanhecer esplêndido como um arco-íris sobre o horizonte preto e plano. O vento gelado da manhã golpeava o seu rosto. Nesse instante experimentou de novo toda a confusão e ansiedade de seus quinze anos.

Naquela vez, a primeira em que acordara no deserto, se sentiu totalmente perdido. Pensou: “Meu pai morreu”, e depois: “Tenho outro pai”. Por sua cabeça passaram fragmentos de capítulos do Alcorão, mesclados com outros do credo que sua mãe ainda lhe ensinava às escondidas, em alemão. Recordava a recente dor aguda de sua circuncisão, seguida pelas salvas de fuzil daqueles que o felicitavam por ter se convertido finalmente num deles, num verdadeiro homem. Depois ao longo da viagem de trem, perguntando-se como seriam seus primos do deserto e se desdenhariam de seu corpo pálido e de suas maneiras civilizadas. Saira caminhando energicamente da estação e viu dois árabes sentados junto a seus camelos na poeira do pátio. Estavam envoltos nas tradicionais cafetãs, que os cobriam da cabeça aos pés, com excessão de uma fenda no howli, que revelava somente seus olhos, escuros e inescrutáveis. Levaram-lhe ao manancial. Foi aterrador: ninguém lhe falou, exceto por sinais. Ao entardecer se deu conta de que aquela gente não tinha latrinas, e se sentiu terrivelmente envergonhado. Por fim se viu obrigado a perguntar. Houve um momento de silêncio e em seguida estourou uma gargalhada geral. Pensavam que não falava seu idioma e por isso todos haviam tratado de comunicar-se com ele por sinais. E havia usado uma palavra infantil ao perguntar pelo banheiro, o que incrementou a comicidade da situação. Alguém lhe explicou que devia caminhar um pouco par longe do círculo de tendas e pôr-se em cócoras sobre a areia. Depois disso já não se sentiu tão atemorizado, pois aqueles eram homens rústicos, mas não grosseiros.

Todos esses pensamentos haviam passado por sua mente enquanto contemplava seu primeiro amanhecer no deserto; e agora voltavam vinte anos depois, tão frescos e dolorosos como as más recordações de ontem, com as palavras: “Desperta, Achmed”.

Sentou-se bruscamente e os velhos pensamentos se desvaneceram com rapidez, como as nuvens matinais. Em uma missão vitalmente importante, havia cruzado o deserto achando finalmente o manancial. Não era uma alucinação: ali estavam seus primos, como sempre naquela época do ano. Desvaneceu-se a causa do esgotamento, envolveram-lhe em mantas e o deixaram dormir junto ao fogo. Subitamente, sentiu pânico ao pensar em sua preciosa bagagem. Ainda a levava quando chegou? Então a viu amontoadada com cuidado aos seus pés.

Ishmael estava de cócoras junto dele. Sempre havia sido assim: durante o ano que os dois garotos passaram juntos no deserto, Ishmael sempre despertava primeiro.

— Sérios problemas, primo — disse Ismael.

Achmed assentiu:

— Há guerra.

Ishmael lhe ofereceu uma diminuta tigela adornada com pedras preciosas. Achmed submergiu os dedos na água e lavou os olhos. Depois se levantou enquanto Ishmael se afastava.

Uma das mulheres, calada e obsequiosa, serviu-lhe chá. Que ele pegou rapidamente e sem agradecer. Comeu um pouco de arroz fervido, frio, enquanto ao seu redor continuava o trabalho pausado do acampamento. Aparentemente, aquele ramo da família ainda era rico: havia vários serventes, muitos meninos e mais de vinte camelos. As ovelhas que se achavam nas cercanias só eram uma parte do rebanho. O resto pastava a poucos quilômetros de distância. Também havia mais camelos, que vagavam durante a noite em busca de folhagem para comer, que ainda estavam espalhados, e que as vezes se perdiam de vista. Os garotos mais jovens já os estariam reunindo, como o haviam feito Ishmael e ele. Os animais não tinham nomes, mas Ishmael conhecia cada um deles, e também a sua história. Dizia, por exemplo: “Este é o macho que meu pai presenteou ao seu irmão Adbel no ano em que morreram muitas fêmeas; e o macho ficou coxo, de modo que meu pai deu outro a Adbel e trouxe este de volta. Ainda coxeia, vês?”. Achmed havia chegado a conhecer bem os camelos, porém nunca chegou a adotar totalmente a atitude do nômade para com eles: na véspera não havia acendido fogo debaixo do moribundo animal branco. Ishmael o haveria feito.

Achmed terminou seu café da manhã e voltou à sua bagagem. As malas não estavam fechadas com chave. Abriu a que estava em cima, uma pequena, de couro; e quando olhou os interruptores e diais do sólido rádio cuidadosamente acomodado na pasta retangular, teve uma lembrança repentina e vívida, como uma película: a barulhenta e frenética cidade de Berlim; uma rua arborizada, a Tirpitzufer; um edifício de pedra, de quatro pisos; um labirinto de corredores e escadas; um escritório externo, com duas mesas; e um interior, escassamente mobiliado com uma mesa, um sofá, um arquivo, uma cama pequena e, na parede, uma pintura japonesa, de um demônio sorridente, e uma fotografia autografada, de Franco. E atrás da mesa, numa sacada que dava para o canal Landwehr, um par de cachorros farejadores e um almirante prematuramente envelhecido que dizia: “Rommel quer que introduza um agente no Cairo”.

A pasta também continha um livro, uma novela em inglês. Distraidamente, Achmed leu a primeira linha: “Ontem à noite sonhei que voltava a Manderley”. Uma folha de papel dobrada caiu de dentro do livro. Achmed a recolheu cuidadosamente e a colocou outra vez em seu lugar. Fechou o livro e o guardou na pasta. Depois a fechou.

Ishmael estava em pé, ao seu lado.

— Foi um viagem longa? — perguntou.

Achmed assentiu:

— Vim de El Ágela, na Líbia. — Aqueles nomes não significavam nada para seu primo —. Vim desde o mar.

— Desde o mar?

— Sim.

— Sozinho?

— Tinha uns quatros camelos quando parti. — Ishmael estava pasmado; nem os nômades faziam viagens tão longas, e ele nunca havia visto o mar. — Por que?

— Tem a ver com esta guerra.

— Um bando de europeus que luta com outro para decidir qual deles se estabelecerá no Cairo. O que isso interessa aos filhos do deserto?

— O povo de minha mãe participa da guerra — disse Achmed.

— Um homem deve seguir seu pai.

— E se ele tem dois pais?

Ishmael se encolheu de ombros. Compreendia o dilema. Achmed levantou a pasta fechada.

— Pode guardá-la para mim?

— Sim. — Ishmael a pegou —. Quem está ganhando a guerra?

O povo de minha mãe. Ele é como os nômades: orgulhoso, cruel e forte. Vai governar o mundo.

Ishmael sorriu.

— Achmed, tu sempre acreditaste no leão do deserto...

Achmed recordava: na escola havia aprendido que num tempo houve leões no deserto, e que era possível que alguns ficassem ocultos nas montanhas, alimentando-se de cervos, raposas africanas e ovelhas selvagens. Ishmael não quis crê-lo. A discussão havia parecido terrivelmente importante então, e quase os repreenderam por isso. Achmed sorriu brincalhão.

— Ainda acredito no leão do deserto — disse.

Os dois primos se olharam. Havia passado cinco anos desde seu último encontro. O mundo havia mudado. Achmed pensou nas coisas que podia contar: a reunião crucial em Beirut, em 1938, sua viagem a Berlim, seu grande golpe em Estambul... Nada disso significaria nada para seu primo, que provavelmente estava pensando o mesmo sobre os acontecimentos de seus últimos cinco anos. Desde sua peregrinação a Meca, juntos, quando eram garotos, haviam adquirido um profundo afeto mútuo, porém nunca tiveram nada de que falar.

Depois de um instante, Ishmael se afastou levando a pasta a sua tenda. Achmed foi buscar um pouco de água em uma tijela. Abriu outra bolsa, e extraiu um pedaço de sabão, um espelho e uma navalha. Apoiou o espelho na areia, o acomodou e começou a desenrolar o turbante.

A imagem de seu rosto no espelho o impressionou. A testa, firme e normalmente limpa, estava coberta de feridas. Tinha os olhos semicerrados pela dor e com sulcos nos extremos. A barba escura crescia emaranhada sobre as delicadas bochechas, e a pele do nariz, grande e aquilino, estava avermelhado e rachado. Abriu os lábios queimados e viu que seus dentes, finos e regulares, estavam sujos e manchados.

Se ensaboou e começou a barbear-se.

De forma gradual o seu velho rosto foi surgindo. Era firme, mais que belo, e normalmente tinha um ar que ele reconhecia, nos momentos de maior imparcialidade, algo libertino; mas estava destrocada. Prevendo esses estragos havia levado consigo um frasco de loção através de centenas de quilômetros de deserto. Contudo não o usou, porque sabia que não suportaria o seu perfume. Deu-lhe a uma menina que o estivera observando e que se afastou correndo, encantada com seu prêmio.

Achmed levou sua bolsa à tenda de Ishmael e mandou as mulheres saírem. Tirou a roupa que havia usado e pôs uma camisa branca inglesa, uma gravata rajada, meias cinzas e um traje marrom quadriculado. Quando foi calçar os sapatos descobriu que os pés estavam inchados: era angustiante introduzi-los no couro novo e duro. Contudo, não podia pôr seu traje europeu com as improvisadas sandálias de borracha que havia usado no deserto. Finalmente, com sua faca curva fez uns cortes nos sapatos e pôde calçá-los com facilidade.

Querida mais: um banho quente, um corte de cabelo, creme hidratante, fresco, para suas queimaduras, uma camisa de seda, uma pulseira de ouro, uma garrafa de champanhe gelado e uma mulher tenra e morna. Mas tudo isso teria que esperar.

Quando saiu da tenda os nômades o olharam como se fosse um estranho. Pegou seu chapéu e levantou as duas malas restantes, uma pesada e outra leve. Ishmael se aproximou com uma cantil de pele de cabra. Os dois primos se abraçaram.

Achmed sacou uma carteira da bolsa de seu paletó, para examinar seus documentos. Ao contemplar sua carteira de identidade se deu conta de que era outra vez Alexander Wolff, de trinta e quatro anos, da Vila Les Oliviers, Garden City, Cairo, homem de negócios, um europeu.

Colocou o chapéu, carregou as malas e partiu com o frescor do amanhecer para cobrir os últimos quilômetros de deserto que o separavam da cidade.

A formidável e antiga rota das caravanas, que Wolff havia seguido de oásis em oásis cruzando o vasto e vazio arenal, conduzia a um passagem na cordilheira e finalmente se confundia com uma estrada moderna comum. Era como uma linha traçada no mapa por Deus, porque de um lado estavam as colinas desoladas, empoeiradas e amarelas, e do outro, os exuberantes campos de algodão, enquadrados pelos canais de irrigação. Os camponeses, inclinados sobre os cultivos, usavam túnicas — simples camisolas de algodão de riscas — em lugar das protetoras e pesadas cafetãs dos nômades. Enquanto caminhava pela estrada para o norte, cheirando a brisa úmida e fresca do Nilo, próximo, observando os crescentes sinais de civilização urbana, Wolff começou a sentir-se humano outra vez. Os camponeses dispersos nos campos já não lhe pareceram uma multidão. Finalmente ouviu o motor de um automóvel e soube que estava a salvo.

O veículo se aproximava vindo da direção da cidade de Asyut. Depois de uma curva ficou visível: era um jipe militar. Quando estava mais perto, Wolff viu os uniformes do exército britânico e se deu conta de que havia deixado um perigo só para deparar-se com outro.

Decidiu tranquilizar-se. “Tenho todo o direito de estar aqui — pensou —. Nasci em Alexandria. Sou egípcio por nacionalidade. Tenho uma casa no Cairo. Todos meus documentos são autênticos. Sou um homem rico, um europeu e um espião alemão atrás das linhas inimigas...”

O jipe se deteve com um chiado de pneus em meio de uma nuvem de poeira. Um dos homens desceu de um salto. Tinha três estrelas de tecido sobre as ombreiras do uniforme: um capitão. Parecia sumamente jovem e mancava.

O capitão disse:

— De onde diabos você vem?

Wolff largou suas malas no solo e com um polegar assinalou para trás, por cima do ombro:

— Meu carro quebrou na estrada do deserto.

O capitão assentiu aceitando de imediato a explicação: jamais imaginaria, como nenhuma outra pessoa, que um europeu pudesse haver chegado caminhando desde a Líbia.

— Mostre-me seus documentos, por favor.

Wolff lhe entregou. O capitão os examinou e depois levantou a vista. Wolff pensou: “Houve um vazamento em Berlim e todo o Egito está me procurando; ou mudaram os documentos desde que estive aqui pela última vez e os meus estão vencidos; ou...”.

— Parece muito cansado, senhor Wolff — disse o capitão — Por quanto tempo esteve caminhando?

Wolff se apercebeu de que sua aparência desastrosa poderia provocar uma proveitosa solidariedade por parte de outro europeu.

— Desde ontem pela tarde — disse com um gesto de cansaço não totalmente fingido —. Me perdi.

— Passou toda a noite ao ar livre? — O capitão observou com maior detalhamento o rosto de Wolff —. Meu Deus, é melhor aceitar uma carona nossa! — Virou-se para o jipe —. Cabo, pegue as malas do cavalheiro.

Wolff abriu a boca para protestar, mas a fechou de novo bruscamente. Um homem que estivera caminhando a noite toda estaria encantado que alguém levasse a sua bagagem. Objetá-lo não só diminuiria a verossimilhança do seu relato; chamaria atenção para as malas. Quando o cabo as levantou para colocá-las na parte posterior do jipe, Wolff se deu conta, com inquietação, de que nem sequer havia se incomodado em fechá-las com chave. “Como pude ser tão estúpido”, pensou. Sabia qual era a resposta: Seus atos ainda se harmonizavam com o deserto, onde um homem podia considerar-se afortunado quando via outra pessoa uma vez por semana. E a última coisa que queriam roubar-lhe era um transmissor de rádio que precisava ser ligado em uma tomada. Seus sentidos estavam atentos a incongruências: observava o movimento do sol, cheirava o ar em busca de água, media as distâncias que percorria e escrutava o horizonte como se procurasse uma árvore solitária em cuja sombra pudesse descansar durante o calor do dia. Tinha que esquecer tudo isso agora e pensar em policiais, documentos, fechaduras e mentiras.

Decidiu ter mais cuidado e subiu no jipe.

O capitão se acomodou ao seu lado e ordenou ao condutor:

— Volte ao cidade.

Wolff decidiu reforçar sua história enquanto o jipe entrava na empoeirada estrada.

— Tem um pouco de água? — perguntou.

— Sem dúvida.

O capitão procurou debaixo de seu assento e sacou um cantil de lata coberto de feltro, do tamanho de uma garrafa grande. Destampou-a e a ofereceu a Wolff, que bebeu largamente, pelo menos meio litro.

— Obrigado — disse, e devolveu o cantil.

— Que sede você tinha! Não é surpreendente. A propósito... Sou o capitão Newman.

Estendeu a mão.

Wolff apertou-a e olhou mais detalhadamente para o capitão. Era jovem — pouco mais de vinte anos, calculou — e de cara fresca, com uma mecha de cabelo sobre a testa e um sorriso fácil. Porém sua conduta revelava a maturidade e a fadiga que os homens que combatem adquirem precocemente. Wolff perguntou:

— Já esteve em combate? — perguntou-lhe Wolff.

— Um pouco. — O capitão Newman tocou a joelho —. Arranjei isto no deserto líbio, na Cirenaica. Foi por isso que me mandaram para esta vilória. — Sorriu abertamente —. Não posso dizer, com sinceridade, que esteja desesperado para voltar ao deserto, mas gostaria de fazer algo um pouco mais útil que isto, a milhares de quilômetros do fronte. A única luta que vemos aqui é entre os cristãos e os muçulmanos do povoado. De onde é o seu sotaque?

A pergunta, repentina e sem relação com o assunto anterior, pegou Wolff de surpresa. Pensou que essa, provavelmente, havia sido a intenção: o capitão Newman era um jovem muito perspicaz. Por sorte, Wolff tinha uma resposta preparada.

— Meus pais eram bôeres que vieram de África do Sul para o Egito. Cresci falando afrikaans e árabe. — Hesitou inquieto, pois não queria chamar a atenção mostrando-se demasiado ansioso por dar explicações —. O sobrenome Wolff é de origen holandês; e me batizaram com o nome de Alex pela cidade onde nasci.

Newman parecia cortesmente interessado.

— O que o traz por aqui?

Wolff também havia se preparado para isso.

— Tenho negócios em várias cidades do Alto Egito. — Sorriu —. Agrada-me visitá-los de surpresa.

Estavam entrando em Asyut. Para os cânones egípcios era uma cidade grande, com fábricas, hospitais, uma universidade muçulmana, um convento famoso e uns sessenta mil habitantes. Wolff esteve a ponto de pedir que o deixassem na estação do trem, quando Newman o salvou do erro.

— Necessita de uma oficina — disse o capitão —. Vamos levá-lo à de Nasif, que tem um caminhão de reboque.

— Obrigado — agradeceu Wolff com esforço.

Engoliu em seco, ainda não pensava com a profundidade e rapidez necessária. “Oxalá pudesse controlar-me — pensou —. É o maldito deserto; tornou-me lento.” Olhou seu relógio. Havia tempo para fazer uma breve representação na oficina e pegar o trem diário que o levaria cerca de quinhentos quilômetros para norte, até ao Cairo. Considerou o que faria. Teria de entrar na garagem e esperar até os soldados partirem. Pediria informações sobre peças de automóveis ou algo assim e depois iria a pé até a estação.

Com sorte, Nasif e Newman nunca falaria de Alex Wolff.

O jipe percorreu as ruas estreitas e barulhentas. O espetáculo de uma cidade egípcia, que lhe era familiar, agradou a Wolff: as alegres roupas de algodão, as mulheres que levavam pacotes sobre suas cabeças, os espertalhões de óculos de sol, as diminutas tendas que transbordavam sobre as ruas cheias de buracos, os balcões, os carros desconjuntados e os jumentos sobrecarregados. Pararam em frente a uma fila de casas de tijolo. A rua estava parcialmente

obstruída por um antiqüíssimo caminhão e os restos de um Fiat desmontado para aproveitar suas peças. Um garotinho trabalhava num bloco de cilindros com uma chave inglesa, sentado no solo em frente da entrada.

— Terei que deixar-lhe aqui; o dever me chama — disse o capitão Newman.

— Foi muito amável — respondeu Wolff apertando-lhe a mão.

— Não quero abandoná-lo assim — continuou o capitão —. Você passou por um mal bocado. — Franziu a testa e depois seu rosto se iluminou —. Já sei o que vou a fazer. Deixarei o cabo Cox para ajudá-lo.

Wolff contestou:

— É muito amável, mas realmente...

Newman não escutava.

— Pegue a bagagem do senhor, Cox, e esteja muito atento. Quero que cuide do cavalheiro. E não deixe os árabes lhe fazerem nada, compreende?

— Sim, senhor! — disse Cox.

Wolff grunhiu para si mesmo. Haveria mais demoras enquanto se livrava do cabo. A gentileza do capitão Newman estava virando um incômodo. Seria intencional?

Wolff e Cox desceram e o jipe se afastou. Wolff entrou na oficina de Nasif e Cox o seguiu com as malas.

Nasif era um jovem sorridente, que usava uma túnica sebosa. Estava trabalhando na bateria de um automóvel, à luz de um candeeiro. Falou-lhes em inglês:

— Querem alugar um luxuoso automóvel? Meu irmão tem um Bentley...

Wolff o interrompeu em rápido árabe egípcio.

— Meu carro avariou-se. Disseram-me que você tem um reboque.

— Sim. Podemos sair imediatamente. Onde está o carro?

— Na estrada do deserto, a uns setenta ou oitenta quilômetros. É um Ford. Mas não iremos com você. — Sacou sua carteira e entregou a Nasif uma nota de uma libra inglesa —. Quando regressar encontre-me no Grand Hotel, junto à estação ferroviária.

Com presteza Nasif pegou o dinheiro.

— Muito bem! Saio agora mesmo!

Wolff assentiu cortesmente. Enquanto saía da oficina, seguido por Cox, refletiu sobre as consequências de sua breve conversação com Nasif. O mecânico sairia para o deserto com seu reboque e procuraria o automóvel por toda a estrada. Finalmente regressaria ao Grand Hotel para informar seu fracasso. Seria informado que Wolff havia partido. Consideraria que havia sido pago razoavelmente por seu dia perdido, porém isso não o impediria de contar a todo o mundo a história do Ford desaparecido e de seu condutor também desaparecido. O mais provável era que, cedo ou tarde, tudo chegasse aos ouvidos do capitão Newman. Talvez Newman não soubesse muito bem o que pensar de tudo isso, mas certamente teria a impressão de que havia algo misterioso que devia ser investigado.

Wolff se sentiu chateado ao perceber que seu plano de entrar despercebidamente no Egito podia fracassar.

Teria que arrumar o que pudesse. Olhou seu relógio. Ainda tinha tempo para apanhar o trem. Caso agisse com rapidez, poderia livrar-se de Cox no saguão do hotel e depois comer algo enquanto esperava.

Cox era um homem baixo e moreno, com certo sotaque regional britânico que Wolff não conseguia identificar. Parecia ter a idade de Wolff e, posto que ainda era cabo, provavelmente não se tratava de um homem muito brilhante. Enquanto seguia Wolff, cruzando Mercado Mahatta, perguntou:

— Conhece a cidade, senhor?

— Sim, já a visitei antes — replicou Wolff.

Entraram em o Grand Hotel. Com vinte e seis quartos, era o maior dos dois hotéis da cidade. Wolff dirigiu-se a Cox:

— Muito obrigado, cabo, acho que já pode voltar a seu trabalho.

— Não há pressa, senhor — disse Cox alegremente —. Levo-lhe as malas para cima.

— Estou certo de que há moços no hotel.

— No seu lugar não confiava neles, senhor.

A situação ia adquirindo, cada vez mais, caráter de um pesadelo ou uma farsa na qual pessoas bem-intencionadas o obrigavam a um comportamento cada vez mais insensato em consequência de uma pequena mentira. Perguntou-se de novo se aquilo seria totalmente accidental, e por sua mente cruzou a absurda idéia de que talvez soubessem de tudo e simplesmente estivessem jogando com ele.

Afastou esse pensamento e dirigiu-se a Cox com toda a amabilidade que pôde improvisar.

— Bem, muito obrigado.

Foi ao balcão da recepção e pediu um quarto. Olhou seu relógio: só tinha quinze minutos. Preencheu rapidamente o formulário dando um endereço fictício do Cairo. Existia a possibilidade de que o capitão Newman esquecesse o endereço verdadeiro que estava nos documentos de identidade, e Wolff não queria deixar um lembrete.

Um mandarete loiro o acompanhou ao quarto. Wolff deu-lhe uma gorgeta ao chegar à porta. Cox pôs as malas sobre a cama.

Wolff pegou sua carteira: talvez Cox também esperasse uma gorgeta.

— Bem, cabo — começou a dizer —, você me prestou um grande serviço...

— Permita-me desfazer a sua bagagem, senhor — disse Cox —. O capitão encarregou-me de não deixar nada nas mãos dos árabes.

— Não, muito obrigado — respondeu Wolff com firmeza —. Quero deitar-me já.

— Adiante, deite-se — insistiu Cox generosamente —. Não tardarei nem...

— Não abra isso!

Cox estava levantando a tampa da pasta. Wolff levou a mão ao interior da paletó. “Maldito idiota!” e “Agora serei descoberto!” e “Devia tê-la fechado com chave!” e “Conseguirei fazer isto silenciosamente?”. O cabo olhava assombrado os montes de feixes de libras inglesas que enchiam a pasta pequena. Disse:

— Bendito seja Deus, você leva uma fortuna!

Enquanto avançava um passo, cruzou pela mente de Wolff que Cox jamais havia visto tanto dinheiro. O cabo começou a virar-se, e disse:

— O que pensa em fazer com tanto...?

Wolff sacou da mortífera faca beduína de lamina curva, que brilhou em sua mão quando seus olhos se encontraram com os de Cox. O cabo retrocedeu e abriu a boca, para gritar. Então a lâmina, afiada como uma navalha, cortou profundamente a carne de sua garganta e seu grito de terror converteu-se num gorgolejar de sangue. Morreu no ato, e Wolff sentiu apenas desapontamento.

Capítulo 2

Corria o mês de Maio e soprava o Khamsin, um vento quente e carregado de poeira procedente do sul. De pé sob o chuveiro, William Vandam teve o pensamento deprimente de que aquele momento seria o único em que se sentiria fresco durante todo o dia. Fechou a torneira e enxugou-se rapidamente. Tinha o corpo dorido. Na véspera jogara críquete pela primeira vez em anos.

O Estado-Maior dos Serviços de Informação formara uma equipe para jogar com os médicos do hospital de campanha — espões contra curandeiros, como lhe tinham chamado —, e Vandam ficara muito maltratado numa jogada mais violenta. Era forçado a admitir que não se encontrava em boa forma. Os cigarros haviam-lhe encurtado o fôlego e as muitas preocupações tinham-no impedido de se concentrar no Jogo.

Acendeu um cigarro, tossiu e começou a barbear-se. Sempre fumava enquanto se barbeava. Era a única maneira que conhecia de aliviar a chateação da inevitável tarefa diária. Quinze anos atrás havia jurado que deixaria a barba crescer quando saísse do exército; mas estava-se em 1942 e continuava no Exército.

Vestiu o uniforme de todos os dias: sandálias grossas, meias curtas, camisa de mato e calças curtas cor caqui, com dobras que podiam soltar-se e abotoar-se debaixo da joelho, como proteção contra os mosquitos. Ninguém os soltava e os oficiais mais jovens geralmente os cortavam por causa de seu aspecto ridículo.

Havia uma garrafa de genebra vazia junto à cama. Vandam a olhou sentindo desgosto por si mesmo: era a primeira vez que levava a maldita garrafa à cama. Pegou-a, tampou-a e a jogou no lixo. Depois desceu à cozinha.

Gaafar estava ali preparando chá. O servente de Vandam era um ancião copta, calvo e de passo lerdo com pretensões a mordomo inglês. Nunca chegaria a sê-lo, porém tinha sua dignidade e era honrado, e Vandam sabia que essas qualidades não eram comuns entre os criados egípcios.

— Billy já se levantou? — perguntou-lhe Vandam.

— Sim, senhor; já descerá.

Vandam aprovou com um gesto. Sobre o fogão fervia água em uma pequena caçarola. Vandam introduziu um ovo e regulou o relógio. Cortou duas fatias de um pão tipo inglês e fez torradas. Depois as untou com manteiga e as cortou em estreitas tiras. Finalmente extraiu o ovo da água e o quebrou.

Billy entrou na cozinha.

— Bom dia, papai.

Billy tinha dez anos. Vandam lhe sorriu:

— Bom dia. O café da manhã está pronto.

O menino começou a comer. Vandam se sentou de frente para ele com uma xícara de chá, observando-o. Ultimamente, Billy parecia cansado em muitas manhãs. Antes, de forma invariável, estava fresco como uma rosa à hora do café da manhã. Acaso dormia mal? Ou o seu metabolismo estava parecendo mais com o dos adultos? Talvez só fosse por ficar acordado até muito tarde, lendo histórias de detetives debaixo dos lençóis, à luz de uma lanterna.

As pessoas diziam que Billy era parecido como seu pai, mas Vandam não via a semelhança. Em troca observava traços da mãe do menino: os olhos cinzentos, a pele delicada e a expressão ligeiramente arrogante que aparecia em seu rosto quando alguém o chateava.

Vandam sempre preparava o café da manhã de seu filho. O criado era perfeitamente capaz de cuidar do garoto, e o fazia a maior parte do tempo; porém Vandam gostava de manter esse pequeno ritual. Frequentemente aquele era o único momento do dia em que passava com Billy. Não falavam muito — Billy comia e Vandam fumava —, mas isso não importava: o essencial era que ficavam juntos por um tempo no começo de cada dia.

Depois do café da manhã Billy escovou os dentes enquanto Gaafar trazia para a porta a motocicleta de Vandam. O menino regressou com seu gorro escola, e Vandam colocou também o do seu uniforme. Como todos os dias, fizeram a continência um ao outro e Billy disse: — Muito bem. Vamos lá ganhar a guerra.

E saíram.

O escritório do major Vandam ficava em Gray Pillars, um grupo de casas rodeadas de arame farpado, e que integravam o Quartel General do Oriente Médio. Quando chegou, encontrou sobre sua escrivaninha um relatório sobre um incidente. Sentou-se, acendeu um cigarro e começou a ler.

O relatório vinha de Asyut, a quinhentos quilômetros ao sul, e a princípio Vandam não entendeu por que havia sido enviado ao Serviço de Informações. Uma patrulha havia recolhido um europeu em uma estrada. Posteriormente, o homem assassinou um cabo, esfaqueando-o. Haviam descoberto o corpo na noite anterior, porém várias horas depois de sua morte. Um homem cuja descrição respondia à do referido europeu comprou um bilhete com destino ao Cairo na estação ferroviária; mas quando o cadáver foi encontrado, o trem já havia chegado e o assassino havia desaparecido na cidade.

Não existia indício algum sobre o motivo do crime.

A polícia egípcia e a polícia militar britânica já estariam investigando em Asyut, e seus colegas do Cairo, como Vandam, conheceriam os detalhes naquela manhã. Qual a razão para intrometer no caso o Serviço de Informações?

Vandam franziu o cenho e voltou a refletir. Recolhem um europeu no deserto. O homem diz que seu carro quebrou. Registra-se num hotel. A os poucos minutos parte e toma um trem. Não se encontra o automóvel. Essa noite se descobre o cadáver de um militar no quarto do hotel.

Por que?

Vandam pegou o telefone e ligou para Asyut. A telefonista do acampamento demorou um tempo para localizar o capitão Newman; mas finalmente o encontraram no arsenal.

Vandam disse:

— O assassinato parece obra de alguém que foi desmascarado.

— Foi o que pensei, senhor — disse Newman. Por sua voz parecia um homem jovem —. Por isso enviei o relatório ao seu escritório.

— Bem pensado. Diga-me, que impressão esse homem lhe causou?

— Era um sujeito corpulento...

— Tenho aqui sua descrição: um metro e oitenta e cinco de estatura, cerca de oitenta e cinco quilos, cabelo e olhos escuros..., mas isso não me diz como ele era.

— Compreendo — disse Newman —. Bem, para ser franco, a princípio não me inspirou a menor suspeita. Parecia esgotado, o que batia com a sua história do carro avariado no deserto, mas apesar disso dava a impressão de um cidadão correto: homem branco, corretamente vestido, que se expressava bastante bem, com um sotaque que disse ser holandês, ou melhor, africânder. Seus documentos estavam em ordem, acho que eram autênticos.

— Mas...?

— Disse-me que estava em turnê de inspeção aos seus negócios no Alto Egito.

— Bastante factível.

— Sim, mas não me deu a impressão de ser o tipo de homem que se passa a vida investindo em umas poucas lojas, fabriquinhas ou plantações de algodão. Tinha muito mais aspecto de cosmopolita seguro de si mesmo: se tivesse dinheiro para investir, provavelmente o faria mediante um agente da Bolsa de Londres, ou de um banco suíço. Em uma palavra, não era o tipo que anda metido em pequenezas... É uma vaga impressão, senhor, porém... compreende o que quero dizer?

— Certamente.

“Newman parecia astuto — pensou Vandam —. O que faria imobilizado em Asyut?”

Newman continuou:

— E então me ocorreu, de repente, que ele havia aparecido no deserto, e que eu não sabia realmente de onde podia vir..., de modo que ordenei ao pobre Cox que ficasse com ele, com a desculpa de ajudar-lhe para assegurar-me de que não sumisse antes de que tivéssemos oportunidade de investigar a sua história. Devia tê-lo detido; mas, a verdade, senhor, é que naquele momento eu só tinha uma levíssima suspeita...

— Não acho que ninguém o culpe, capitão — disse Vandam —. Procedeu bem tomando nota do nome e do endereço dos documentos. Alex Wolff, Vila Les Oliviers, Garden City, não é?

— Sim, senhor.

— Muito bem, por favor, mantenha-me a par de qualquer novidade.

— Sim, senhor.

Vandam desligou. As suspeitas de Newman concordavam com o que seu instinto lhe dizia com respeito ao assassinato. Decidiu falar com seu superior imediato. Saiu do gabinete levando consigo o relatório sobre o incidente.

O Serviço de Informações do Estado Maior encontrava-se sob o comando de um general de brigada com o título de diretor de Informação Militar. O DIM tinha dois subdiretores: o SIM (O), de Operações, e o SIM (I), de Informação. Os subdiretores eram tenentes coronéis. O chefe de Vandam, o tenente coronel Bogge, era o SIM (I). Tinha a seu cargo a segurança do pessoal e empregava a maior parte do tempo em dirigir o aparelho de censura. A cargo de Vandam estavam as fugas de segurança por outros meios que não cartas.

Ele e seus homens contavam com várias centenas de agentes no Cairo e Alexandria; na maioria dos clubes noturnos e bares havia um garçon que figurava em sua lista. Tinham também informadores entre o pessoal de serviço doméstico dos políticos árabes mais importantes; o criado de quarto do rei Faruk trabalhava para Vandam, bem como, ocasionalmente, Abdullah, o mais rico dos ladrões do Cairo. Interessava-lhe quem falava demasiado e quem escutava; e, entre estes, seu principal objetivo eram os nacionalistas árabes. Contudo, parecia possível que o

misterioso homem de Asyut constituísse uma ameaça de distinta índole.

A carreira de Vandam durante a guerra havia se caracterizado até esse momento por um êxito espetacular e um grande fracasso, este último ocorrido na Turquia, onde Rashid Ali, primeiro-ministro nacionalista do Iraque, conseguira exilar-se. Os alemães intentavam tirá-lo dali e usá-lo com fins de propaganda; os ingleses desejavam mantê-lo fora do foco de atenção e os turcos, zelosos de sua neutralidade, não queriam ofender a ninguém. A tarefa de Vandam havia sido assegurar-se de que Ali permanecesse em Estambul. Mas Ali havia trocado suas roupas com um espião alemão e abandonado o país debaixo de seu nariz. Alguns dias depois pronunciava pela rádio nazista discursos de propaganda para o Oriente Médio. Em certa medida, Vandam logrou redimir-se no Cairo. Londres lhe informou que havia razões para achar que existia uma importante fuga no sistema de segurança; depois de três meses de ardua investigação, Vandam descobriu que um diplomático americano de alto grau enviava mensagens a Washington num código inseguro. Trocou-se o código, o vazamento foi detido e Vandam foi promovido a major.

Se houvesse sido um civil, ou inclusive um militar em tempos de paz, se haveria sentido orgulhoso de seu triunfo e se resignado com sua derrota. E haveria dito: “Não é sempre que se pode ganhar; algumas vezes se perde”. Porém, na guerra, os erros de um oficial custavam vidas humanas. Como consequência do assunto de Rashid Ali havia morrido um agente — uma mulher — e Vandam não podia perdoar-se.

Bateu na porta do escritório do tenente coronel Bogge e entrou. Reggie Bogge era um homem baixo e robusto de uns cinquenta anos, que vestia um uniforme imaculado e usava brilhantina no cabelo. Tinha uma tosse nervosa com a que limpava a garganta quando não sabia bem o que dizer, coisa que ocorria com frequência. Sentava-se atrás de uma enorme escrivaninha curva — maior do que a do DIM — e despachava os papéis empilhados na cubeta de “Pendente”. Sempre mais desejoso de falar do que de trabalhar, convidou Vandam a sentar-se. Pegou uma bola de críquete de cor vermelho brilhante e começou a passá-la de uma mão para outra.

— Ontem jogou uma boa partida — disse.

— Você tampouco ficou atrás — contestou Vandam. Era certo: Bogge havia sido o único lançador decente da equipe de Informação e seus tiros lentos com efeito lograram quatro metas com vinte e quatro corridas —. Porém, estamos ganhando a guerra?

— Temo que venham más notícias. — A reunião informativa da manhã ainda não se havia realizado, mas Bogge sempre se informava de antemão —. Esperávamos que Rommel atacasse frontalmente a Linha Gazala. Devemos compreender que um tipo astuto nunca briga limpo e abertamente. Rodeou o nosso flanco sul, tomou o quartel general do Sétimo Blindado e capturou o general Messervy.

Era um relato deprimente, reiterado, e Vandam se sentiu repentinamente fatigado.

— Que desastre! — disse.

— Felizmente não pôde seguir até a costa, de maneira que as divisões que se encontram sobre a Linha Gazala não ficaram isoladas. apesar disso...

— Quando vamos detê-lo?

— Não avançará muito mais. — Era uma observação idiota: Bogge não queria criticar aos generais —. Que tem aí?

Vandam lhe entregou o relatório do incidente:

— Queria ocupar-me pessoalmente deste caso.

Bogge leu o relatório e levantou a vista.

— Não vejo o motivo — disse.

— Dá a impressão de que o cabo descobriu algo.

— Sim?

— Não há motivo para o crime, portanto, temos que especular.

Vandam se explicou.

— Hei aqui uma possibilidade: o caminhante recolhido não era o que dizia e o cabo o descobriu, de modo que o indivíduo matou o cabo.

— Não era o que dizia... Quer dizer que era um espião? — Bogge riu —. Como você supõe que ele chegou a Asyut? De para-quedas? Ou realmente o fez caminhando?

O problema de raciocinar com Bogge residia nisso, pensou Vandam: ridiculizava as idéias como desculpa por não pensar nelas.

— Não é impossível que um avião pequeno logre passar furtivamente. Tampouco é impossível cruzar o deserto.

Bogge jogou o relatório para o outro lado do seu amplo escritório.

— Não é muito provável — disse —. Não perca tempo com isso.

— Muito bem, senhor. — Vandam recolheu o relatório do solo, reprimindo a habitual ira contida. As conversações com Bogge sempre se convertiam em contendas e o prudente era não opor-se —. Pedirei à polícia que nos mantenha informados: cópias dos memorandos e outros, só para o arquivo.

— Sim. — Bogge nunca objetava a que lhe enviassem cópias para o arquivo: isso lhe permitia meter-se nas coisas sem assumir responsabilidade alguma —. Escute, o que lhe parece se fizermos um treinamento de críquete. Queria pôr a nossa equipe em boa forma e organizar mais algumas partidas.

— Boa idéia.

— Veja se pode preparar algo, quer?

— Sim, senhor.

Vandam se retirou.

Enquanto voltava ao seu escritório, Vandam se perguntava o que funcionava tão mal na administração do exército britânico para que se ascendessem a tenente coronel um homem com uma cabeça tão oca como a de Reggie Bogge. O pai de Vandam, que havia sido cabo na Primeira Guerra Mundial, costumava dizer que os soldados britânicos eram “leões comandados por jumentos”. Por vezes Vandam pensava que isso continuava verdadeiro. Porém Bogge não era só medíocre. Às vezes tomava más decisões porque carecia de inteligência para tomar boas. Mas na maioria dos casos — achava Vandam — o fazia porque estava dedicado a outra coisa, tratando de oferecer uma boa imagem ou de ser superior ou algo do tipo, Vandam não sabia precisá-lo.

Uma mulher, vestida com uma bata branca de hospital, cumprimentou-o e Vandam respondeu distraidamente. A mulher disse:

— Major Vandam, não é?

Ele se deteve e a olhou. A mulher havia presenciado a partida de críquete. De repente recordou seu nome.

— Doutora Abuthnot. Bom dia.

Era alta, serena, mais ou menos de sua idade. Recordou que era cirurgiã — muito raro para uma mulher, inclusive em época de guerra — e que tinha o grau de capitão.

— Ontem teve muito trabalho — disse a doutora.

Vandam sorriu.

— E hoje sofro as consequências. Contudo, me diverti.

— Eu também. — Tinha uma voz baixa, precisa, e evidente segurança em si mesma —. Vemo-lo na sexta-feira?

— Onde?

— Na recepção da União.

— Ah! — A União Anglo-egípcia, um clube para europeus chateados, realizava ocasionais tentativas de justificar seu nome celebrando uma recepção para convidados egípcios —. Eu gostaria. A que horas?

— Às cinco em ponto, para o chá.

Vandam estava profissionalmente interessado em comparecer: era uma oportunidade para os egípcios de recolher mexericos do Serviço, que às vezes continham informações úteis para o inimigo.

— Vou com certeza — disse.

— Esplêndido. Vemo-nos lá — disse ela e afastou-se.

— Assim o espero — disse Vandam enquanto a doutora se afastava.

Observou-a, perguntando-se o que usaria debaixo da bata. Era pulcra, elegante e dona de si mesma: recordava-lhe a sua esposa.

Vandam entrou em seu escritório. Não tinha intenção de organizar um treinamento de críquete, nem tampouco de esquecer-se do assassino de Asyut. Bogge que fosse para o inferno. Ele ia trabalhar no assunto.

O primeiro que fez foi voltar a falar com o capitão Newman e pedir-lhe que se assegurasse de que a descrição de Alex Wolff tivesse a mais ampla difusão possível.

Ligou para a polícia egípcia e obteve a garantia de que os hotéis e pensões do Cairo seriam vigiadas a partir desse instante. Contatou também a segurança de campo britânica e pediu que por uns dias intensificassem o controle seletivo dos documentos de identidade. Pediu à Tesouraria Geral britânica que mantivesse uma vigilância especial com respeito à circulação de dinheiro falsificado.

Recomendou aos serviços de escuta de TSF que estivessem atentos a qualquer transmissão de um novo emissor local; e pensou por um momento o útil que seria se esses ratos de laboratório resolvessem alguma vez o problema de localizar um rádio, sintonizando suas emissões.

Destacou um sargento de seu pessoal para que visitasse todos os comércios de rádios do baixo Egito — não havia muitos — e pedisse que informassem sobre qualquer venda de peças ou equipamentos que pudessem ser empregados para construir ou reparar um transmissor.

Finalmente foi à Vila Les Oliviers.

A casa se chamava assim por um pequeno parque público situado do outro lado da rua, num bosquezinho de oliveiras, agora em flor, deixava cair como poeira suas pétalas brancas sobre a grama parda e seca.

Adiante havia uma cerca alta, interrompida por um pesado portão de madeira talhada. Vandam aproveitou a ornamentação para apoiar os pés e escalou o portão.

Ao cal do outro lado, encontrou-se num amplo pátio. Ao seu redor, as paredes branqueadas com cal estavam manchadas e sebosas e as janelas, fechadas por postigos descascados. Caminhos até o centro do pátio e olhou para a fonte de pedra. Uma lagartixa verde brilhante cruzou como um raio o seco recipiente.

Fazia pelo menos um ano que ninguém vivia naquele lugar.

Vandam abriu um postigo, rompeu um vidro, meteu a mão, levantou o batente e subiu ao parapeito, para entrar na casa.

Não parecia a vivenda de um europeu, pensou enquanto percorria os quartos, escuros e frescos. Não havia gravuras de caçadas sobre as paredes, nem ordenadas filas de novelas de Agatha Christie e Dennis Wheatley com capas brilhantes; nenhum jogo de móveis importados, de Maples ou Harrods 1 (1. Famosos armazéns londrinos. N. do T.). Em troca, o salão estava provido de grandes almofadas e mesas baixas, tapetes tecidos a mão e tapetes nas paredes.

Acima encontrou uma porta fechada com chave. Levou três ou quatro minutos para abri-la a pontapés. Atrás da porta havia um estúdio.

O quarto estava limpo e ordenado, com alguns móveis bastante luxuosos: um divã largo forrado de veludo, uma mesinha talhada a mão, três lâmpadas antigas fazendo jogo, um tapete de pés de urso, uma escrivaninha com formosas incrustações e um poltrona de couro.

Sobre a escrivaninha havia um telefone, um mata-borrão branco e limpo, um lápis de marfim e um tinteiro seco. Na gaveta da escrivaninha Vandam encontrou relatórios de companhias da Suíça, Alemanha e Estados Unidos. Sobre a mesinha se empoava um delicado serviço de café, de cobre batido. Sobre uma estante, detrás da escrivaninha, havia livros em vários idiomas: novelas francesas do século XIX, o Shorter Oxford Dictionary, um volume que parecia ser de poesia árabe, com ilustrações eróticas, e uma Bíblia em alemão.

Não havia documentos pessoais.

Não havia cartas.

Não havia na casa uma única fotografia.

Vandam se sentou na fofa poltrona de couro, detrás do escrivaninha, e olhou ao redor do quarto. Era masculino, o lar de um intelectual cosmopolita; um homem que, por uma parte, era cuidadoso, preciso e ordenado e, por outra, sensível e sensual.

Vandam estava intrigado.

Um nome europeu, uma casa totalmente árabe. Um folheto sobre como investir em máquinas comerciais e um livro de poesia árabe. Uma antiga cafeteira e um moderno telefone. Um tesouro de informações sobre o seu caráter, mas nenhum indício que o ajudasse a encontrar o seu homem.

Havia esvaziado cuidadosamente o quarto.

Devia haver extratos bancários, faturas de comerciantes, uma certidão de nascimento e um

testamento; cartas de uma amante e fotos dos pais ou dos filhos. O dono da casa havia levado tudo, sem deixar sinal de sua identidade, como se soubesse que algum dia a iriam revistar.

Vandam disse em voz alta:

— Alex Wolff, quem é você?

Levantou-se e saiu do estúdio. Atravessou a casa e o pátio quente e empoeirado. Voltou a subir sobre o portão e saltou à rua. Do outro lado da calçada, à sombra das oliveiras, um árabe vestido com uma túnica de riscas verdes estava sentado no solo, com as pernas cruzadas, observando-o sem curiosidade. Vandam não sentiu desejos de explicar que havia invadido a casa por razões oficiais: o uniforme militar inglês conferia autoridade suficiente para quase tudo naquela cidade. Pensou nas outras fontes a que podia recorrer em busca de informações sobre o dono da vila: registros municipais, se os houvesse; comerciantes do bairro que pudessem haver feito entregas quando a morada estava habitada; inclusive os vizinhos. Poria dois homens nesse trabalho e contaria alguma história para Bogge, para dissimular. Montou em sua motocicleta e de uma pedalada a fez ressuscitar. O motor rugiu com entusiasmo e Vandam se afastou.

Cheio de ira e desespero, Wolff permanecia sentado em frente a sua casa e observava o oficial britânico afastar-se.

Recordava como havia sido em sua infância: cheia de vozes, risos e vida. Ali, junto ao grande portão talhado, sempre havia um guarda, um gigante de pele negra oriundo do sul, sentado no solo, indiferente ao calor. Todas as manhãs um pregador velho e quase cego recitava no pátio um capítulo do Alcorão. No frescor da arcada, os homens da família se sentavam em divãs baixos e fumavam seus narguilés enquanto jovens criados serviam café em jarras de pescoço longo. Outro guarda preto permanecia à porta do harém, atrás da qual as mulheres se entediavam e engordavam. Os dias eram longos e mornos, a família era rica e os meninos, mimados.

O oficial britânico, com suas calças curtas e sua motocicleta, o rosto arrogante e os olhos escrutadores ocultos pela sombra de seu gorro puntiagudo, havia forçado a casa e violado a sua infância. Wolff desejara ver-lhe a cara, pois ansiava matá-lo algum dia.

Durante toda a viagem havia pensado naquele lugar. Em Berlim, Trípoli e El Ágela com a dor e o esgotamento da travessia do deserto, com o medo e a pressa de sua fuga de Asyut, a casa representou para ele um refúgio seguro, um lugar onde descansar, lavar-se e recuperar-se ao final do caminho. Havia desejado tomar um longo banho, beber café no pátio e levar mulheres à grande cama. Agora, contudo, teria que ir-se e manter-se afastado.

Permanecera do lado de fora por toda a manhã, percorrendo a rua e sentado debaixo das oliveiras, alternativamente, caso o capitão Newman recordasse do endereço e mandasse revistar a vila, de antemão comprou uma túnica, sabendo que se aparecesse alguém, procurariam um europeu e não um árabe.

Fora um erro mostrar documentos autênticos. Compreendia-o agora. O problema é que não confiava nas falsificações feitas pelos Serviços Secretos Alemães. Em conversas com outros espões ouvira histórias pavorosas sobre erros primários que os documentos deles registravam: impressões cheias de imperfeições, papel de qualidade inferior e inclusive erros de ortografia em palavras inglesas comuns. Na escola de espionagem aonde o enviaram para o curso de mensagens de rádio cifradas corria o rumor de que toda a polícia da Inglaterra sabia que certa séries de números de uma cartão de racionamento identificava ao portador como espião alemão.

Wolff avaliou as alternativas e escolheu a que lhe pareceu menos perigosa. Equivocara-se e não tinha mais aonde ir.

Levantou-se, pegou suas malas e começou a caminhar. Pensou em sua família. Sua mãe e seu pai haviam morrido, mas tinha três meio-irmãos e uma meia-irmã no Cairo. Para eles seria muito difícil esconder-lhe. Seriam interrogados quando os Ingleses descobrissem o seu relacionamento com eles, o que podia ocorrer nesse mesmo dia; e ainda que pudessem mentir para proteger-lhe, provavelmente os serventes fariam. Ademais, verdadeiramente não podia confiar neles, pois quando seu padastro morreu, Alex, como filho maior, havia recebido a casa e uma parte da herança, ainda que na realidade fosse adotado. Isso havia provocado ressentimentos e reuniões com advogados. Alex não havia cedido, e seus meio-irmãos nunca o perdoaram.

Considerou a possibilidade de ir ao Shepherd's Hotel. Mas a essa hora o Shepherd's já teria a descrição do assassino de Asyut. Os outros hotéis grandes também a receberiam logo. Restavam-lhe as pensões. Talvez não estivessem advertidas, isso dependia de quão conscienciosa que fosse a polícia. Como era coisa dos ingleses, talvez se sentisse obrigada a esmerar-se. Apesar disso, os administradores das pequenas casas de hóspedes amiúde estavam demasiado ocupados para prestar muita atenção.

Deixou Garden City e dirigiu-se para o centro. As ruas estavam ainda mais movimentadas do que quando deixara o Cairo. Havia inúmeros uniformes — não só britânicos, mas também australianos, neozelandeses, polacos, iugoslavos, palestinos, indianos e gregos. As garotas egípcias, delgadas e graciosas com suas túnicas de algodão e carregadas de jóias, competiam com êxito com suas rivais europeias, de cara vermelha e insossas. Parecia que menos mulheres de idade usavam a túnica e o véu negros tradicionais. Os homens ainda se cumprimentavam com a mesma exuberância, abrindo os braços com muito aparato antes de apertarem as mãos calorosamente, durante um ou dois minutos, enquanto se seguravam pelo ombro e falavam vivazes. Todos os mendigos e vendedores ambulantes estavam na rua, aproveitando a afluência dos ingênuos europeus. Por causa de sua túnica, Wolff era imune, porém os europeus eram açoitados por aleijados, por mulheres que carregavam bebês com feridas cheias de moscas, por engraxates e homens que vendiam desde navalhas de barbear usadas até esfesográficas gigantes com depósito de tinta garantido para seis meses.

O trânsito estava pior do que antes. Os lentos e sujos bondes iam mais cheios do que nunca, com passageiros que viajavam no estribo, agarrados precariamente a um apoio, enquanto outros se amontoavam na cabina com o condutor e alguns se sentavam, com as pernas cruzadas, no teto. Os ônibus e táxis não eram melhores; parecia haver escassez de peças, pois a maioria dos carros mostravam janelas quebradas, pneus carecas e motores defeituosos e careciam de faróis e limpador de pára-brisas. Wolff viu dois táxis — um velho Morris e um Packard ainda mais velho — que finalmente haviam deixado de funcionar e eram puxados por asnos. Os únicos automóveis decentes eram as monstruosas limusines americanas dos ricos paxás e o pequeno Austin inglês de antes da guerra. Mesclados com os veículos motorizados, em mortal competência, estavam as carroças de aluguel puxadas por cavalos, os carroções dos camponeses, arrastados por mulas, e gado (camelos, ovelhas e cabras) — que estava proscrito do centro da cidade pela lei menos acatada do Egito.

E o ruído... Wolff havia se esquecido do ruído.

Os bondes tocavam suas campainhas continuamente. Nos engarrafamentos todos os carros tocavam as buzinas sem cessar, e quando não havia motivo para usá-las, as usavam por princípio. Para não ficarem para trás, os condutores de carroções e camelos gritavam a plenos pulmões. De muitas lojas e de todos os cafés saía um estrépito de música árabe emitida por rádios baratos ligados a todo volume. Os vendedores rueiros divulgavam infatigáveis, e os pedestres tratavam de

afastá-los. Os cachorros ladravam e os falcões, voando em círculo, grasnavam no alto. De vez em quando, todos esses ruídos eram abafados pelo roncar de um avião.

“Esta é minha cidade — pensou Wolff —. Aqui não podem me pegar.”

Havia aproximadamente uma dúzia de pensões bem conhecidas que serviam aos turistas de diferentes nacionalidades: suíços, austríacos, alemães, daneses e franceses. Pensou nelas e descartou-as por serem muito inseguras. Finalmente lembrou de um alojamento barato administrado por freiras, em Bulaq, o bairro portuário. Acolhia principalmente marinheiros que desciam pelo Nilo em rebocadores a vapor e faluas carregadas de algodão, carvão, papel e pedras. Wolff podia estar certo de que ali não o roubariam, de que não contrairia nenhuma infecção e de que não o assassinariam; e, ademais, ninguém pensaria em procurar-lhe nesse lugar.

Longe do bairro dos hotéis, as ruas estavam menos transitadas, mas não muito. Não podia ver o rio propriamente dito, porém por trechos avistava fugazmente, entre os edifícios, a alta vela triangular de uma falua.

A pousada era um edifício grande e deteriorado, outrora residência de um paxá. Sobre o arco da entrada havia um crucifixo. Uma freira de túnica negra regava um diminuto jardim que ficava na frente da casa. Através do arco, Wolff viu um saguão tranquilo e fresco. Havia carregado suas pesadas malas por vários quilômetros: ansiava descansar.

Dois policiais egípcios saíram da pousada.

Wolff observou os largos cinturões de couro, os inevitáveis óculos de sol e o corte de cabelo militar, o coração deu um salto. Voltou a costas para os homens e se dirigiu em francês à freira do jardim.

— Bom dia, irmã.

Ela se endireitou suspendendo sua tarefa, e lhe sorriu.

— Bom dia. — Era surpreendentemente jovem —. Deseja alojamento?

— Não; só sua benção.

Os dois policiais se aproximaram e Wolff ficou tenso, preparando respostas caso o interrogassem e considerando a direção que devia tomar se tivesse que fugir. Porém passaram direto, discutindo sobre uma corrida de cavalos.

— Deus o abençoe — disse a freira.

Wolff lhe agradeceu e prosseguiu seu caminho. Era pior do que havia imaginado. A polícia devia estar inspecionando em todas as partes. Estava com os pés inchados e seus braços doíam de carregar as malas. Estava decepcionado e um pouco indignado, pois, enquanto na cidade tudo funcionava por mero acaso, estavam montando uma operação eficiente apenas para caçá-lo. Apressou-se a regressar ao centro. Começou a sentir, como no deserto, que caminhava sem cessar para não chegar a lugar nenhum.

Ao longe distinguia uma figura alta, conhecida: Hussein Fahmy, um velho amigo da escola. Wolff ficou momentaneamente paralizado. Hussein o hospedaria sem dúvida e talvez pudesse confiar nele. Mas ele tinha esposa e três filhos, e como explicar-lhes que o tio Achmed ficaria hospedado, porém que isso era um segredo, que não deviam mencionar seu nome aos amigos...? Na verdade, como explicar tudo ao próprio Hussein? Hussein olhou na direção de Wolff que, desviando-se rapidamente, cruzou a rua e se escondeu atrás de um bonde. Uma vez na calçada oposta, entrou depressa num beco, sem olhar atrás. Não, não podia pedir refúgio aos velhos

amigos da escola.

Do beco passou para outra rua, e se deu conta de que estava perto da Escola Alemã. Perguntou-se se continuaria aberta: muitos cidadãos alemães do Cairo haviam sido internados. Caminhou para o edifício e então viu, na porta, uma patrulha da polícia militar que revisava documentos de identidade. Girou rapidamente e voltou sobre seus passos.

Tinha que deixar as ruas.

Sentiu-se como um rato num labirinto. Encontrava todos os caminhos bloqueados. Viu um táxi, um Ford grande, velho, que expelia vapor pelo capô. Chamou-o e subiu de um salto. Falou o endereço ao motorista e o carro arrancou, sacudindo-se, em terceira, aparentemente a única marcha que funcionava. Pelo caminho pararam duas vezes, para encher o radiador fervente. Wolff se encolhia no banco de trás procurando esconder o rosto.

O táxi o levou ao setor copta do Cairo, o antigo gueto cristão.

Pagou ao motorista e desceu os degraus que conduziam à entrada. Deu umas poucas piastras à anciã porteira que o deixou entrar.

Era uma ilha de obscuridade e calma no mar tormentoso do Cairo. Wolff percorreu passadiços estreitos escutando vagamente os cânticos distantes das velhas igrejas. Passou junto à escola e a sinagoga, e pelo porão a que supostamente Maria havia levado o menino Jesus. Finalmente entrou na menor das cinco igrejas.

O serviço religioso estava a ponto de começar. Wolff pôs suas preciosas maletas junto a um banco. Inclinou-se ante as imagens dos santos que havia nas paredes, aproximou-se do altar, ajoelhou-se e beijou a mão do sacerdote. Depois retornou ao banco e sentou-se.

O coro começou a cantar uma passagem das Escrituras em árabe. Wolff se acomodou em seu banco. Ali estaria seguro até escurecer. Depois dispararia seu último cartucho.

O Cha-Cha era um cabaré ao ar livre que funcionava num jardim junto ao rio. Como sempre, estava lotado. Wolff esperou na fila dos oficiais britânicos com suas pequenas, enquanto os funcionários montavam novas mesas, sobre cavaletes, em todos os espaços disponíveis. No palco, um comico dizia: “Esperem que Rommel chegue ao Shephard's. Isso o deterá”.

Por fim, Wolff conseguiu uma mesa e uma garrafa de champanhe. A noite estava quente e as luzes do cenário aumentavam a temperatura. O público estava alvoroçado. Todos estavam sedentos e só se servia champanhe, de modo que não tardavam a embebedar-se. Começaram a chamar aos gritos à estrela do show, Sonja el-Aram.

Antes tiveram que escutar uma grega gorda cantando “Te verei em meus sonhos e Não tenho ninguém”(o que provocou risos). Então anunciaram a Sonja. Contudo, ela não apareceu logo. À medida que transcorriam os minutos o público ficou mais ruidoso e impaciente. Por fim, quando todos pareciam estar à beira de um tumulto, ouviu-se um rufar de tambores, as luzes do cenário apagaram-se e fez-se silêncio.

Quando o projetor se acendeu, Sonja estava imóvel no centro do cenário com os braços para o céu. Usava calças translúcidas e um corpete com lantejoulas e tinha o corpo coberto de poeira branca. A música começou — tamborins e uma flauta — e Sonja começou a mover-se.

Wolff bebeu um trago de champanhe e observou sorridente. Sonja continuava sendo a melhor.

Sacudia os quadris lentamente, golpeando primeiro com um pé e depois com o outro. Seus braços começaram a tremer; depois se moveram seus ombros e depois, seus peitos. E então seu

famoso ventre iniciou um balanço hipnótico. Acelerou-se o ritmo. Sonja fechou os olhos. Cada parte de seu corpo parecia mover-se independentemente do resto. Wolff sentiu, como sempre e igual a todos os homens presentes, que estava só com ela, que Sonja se exibia para ele e que não se tratava de uma atuação, da mágica do espetáculo teatral, senão que suas contorsões eram deliberadas; sentia necessidade de fazê-lo, arrastada ao um frenesi sexual por seu próprio corpo voluptuoso. O público estava tenso, silencioso, transpirante, hipnotizado. Sonja acelerava mais e mais o ritmo, parecia transportada. A música culminou com um golpe repentino. No instante de silêncio que se seguiu, Sonja lançou um grito curto e agudo; depois caiu para trás, com as pernas dobradas debaixo do corpo, os joelhos separados, até que a cabeça tocou as tábuas do cenário. Manteve essa posição por um momento, e então as luzes se apagaram. A platéia levantou-se com um aplauso estrondoso.

Acenderam outra vez as luzes. Ela havia desaparecido.

Sonja nunca aceitava bis.

Wolff levantou-se de seu assento. Deu ao garçon uma libra — o salário de três meses para a maioria dos egípcios — para que o levasse aos bastidores. O garçon lhe mostrou o camarim de Sonja e se retirou.

Wolff bateu na porta.

— Quem é?

Wolff entrou.

Sonja estava sentada em uma banqueta. Usava uma bata de seda e estava tirando a maquiagem. Viu Wolff pelo espelho e girou a cadeira para encará-lo.

Wolff cumprimentou:

— Olá, Sonja.

Ela o olhou fixamente. Depois de um longo momento, disse:

— Canalha.

Sonja não havia mudado.

Era uma mulher bonita. Tinha o cabelo preto e brilhante, longo e espesso, olhos grandes, castanhos, com pestanas voluptuosas e abundantes, bochechas altas que rompiam com a redondeza da cara e lhe davam forma, um nariz arqueado, graciosamente arrogante. Não obstante as curvas sinuosas do seu corpo, não parecia roliça, pois era mais alta do que a média.

Seus olhos relampejaram de ira.

— Que fazes aqui? Aonde tens andado? O que houve com o seu rosto?

Wolff largou suas malas no solo e se sentou no divã. E a olhou. Ela estava em pé com as mãos nos quadris, o queixo para frente e os seios delineados na seda verde.

— Você é linda — disse Wolff.

— Vá embora.

Wolff a estudou cuidadosamente. Conhecia-a muito para sentir atração ou desgosto: era parte do seu passado, como um velho amigo que segue sendo-o apesar de seus defeitos, simplesmente porque sempre estivera aí. Pensou no que Sonja haveria feito nos anos transcorridos desde que ele deixara o Cairo. Teria se casado ou se apaixonado? Haveria comprado uma casa, trocado seu administrador ou tido um filho? Naquela tarde, na igreja fresca e sombria, havia refletido muito

sobre como falar com Sonja. Mas não havia chegado a nenhuma conclusão, porque não estava certo de sua reação. A insegurança persistia. Ela parecia enojada, desdenhosa, mas o sentia de verdade? Wolff se perguntava se devia ser gentil ou alegre, ou agressivo e intimidador, ou desvalido e suplicante.

— Preciso de ajuda — disse simplesmente.

O rosto de Sonja permaneceu impassível.

— Os ingleses me perseguem — continuou Wolff —. Vigiam minha casa, e todos os hotéis têm minha descrição. Não tenho onde dormir. Quero ficar contigo.

— Vá para o inferno.

— Deixa-me contar-te por que motivo te abandonei.

— Depois de dois anos, nenhuma desculpa será boa o suficiente.

— Dá-me ao menos um minuto para explicar-te. Deixe... pelo que fomos.

— Não te devo nada.

O olhou fixamente um momento mais e depois abriu a porta. Wolff pensou que fosse pô-lo fora. Observou o rosto de Sonja quando se voltou e lhe olhou enquanto sujeitava a porta. Depois ela saiu ao corredor e gritou:

— Tragam-me uma bebida!

Wolff se sossegou um pouco.

Sonja voltou para dentro e fechou a porta.

— Um minuto — disse.

— Vai ficar vigiando-me como um carcereiro? Não sou perigoso.

Wolff sorriu.

— Oh, sim! Claro que é! — replicou Sonja, mas voltou à banqueta e seguiu trabalhando em seu rosto.

Wolff vacilou. O segundo problema que havia meditado durante a longa tarde na igreja copta era como explicar-lhe por que a havia abandonado sem despedir-se nem comunicar-se nunca com ela desde então. O única desculpa que soava convincente era a verdade. E por menos que gostasse de compartilhar o seu segredo, teria que fazê-lo porque estava desesperado e Sonja era a única esperança.

Wolff começou:

— Você lembra que fui a Beirut em 1938?

— Não.

— Eu trouxe de lá uma pulseira de jade para você.

Seus olhos se encontraram no espelho.

— Já não a tenho.

Wolff sabia que ela estava mentindo. Prosseguiu:

— Fui a Beirut para ver um oficial do exército alemão chamado Heins. Ele pediu que eu trabalhasse para Alemanha na guerra que se aproximava. E eu aceitei.

Sonja se voltou e o olhou de frente. Wolff viu em seus olhos um clarão que poderia ser de

esperança.

— Disseram-me que regressasse ao Cairo e aguardasse notícias. Há dois anos mandaram-me ir a Berlim, e eu fui. Fiz um curso de treinamento e depois trabalhei nos Balcãs e no Oriente. Regressei a Berlim em fevereiro para receber instruções sobre uma nova missão. Mandaram-me para cá...

— O que você está dizendo? — perguntou Sonja, incrédula —. Você é um espião?

— Sou.

— Não acredito.

— Olha. — Pegou uma das maletas e a abriu —. Isto é um rádio, para enviar mensagens a Rommel. — Fechou-a e abriu a outra —. E isto é meu financiamento.

Sonja olhou assombrada os bem alinhados maços de notas.

— Meu Deus! É uma fortuna!

Alguém bateu na porta. Wolff fechou a pasta. Um camareiro entrou com uma garrafa de champanhe num balde com gelo. Ao ver Wolff disse:

— Trago outra taça?

— Não — respondeu a bailarina, impaciente. — Vá embora!

O camareiro saiu. Wolff destampou o champanhe, encheu a taça e deu-a a Sonja. Depois bebeu um longo trago da garrafa.

— Escuta — disse —. Nosso exército está ganhando no deserto. Nós podemos ajudá-lo. Ele precisa de informações sobre o poderio britânico: número de soldados, que divisões têm, nomes dos comandantes, qualidade de armamentos e equipamentos e, se é possível, planos de batalha. Nós estamos aqui, no Cairo; podemos averiguá-lo. Depois, quando os alemães tomarem o Cairo, seremos heróis.

— Nós?

— Você pode ajudar-me. E o primeiro é oferecer-me um lugar onde viver. Odeias os britânicos, não é verdade? Queres que os tire daqui?

— Faria o que pedes por qualquer pessoa, menos por ti.

Terminou sua champanhe e voltou a encher a taça. Wolff lhe tirou da mão e bebeu.

— Sonja: Se eu tivesse te mandado um postal de Berlim, os ingleses a teriam prendido. Não ficar zangada comigo, agora que conheces as razões. — baixou a voz —. Podemos fazer que aqueles velhos tempos voltem. Teremos boa comida e a melhor champanhe, roupa nova, grandes festas e um carro americano. Iremos a Berlim. Tu sempre quiseste bailar em Berlim; lá serás uma estrela. A Alemanha é uma nova nação. Vamos governar o mundo e tu podes ser uma princesa. Nós... — Fez uma pausa. Nada disso a comovia. Era tempo de jogar sua última cartada —. Como está Fawzi?

Sonja baixou a vista.

— Ela se foi, a muito tempo.

Wolff largou o copo e apoiou suas mãos no pescoço de Sonja. Ela levantou a vista e o olhou, imóvel. Wolff a obrigou ficar em pé pressionando com seus polegares debaixo do queixo.

— Encontrarei outra Fawzi para nós — disse suavemente.

Percebeu que os olhos da bailarina haviam se umedecido repentinamente. As mãos de Wolff se moveram sobre a bata de seda, descendo pelo corpo de Sonja, acariciando seus quadris.

— Sou o único que compreende o que precisas.

Desceu a boca até alcançar a dela e lhe mordeu os lábios até que sentiu fluir sangue.

Sonja fechou os olhos.

— Eu te odeio — gemeu.

No fresco do entardecer, Wolff andava pelo caminho do cais junto ao Nilo para a casa flutuante. A inflamação do rosto diminuía e seus intestinos haviam voltado à normalidade. Vestia um traje branco, novo, e levava duas bolsas repletas de suas comidas preferidas.

O subúrbio ilhéu de Zamalek era tranquilo e pacífico. Só vagamente se ouvia, através de uma ampla extensão de água, o ruído insuportável do centro do Cairo. O rio, quieto, lodoso, golpeava suavemente nas casas flutuantes alinhadas na margem. Os barcos, de todas as formas e tamanhos, pintados alegremente e adornados com luxo, ofereciam uma formosa vista com os últimos raios do sol.

O de Sonja era menor e estava mais ricamente mobiliado que a maioria. Uma passarela levava do caminho à cobertura superior, que recebia a brisa mas estava protegida do sol por um toldinho de listras verdes e brancas. Wolff subiu no barco e desceu pela escadinha para o interior. Estava repleto de móveis: cadeiras, divãs, mesas e armários cheios de bugigangas. Na proa havia uma cozinha diminuta. O salão estava dividido em dois por cortinas de veludo vermelho escuro, que iam do solo até o teto, separando assim o dormitório. Mais adiante, na popa, havia um quarto de banho.

Sonja estava sentada numa almofada, pintando as unhas dos pés. Era extraordinário ver seu aspecto tão desalinhado, pensou Wolff. Usava um vestido de algodão sebooso, estava com olheiras, com expressão de cansaço, e não havia se penteado. Meia hora mais tarde, quando fosse ao Cha-Cha Clube, pareceria um sonho.

Wolff colocou as bolsas sobre uma mesa e começou a esvaziá-las.

— Champanha francês, geléia inglesa, salsichas alemãs, ovos de codorna, salmão escocês...

Sonja levantou a vista, assombrada.

— Ninguém pode conseguir essas coisas. Estamos em guerra.

Wolff sorriu.

— Há um pequeno vendedor grego em Qulali que se lembra de um bom cliente.

— Podes confiar nele?

— Não sabe onde vivo. Ademais, é a única loja do norte de África onde se pode conseguir caviar.

Sonja cruzou o quarto e revirou numa bolsa.

— Caviar! — Abriu o frasco e começou a comer com os dedos —. Não como caviar desde...

— Desde que me fui — terminou Wolff. Pôs uma garrafa de champanhe na geladeira —. Se esperas uns minutos, poderás beber champanhe com o caviar.

— Não posso esperar.

— Nunca podes.

Pegou um jornal em inglês de uma das bolsas e começou a folheá-lo. Era péssimo, cheio de comunicados de prensa, com mais censura nas notícias da guerra que as emissões da BBC que todos escutavam. As notícias locais eram pior ainda. Era ilegal publicar discursos dos políticos egípcios da oposição.

— Ainda não saiu nada sobre mim — disse Wolff.

Havia contado a Sonja o sucedido em Asyut.

— Sempre publicam as notícias com atraso — disse ela com a boca cheia de caviar.

— Não é isso. Se publicarem a informação do assassinato têm que dizer qual foi o motivo. Do contrário, as pessoas o imaginarão. Os britânicos não querem que se suspeite que os alemães têm espiões no Egito. Dá má impressão.

Sonja foi ao dormitório para trocar-se. Através da cortina disse:

— Isso quer dizer que desistiram de procurá-lo?

— Não. Vi Abdullah na cidade velha. Ele disse que a polícia egípcia não está realmente interessada, mas que há um tal major Vandam que continua insistindo.

Wolff largou o periódico e franziu a glabea. Gostaria de saber se Vandam foi o oficial que havia forçado a entrada na Vila Les Oliviers. Gostaria de tê-lo observado mais de perto, porém do outro lado da rua o rosto do oficial, sombreado pelo gorro, era uma mancha escura.

Sonja perguntou:

— Como é que Abdullah sabe disso?

— Não sei. — Wolff encolheu os ombros —. É um ladrão, ouve coisas.

Foi à geladeira e pegou a garrafa. Na verdade, não estava suficientemente fria, mas tinha sede. Serviu duas taças. Sonja saiu do dormitório, vestida; como Wolff havia antecipado, estava transformada, com seu cabelo perfeito, seu rosto leve mas inteligentemente maquiado, um vestido transparente de cor vermelho cereja e sapatos combinando.

Dois minutos mais tarde soaram passos na passarela e um golpe na escotilha. Havia chegado o táxi de Sonja. Ela esvaziou seu copo e partiu. Não se cumprimentaram nem se despediram.

Wolff foi até o armário onde guardava o rádio. Sacou a novela inglesa e a folha de papel com a chave do código. Estudou a chave. Era 28 de maio. Tinha que somar 42 — o ano — a 28 para calcular o número da página da novela que devia utilizar para cifrar a sua mensagem. Maio era o quinto mês, logo devia descartar uma de cada cinco letras da página.

Decidiu comunicar: “Cheguei. Testando equipamento. Confirmem recepção”. Começou a procurar, na primeira linha da página 70, a letra C. Era a décima, descartando cada quinta letra. No seu código seria, portanto, representada pela décima letra do alfabeto, o J. Depois necessitava de um H. Na página, a terceira letra depois da C era um H. Por conseguinte, o H de “cheguei” seria representado pela quarta letra do alfabeto, o D. As letras raras, como o X, eram codificadas de maneira especial.

Este tipo de código era uma variante dos cadernos de um só uso, único tipo de código inviolável na teoria e na prática. Para descifrar a mensagem, quem a ouvisse precisaria ter o livro e conhecer a chave.

Quando terminou de cifrar a mensagem, olhou seu relógio. Tinha que transmitir à meia-noite. Disponha de um par de horas até o momento de ativar a rádio. Serviu-se de outra taça de champanhe e decidiu terminar o caviar. Procurou uma colher e pegou o frasco. Estava vazio.

Sonja havia comido tudo.

A pista era uma faixa do deserto que haviam limpado apressadamente dos espinhos e pedras grandes. Rommel olhava para baixo enquanto a terra subia ao seu encontro. O Storch, avião leve que os comandantes germânicos usavam para viagens curtas no campo de batalha, desceu como uma mosca e parou. Rommel saltou para o chão.

Sentiu primeiro o calor e depois a poeira. No ar estivera relativamente fresco; de repente sentia como se houvesse entrado num forno. Começou a suar de imediato. Com a primeira inspiração, uma leve capa de areia lhe cobriu os lábios e a ponta da língua. Uma mosca se assentou em seu grande nariz e ele a espantou com a mão.

Von Mellenthin, o oficial do Serviço de Informação criado por Rommel, correu para ele pela areia levantando nuvens de poeira com suas botas altas.

— Kesselring está aqui — disse.

— Auch das noch — explodiu Rommel. — Só me faltava isto.

Kesselring, o sorridente marechal de campo, representava tudo o que Rommel não gostava nas forças armadas alemãs. Era oficial do Estado Maior e Rommel odiava o Estado Maior; era fundador da Luftwaffe, que tantas vezes havia falhado na guerra do deserto; e era — o pior de tudo — um esnobe. Um de seus azedos comentários havia chegado aos ouvidos de Rommel. Kesselring, queixando-se de que Rommel era rude com seus oficiais subalternos, havia dito: “Talvez valesse a pena falar-lhe disso se não proviesse de Württemberg”. Essa era a província onde Rommel havia nascido, e a observação era exemplo do preconceito que estivera combatendo durante toda a sua carreira.

Caminhou pesadamente pela areia para o veículo de comando, com Von Mellenthin atrás.

— Capturaram o general Cruewell — disse Von Mellenthin —. Tive que pedir a Kesselring que se encarregasse. Esteve a tarde toda tentando encontrá-lo.

— Pior que ainda — disse Rommel azedamente.

Subiram à traseira do veículo, um enorme caminhão. A sombra resultou acolhedora. Kesselring estava inclinado sobre um mapa, espantando as moscas com a canhota enquanto traçava uma linha com a direita. Levantou a vista e sorriu.

— Meu estimado Rommel, graças a Deus que o senhor regressou — disse com voz sedosa.

Rommel tirou o gorro.

— Hei estado travando uma batalha — grunhiu.

— Imagino. Como ocorreu?

Rommel apontou para o mapa.

— Esta é a Linha de Gazala. — Tratava-se de uma série de “boxes” fortificados, interligados por campos de minas que se prolongavam da costa, em El Gazala, para sul, até o deserto líbio, numa extensão de cerca de oitenta quilômetros. — Contornamos a extremidade sul descrevendo uma curva pronunciada e atacámo-los pela retaguarda.

— Boa idéia. O que foi que falhou?

— Nós ficamos sem gasolina e sem munições. — Rommel deixou-se cair pesadamente em uma cadeira sentindo-se de repente muito fatigado. — Outra vez — acrescentou.

Kesselring, como comandante em chefe, era responsável pelo abastecimento de Rommel, porém o marechal de campo não parecia perceber a crítica implícita.

Um assistente entrou com jarrinhos de chá numa bandeja. Rommel bebeu o seu. Tinha areia.

Kesselring falou em tom familiar.

— Tive a extraordinária vivência, esta tarde, de assumir o papel de um de seus comandantes subalternos.

Rommel grunhiu. Havia certo sarcasmo naquilo, o adivinhava. Não queria discutir com Kesselring, senão pensar na batalha.

O marechal de campo continuou:

— Foi-me enormemente difícil, com as mãos atadas pela subordinação a um general que não dava ordens nem se podia localizar.

— Eu estava no coração da batalha, dando ordens no lugar dos fatos.

— Cotudo, poderia haver permanecido em contato.

— Essa é a forma como lutam os ingleses — espetou Rommel —. Os generais estão a quilômetros atrás das linhas, permanecendo em contato. Porém eu estou ganhando. Se houvesse tido os suprimentos necessários, agora estaria no Cairo.

— Você não vai ao Cairo — disse Kesselring bruscamente —. Vai a Tobruk. Ali lá ficará até que hajamos tomado Malta. Essas são as ordens do Führer.

— Claro.

Rommel não desejava recomeçar aquela discussão. Tobruk era o objetivo imediato. Uma vez capturado esse porto fortificado, os comboios que vinham da Europa — por inadequados que fossem — poderiam chegar diretamente à linha do frente, encurtando a longa viagem através do deserto... que consumia tanto combustível.

— E para chegar a Tobruk — concluiu — temos que romper a Linha de Gazala.

— Que planeja fazer agora?

— Retroceder e reagrupar-me.

Rommel viu que Kesselring alçava as sobrancelhas: o marechal de campo sabia que ele detestava retroceder.

— E que fará o inimigo? — Kesselring dirigiu a pergunta a Von Mellenthin, que era o responsável da avaliação detalhada das posições contrárias.

— Nos perseguirão, porém não imediatamente — disse-lhe Von Mellenthin —. Por sorte, sempre demoram em aproveitar as vantagens. Porém cedo ou tarde tentarão uma investida.

Rommel acrescentou:

— A pergunta é: quando e onde?

— Certamente — concordou Von Mellenthin. Pareceu duvidar. Depois disse — : Há um pequeno ponto nos relatórios de hoje que o interessará. O espião estabeleceu comunicação.

— O espião? — Rommel enrugou a testa —. Oh, ele!

Agora o recordava. Havia voado até o oásis de Jalo no interior do deserto da Líbia, para dar-lhe as últimas instruções antes dele iniciar uma longa maratona a pé para leste. O espião chamava-se Wolff. Rommel ficara impressionado com a sua coragem, mas era pessimista

quanto a suas chances.

— De onde ele chamou?

— Do Cairo.

— De modo que conseguiu chegar. Se foi capaz disso, é capaz de qualquer coisa. Talvez possa determinar o lugar onde tentarão a incursão.

Kesselring o interrompeu:

— Meu Deus! Não irá confiar em espões, não é?

— Não confio em ninguém! — disse Rommel —. São os outros que confiam em mim.

— Muito bem. — Kesselring permaneceu imperturbável, como sempre —. O Serviço de Informação nunca serve de muito, como você sabe; e o dos espões é o pior de todos.

— Estou de acordo — disse Rommel, mais tranqüilo —. Mas tenho o pressentimento de que este pode ser diferente.

— Eu duvido — terminou Kesselring.

Capítulo 3

Elene Fontana observava seu rosto no espelho e pensava: “Tenho vinte e três anos e acho que estou envelhecendo”.

Inclinou-se para aproximar-se do cristal e se examinou cuidadosamente, buscando sinais de deterioração. Sua cutis perfeita. Seus olhos, castanhos e redondos, tinham a limpidez de um lago de montanha. Não havia rugas. Era um rosto infantil, modelado delicadamente, com um ar de inocência de menina abandonada. Elene era como um colecionador de obras de arte revisando sua peça mais fina: observava o rosto refletido no espelho como se não fosse seu. Sorriu e a imagem do espelho lhe devolveu o sorriso. Era um sorriso leve, íntimo, com um toque de malícia: sabia que era capaz de enlouquecer a um homem.

Recolheu a nota e a leu de novo:

Minha querida Elene

Lamento, mas acabou tudo. A minha mulher descobriu. Claro que podes continuar no andar, mas não posso continuar a pagar-te a renda.

Lamento o que aconteceu, mas creio que ambos sabíamos que não podia durar para sempre.

Felicidades,

Teu Claud

"Assim sem mais nem menos", pensou.

Rasgou em pedaços o bilhete e seu sentimentalismo fácil. Claud era um comerciante gordo, mistura de francês e grego, que tinha três Restaurantes no Cairo e um em Alexandria. Era refinado, alegre e generoso. Contudo chegado o momento decisivo havia se separado de Elene.

Era o terceiro em seis anos.

Havia começado com Charles, o agente da Bolsa. Então tinha dezessete anos, estava sem um centavo, sem trabalho e temerosa de voltar para sua casa. Charles lhe havia montado apartamento e a visitava todas as terças-feiras, pela noite. Elene o despachou quando ele a ofereceu a seu irmão como se ela fosse uma bandeja de doces. Depois foi Johnnie, o mais agradável dos três, que queria divorciar-se de sua esposa e casar-se com ela: Elene se negou.

Também Claud a abandonava. Elene soube desde o princípio que aquilo não tinha futuro.

Suas aventuras amorosas haviam fracassado também por culpa dela. As razões ostensíveis — o irmão de Charles, a proposta de Johnnie e a esposa de Claud — eram só desculpas, ou talvez catalizadores. A causa verdadeira era sempre a mesma: Elene era infeliz.

Sabava na perspectiva de outra aventura. Sabia como seria. Durante um tempo viveria dos pequenas poupanças que tinha no Barclays Bank de Shari-Kas el-Nil. Sempre sobrava algum para poupar quando tinha um companheiro. Depois veria reduzir-se lentamente o saldo e se empregaria em uma companhia de revistas para levantar as pernas e menear o traseiro em algum clube noturno por alguns dias. Depois... Olhou no espelho, através do cristal, sem enfocar os olhos tratando de imaginar o seu quarto amante. Talvez fosse um italiano de olhos fulgurantes, cabelos lustrosos e mãos perfeitamente cuidadas. Talvez o conheceria no bar do Metropolitan

Hotel, freqüentado pelos jornalistas. Ele lhe falaria e logo lhe ofereceria uma taça. Ela lhe sorriria e o homem estaria perdido. Marcariam um jantar para o dia seguinte. Elene resplandeceria ao entrar no restaurante segurando o seu braço. Todas as cabeças se voltariam e ele se sentiria orgulhoso. Haveria outros encontros. Ele lhe daria presentes. Depois uma insinuação e depois outra: a terceira teria êxito. Ela desfrutaria fazendo amor — a intimidade, o contato, a ternura — e lhe faria sentir-se como um rei. Seu amante a deixaria ao amanhecer, mas voltaria pela noite. Deixariam de ir juntos aos Restaurantes — ”demasiado perigoso”, diria —, porém ele passaria mais e mais tempo no apartamento e começaria a pagar o aluguel e as contas. Então Elene teria tudo o que queria: um lar, dinheiro e afeto. Começaria a perguntar-se por que se sentia tão desgraçada. Ficaria com uma raiva passageira se ele chegasse meia hora atrasado. Ficaria de péssimo humor se mencionasse a sua esposa. Protestaria se ele não lhe trouxesse presentes; e em caso contrário os aceitaria com indiferença. Ele se sentiria irritado, mas incapaz de abandoná-la, porque nesse ponto ele desejaria com ansiedade seus beijos dados de má vontade e cobiçaria seu corpo perfeito, e apesar disso seguiria fazendo que na cama se sentisse como um rei. Depois ficaria chateada com sua conversação; exigiria mais paixão do que ele podia dar; haveria brigas. Finalmente chegaria a crise. A esposa suspeitaria, ou um menino adoeceria ou ele teria que fazer uma viagem de negócios de seis meses, ou lhe surgiriam dificuldades econômicas. E Elene voltaria à mesma: derivar, sem rumo, sozinha, com má fama e um ano mais velha.

Voltaou a olhar outra vez seu rosto no espelho. Aquele rosto era a causa de tudo. Por ele levava aquela vida sem objetivo. Se fosse feia, haveria sonhado vivê-la e nunca haveria descoberto sua vaidade. “Fez-me perder o rumo — pensou — ; me hás enganado, me hás apresentado como se eu fosse outra. Não és meu rosto, és uma máscara. Deves deixar de dominar minha vida.

“Não sou uma formosa dama da sociedade do Cairo. Sou uma garota dos subúrbios de Alexandria.

“Não sou uma mulher economicamente independente. Sou pouco mais que uma puta.

“Não sou egípcia. Sou judia.

“E quero voltar para casa.”

O balconista da Agência Judia do Cairo usava na cabeça o ortodoxo yarmulka. Exceto por uma mecha de barba, tinha as bochechas barbeadas. Perguntou-lhe o nome e o endereço. Ela, esquecendo-se do que havia decidido, disse chamar-se Elene Fontana.

O jovem parecia confunso. Elene estava acostumada: a maioria dos homens se perturbavam quando ela sorria.

— Poderia..., quero dizer, teria inconveniente em explicar-me por que quer ir à Palestina?

— Sou judia — disse Elene bruscamente. Não podia contar a sua vida a esse garoto —. Toda minha família morreu. Estou desperdiçando minha vida.

A primeira parte não era verdade, mas a segunda sim.

— Que trabalho faria na Palestina?

— Não havia pensado nisso. Qualquer um.

— Normalmente se oferece trabalho agrícola.

— Está bem.

O jovem sorriu. Estava recuperando a segurança em si mesmo.

— Não quero ofendê-la, mas não parece uma trabalhadora agrícola.

— Se não desejasse mudar minha vida, não estaria tentando ir à Palestina.

— Claro. — Jogou nervosamente com o lápis —. Que trabalho faz agora?

— Canto; e quando não consigo isso, danço; e quando não danço, sirvo mesas. — Era mais ou menos a verdade. Havia feito as três coisas em distintos momentos, ainda que só havia tido êxito com a dança, e mesmo assim não se destacava —. Já lhe disse, estou desperdiçando minha vida. Por que tanta pergunta? A Palestina agora só aceita graduados universitários?

— Nada disso — disse o jovem —. Mas é muito difícil entrar. Os Ingleses impuseram uma quota, e todos os lugares estão ocupados por fugitivos dos nazistas.

— Por que não me disse isso antes? — replicou Elene irritada.

— Por duas razões. Uma é que podemos fazer entrar gente ilegalmente. A outra..., a outra leva um pouco mais de tempo para explicar. Quer esperar um minuto? Devo telefonar para alguém.

Elene continuava zangada com o jovem por havê-la interrogado antes de dizer-lhe que não havia vagas disponíveis.

— Não estou certa de que tenha sentido esperar.

— Asseguro-lhe que deve. É muito importante. Serão só alguns minutos.

— Está bem.

O jovem se retirou para telefonar de um quarto da parte posterior do edifício. Elene esperava impacientemente. O calor aumentava e o escritório estava mal ventilado. Sentiu-se um pouco ridícula. Havia ido ali levada por um impulso, sem considerar devidamente a idéia da emigração. Eram muitas as decisões que tomava assim. Devia ter imaginado que lhe fariam perguntas; podia ter preparado as respostas. Também podia ter posto um vestido menos chamativo.

O jovem regressou.

— Faz muito calor aqui — disse —. Vamos beber um refresco do outro lado da rua?

“De modo que esse era o jogo”, pensou Elene. Decidiu rechaçá-lo. Mediu-lhe com o olhar e disse:

— Não. É demasiado jovem para mim.

O jovem se sentiu terrivelmente perturbado.

— Oh, por favor, não me entenda mal! Quero apresentar-lhe a alguém, nada mais.

Ela se perguntou se podia crer-lhe. Não tinha nada a perder e estava sedenta.

— Muito bem.

O jovem se adiantou para abrir a porta. Cruzaram a rua, evitando as carroças desconjuntadas e os táxis desengonçados, sentindo repentinamente o ardente calor do sol. Passaram debaixo de um toldo de listras e entraram na parte sombreada de um café. O jovem pediu limonada; Elene, um gim com água tônica.

— Vocês podem introduzir gente ilegalmente — disse ela.

— Às vezes. — Bebeu de um trago a metade do copo —. O fazemos por duas razões. Em primeiro lugar, se a pessoa é perseguida. Por isso lhe fiz algumas perguntas.

— Ninguém me persegue.

— Segundo, se a pessoa de alguma forma fez muito pela causa.

— Quer dizer que tenho que ganhar o direito de ir à Palestina?

— Verá, talvez algum dia todos os judeus tenham o direito de ir viver ali. Mas enquanto existam contas tem que haver critérios.

Elene sentiu a tentação de perguntar: “Com quem tenho que deitar-me?”. Porém já o havia julgado mal uma vez. De qualquer maneira, pensava que o jovem queria servir-se dela de alguma forma. Disse:

— O que tenho que fazer?

O jovem sacudiu a cabeça.

— Não devo jogar com você. Os judeus egípcios não podem entrar na Palestina, salvo em casos especiais, e você não é um desses casos.

— Então, o que isso quer dizer?

— Que não pode ir à Palestina; mas, mesmo assim, pode lutar pela causa.

— De que forma, exatamente?

— A primeira coisa que temos que fazer é derrotar os nazistas.

Elene riu.

— Bem! Farei todo o possível!

O jovem desconsiderou a observação. Continuou:

— Não gostamos muito dos britânicos, mas qualquer inimigo da Alemanha é amigo nosso, de modo que no momento trabalhamos com o Serviço Secreto inglês. Acredito que você pode nos ajudar.

— Bendito seja Deus! Como?

Uma sombra se projetou sobre a mesa e o jovem levantou a vista.

— Ah! — disse. Voltou a olhar para Elene —. Quero apresentar-lhe a um amigo, o major William Vandam.

O major era um homem alto e robusto: com aqueles largos ombros e aquelas pernas poderosas podia haver sido um atleta em seus tempos, ainda que já — pensava Elene — estava perto dos quarenta e começava a abrandar-se um pouco. O rosto era forte, redondo e franco, e o cabelo, castanho e fino, crescia um pouco mais que o tamanho regulamentar. Vandam lhe deu a mão, sentou-se, cruzou as pernas, acendeu um cigarro e pediu uma genebra. Tinha uma expressão grave, como se achasse que a vida era algo muito sério e não a tolera-se.

Elene pensou que era o típico inglês desapaixonado.

O jovem da Agência Judia perguntou-lhe:

— Que notícias tem?

— A Linha de Gazala segue resistindo, mas a coisa se está ficando muito feia.

A voz de Vandam foi uma surpresa. Geralmente os oficiais britânicos falavam em tom da classe alta, que para os egípcios comuns era símbolo de arrogância. Vandam o fazia com precisão, mas suavemente, com vogais claras e uma ligeira pronúncia gutural do r: Elene teve a

impressão de que era um vestígio de sotaque camponês, ainda que não houvesse sabido explicar porquê.

Decidiu perguntar-lhe:

— De onde você é, major?

— Dorset. Por que?

— Pensava em seu sotaque.

— Sudoeste da Inglaterra. Você é observadora. Achei que não tinha sotaque.

— Só um vestígio.

Vandam acendeu outro cigarro. Elene observou suas mãos. Eram largas e delgadas, mais bem em desacordo com o resto de seu corpo. Tinha as unhas bem cuidadas e a pele branca, excetuando as manchas âmbar escuro deixadas pelos cigarros.

O jovem se despediu:

— Vou deixar que o major Vandam lhe explique tudo. Espero que trabalhe com ele; acredito que é muito importante.

Vandam apertou-lhe a mão e agradeceu-lhe, e o jovem se retirou. Depois se dirigiu a Elene:

— Fale-me de você.

— Não — disse ela —. Você primeiro.

Vandam levantou uma sobrancelha, surpreso, um pouco divertido e — subitamente — sem nenhuma frieza.

— Muito bem — assentiu depois de um instante —. o Cairo está cheio de oficiais e soldados que conhecem segredos. Sabem quais são nossos pontos fortes, nossas debilidades e nossos planos. O inimigo quer conhecer esses segredos. Temos a segurança de que em todo momento os alemães têm gente aqui para obter informação. Meu trabalho é detê-los.

— Simples assim?

Vandam refletiu.

— Nem sempre o é.

Elene percebeu que Vandam considerava seriamente tudo o que ela dizia. Pensou que era porque carecia de humor mas, de qualquer maneira, não lhe desagradava: em geral, os homens escutavam sua conversa como a música de fundo de um bar: um ruído grato, porém insignificante.

Vandam esperava.

— É sua vez — disse.

Repentinamente decidiu dizer-lhe a verdade:

— Sou uma péssima cantora e uma bailarina medíocre, mas algumas vezes encontro um homem rico que paga minhas contas.

Vandam não respondeu, mas pareceu desconcertado.

Elene disse:

— Surpreso?

— Não deveria ficar?

Ela afastou o olhar. Sabia o que Vandam estava pensando. Até esse momento a havia tratado cortesmente como se fosse uma mulher respeitável, uma de sua própria classe. Agora se dava conta de que havia se equivocado. Sua reação era totalmente previsível, mas nem por isso deixou de sentir amargura. Disse:

— Não é isso o que faz a maioria das mulheres, quando se casam? Encontrar um homem que pague as contas?

— Sim — reconheceu Vandam em tom grave.

Ela o olhou. O diabinho da malícia interveio.

— Eu os despeço um pouco mais rápido que uma pessoa comum.

Vandam deu uma gargalhada. De repente pareceu outro homem. Jogou a cabeça para trás, estendeu braços e pernas e toda a tensão abandonou o seu corpo. Quando o riso cessou estava relaxado, ainda que só por um momento. Sorriram abertamente. Passou o momento e ele cruzou de novo as pernas. Houve um silêncio. Elene se sentiu como uma colegial que há estado rindo tontalmente na classe.

Vandam estava sério outra vez.

— Meu problema é a informação — disse —. Ninguém diz nada a um inglês. Aí é onde você entra. Como é egípcia, escuta o tipo de mexericos e de bate-papo rueira que nunca está a meu alcance. E como é judia, falará o que houver a mim. Assim o espero.

— Que tipo de mexericos?

— Interessa-me qualquer que um demonstre curiosidade a respeito do exército britânico. — Fez uma pausa. Parecia perguntar-se quanto devia dizer-lhe —. Em particular... estou buscando a um homem chamado Alex Wolff. Viveu no Cairo, e agora acaba de regressar. Pode estar buscando um lugar para hospedar-se e é provável que tenha muitíssimo dinheiro. Provavelmente está fazendo perguntas sobre as forças britânicas.

Elene encolheu os ombros.

— Depois de todos esses preâmbulos esperava que me pediria algo mais espetacular.

— Como o quê?

— Não sei. Dançar com Rommel e revistar-lhe os bolsas.

Vandam voltou a rir, Elene pensou: “Esse riso pode chegar a agradar-me”.

— Bem, apesar de não ser complexo, está disposta a fazê-lo? — perguntou ele.

— Não o sei.

“Sim o sei — pensou Elene —. Só estou tratando de prolongar a entrevista porque desfruto dela.”

Vandam se inclinou para frente.

— Necessito de gente como você, senhorita Fontana. — Seu nome soou ridículo quando ele o disse tão gentilmente —. É observadora, tem um álibe perfeito e está claro que é inteligente. Por favor, desculpe-me por ser tão direto...

— Não peça desculpas; encanta-me — disse ela —. Continue falando.

— A maior parte de meu pessoal não é digno de confiança. O fazem por dinheiro, enquanto você tem um motivo melhor...

— Espere um minuto — interrompeu Elene —. Eu também necessito de dinheiro. Quanto pagam pelo trabalho?

— Isso depende da informação que traga.

— Qual é o mínimo?

— Nada.

— É algo menos do que esperava.

— Quanto você quer?

— Poderia ser cavalheiro e pagar-me o aluguel de meu apartamento.

Se mordeu os lábios: dito assim, pareceu muito próprio de uma prostituta.

— Quanto?

— Setenta e cinco ao mês.

Vandam ergueu as sobrancelhas.

— Que tem você, um palácio?

— Os preços hão subido. Não o sabia? É por todos estes oficiais ingleses desesperados por conseguir comodidades.

— Ionché. — Vandam enrugou a testa —. Teria que ser extraordinariamente útil para justificar setenta e cinco ao mês.

Elene encolheu os ombros.

— Por que não faz um teste?

— É boa negociadora. — Vandam sorriu —. Muito bem: um mês de teste.

Elene tratou de não dar a impressão de haver triunfado.

— Como entro em contato com você?

— Envie-me uma mensagem. — pegou um lápis e um pedaço de papel do bolso de sua camisa e começou a escrever —. Vou dar-lhe o endereço e o número de telefone do Quartel General e de minha casa. Quando tiver notícias suas, irei vê-la.

— De acordo. — Elene anotou seu endereço, e se perguntou o que ele pensaria de seu apartamento —. E se o virem?

— Terá importância?

— Poderiam perguntar-me quem você é.

— Bem, será melhor que não diga a verdade.

Elene sorriu zombadoramente.

— Direi que é meu amante.

Vandam desviou o olhar.

— Muito bem.

— Mas deve interpretar o papel direito. — O rosto de Elene se manteve inexpressivo —. Deve vir com montes de flores e caixas de bombons.

— Não sei...

— Acaso os ingleses não regalam flores e bombons a suas amantes?

Vandam a olhou sem pestanejar. Elene percebeu que ele tinha os olhos cinzentos.

— Não sei — disse claramente —. Nunca tive uma amante.

“Confesso que me equivoquei”, pensou Elene.

— Então tem muito o que aprender — disse.

— Certamente. Quer outra bebida?

“E agora me despacha — ela pensou —. Passa dos limites, major Vandam: emana certa falsa virtude e gosta bastante de mandar; o senhor é muito autoritário. Talvez fique com você por minha conta, ajudando a sua vaidade e o lastime um pouco.”

— Não, obrigada — disse —. Devo ir. — Vandam Levantou-se., — Espero ter notícias suas.

Elene deu-lhe a mão e se afastou. Deu-se conta, sem saber porquê, de que ele não a estava observando.

Vandam vestiu um traje civil para a recepção na União Anglo-egípcia. Nunca fora à União quando sua esposa estava viva: ela dizia que era vulgar, plebby. Vandam lhe falava que usasse a palavra “plebeya”, para não parecer uma esnobe da sociedade provinciana. Ela replicava que era uma esnobe da sociedade provinciana e que ele fizesse a gentileza de não exibir sua educação clássica.

Vandam amara-a então e continuava a amá-la agora.

Seu pai era um homem bastante rico que se tornou um diplomata porque não tinha nada melhor para fazer. Não gostou da perspectiva de que ela se casasse com o filho de um carteiro. Não o apaziguara muito saber que Vandam fora para uma universidade de Londres e que era considerado um dos jovens oficiais do Exército mais promissores. Mas a filha foi inexorável então, como em tudo, e finalmente o pai aceitou de bom grado o casal. Coisa rara, a única vez em que seus pais se reuniram, se deram bastante bem. Desafortunadamente, as mães se odiavam, e não se fizeram mais reuniões familiares.

Nada disso interessava muito a Vandam; tampouco o fato de sua esposa ter um mau gênio, ser dominante e pouco generosa. Angela era graciosa, senhorial e formosa. Para Vandam ela era a personificação da feminilidade, e se considerava um homem afortunado. O contraste entre ela e Elene Fontana não poderia ser mais flagrante.

Foi à União em sua motocicleta. A máquina, uma BSA 350, era muito prática no Cairo. Podia usá-la todo o ano, porque o tempo quase sempre era suficientemente bom, e permitia cruzar serpenteando os engarrafamentos do trânsito que deixava carros e táxis esperando. Além disso, era bastante veloz e lhe proporcionava uma excitação secreta, um regresso a sua adolescência, quando havia desejado possuir uma daquelas motos e tinha condições para comprá-la. Angela a detestava — como a União, era plebby —, mas Vandam se opusera essa única vez.

O dia estava esfriando quando estacionou na União. Ao passar junto à sede do clube olhou por uma janela e viu uma partida de bilhar russo em pleno desenvolvimento. Resistiu à tentação e seguiu para o parque.

Aceitou um copo de xerez do Chipre e se misturou na multidão, assentindo e sorrindo, trocando algumas brincadeiras com as pessoas que conhecia. Havia chá para os convidados muçulmanos, que só bebiam essa infusão. Mas não eram muitos os que compareceram. Vandam

provou o xerez e se perguntou se o barman poderia aprender a preparar um martini.

Olhou para o outro lado do jardim, para o vizinho Clube dos Oficiais Egípcios, e desejou poder escutar as conversações. Alguém o chamou por seu nome, e ao voltar-se viu que era a doutora. Uma vez mais fez esforço para recordar seu nome:

— Doutora Abuthnot.

— Aqui poderíamos esquecer as formalidades — disse ela —. Me chamo Joan.

— William. Seu esposo não está aqui?

— Não sou casada.

— Perdoe-me.

De repente a via de outro ângulo. Ela era solteira e ele viuvo, e os haviam visto juntos três vezes em uma semana: a essas alturas a colônia inglesa do Cairo os consideraria praticamente comprometidos.

— Você é cirurgiã? — perguntou Vandam.

A doutora Abuthnot sorriu.

— Ultimamente, a única coisa que faço é costurar e remendar gente... Mas, sim, antes da guerra eu era cirurgiã.

— Como conseguiu? Não é fácil para uma mulher.

— Lutei com unhas e dentes. — Ainda sorria, porém Vandam detectou um traço de ressentimento —. Pelo que sei você também é um pouco original.

Vandam pensava que era extremamente convencional.

— Por que? — disse surpreso.

— Por criar sozinho o seu filho.

— Não tenho alternativa. Se houvesse querido enviá-lo de volta à Inglaterra, não conseguiria: é impossível conseguir passagem, a menos que seja um inválido ou um general.

— Mas você não queria mandá-lo.

— Não.

— Referia-me a isso.

— É meu filho — respondeu Vandam —. Não quero que nenhuma outra pessoa o eduque..., e ele tampouco.

— Compreendo. É só que alguns pais não o considerariam... heróico.

Vandam a olhou e alçou as sobrancelhas, e para surpresa sua, ela se ruborizou.

— Suponho que tem razão. Nunca havia pensado assim.

— Envergonho-me de mim mesma, estava entrometendo-me em suas coisas. Quer uma bebida?

Vandam olhou o copo.

— Acho que terei que procurar uma de verdade.

— Desejo-lhe sorte.

A doutora sorriu e se afastou.

Vandam caminhou para o parque até o cassino do clube. Joan era uma mulher atraente, corajosa e inteligente, e havia dado a entender claramente que queria conhecê-lo melhor. Pensou: “Por que diabos sou tão indiferente a ela? Toda esta gente está pensando que formamos um bom par, e tem razão”.

Entrou e se dirigiu ao barman:

— Genebra. Gelo. Uma azeitona. E umas poucas gotas de vermut muito seco.

Quando o coquetel chegou, estava muito bom, e pegou mais dois. Pensou de novo naquela mulher, Elene. Havia mil como ela no Cairo — gregas, judias, sírias, palestinas, e egípcias também—. Eram bailarinas, somente até conseguirem chamar a atenção de algum libertino rico. A maioria provavelmente sonhava em casar-se e viver em uma grande casa em Alexandria, ou Paris, ou Surrey; porém estavam destinadas a decepcionar-se.

Todas tinham rostos delicados, morenos, e corpos felinos, com pernas esbeltas e peitos graciosos, mas Vandam quis pensar que Elene se destacava. Seu sorriso era devastador. À primeira vista, a idéia de ir à Palestina para trabalhar em uma fazenda era ridícula; porém havia tentado, ediante de seu fracasso, havia concordado em trabalhar para Vandam. Por outro lado, a venda de mexericos rueiros significava dinheiro fácil, o mesmo que ser uma mantida. Provavelmente era igual às outras bailarinas: Vandam tampouco sentia interesse por esse tipo de mulheres.

Os coquetéis começaram a surtir efeito e Vandam temeu não poder ser tão cortês como convinha com as damas, quando estas chegassem, de modo que pagou e saiu.

Conduziu sua moto até o Quartel General, para informar-se das últimas notícias. Parecia que o dia havia terminado num empate, depois de ambas as partes sofrerem numerosas baixas, sendo algo mais do lado britânico. Simplesmente, era desmoralizador, pensou Vandam. “Tinhamos uma base segura, bons suprimentos, armas superiores com munições, porém não havíamos conseguido nem uma triste vitória.” Regressou à sua casa.

Gaafar havia preparado cordeiro com arroz. Vandam tomou outra bebida com a janta. Billy lhe falou enquanto comia. A lição de geografia havia sido sobre o cultivo do trigo no Canadá. Vandam preferiria que na escola ensinassem ao garoto algo do país em que estava vivendo.

Uma vez deitado Billy, Vandam se sentou na sala fumando e pensando em Joan Abuthnot, Alex Wolff e Erwin Rommel. De distintas formas, todos eles o ameaçavam. Ao cair a noite a fora, a sala o fez sentir claustrofobia. Encheu sua cigarreira e saiu.

A cidade estava tão animada como em qualquer outro momento do dia. Havia muitos soldados nas ruas, alguns muito bêbados. Eram homens fortes que haviam combatido no deserto, sofrendo com a areia e o calor, as bombas e as granadas, e com frequência achavam os árabes menos agradecidos do que deviam. Quando um comerciante dava troco a menos, ou o dono de um restaurante cobrava mais do que devido, ou quando o barman se negava a servir aos bêbados, os soldados, recordando como seus amigos voavam em pedaços na defesa do Egito, começavam a brigar, a quebrar janelas e a destroçar o local. Vandam compreendia por que os egípcios eram ingratos — não lhes importava muito se os opressores eram os ingleses ou os alemães —, mas, apesar disso, não simpatizava com os comerciantes do Cairo, que estavam fazendo uma fortuna devido à guerra.

Andava lentamente, cigarro na mão, gozando do ar fresco da noite, observando as diminutas lojas abertas, negando-se a comprar uma “camisa de algodão feita sob medida enquanto o senhor espera”, uma “bolsa de pele para sua esposa”, ou um exemplar usado de uma revista

chamada Saucy Snips. Achou graça de um vendedor ambulante que levava fotografias obscenas no lado esquerdo de seu paletó, e crucifixos no direito. Viu um grupo de soldados cair de riso ao verem dois policiais egípcios patrulhando a rua de mãos dadas.

Entrou num bar. Fora dos clubes britânicos, era prudente evitar a genebra, de modo que pediu zibid, bebida de anis que ficava turva ao misturar-se com água. Às dez o bar fechou, por mútuo acordo do governo Wafd muçulmano e do desmancha-prazeres do chefe de polícia. Quando Vandam saiu do bar, tinha a vista um pouco borrada.

Dirigiu-se à Cidade Velha. Passou um cartaz que marcava o limite que o pessoal da tropa não podia transpor e entrou na Birká. Nas ruas e passagens estreitas as mulheres estavam sentadas nos umbrais e assomadas às janelas, fumando e esperando clientes, conversando com a polícia militar. Algumas falaram com Vandam e lhe ofereceram seus corpos em inglês, francês e italiano. Entrou em um pequeno beco, cruzou um pátio deserto e entrou num saguão aberto e sem nenhum letreiro.

Subiu a escada e bateu em uma porta do primeiro piso. Abriu-lhe uma mulher egípcia de meia idade. Vandam lhe pagou cinco libras e entrou.

Passou por um salão interior, grande e apenas iluminado, de luxo deslustrado, sentou-se numa almofada e se desabotoou a gola da camisa. Uma jovem com calças bombachas lhe aproximou o narguilê. Vandam aspirou profundamente várias baforadas de fumaça de haxixe. Logo sentiu uma agradável sensação de letargo. Inclinou-se para trás apoiando-se nos cotovelos e olhou ao seu redor. Nas sombras do quarto havia outros quatro homens. Dois eram paxás — árabes ricos, donos de terras — que estavam sentados juntos num divã e cuja conversação quase não se ouvia. Um terceiro, que parecia quase adormecido pelo haxixe, tinha aspecto de inglês e provavelmente era um oficial, como Vandam. O quarto estava sentado num canto falando com uma das garotas. Vandam escutava algumas frases da conversação e deduziu que o homem queria levar a pequena a sua casa e que estava discutindo o preço. O sujeito lhe parecia vagamente familiar, mas Vandam, bêbado e já narcotizado, não pôde fazer funcionar sua memória e recordar quem era.

Uma das garotas se aproximou e pegou Vandam pela mão. Conduziu-lhe a um quarto e fechou a cortina. Tirou o corpete. Tinha peitos pequenos e morenos. Vandam lhe acariciou a bochecha. Na meia luz do quarto, o rosto da garota mudava constantemente: pareceu-lhe velha, depois muito jovem, depois agressiva e, por último, amorosa. Por um momento se pareceu com Joan Abuthnot. Porém no final, quando a possuiu, era como Elene.

Alex Wolff, vestido com túnica e fez, estava parado a trinta metros da entrada do Quartel General britânico, vendendo leques de papel que se rompiam depois de dois minutos de uso.

O alarme havia passado. Há uma semana os ingleses não verificavam os documentos de identidade na via pública. Aquele sujeito, Vandam, não podia manter a pressão indefinidamente.

Wolff foi ao Quartel General assim que considerou seguro. Introduzir-se no Cairo havia sido um triunfo; mas era inútil, a menos que pudesse explorar essa posição e conseguir a informação que Rommel queria, e logo. Recordou sua breve entrevista com o marechal em Gialo. O aspecto do Raposa do Deserto não concordava em absoluto com o qualificativo. Era um homem pequeno, incansável, com cara de camponês agressivo: o nariz grande, a boca com comissuras para baixo, o queixo afundado, uma cicatriz dentada na bochecha esquerda, e o cabelo tão curto que não aparecia por baixo da borda de seu gorro. Havia dito: “Número de tropas, nomes de

divisões no campo de batalha e na reserva, e estado de treinamento. Número de tanques no campo de batalha e na reserva, e o estado do material. Suprimento de munições, alimentos e gasolina. Históricos e atitudes dos comandantes-em-chefe. Planos estratégicos e táticos. Dizem que o senhor é bom, Wolff. Espero que tenham razão”.

Pronto, estava dito...

Havia certa informação que Wolff podia obter, fácil, caminhando pela cidade. Podia observar os uniformes dos soldados de licença e escutar suas conversas. Assim se informaria dos lugares em que as tropas haviam estado e de quando regressariam ao fronte. Às vezes, um sargento mencionava estatísticas de mortos e feridos, ou o efeito devastador dos canhões de 88 milímetros — desenhados como armas antiaéreas — que os alemães haviam adaptado a seus tanques. Havia ouvido um mecânico do exército queixar-se de que trinta e nove dos cinquenta tanques novos que haviam chegado no dia anterior necessitavam reparações importantes antes de entrar em serviço. Tudo isso era informação útil que podia mandar para Berlim, onde os analistas do Serviço Secreto as uniriam com outros retalhos até montar um grande quadro. Mas não era isso o que Rommel queria.

Em alguma parte, dentro do Quartel General, havia papéis que diziam coisas como “Depois de descansar e recuperar-se, a divisão A, com cem tanques totalmente aprovisionados, deixará o Cairo amanhã e unirá suas forças à divisão B no oásis C, preparando-se para o contra-ataque, ao oeste de D, sábado próximo, ao amanhecer”.

Eram relatórios o que Wolff queria.

Por isso estava vendendo leques na saída do Quartel General.

Para estabelecer a sede do quartel, os britânicos haviam se apropriado de várias casas grandes — a maioria delas dos paxás — no subúrbio chamado Garden City (Wolff agradecia que a Vila Les Oliviers houvesse escapado ao confisco). As casas confiscadas estavam rodeadas por uma cerca de arame farpado. As pessoas de uniforme passavam rapidamente na entrada, mas os civis passavam por um longo interrogatório enquanto os sentinelas chamavam por telefone para verificar as credenciais.

Havia mais quartéis gerais em outros edifícios da cidade — por exemplo, o Semiramis Hotel alojava algo que se chamava Tropas Britânicas no Egito —, porém este era o Quartel General do Oriente Médio, o poder central, a chave de tudo. Wolff havia passado muito tempo na escola de espões dos Serviços Secretos Alemães aprendendo a reconhecer uniformes, sinais de identificação dos regimentos e rostos centenas de altos oficiais britânicos. De onde estava, por várias manhãs consecutivas, espreitara através das janelas dos automóveis do Estado-Maior que chegavam e vira coronéis, generais, almirantes, comandantes de esquadrilha e o próprio comandante-em-chefe do Oriente Médio, sir Claude Auchinleck. Todos lhe pareciam estranhos, sentiu-se intrigado, até que se deu conta de que as fotografias que havia fixado em seu cérebro eram em preto e branco, enquanto que agora os via coloridos pela primeira vez.

O Estado-Maior-General viajava de automóvel, mas os seus ajudantes andavam a pé. Todas as manhãs os capitães e os maiores chegavam a pé, levando suas pequenas maletas. Ao meio-dia — depois da conferência matutina de costume, presumia Wolff — alguns deles saíam de novo com suas maletas.

A cada dia Wolff seguia um dos ajudantes. A maioria deles trabalhava no Quartel General e seus documentos secretos ficariam guardados à chave nos escritórios no final do expediente. Mas estes deviam ir ao Quartel General para a conferência matutina e tinham que levar consigo seus

papéis de um escritório a outro. Um dos assistentes foi ao Semiramis. Dois iam aos quartéis de Kasr-el-Nil. Um quarto entrou num edifício sem identificação, na Shari Suleiman Pasha. Wolff ansiava por examinar essas pastas. Naquele dia ia tentar uma experiência.

Enquanto esperava, debaixo do sol abrasador, que os assistentes saíssem, pensou na noite anterior e um sorriso se desenhava nos cantos de seus lábios, debaixo do bigode, recém crescido. Havia prometido a Sonja que acharia outra Fawzi para ela. Havia ido à Birká e escolhido uma garota no estabelecimento de madame Fahmy. Não era uma Fawzi — aquela pequena havia sido realmente entusiasta —, mas seria uma boa substituta. A haviam gozado por turno, depois juntos; depois, os estranhos e excitantes jogos de Sonja... Havia sido uma longa noite.

Quando os assistentes saíram, Wolff seguiu os dois que iam aos quartéis.

Um minuto depois, Abdullah emergiu de um café e se pôs ao seu lado, caminhando no mesmo passo.

— Esses dois? — perguntou.

— Esses dois — disse Wolff.

Abdullah era um homem obeso, com um dente de aço. Era um dos mais ricos do Cairo, contudo, ao contrário da maioria dos árabes abastados, não imitava os europeus. Usava sandálias, uma cafetã sebosa e um fez. Seu cabelo gorduroso cacheava-se ao redor das orelhas e tinha as unhas negras. Sua riqueza não provinha das terras, como a dos paxás, nem do comércio, como a dos gregos. Provinha do delito. Abdullah era um ladrão.

Wolff gostava dele: era velhaco, mentiroso, cruel, generoso e sempre ria. Para Wolff, Abdullah era um compêndio dos vícios e virtudes ancestrais do Oriente Médio. Seu exército de filhos, netos, sobrinhos, sobrinhas e primos segundos, estivera roubando casas e carteiras no Cairo durante trinta anos. Tinha tentáculos em todas as partes: era atacadista de haxixe, tinha influência com políticos e era dono da metade das casas da Birká, inclusive a de madame Fahmy. Vivia em um casarão desproporcional da Cidade Velha, com suas quatro esposas.

Seguiram os dois oficiais até o setor moderno da cidade. Abdullah disse:

— Quer uma pasta ou as duas?

Wolff refletiu. Um era para ser um roubo acidental; dois pareceria organizado.

— Uma — disse.

— Qual?

— Não importa.

Wolff pensara em pedir ajuda a Abdullah depois que descobrira que a Vila Les Oliviers já não era segura. Finalmente decidiu não fazê-lo. Com certeza Abdullah podia tê-lo escondido em algum lugar — ou melhor, em algum bordel — pelo tempo que precisasse. Contudo, enquanto o tivesse escondido haveria iniciado negociações para vendê-lo aos britânicos. Abdullah dividia o mundo em dois: sua família e o resto. Era muito fiel a sua família e confiava nela por completo; às demais pessoas as enganava e acreditava que elas também o enganariam. Todo negócio era realizado sobre a base da suspeita mútua. Wolff descobriu que isso funcionava surpreendentemente bem.

Chegaram a uma esquina muito movimentada. Os dois oficiais cruzaram a rua desviando o tráfego. Wolff esteve a ponto de segui-los mas Abdullah pôs uma mão sobre o seu braço para detê-lo.

— Vai ser aqui — disse.

Wolff olhou ao seu redor observando os edifícios, a calçada, a encruzilhada e os vendedores ambulantes. Esboçou um sorriso e assentiu com a cabeça.

— É perfeito — disse.

O fizeram no dia seguinte.

De fato, Abdullah havia escolhido o ponto perfeito para o golpe. Uma concorrida rua confluía ali com uma principal. Na esquina havia um café com um terraço que reduzia a largura da calçada à metade. Diante do café do lado da rua principal, havia uma parada de ônibus. A idéia de fazer fila para o ônibus nunca havia virado costume no Cairo, apesar dos sessenta anos de dominação britânica, de modo que aqueles que o esperavam ficavam vagando pelos arredores, na calçada abarrotada de gente. Na rua transversal também tinha mesas, mas ali não havia parada de ônibus. Abdullah havia observado esse pequeno inconveniente e o havia corrigido colocando dois acrobatas para atuarem naquele lugar.

Wolff se sentou na mesa da esquina, de onde podia ver a rua principal e a lateral, e pensava, preocupado, nas coisas que podiam falhar.

Os oficiais podiam não regressar aos quartéis naquele dia. Existia a possibilidade de que tomassem outro caminho, ou de que não levassem suas maletas. Talvez a polícia chegasse demasiado rápido e prendesse a todos os presentes. Os oficiais podiam pegar e interrogar ao garoto... Ou a Wolff.

Abdullah podia decidir que era mais fácil ganhar seu dinheiro, contactando com o major Vandam e dizendo-lhe que podia prender a Alex Wolff no café Nasif às doze desse dia...

Wolff tinha medo de ser preso. Era mais: tinha horror a essa idéia, ela lhe produzia arrepios a pesar do do sol do meio-dia. Podia viver sem boa comida, sem vinho e sem garotas, se tivesse o vazio, vasto e selvagem deserto para consolar-se. E podia renunciar à liberdade do deserto e viver em uma cidade abarrotada de gente, se gozasse dos luxos urbanos para consolar-se. Porém não podia perder ambas as coisas. Nunca havia contado aquilo a ninguém: era seu pesadelo secreto. Pensar em viver em uma cela estreita e sombria, entre a escória da terra (e todos homens), com má comida, sem nunca ver o céu azul nem o Nilo interminável e as planícies abertas... O pânico lhe roçou fuzadamente. Afastou a idéia de sua mente. Isso não ia ocorrer.

Às onze e quarenta e cinco, a massa corpulenta e desalinhada de Abdullah passou caminhando lentamente em frente ao café. Sua expressão era vazia, mas seus pequenos olhos olhavam ao seu redor com muita atenção inspecionando os preparativos. Cruzou a rua e desapareceu da vista.

As doze e cinco, Wolff divisou à distância dois bonés militares entre a massa de cabeças. Sentou-se na beira da cadeira. Os oficiais aproximavam-se... Traziam as respectivas pastas.

Do outro lado da rua alguém acelerava o motor de um carro.

Um ônibus chegou à parada e Wolff pensou: “É impossível que Abdullah tenha organizado isto: é um golpe de sorte, um prêmio extra”.

Os oficiais chegaram a cinco metros de Wolff.

Do outro lado da rua o carro partiu repentinamente. Era um Packard preto, grande, com um motor poderoso e uma boa suspensão americana. Cruzou a rua como um elefante lançando um ataque, o motor rugindo, sem levar em conta o tráfego da rua principal, dirigindo-se à lateral fazendo soar continuamente a buzina. Na esquina, a alguns metros de onde Wolff estava, bateu

contra a parte dianteira de um velho táxi Fiat.

Os dois oficiais pararam junto à mesa de Wolff e olharam para a batida.

O condutor do táxi, um árabe jovem que estava com uma camisa ocidental e um fez, saltou de seu automóvel. E do Packard saiu um jovem grego com traje de moiré.

O árabe disse ao grego que ele era um cerdo. E foi chingado pelo grego de ânus de um camelo sifilitico.

O árabe esbofeteou o grego e este deu um soco no nariz do árabe.

A gente que descia do ônibus e os que queriam subir se aproximaram para ver.

Na esquina, o acrobata que estava de pé sobre a cabeça de seu colega se voltou para olhar a briga, pareceu que perdia o equilíbrio e caiu sobre os espectadores.

Um garotinho passou como uma flecha junto à mesa de Wolff, que Levantou-se, apontou para o pequeno e gritou:

— Pega ladrão!

O garotinho continuou sua corrida. Wolff o perseguiu, e quatro pessoas que estavam sentadas perto se levantaram de um salto e correram atrás da criança. O pequeno passou velozmente entre os dois oficiais, que olhavam com atenção a briga rueira. Wolff e os que haviam tratado de auxiliá-lo atropelaram e derrubaram os oficiais. Várias pessoas começaram a gritar “Pega ladrão”, ainda que a maioria não tinha idéia de quem era o suposto delinqüente. Alguns dos recém chegados pensaram que devia de ser um dos condutores que brigavam. A multidão que estava na parada do ônibus, o público dos acrobatas e a maioria dos que se encontravam no café se aproximaram e começaram a atacar a um ou outro dos condutores, os árabes supondo que o grego era o culpado, e os outros, que o culpado era o árabe. Vários homens com bastões — a maioria das pessoas os levava — começaram a abrir caminho entre a multidão golpeando cabeças ao léo num intento de deter o tumulto, coisa que resultou totalmente contraproducente. Alguém levantou uma cadeira do café e a lançou sobre a multidão. Por sorte, o tiro foi demasiado longo e a cadeira atravessou o pára-brisas do Packard. Não obstante, os garçons, o pessoal da cozinha e o proprietário do café saíram correndo e começaram a atacar qualquer um que se apoiasse ou sentasse nas mesas ou cadeiras, inclusive naqueles que tropeçassem nelas. Todos gritavam para os demais em cinco idiomas. Os carros que passavam se detinham para observar a briga: o tráfego se engarrafou em três direções e todos os automóveis buzinaavam. Um cachorro se soltou de sua correia e começou a morder pernas num frenesi de excitação. Todo mundo desceu do ônibus. A confusão crescia por momentos. Os motoristas que haviam parado para ver a briga se lamentaram, porque quando a briga envolveu seus carros, não puderam afastar-se e tiveram que travar as portas e fechar as janelas enquanto homens, mulheres e meninos, árabes, gregos, sírios, judeus, australianos e escoceses saltavam sobre os tetos dos veículos e lutavam sobre os capôs, caíam nos estribos e derramavam sangue sobre a carroceria. Alguém foi lançado através da vidraça da alfaiataria vizinha ao café, e uma cabra assustada entrou na loja de presentes que estava do outro lado e começou a virar as mesas carregadas de porcelanas, jarros e cristais. Um macaco mandril surgiu do nada — provavelmente antes estava montado na cabra, o que constituía um entretenimento rueiro comum — com ágeis patas, para desaparecer na direção de Alexandria. Um cavalo se liberou de seu arnês, e passou como um raio entre as filas de carros. De uma janela, sobre o café, uma mulher esvaziou um balde de água suja sobre a briga. Ninguém percebeu.

Por fim chegou a polícia.

Quando as pessoas ouviram os apitos, de repente os empurrões e insultos que haviam iniciado as brigas individuais pareceram perder importância. Começou uma agitação para escapar das prisões. A multidão diminuiu com rapidez. Wolff, que havia se jogado no solo no início do combate, levantou-se e cruzou tranquilamente a rua para observar o desenlace. Quando algemaram seis pessoas, tudo havia acabado e não restava ninguém lutando, exceto uma velha de preto e um mendigo coxo, que se davam débeis empurrões na sarjeta da rua. O proprietário do café, o alfaiate e o dono da loja de presentes e repreendiam a polícia por não haver chegado antes, enquanto mentalmente duplicavam os danos, para efeitos do seguro.

O condutor do ônibus havia quebrado um braço, porém o resto das feridas eram cortes e machucados.

Houve apenas uma morte: o cachorro havia mordido a cabra e ela teve que ser sacrificada.

Quando a polícia moveu os dois automóveis colididos, descobriu que, durante a luta, trombadinhas haviam levantado a parte posterior de ambos os veículos e roubado os estepes.

Também haviam desaparecido as lâmpadas do ônibus. Assim como uma pasta do exército britânico.

Alex Wolff se sentia contente consigo mesmo enquanto caminhava pelas ruelas da antiga cidade. Uma semana antes, a tarefa de apoderar-se dos segredos do Quartel General britânico parecia quase impossível. Agora, contudo, tinha a impressão de que havia conseguido. A idéia de fazer que Abdullah organizasse uma briga rueira foi brilhante. Perguntava-se sobre o que haveria na pasta.

Pouco tempo depois, Wolff foi para a casa de Abdullah. Ela tinha o mesmo aspecto que qualquer outra. Sua fachada era descascada, cheia de fendas, e estava salpicada de pequenas janelas deformes. A entrada era uma arcada baixa e sem porta, seguida por um corredor. Ele subiu por uma escada de pedra em espiral. Ao chegar no topo afazou uma cortina e entrou no sala de estar de Abdullah.

O lugar era como o seu dono: sujo, grande e opulento. Três meninos pequenos e um cachorrinho se perseguiam mutuamente ao redor dos caros divãs e mesas com marchetaria. Num canto, junto a uma janela, uma anciã trabalhava num tapete. Outra mulher saía de um quarto quando Wolff entrou: não havia a separação estrita de sexos, conforme a costume muçulmano; assim havia sido também no lar da sua infância. No centro da habitação, Abdullah estava sentado com as pernas cruzadas, sobre um almofada bordada, com um bebê no colo. Olhou para Wolff e sorriu abertamente:

— Meu amigo, que êxito tivemos!

Wolff se sentou no chão na frente dele.

— Foi maravilhoso — disse —. És um mago.

— Que tumulto! E o ônibus chegou justo no momento apropriado...! E o macaco correndo...!

Wolff olhou atentamente e viu o que Abdullah estava fazendo. No chão, do seu lado, havia um monte de dinheiro, bolsas, carteiras e relógios. Enquanto falavam ele selecionou uma bonita carteira de couro repuxado. Sacou dela um feixe de notas egípcias, alguns selos e um pequeno lápis de ouro e os fez desaparecer debaixo de sua cafetã. Depois largou a carteira, pegou uma bolsa e começou a revistá-la.

Wolff adivinhou de onde procediam.

— Velho safado — disse —. Tinhas teus punguistas entre as pessoas.

Abdullah sorriu mostrando seu dente de aço.

— Meter-me em toda essa confusão e roubar apenas uma pasta...

— Mas tens a pasta?

— Evidentemente.

Wolff se tranquilizou. Abdullah não fez movimento algum.

— Posso ver a pasta?

— Imediatamente — disse Abdullah. Contudo, seguiu sem fazer nada. Transcorrido um instante acrescentou — : ias pagar-me outras cinquenta libras na entrega.

Wolff contou o dinheiro, que logo desapareceram debaixo da sebosa cafetã de Abdullah. Este se inclinou para frente segurando o bebê contra o peito com um braço e, com o outro, procurou debaixo da almofada onde estava sentado e sacou a pasta.

Wolff a pegou e examinou. A fechadura estava rompida. Sentiu-se chateado: a desfaçatez devia ter um limite. Logrou falar com calma:

— O hás aberto.

Abdullah se encolheu de ombros. Disse:

— Maaleesh.

Era uma palavra convenientemente ambígua que significava tanto “Perdão” como “E daí?”. Wolff suspirou. Sua longa permanência na Europa o havia feito esquecer como se faziam as coisas em casa.

Abriu a pasta. Em seu interior havia um feixe de dez ou doze folhas de papel densamente datilografadas em inglês. Quando começou a ler, alguém pôs uma xicara de café do seu lado. Olhou fuzadamente e viu que era uma formosa jovem. Perguntou a Abdullah:

— É sua filha?

Abdullah lançou uma gargalhada.

— Minha esposa.

Wolff olhou outra vez para a pequena. Teria catorze anos. Voltou a ler os papéis.

Leu o primeiro, e depois com crescente incredulidade olhou o resto. Depois os pôs de um lado.

— Meu Deus — disse em voz baixa. Depois começou a rir.

Havia roubado um jogo completo de menus da cantina do quartel, correspondente ao mês de junho.

Vandam falava com o tenente coronel Bogge:

— Notifiquei aos oficiais que, salvo circunstâncias excepcionais, não devem transportar de um lugar para outro da cidade documentos do Estado Maior.

Bogge estava sentado atrás de sua grande escrivaninha curva, lustrando uma bola de críquete vermelha com seu lenço.

— Boa idéia — disse —. Mantenha os garotos em alerta.

Vandam continuou:

— Um de meus informantes, a garota nova de que lhe falei...

— A prostituta.

— Sim. — Vandam resistiu ao impulso de dizer a Bogge que “prostituta” não era a palavra correta para Elene —. Ela ouviu rumores de que Abdullah organizou o tumulto...

— Quem é Abdullah?

— Uma espécie de Fagin egípcio, e ocorre que também é informante, ainda que vender-me informação é a menos importante de suas muitas empresas.

— Com que propósito ele organizou o tumulto?

— Roubo.

— Entendo.

Bogge parecia duvidar.

— Roubaram muitas coisas, mas temos que considerar a possibilidade de que o objetivo principal da operação tenha sido a pasta.

— Um complô! — disse Bogge com um gesto de divertido ceticismo —. Mas para que Abdullah queria nossos menus da cantina, hem?

Bogge comessou a rir.

— Ele não sabia o que continha na pasta. Simplesmente, pôde haver suposto que eram documentos secretos.

— Repito a pergunta — disse Bogge com ar de pai paciente que dá lições a um menino —. Para que queria nossos documentos secretos?

— Pôde ter sido instigado.

— Por quem?

— Alex Wolff.

— Quem?

— O homem do faca de Asyut.

— Oh, vá, major, achei que havíamos terminado com isso.

Soou o telefone e Bogge levantou o fone. Vandam aproveitou a oportunidade para acalmar-se um pouco. “A verdade sobre Bogge — pensou Vandam — era provavelmente que não tinha fé em si mesmo, não confiava em seu próprio juízo. E ao carecer dessa confiança para tomar verdadeiras decisões, fazia-se de superior com as pessoas, estilo sabe-tudo, para convencer-se de que, afinal de contas, era astuto. Certamente, Bogge não sabia em absoluto se o roubo da pasta tinha importância ou não. Podia haver escutado a Vandam e depois decidir; porém isso o assustava. Não podia embarcar-se em uma discussão proveitosa com um subordinado, porque consumia toda sua energia intelectual buscando a forma de pegá-lo em uma contradição ou de pegá-lo num erro, ou desdenhando suas idéias. E quando terminava com esse sistema de sentir-se superior, já havia tomado a decisão, para o bem ou para o mal e mais ou menos por acidente, no calor da discussão.”

Bogge dizia:

— Certamente, senhor. Me ocuparei disso imediatamente. — Vandam se perguntou como Bogge se saía com seus superiores. O tenente coronel desligou e disse — : Bem, onde estávamos?

— O assassino de Asyut ainda foi capturado — disse Vandam —. Pode ser significativo que muito pouco depois de sua chegada ao Cairo hajam roubado uma pasta de um oficial do Estado Maior.

— Com menus da cantina.

“Outra vez com isso”, pensou Vandam. Com toda a amabilidade que pôde reunir, disse:

— No Serviço Secreto não acreditamos em coincidências, não é?

— Não me dê lições, garoto. Mesmo que tivesse razão, e estou certo de que não tem, que podemos fazer, além de divulgar o aviso que você redigiu?

— Bem, falei com Abdullah. Nega que conheça Alex Wolff e acredito que ele mente.

— Se Abdullah é um ladrão, por que não o denuncia à polícia egípcia?

“Com que objetivo?”, pensou Vandam. Disse:

— Eles o conhecem perfeitamente. Não podem prendê-lo, porque demasiados altos funcionários estão ganhando muito dinheiro com seus subornos. Mas nós podemos prendê-lo e interrogá-lo, fazê-lo suar um pouco. É um homem sem lealdade, trocará de lado num abrir e fechar de olhos...

— O Serviço de Informação do Estado Maior não prende pessoas nem as faz suar, Vandam...

— A Segurança de Campo pode, ou mesmo a polícia militar.

Bogge sorriu.

— Se eu fosse à Segurança de Campo, com este conto de um Fagin árabe que roubou menus da cantina, expulsariam-me do escritório às gargalhadas.

— Mas...

— Já discutimos isto suficientemente, major..., em demasia, na verdade.

— Mas o senhor se dá conta...?

Bogge levantou a voz.

— Não acho que o tumulto tenha sido organizado; não acredito que Abdullah haja tentado roubar a pasta, e não acho que Wolff seja um espião nazista. Está claro?

— Espere, o meu único interesse...

— Está claro?

— Sim, senhor.

— Bem. Pode retirar-se.

Vandam saiu.

Capítulo 4

Sou um menino pequeno. Meu pai me disse quantos anos tenho, mas esqueci, da próxima vez que venha em casa lhe voltarei a perguntar. Meu pai é militar. O lugar onde vai se chama Sudão. Sudão fica muito longe.

Vou à escola. Aprendo o Alcorão, que é um livro sagrado. Também aprendo a ler e escrever. Ler é fácil, mas é difícil escrever sem confundir-se. Às vezes colho algodão ou levo os animais para beber.

Meu pai e minha avó cuidam de mim. Minha avó é famosa. Quase todos, no mundo inteiro, vêm vê-la quando adoecem. Ela lhes dá remédios feitos com ervas.

Minha avó me dá melaço. Gosto de misturar com qualhada. Eu fico junto ao forno da cozinha e ela me conta contos. Meu conto favorito é A balada de Zabran, o herói de Denshway. Quando ela o conta, sempre diz que Denshway fica perto. Deve de estar ficando velha e desmemoriada, porque Denshway é muito longe. Uma vez fui caminhando com Abdel e levamos toda a manhã para chegar.

Denshway é onde os ingleses estavam disparando as pombas quando uma das balas incendiou um celeiro. Todos os homens da aldeia correram para averiguar quem havia provocado o fogo. Um dos soldados se assustou ao ver que todos os homens fortes da aldeia corriam para ele, e disparou. Houve uma briga entre os soldados e os aldeãos. Ninguém ganhou, mas mataram o soldado que havia incendiado o celeiro. Logo chegaram mais soldados e prenderam todos os homens da aldeia.

Os soldados fizeram uma coisa de madeira que se chama cada falso. Não sei o que é, porém se usa para pendurar as pessoas. Não sei o que ocorre com as pessoas que são penduradas. Alguns aldeãos foram pendurados e outros foram açoitados. Eu sei o que é o açoite. É a pior coisa do mundo, ainda pior que ser pendurado, acho.

O primeiro que penduraram foi Zahran, porque havia lutado mais que ninguém contra os soldados. Foi ao cada falso com a cabeça erguida, orgulhoso de haver matado o homem que havia incendiado o celeiro.

Oxalá eu fosse Zahran.

Nunca vi um soldado inglês, mas sei que os odeio.

Chamo-me Anuar El-Sadat, e vou ser um herói.

Sadat acariciou o bigode. Agradava-lhe. Estava com vinte e dois anos, e com seu uniforme de capitão tinha certo aspecto de menino soldado: o bigode o aparentava mais velho. Necessitava de toda a autoridade possível, porque o que se dispunha a propor era — como de costume — vagamente absurdo. Nessas pequenas reuniões se esforçava por falar e atuar como se o punhado de fanáticos que havia na habitação realmente fosse expulsar os ingleses do Egito a qualquer momento. De forma deliberada deu um tom mais profundo à sua voz quando começou a falar:

— Todos confiávamos que Rommel derrotasse os britânicos no deserto e então libertasse o nosso povo. — Olhou ao redor do quarto: era um bom truque, em reuniões grandes ou pequenas, porque fazia pensar a cada um que Sadat lhe estava falando pessoalmente —. Agora temos muito más notícias. Hitler concordou em ceder o Egito para os italianos.

Sadat exagerava: não se tratava de uma notícia, mas de um rumor. Ademais, a maior parte dos presentes o sabiam. Não obstante, o melodrama estava na ordem do dia e os reunidos responderam com protestos irados.

Sadat continuou:

— Proponho que o Movimento de Oficiais Livres negocie um trato com a Alemanha pelo qual nós organizaríamos um levante contra os britânicos no Cairo e eles garantiriam a independência e soberania do Egito depois de derrotar-lhes.

Enquanto falava pensou novamente na ridiculeza da situação: ali estava ele, um garoto camponês recém saído da fazenda, falando a meia dúzia de desconformes subalternos de entrar em negociações com o Reich alemão. Contudo, quem mais podia representar o povo egípcio? Os britânicos eram conquistadores, o Parlamento era um fantoche e o rei um estrangeiro.

Havia outra razão para a proposta, que não seria debatida ali: uma razão que Sadat não reconheceria salvo no meio da noite: haviam mandado Abdel Nasser ao Sudão, com sua unidade, e sua ausência lhe dava a oportunidade de ganhar a posição de líder do movimento rebelde.

Afastou a idéia da morte, pois era desleal. Tinha que conseguir que os outros aceitassem a proposta e depois os meios de pô-la em prática.

Kemel falou primeiro:

— Mas os alemães nos levarão a sério? — perguntou.

Sadat assentiu, como se também ele considerasse que a observação era importante. Em realidade, ele e Kemel se haviam posto de acordo previamente, porque a pergunta era um ardis para desviar a atenção do assunto principal. A verdadeira pergunta era se os alemães cumpririam um acordo feito com um grupo não oficial de rebeldes: Sadat não queria que se discutisse isso na reunião. Era improvável que os alemães cumprissem sua parte do trato. Porém se, de fato, os egípcios se levantassem contra os britânicos, e se então os alemães os atraíssem, dariam-se conta de que só a independência serviria, e talvez, também, buscariam a liderança do homem que havia organizado o movimento. Estas cruas realidades políticas não eram para reuniões como essa: resultavam demasiado complicadas e sutis. Kemel era o único com que Sadat podia discutir táticas. Era policial, um detetive da jurisdição do Cairo, um homem astuto e cuidadoso; talvez um tanto cínico por causa de seu trabalho.

Os outros começaram a discutir a factibilidade da proposta. Sadat não interveio no debate. “Que falem; é o que na realidade querem”, pensou. Quando chegava o momento de atuar, geralmente falhavam.

Enquanto os presentes expunham seus argumentos, Sadat recordava a frustrada revolução do verão anterior. Havia começado com o xeque de el-Azhar, que declarou: “Não temos nada a ver com essa guerra”. Depois, o Parlamento egípcio, em uma rara demonstração de independência, havia adotado a política de: “Salvar o Egito do açoite da guerra”. Até então, o exército egípcio estivera lutando lado a lado com o britânico no deserto, mas depois os ingleses haviam ordenado aos egípcios que depusessem as armas e se retirassem. Os egípcios estavam contentes de retirar-se, porém não queriam ficar desarmados. Sadat viu uma oportunidade única de fomentar a luta interna. Ele e muitos outros jovens oficiais se negaram a entregar seus fuzis e planejaram marchar sobre o Cairo. Para grande decepção de Sadat, os britânicos cederam imediatamente e permitiram que conservassem suas armas. Sadat continuou tratando de acender a chispa da rebelião para convertê-la na chama da revolução, mas os britânicos haviam se antecipado ao ceder. A marcha sobre o Cairo foi um fracasso: a unidade de Sadat chegou ao lugar da reunião,

porém ninguém mais apareceu. Lavaram seus veículos, sentaram-se, esperaram um tempo e depois seguiram até seu acampamento.

Seis meses depois Sadat sofria outro fracasso. Dessa vez foi devido ao obeso e licencioso rei turco do Egito. Os britânicos deram um ultimato ao rei Faruk ou ordenava ao seu premier que formasse um novo governo, pro-britânico, ou abdicava. Pressionado, o rei convocou Mustafá el-Nabas Pasha e lhe ordenou formar um novo gabinete. Sadat não era monárquico mas sim oportunista: anunciou que aquilo era uma violação da soberania egípcia, e os oficiais jovens, em protesto, marcharam para o palácio para render homenagem ao rei. Uma vez mais Sadat tentou de levar adiante a rebelião. Seu plano era rodear o palácio como defesa simbólica do rei. Uma vez mais, foi o único que apareceu.

Havia ficado amargamente decepcionado em ambas as ocasiões. Sentiu vontade de abandonar a causa rebelde: que os egípcios fossem ao diabo. Contudo, esses momentos passaram, porque sabia que a causa era justa e que ele estava capacitado para servi-la bem.

— Mas não temos nenhum meio de entrar em contato com os alemães.

Era Imam que falava, um dos pilotos.

Sadat estava satisfeito por já estarem discutindo como fazê-lo e não se fazê-lo.

Kemel tinha a resposta para essa pergunta:

— Poderíamos enviar a mensagem por avião.

— Sim! — Imam era jovem e ardente —. Um de nós poderia sair em voo de práticas, desviar-se do rumo e aterrizar atrás das linhas alemãs.

Um dos pilotos mais antigos disse:

— Ao regressar ele teria que prestar contas por essa troca de rumo...

— Poderia não regressar mais — disse Imam, e sua expressão se tornou triste tão rapidamente como antes havia se animado.

Sadat acrescentou, em voz alta:

— Poderia regressar com Rommel.

Os olhos de Imam se acenderam e Sadat se deu conta de que o jovem piloto via a si mesmo marchando com Rommel sobre o Cairo à cabeça de um exército de libertação. Sadat decidiu que Imam deveria levar a mensagem.

— Ponhamo-nos de acordo sobre o texto da mensagem — disse democraticamente. Ninguém se apercebeu de que não se havia requerido uma clara decisão sobre a questão de enviar ou não uma mensagem —. Acho que devemos explicar quatro pontos. Um: somos egípcios patriotas que temos uma organização dentro do exército. Dois: como vocês, lutamos contra os britânicos. Três: estamos em condições de recrutar um exército rebelde para combater ao seu lado. Quatro: organizaremos um levante contra os britânicos no Cairo, se vocês nos garantirem a independência e a soberania do Egito depois da derrota dos britânicos. — Fez uma pausa. Franzindo o cenho, acrescentou —: Talvez deveríamos oferecer-lhes alguma amostra da nossa boa fé.

Houve um silêncio. Kemel também tinha a resposta, achava melhor que algum dos outros a desse.

Imam se pôs à altura das circunstâncias.

— Poderíamos enviar alguma informação militar útil junto com a mensagem.

Kemel então simulou opor-se à idéia.

— Que tipo de informação nós podemos conseguir? Não imagino...

— Fotografias aéreas das posições britânicas.

— Como é possível tirá-las?

— Podemos fazê-lo num voo de práticas, com uma câmara.

Kemel pareceu duvidar.

— Como revelaremos o filme?

— Não é necessário — disse Imam excitado —. Simplesmente podemos enviá-la.

— Só uma?

— Tantas quanto desejemos.

— Acho que Imam tem razão.

Uma vez mais, discutiam os aspectos práticos da idéia em lugar de seus riscos. Faltava apenas vencer mais um obstáculo. Sadat sabia, por amarga experiência, que aqueles rebeldes eram valentes até que chegava o momento de correr riscos. Disse:

— Só nos resta decidir qual de nós pilotará o avião.

Enquanto falava olhou ao redor do aposento, fixando seu olhar finalmente em Imam.

Depois de um momento de vacilação, Imam Levantou-se.

Os olhos de Sadat brilharam triunfantes.

Dois dias mais tarde, Kemel percorria a pé os cinco quilômetros que havia do centro do Cairo até o subúrbio onde vivia Sadat. Como inspetor detetive, Kemel tinha direito de usar um carro oficial quando quisesse, mas, por razões de segurança, só o empregava para acudir às reuniões dos rebeldes. Provavelmente seus colegas da polícia seriam solidários com o Movimento dos Oficiais Livres; mas apesar disso, não tinha pressa que descobrissem.

Kemel era quinze anos mais velho do que Sadat. Não obstante, o venerava quase como a um herói. Kemel compartia o cinismo de Sadat, sua compreensão realista das alavancas do poder político. Porém Sadat tinha algo mais: um idealismo ardente que lhe dava energia ilimitada e esperanças infinitas.

Kemel se perguntava como dar-lhe a notícia.

A mensagem para Rommel estava escrita a máquina, assinada por Sadat e por todos os principais oficiais livres, exceto o ausente Nasser. Guardaram-na num envelope marrom grande e lacrado. Havia tirado as fotografias aéreas das posições britânicas: Imam decolou no seu Gladiador, seguindo-o Baghdadi num segundo avião. No deserto recolheram Kemel, que entregou o envelope marrom para Imam e subiu no avião de Baghdadi. O rosto de Imam brilhava de idealismo juvenil.

Kemel pensava: “Como falarei para Sadat?”

Era a primeira vez que Kemel voava. O deserto, tão monótono do chão, era um mosaico interminável de formas e desenhos: as manchas do cascalho, os pontos de vegetação e as colinas vulcânicas esculpidas. Baghdadi disse:

— Vai ficar com frio.

Kemel pensou que estava brincando, pois o deserto era como um forno; mas, à medida que o avião subia, a temperatura caía. De repente, com sua fina camisa de algodão, encontrou-se tremendo.

Depois de um tempo, os aviões tomaram rumo este e Baghdadi chamou por rádio para informar à base que Imam havia se desviado do seu curso e não respondia às chamadas. Como se esperava, a base ordenou a Baghdadi que seguisse Imam. Essa pequena pantomima era necessária para que Baghdadi, que devia regressar, não despertasse suspeitas.

Voaram sobre um acampamento do exército. Kemel viu tanques, caminhões, canhões de campanha e jipes. Um grupo de soldados os cumprimentou com os braços para o alto: “Devem ser britânicos”, pensou Kemel. Os aviões subiram mais. Logo a frente viram sinais de batalha: grandes nuvens de poeira, explosões e fogo de canhões. Viraram para o sul do campo de batalha.

Kemel pensou: “Voamos sobre uma base britânica; depois um campo de batalha..., agora temos que chegar a uma base alemã”.

Adiante, o avião de Imam perdia altura. Em lugar de segui-lo, Baghdadi ascendeu um pouco mais — Kemel teve a impressão de que o Gladiador estava perto de sua altura máxima — e se afastou para dirigir-se para o sul. Olhando à direita do avião, Kemel viu o que os pilotos haviam avistado: um pequeno acampamento com uma pista de aterrissagem.

Ao aproximar-se da casa de Sadat, Kemel recordava seu regozijo, lá acima, no céu, sobre o deserto, ao dar-se conta de que estava atrás das linhas alemãs e de que o tratado quase estava nas mãos de Rommel.

Chamou à porta. Ainda não sabia o que dizer a Sadat.

Era uma casa de família comum, mais pobre que a de Kemel. Ao cabo de um momento Sadat saiu vestido com uma galabia e fumando cachimbo. Olhou para Kemel e disse imediatamente:

— Falhou.

— Sim.

Kemel entrou. Foram ao quartinho que Sadat usava como estudo. Havia uma escrivaninha, uma estante com livros e algumas almofadas sobre o chão desnudo. Sobre a escrivaninha, uma pistola do exército em cima de um monte de papéis.

Sentaram-se. Kemel disse:

— Encontramos um acampamento alemão com uma pista de aterrissagem. Imam desceu. Então os alemães começaram a disparar no avião. Era um avião inglês... Não tínhamos pensado nisso.

Sadat disse:

— Mas sem dúvida veriam que não era hostil: não disparava, não lançava bombas...

— Imam seguiu descendo — continuou Kemel —. Moveu as asas e suponho que tratou de comunicar-se por rádio. De qualquer maneira, seguiram disparando-lhe. Acertaram a calda do avião.

— Oh, Deus!

— Pareceu que descia muito rapidamente. Os alemães deixaram de atirar. Não sei como ele conseguiu aterrizar. O avião pareceu delocar-se para os lados. Não acredito que Imam pudesse seguir controlando-o. O certo é que não pôde reduzir a velocidade. Saiu da pista e foi parar em

um monte de areia. A asa de bombordo bateu no solo e se desprende; o bico afundou na areia e a fuselagem caiu sobre a asa quebada.

Sadat olhava fixamente para Kemel, com o rosto desfigurado. Em sua mente, Kemel via o avião destroçado sobre a areia, e um carro bomba e uma ambulância alemã correndo pela pista para o aparelho seguido por dez ou quinze soldados. Nunca esqueceria como, igual a uma flor que abre suas pétalas, o avião havia estourado para o céu, numa bagunça de labaredas vermelhas e amarelas.

— Estourou — disse a Sadat.

— Imam?

— Era impossível que saísse vivo daquele incêndio.

— Devemos fazer outra tentativa — disse Sadat —. Devemos achar outra forma de enviar uma mensagem.

Kemel o observou fixamente e se deu conta de que seu tom enérgico era falso. Sadat tratou de acender o cachimbo, mas a mão que sustentava o fósforo tremia muito. Kemel olhou com atenção e viu que Sadat tinha lágrimas nos olhos.

— Pobre garoto! — sussurrou Sadat.

Wolff estava de novo onde havia começado: sabia onde estavam os segredos, mas não podia chegar a eles.

Poderia ter roubado outra pasta da mesma forma que a primeira, mas isso faria os britânicos pensarem num complô. Poderia haver ideado outra maneira de roubar uma pasta, porém, mesmo isso, faria que se intensificassem as medidas de segurança. Ademais, uma única pasta não era suficiente para as suas necessidades: precisava ter acesso regular e livre aos documentos secretos.

Por isso estava barbeando a penugem do pubis de Sonja.

Era preta e grossa, e crescia muito rapidamente. Como a barbeava de forma regular, podia pôr as suas calças translúcidas sem usar o tapa-sexo coberto de lantejoulas. A maior liberdade de ação física e o comentário persistente e preciso de que não usava nada debaixo das calças haviam ajudado a fazer dela a dançarina do momento.

Wolff afundou a broxa na tigela e começou a ensaboar.

Sonja estava deitada na cama, com um monte de almofadas debaixo do traseiro, vigiando-lhe com desconfiança. Não era muito aficionada por aquela última perversão de Wolff. Pensou que não ia gostar.

Wolff não era tonto. Sabia como funcionava a mente de Sonja, e conhecia seu corpo melhor que ela mesma e queria pedir-lhe algo.

A acariciou com a suave broxa de barbear e disse:

— Tenho pensado em outra forma de apoderar-me do conteúdo dessas maletas.

— Qual?

Wolff não falou imediatamente. Largou a broxa e pegou a navalha. Provou o fio no polegar e depois olhou para Sonja. Ela o observava fascinada de horror. Wolff se inclinou mais, apoiou a navalha na pele e a deslizou para cima com um movimento suave e cuidadoso.

— Vou tornar-me amigo de um oficial britânico — disse.

Sonja não respondeu: o estava escutando só pela metade. Wolff limpou a navalha em uma toalha. Apoiou um dedo da mão esquerda na parte barbeada e pressionando para abaixo retesou a pele. Aproximou a navalha.

— E depois o trarei aqui.

— Oh, não! — disse Sonja.

Wolff a tocou com o fio da navalha e dirigiu a lâmina para cima, com suavidade. Ela começou a respirar aguadamente. Wolff afiou a navalha e barbeou uma, duas, três vezes.

— Não sei como, mas conseguirei que o oficial traga sua maleta.

Pôs o dedo no ponto mais sensível de Sonja e barbeou ao redor. Ela fechou os olhos.

Wolff verteu água quente de uma caldeira numa tijela que tinha do seu lado, no chão. Submergiu um pano na água e o escorreu.

— Depois revistarei a pasta enquanto o oficial está deitado contigo.

Pressionou o pano quente contra a pele barbeada. Sonja lançou um grito agudo, como um animal acurralado.

Wolff se tirou a bata e se ficou em pé, desnudo. Pegou uma garrafa de óleo para a pele e derramou um pouco na palma da mão direita.

— Não farei isso — disse ela.

Wolff acrescentou mais óleo e massageou todos os dobras e fendas. Com a mão esquerda a segurava pela garganta e a mantinha deitada.

— O farás.

Seus dedos expertos exploravam e pressionavam com menos delicadeza.

Sonja disse:

— NÃO!.

— Sim — replicou Wolff.

A sensação de poder era como uma droga. Manteve-se em cima dela e balançou, confiado e sereno.

Sonja gemeu:

— Rápido!

— O farás?

— Rápido!

Wolff fez que seu corpo tocasse o dela e depois parou de novo.

— O farás?

— Sim! Por favor!

— Ahhh!

Wolff tomou fôlego e se deixou cair em cima dela.

Depois, Sonja tentou voltar atrás.

— Esse tipo de promessa não vale — disse.

Wolff saiu do banheiro enrolado em uma toalha grande. Olhou-a. Estava deitada na cama, ainda nua, comendo bombons. Havia momentos em que quase lhe tinha carinho.

— Uma promessa é uma promessa — disse Wolff.

— Tu prometeste encontrar outra Fawzi para nós.

Estava de mal humor. Sempre lhe ocorria depois de fazer amor.

— Trouxe aquela pequena da madame Fahmy — respondeu Wolff.

— Não é outra Fawzi. Fawzi não pedia dez libras e não ia para sua casa pela manhã.

— Está bem. Continuarei procurando.

— Não prometeste procurar, prometeste encontrar.

Wolff saiu do quarto e pegou uma garrafa de champanhe da geladeira e duas taças e as levou ao dormitório.

— Quer um pouco?

— Não — contestou Sonja —. Sim.

Wolff serviu e lhe entregou a taça. Sonja bebeu um pouco e comeu outro bombom. Wolff disse:

— Pelo desconhecido oficial britânico que está para receber a surpresa mais agradável de sua vida.

— Não me deitarei com um inglês — protestou Sonja —. Cheiram mal, têm a pele como as lesmas e os odeio.

— Por isso o farás, porque os odeias. Imagina: enquanto ele está te montando e pensando no afortunado que é, eu estarei lendo seus documentos secretos.

Wolff começou a vestir-se. Pôs uma camisa que lhe haviam feito em uma das pequenas alfaiatarias da Cidade Velha: uma camisa de uniforme britânico com insígnias de capitão nos ombros.

— Que estais usando? — perguntou Sonja.

— Um uniforme de oficial britânico. Não falam com estrangeiros, como sabes.

— Vais fingir que és inglês?

— Sul-africano, acho.

— Mas o que ocorrerá se cometeres um erro?

— Provavelmente me fuzilarão como espião.

Sonja afastou o olhar.

Wolff disse:

— Caso encontre um adequado, levo-o ao Cha-Cha. — Meteu a mão sob a camisa e sacou a faca de sua bainha, debaixo do braço. Aproximou-se de Sonja e lhe tocou o ombro desnudo com a ponta da arma —. Se me falhas, te cortarei os lábios.

Ela o encarou. Não falou, porém havia medo em seus olhos.

Wolff saiu.

Como sempre, o Shepherd's Hotel estava cheio.

Wolff pagou o táxi e atravessou a multidão de vendedores ambulantes e pedintes apinhados afora, subiu os degraus e entrou no vestibulo. Estava abarrotado de gente: comerciantes levantinos que celebravam ruidosas reuniões; europeus que utilizavam o escritório do correio e bancos; garotas egípcias com seus vestidos baratos e oficiais britânicos. O hotel estava fora de jurisdição para outros classes. Wolff passou entre duas damas de bronze de tamanho maior que o real, que sustentavam lâmpadas, e entrou no salão. Uma pequena orquestra tocava música indeterminada enquanto uma multidão, em sua maioria europeia, chamava constantemente a os garçons. Esquivando os divãs e as mesas com superfície de mármore, Wolff foi até o longo bar, situado no fundo.

Lá o ambiente era um pouco mais tranqüilo. Não se permitia a entrada das mulheres e beber copiosamente estava à ordem do dia. Ali iria qualquer oficial que se sentisse só.

Wolff se sentou diante do balcão. Esteve a ponto de pedir champanhe; depois, recordando seu disfarce, pediu um uísque com água.

Havia prestado muita atenção a sua vestimenta. Os sapatos marrons eram do modelo que os oficiais usavam e estavam muito bem lustrados; as meias caqui estavam dobradas exatamente no lugar correto; a bermuda marrom tinha um vinco bem marcado; a camisa com as insígnias de capitão estava fora da calça, não dobrada para dentro; a boina plana tinha a inclinação precisa.

Preocupava-se um pouco com seu sotaque. Tinha uma história para explicá-lo: a mesma que havia contado ao capitão Newman em Asyut: que o havia adquirido na África do Sul, falando holandês. Mas o que aconteceria se o oficial que escolhesse fosse sul-africano? Wolff não podia distinguir suficientemente bem os sotaques ingleses de forma a reconhecer um sul-africano.

Preocupava-se ainda mais com seu conhecimento do exército. Procurava um oficial do Quartel General, assim que diria que pertenciam às TBE — Tropas Britânicas no Egito —, que era um corpo separado e independente. Por desgracia, sabia muito pouco a respeito. Não estava certo do que faziam as TBE nem de como estavam organizadas, e não podia mencionar o nome de um só de seus oficiais. Entrar numa conversação:

— Como está o velho Buffy Jenkins?

— O velho Buff? Não o vejo muito em meu departamento.

— Não o vê muito? Ele manda ali. Estamos falando das mesmas TBE?

Ou então:

— Como está Simón Frobisher?

— Oh, Simón, segue como sempre, já sabe.

— Um minuto, alguém me disse que ele havia regressado à Inglaterra. Sim, estou certo. Como é que o senhor não o sabia?

Depois as acusações, o aviso à polícia militar, a luta e, finalmente, a prisão.

O cárcere era o único fim que realmente assustava a Wolff.

Um coronel entrou e se sentou junto a Wolff. Chamou o barman.

— Ezma!

Significa “escute”, mas todos os britânicos pensavam que queria dizer garçon.

O coronel olhou para Wolff. Wolff inclinou a cabeça cortesmente e disse:

— Senhor...

— Tira-se o gorro no bar, capitão. No que está pensando?

Wolff tirou o gorro maldizendo-se silenciosamente pelo erro. O coronel pediu cerveja. Wolff olhou para o outro lado.

Havia quinze ou vinte oficiais no bar, não reconhecia nenhum. Procurava um dos oito ajudantes que todos os meios-dias saíam do Quartel General com suas malas. Havia memorizado seus rostos e os reconheceria instantaneamente. Já havia estivera no Metropolitan Hotel e no Turf Clube, sem êxito; e depois de meia hora no Shepherd's procuraria no Clube dos Oficiais, no Gezira Sporting Clube e inclusive na União Anglo-egípcia. Se fracassasse essa noite voltaria no dia seguinte, tinha certeza de que cedo ou tarde tropeçaria pelo menos com um deles.

Depois, tudo dependeria de sua habilidade.

Seu plano tinha muitas vantagens. O uniforme o convertia num deles, digno de confiança, um camarada. Como a maioria dos soldados, provavelmente se sentiam sozinhos e famintos de contato sexual num país estranho. Sonja era, sem dúvida alguma, uma mulher muito desejável — de qualquer modo que a olhasse — e o oficial inglês comum não estava bem equipado contra os ardis de uma sedutora oriental.

E, de qualquer maneira, se tivesse o azar de escolher um ajudante bastante astuto, que resistisse à tentação, o abandonaria e buscaria outro.

Esperava que não levasse muito tempo.

Em verdade, demorou apenas mais cinco minutos.

O major que entrou no bar era um homem pequeno e muito delgado, uns dez anos a mais que Wolff. Suas bochechas exibiam a rede de estreitos dos bebedores incorrigíveis. Tinha os olhos azuis, bulbosos, e cabelo fino, cor de areia, achatado pelo fixador.

Todos os dias saía do Quartel General, às doze, e ia a pé até um edifício não identificado de Shari Suleiman Pasha... levando sua pasta.

O coração de Wolff deu um pulo.

O major se aproximou do balcão, tirou seu gorro e disse:

— Ezma! Scotch. Sem gelo. Rápido! — Dirigiu-se a Wolff — : Maldito tempo! — disse em tom familiar.

— Não é sempre assim, senhor? — perguntou Wolff.

— Está certo. Me chamo Smith, Quartel General.

— Muito prazer, senhor — disse Wolff. Sabia que, em realidade, Smith não podia estar no Quartel General, já que ia todos os dias dali a outro edifício; perguntou-se por um instante por que razão mentiria a respeito. Deixou a idéia de lado por um momento e disse — : Slavenburg, TBE.

— Muito prazer. Posso oferecer-lhe outro?

Entrar em conversação com um oficial estava sendo mais fácil do que esperava.

— É muito amável, meu major.

— Deixe lá o meu major, homem. Não há patentes no bar.

— Certamente.

Outro erro.

— O que está bebendo?

— Uísque com água, por favor.

— Se fosse o senhor, não poria água. Dizem que vem diretamente do Nilo.

Wolff sorriu.

— Devo estar acostumado.

— Não lhe dói o estômago? Deve de ser o único branco no Egito.

— Nasci na África; vivi no Cairo por dez anos.

Wolff entrava suavemente no estilo abreviado que Smith usava ao falar. “Devia ter sido ator”, pensou.

Smith disse:

— África, né? Percebi que tinha certo sotaque.

— Pai holandês, mãe inglesa; temos uma fazenda na África do Sul.

Smith pareceu solícito.

— Isto tem que ser duro para seu pai, com os alemães por toda a Holanda.

Wolff não havia pensado nisso.

— Morreu quando eu era menino — disse.

— Lamentável.

Smith esvaziou seu copo.

— Outro? — perguntou Wolff.

— Obrigado.

Wolff pediu outra rodada. Smith lhe ofereceu um cigarro: Wolff não aceitou.

Smith se queixou da comida ruim, dos bares que sempre ficavam sem bebida, do aluguel de seu apartamento e da rudeza dos camareiros árabes. Wolff esteve tentado de explicar-lhe que a comida era má porque insistia em pedir pratos ingleses e não egípcios; que as bebidas eram escassas por causa da guerra européia; que os aluguéis estavam pelas nuvens devido aos milhares de estrangeiros como Smith que haviam invadido a cidade, e que os camareiros eram rudes porque ele era demasiado preguiçoso ou arrogante para aprender umas poucas frases de cortesia em seu idioma. Porém mordeu a língua e assentiu como se lhe desse razão.

Na metade desse recitado de queixas, Wolff olhou por em cima do ombro de Smith e viu que seis policiais militares entravam no bar.

Smith notou a mudança de sua expressão e disse:

— Que ocorre? Viu um fantasma?

Havia um PM do exército, um PM da Marina com polainas brancas, outro australiano, um neozelandês, um sul-africano e um gurkha com turbante. Wolff sentiu um louco impulso de fugir. O que lhe perguntariam? O que responderia?

Smith se deu a volta, viu os PM's e disse:

— A costumeira ronda noturna, em busca de oficiais bêbados e espões alemães. Este é um bar de oficiais, não nos molestarão. Que lhe passa? Sem licença, ou algo assim?

— Não, não. — Wolff se apressou a improvisar — : O da Marina é igual a um garoto que conheci e que mataram em Halfaya.

Seguiu observando fixamente o piquete. Pareciam muito eficientes com seus capacetes de aço e suas armas nos coldres. Pediriam os documentos?

Smith havia esquecido dos policiais. Dizia:

— E os serventes... malditos! Estou certo de que o meu está aguando a genebra. Mas o averiguarei. Enchi uma garrafa com zibid... já sabe, isso que se fica turvo quando se acrescenta água. Já verá quando trate de batizá-la. Terá que comprar outra garrafa e simular que não passou nada. Ah! Se o merece!

O oficial encarregado do piquete se aproximou do coronel que falara para que Wolff tirasse a boina.

— Tutodo em ordem, senhor? — perguntou o PM.

— Tudo — disse o coronel.

— Que lhe passa ao senhor? — perguntou Smith a Wolff —. Suponho que terá direito a essas insígnias, não?

— Certamente — disse Wolff.

Uma gota de suor se deslizou num olho e a limpou com um movimento demasiado rápido.

— Não quis ofendê-lo — disse Smith —. Mas sabe? O Shepherd's está vedado às classes de tropa e se sabe que alguns subalternos costumam insígnias nas camisas só para entrar aqui.

Wolff se dominou.

— Olhe, meu major, se quer comprovar...

— Não, não, não — replicou Smith.

— A semelhança me impressionou.

— Sem dúvida, compreendo. Tomemos outro copo. Ezma!

O PM que havia falado com o coronel estava dando uma longa espiada pelo salão. Sua braçadeira o identificava como ajudante do chefe de polícia. Olhou para Wolff. Este se perguntou se o guarda recordaria a descrição do assassino de Asyut. Provavelmente não. Em qualquer caso, não procuraria a um oficial britânico que respondesse à descrição. E Wolff havia deixado crescer o bigode, para confundi-los. Obrigou-se a olhar nos olhos do PM e depois deixar que os seus desviassem para o outro lado com naturalidade. Levantou o copo, certo de que o homem seguia olhando-lhe fixamente.

Depois houve um sapateado de botas e a ronda saiu.

Wolff reprimiu um estremecimento de alívio. Levantou seu copo, com mão firme e decidida, e disse:

— Saúde!

Beberam. Smith indagou:

— Você conhece esta terra — observou Smith. — Que se pode fazer à noite, além de beber no bar do Shepherd's?

Wolff simulou refletir.

— Já viu a dança do ventre?

Smith ofegou depreciativamente.

— Uma vez. Uma nativa muito gorda que balançava as cadeiras.

— Ah! Então tem que ver algo autêntico.

— Fala sério?

— É a coisa mais erótica que jamais vira.

Houve um estranho lampejo no olhar de Smith.

— Não está exagerando?

Wolff pensou: “Major Smith, és exatamente o que necessito”. Disse:

— Sonja é a melhor. Não deve perder a sua apresentação.

Smith concordou:

— Talvez vá.

— Na verdade estava pensando em passar pelo Cha-Cha Clube. Quer vir?

— Tomemos outro copo primeiro — respondeu Smith.

Ao observar como o major bebia, Wolff pensou que, pelo menos aparentemente, ele era um homem muito corruptível. Parecia chateado, sem vontade e alcoólatra. Supondo que fosse homossexual, Sonja poderia seduzi-lo com facilidade. (“Maldita seja — pensou —, é melhor que o faça.”) Então teriam que averiguar se em sua pasta existia algo mais útil do que menus. Finalmente, deveriam achar um modo de arrancar-lhe os segredos. Haveria muitos “talvez” e muito pouco tempo.

Só podia avançar passo a passo, e o primeiro era ter Smith em seu poder.

Terminaram as taças e saíram para o Cha-Cha. Não conseguiram um táxi, de modo que tomaram uma carruagem gharry, uma carroça de aluguel aberta puxada por um cavalo. O condutor castigava o velho animal sem piedade com o chicote.

Smith disse:

— Este sujeito é um pouco rude com o animal.

— Concordo — disse Wolff enquanto pensava: “Deveria ver o que fazemos com os camelos”.

Novamente o clube estava cheio de gente e fazia calor.

Wolff teve que subornar um garçon para conseguir uma mesa.

A atuação de Sonja começou momentos depois de que se sentaram. Smith observava Sonja enquanto Wolff olhava Smith. Em questão de minutos o major estava babando.

Wolff comentou:

— É boa, não?

— Fantástica — replicou Smith sem voltar-se.

— Eu a conheço — disse Wolff —. Convido-a para nos fazer companhia depois?

Desta vez Smith se virou.

— Meu Deus! — exclamou —. Conseguiria mesmo isso?

O ritmo se acelerou. Sonja olhou através do abarrotado salão do clube. Centenas de homens

deleitavam seus olhos cobiçosos em seu magnífico corpo. Ela fechou os seus.

Os movimentos vinham de forma automática: mandavam as sensações. Em sua imaginação seguia vendo o mar de rostos ávidos que a olhavam fixamente. Sentiu como girava seu ventre e se mexiam seus quadris, como se outro o provocasse, como se todos os famintos homens do público estivessem manejando seu corpo. Foi mais e mais rápido. Já não era a artista que bailava, o fazia por ela mesma. Nem sequer seguia a música: esta é que a seguia. Ondas de excitação a varreram. Ela as acompanhou, bailando, até que soube que estava na limiar do êxtase, que só necessitava dar um salto para sair voando. Esteve a ponto de fazê-lo, porém titubeou. Levantou os braços. A música chegou ao clímax com um estampido. Ela emitiu um grito de frustração e caiu para trás, com as pernas dobradas debaixo do corpo, até que a cabeça tocou o palco. Então as luzes se apagaram.

Sempre era assim.

Em meio da tormenta de aplausos, levantou-se e cruzou o escuro cenário para os bastidores. Caminhou rapidamente para seu camarim com a cabeça baixa, sem olhar para ninguém. Não queria suas palavras nem seus sorrisos. Eles não entendiam. Ninguém sabia o que era para ela; ninguém sabia o que lhe ocorria todas as noites quando bailava.

Tirou os sapatos, as calças transparentes e o corpete com lantejoulas e pôs a bata de seda. Sentou-se de frente para o espelho para limpar a maquiagem. Sempre o fazia imediatamente, porque a maquiagem era ruim para a pele. Tinha que cuidar do seu corpo. Seu rosto e sua garganta estavam adquirindo de novo aquele aspecto avultado, observou. Teria que deixar de comer bombons. Já havia passado de longo a idade em que as mulheres começam a engordar. Sua idade era outro segredo que os espectadores jamais deviam descobrir. Era quase a que tinha seu pai ao morrer. Papai...

Havia sido um homem corpulento e arrogante cujos posses jamais estiveram à altura de suas aspirações. Sonja e seus pais dormiam juntos em uma cama dura e estreita em uma casa nas proximidades do Cairo. Desde então, jamais havia voltado a sentir-se tão segura e tão abrigada. Nas noites ocorria algo que a excitava inexplicavelmente. Mamãe e papai começavam a mover-se no escuro, deitados do seu lado. Às vezes sua mãe se dava conta de que os observava. Então seu pai lhe batia. Depois da terceira vez, a fizeram dormir no chão. Os ouvia mas não podia compartilhar o prazer: parecia muito cruel. Culpava a sua mãe. Deitada no chão, com frio, excluída, escutando, havia tratado de gozar a distância, porém não deu resultado. Nada o deu, desde então, até que Alex Wolff apareceu...

Nunca havia falado a Wolff daquela estreita cama, porém ele, por alguma razão, dava-se conta de tudo. Tinha instinto para as fundas necessidades que a gente nunca reconhecia. Ele e aquela garota, Fawzi, haviam reproduzido para Sonja o cenário de sua infância, e havia dado resultado.

Wolff não o fazia por generosidade: Sonja o sabia. Fazia essas coisas para servir-se da gente. Desta vez queria utilizá-la para espionar aos britânicos. Ela faria quase qualquer coisa para chatear aos ingleses; qualquer coisa menos deitar-se com eles...

Chamaram à porta do camarim. Sonja respondeu:

— Entre.

Um dos camareiros levou-lhe um bilhete. Com um gesto indicou ao garoto que podia retirar-se e desdobrou a folha de papel. A mensagem dizia simplesmente: “Mesa 41. Alex”.

Apertou o papel e o jogou no chão. Devia ter encontrado uma presa. Isso é que era rapidez.

Seu instinto para detectar a debilidade funcionava novamente.

Ela o compreendia porque era como Wolff. Também se servia das pessoas, ainda que com menos inteligência. Inclusive se servia dele. Wolff tinha classe, bom gosto, amigos de categoria e dinheiro; e algum dia a levaria a Berlim. Uma coisa era ser estrela no Egito e outra, muito distinta, sê-lo na Europa. Sonja desejava dançar para os velhos generais aristocratas e os charmosos jovens da SA; queria seduzir homens poderosos e formosas garotas brancas; queria ser rainha do cabaré na cidade mais decadente do mundo. Wolff seria seu passaporte. Sim: ela o estava uzando.

Devia de ser raro, pensava, que duas pessoas estivessem tão unidas e, contudo, amarem-se tão pouco.

Ele lhe cortaria os lábios.

Se estremeceu, deixou de pensar então e começou a vestir-se. Pôs um vestido branco de mangas largas. O decote, baixo, exibia seus peitos, enquanto que a saia afinava os quadris. Calçou sandálias brancas de salto alto. Pôs uma pesada pulseira de ouro em cada punho e no pescoço, uma corrente com um pendente em forma de lágrimas que ficava comodamente abrigado entre seus seios. O inglês gostaria. Aquela gente tinha tão mal gosto!

Olhou-se mais uma vez no espelho e, ao sair do camarim, dirigiu-se ao salão do clube.

Uma zona de silêncio a acompanhou ao cruzar o salão. A gente calava quando ela se aproximava, e depois começava a falar, quando já havia passado. Sonja tinha a sensação de estar provocando um estupro em massa. No palco era diferente: estava separada por uma rede invisível. Abaixo podiam tocá-la, e todos o desejavam. Nunca o haviam tentado, porém o perigo a fazia estremeecer.

Chegou à mesa 41 e os dois homens se puseram em pé.

Wolff dijo:

— Sonja, minha querida, estiveste magnífica, como sempre.

Ela aceitou o cumprimento com um gesto.

— Permita-me apresentar-te ao major Smith.

Sonja lhe deu a mão. Era um homem magro, sem queixo, com um bigode e mãos feias e ossudas. Smith a olhou como se fosse uma sobremesa extravagante que acabassem de colocar diante dele.

O major disse:

— Encantado.

Sentaram-se. Wolff serviu champanhe. Smith disse:

— Sua dança foi esplêndida, senhorita, simplesmente esplêndida. Muito... artística.

— Obrigado.

Smith estendeu o braço sobre a mesa e lhe deu umas palmadinhas na mão.

— Você é encantadora.

“E tu és um idiota”, pensou Sonja. Captou o olhar de advertência de Wolff: ele sabia o que estava pensando.

— O senhor é muito amável, major — disse.

Wolff estava nervoso, o sabia. Não estava certo de que ela fosse fazer o que ele queria. Na realidade, Sonja ainda não havia decidido.

Wolff se dirigiu a Smith:

— Conheci o falecido pai de Sonja.

Era mentira e Sonja sabia o porquê a havia dito. Queria recordar-lhe.

Seu pai havia sido ladrão em casos de necessidade. Quando tinha trabalho, trabalhava; e quando não o tinha, roubava. Um dia tratou de arrebatá-lo a bolsa de uma mulher europeia em Shari el-Koubri. Seu acompanhante lutou para pegar o pai de Sonja, e no esforço derrubaram a mulher, que se deslocou um pulso. Era uma dama importante e o pai de Sonja foi açoitado pelo delito. Morreu enquanto o açoitavam.

Certamente, não queriam matá-lo. Devia de ter o coração débil, ou algo assim. O inglês que administrava justiça não se preocupou com isso. O homem havia delinqüido, se lhe administrou o castigo correspondente e esse castigo lhe custou a vida: um árabe a menos. Sonja, que tinha doze anos, ficou transpassada de dor. Desde então odeia os britânicos com todo seu ser.

Hitler tinha razão, mas havia errado o objetivo, achava Sonja. Não eram os judeus os que padeciam de uma debilidade racial que infectava ao mundo; eram os britânicos. Os judeus do Egito eram mais ou menos como qualquer outro: alguns ricos, outros pobres, alguns arrogantes e viciosos. Sonja ria amargamente a magnanimidade com que os ingleses tratavam de defender a Polônia da opressão alemã, enquanto eles seguiam oprimindo o Egito.

Contudo, quaisquer fossem as razões, os alemães combatiam os britânicos, e isso era suficiente para que Sonja fosse pró-germânica.

Ela queria que Hitler derrotasse, humilhasse e arruinasse a Grã Bretanha. Faria o que pudesse para ajudá-los a conseguir. Até seduziria um inglês.

Inclinou-se para frente:

— Major Smith — disse —, o senhor é um homem muito atraente.

Wolff se relaxou visivelmente.

Smith estava assombrado. Parecia que seus olhos iam saltar das órbitas.

— Meu Deus! — exclamou —. Você realmente acha?

— É claro, major.

— Caramba! Gostaria que me chamasse de Sandy.

Wolff Levantou-se.

— Vou ter que deixar-lhes. Sonja, posso acompanhá-la até sua casa?

Smith disse:

— Acredito que posso encarregar-me disso, capitão.

— Sim, senhor...

— Quer dizer, se Sonja...

Sonja pestanejou.

— Sem dúvida, Sandy.

Wolff disse:

— Detesto deixar a festa, mas amanhã terei de madrugar.

— Perfeitamente — disse Smith —. Não se demore com cumprimentos, pode ir.

Quando Wolff partia, um garçon trouxe a janta. Era uma comida européia — bife com batatas — e Sonja beliscava enquanto Smith lhe falava. Contou-lhe seus êxitos na equipe de críquete da escola. Parecia que, desde então, não havia feito nada espetacular. Era muito chato.

Sonja seguia recordando o castigo de seu pai.

Smith bebeu sem cessar durante a janta. Quando saíram, ele cambaleava ligeiramente. Sonja lhe deu o braço, mais para proveito de Smith que seu próprio. Caminharam até a casa flutuante em meio ao ar fresco da noite. O major olhou para o céu e disse:

— Essas estrelas... são belas.

Sua conversa era bastante estúpida.

Detiveram-se diante da casa flutuante.

— É bonita — disse Smith.

— É muito agradável — acrescentou Sonja —. Gostaria de vê-la por dentro?

— Certamente.

Conduziu-o à passarela, cruzando a coberta, e desceram a escada.

Smith observava ao seu redor, com olhos de assombro.

— É muito luxuosa.

— Gostaria de uma bebida?

— Muito.

Sonja não gostava da forma de Smith falar. Perguntou-lhe:

— Champanha ou algo mais forte?

— Um pouco de uísque seria muito bom.

— Por favor, sente-se.

Sonja serviu-lhe uma bebida e sentou-se a seu lado. Ele tocou-lhe no ombro, beijou-lhe a bochecha e grosseiramente agarrou-lhe os seios. Sonja estremeceu. Smith interpretou como um sinal de paixão e apertou mais.

Sonja puxou-o para si. Smith era muito desajeitado: afundava os cotovelos e os joelhos no corpo de Sonja. Pocurou desajeitadamente debaixo da saia do vestido...

Sonja disse:

— Oh, Sandy, és tão forte...

Olhou por cima do ombro de Smith e viu o rosto de Wolff. Estava na coberta, ajoelhado, observando pela escotilha, rindo silenciosamente.

William Vandam começava a perder a esperança de vir a encontrar Alex Wolff. Já haviam passado três semanas do assassinato de Asyut e não tinha se aproximado da sua presa. À medida que o tempo passava, ia-se perdendo o rastro. Quase desejava que roubassem outra pasta, para saber, ao menos, a que Wolff se propunha.

Dava-se conta de que estava obcecado com o espião. Despertava durante a noite por volta das três da madrugada, quando haviam passado os efeitos da bebida, e meditava preocupado até que chegava o dia. O que o perturbava era algo ligado à maneira de agir de Wolff: A forma indireta como havia entrado no Egito, a morte repentina do cabo Cox, a facilidade com que desapareceu na cidade. Vandam pensava várias vezes nessas coisas perguntando-se sempre por que achava o caso tão fascinante.

Não havia feito progressos reais, apenas reunido algumas informações com que alimentava a sua obsessão. Alimentando não como a comida alimenta a um homem, deixando-lhe satisfeito, mas como o combustível que aviva o fogo, fazendo-o arder mais.

O proprietário da Vila Les Oliviers era um homem chamado Achmed Rahmah. Os Rahmah eram uma família rica do Cairo. Achmed havia herdado a casa de seu padrasto, Gamal Rahmah, um advogado. Um dos tenentes de Vandam logrou desenterrar uma certidão de matrimônio entre Gamal Rahmah e uma tal Eva Wolff, viúva de Hans Wolff, estes últimos cidadãos alemães; e documentos de adoção que convertiam Alex, filho de Hans e de Eva, em filho legítimo de Gamal Rahmah...

O que significava que Achmed Rahmah era alemão, e explicava o motivo de ter documentos egípcios em nome de Alex Wolff.

Nos registros também constava um testamento, conforme o qual Achmed, ou Alex, herdara uma parte da fortuna de Gamal, além da casa.

As entrevistas com todos os Rahmah sobreviventes não deram nenhum resultado. Achmed havia desaparecido fazia dois anos e não se sabia nada dele desde então. A pessoa que realizou a entrevista regressou com a impressão de que o filho adotivo da família não era muito querido.

Vandam estava convencido de que o sumiço de Achmed se devia a sua ida à Alemanha.

Existia outro ramo da família de Rahmah, mas eram nômades e ninguém sabia onde encontrá-los. “Sem dúvida — pensava Vandam — de algum modo deviam ter ajudado Wolff em sua volta ao Egito.”

Alex Wolff não podia ter entrado no país pela Alexandria. As medidas de segurança eram muito rigorosas nesse porto: haveriam investigado e, cedo ou tarde, descoberto seus antecedentes alemães, e detido. Ao chegar pelo sul, esperava passar inadvertido e recuperar sua condição anterior de cidadão nascido e criado no Egito. Foi um golpe de sorte para os britânicos que Wolff tenha tido dificuldades em Asyut. E Vandam acreditava que esse seria o último golpe de sorte que teriam.

Sentado em seu escritório, fumava um cigarro atrás de outro, atormentado pela idéia de Wolff.

Aquele tipo não era um espião medíocre de mexericos e rumores. Não se conformava, como outros agentes, em enviar relatórios baseados no número de soldados que via nas ruas e na escassez de peças de motores. O roubo da pasta era prova de que buscava material de nível mais

alto, e que era capaz de idear meios engenhosos para logr -lo. Se ficasse em liberdade por tempo suficiente, cedo ou tarde, teria êxito.

Vandam percorria a habitação, do cabide até a escriv ninha, para dar uma olhada pela janela, depois ia para o outro lado do escritório e de volta ao cabide.

O espço também tinha seus problemas. Haveria que dar explicações a vizinhos curiosos, ocultar seu rádio em alguma parte, percorrer a cidade e achar informantes. Podia ficar sem dinheiro, seu rádio podia quebrar, corria o risco de ser traído por algum conf dente, ou de que alg m descobrisse acidentalmente o seu segredo. De um modo ou de outro, algum indício tinha que aparecer.

Quanto mais astuto fosse, mais tempo levaria.

Vandam estava convencido de que Abdullah, o ladrão, tinha algo a ver com Wolff. Quando Bogge se negou prendê-lo, Vandam ofereceu uma abundante soma em dinheiro para conseguir informação sobre o paradeiro do espço. Abdullah continuou fingindo não saber nada sobre nenhum Wolff, mas a luz da cobiça havia cintilado em seus olhos.

Talvez Abdullah ignorasse onde Wolff estava — o espço provavelmente era bastante cuidadoso para tomar essa precaução com um homem desleal —, mas talvez pudesse averiguá-lo. Vandam deixou bem claro de que a oferta continuava de p . Porém, Abdullah, uma vez obtida a informação, podia simplesmente ir ao encontro de Wolff, dizer-lhe qual era a oferta de Vandam e convidar-lhe a super -la.

Vandam ia e vinha pelo aposento.

Algo vinculado com sua maneira de agir. Entra fraudulentamente: esfaqueia, some, e... Algo mais se encaixava com isso. Algo que Vandam conhecia, que havia lido num comunicado ou escutado em alguma reunião informativa. Wolff poderia ser um homem que Vandam conhecera, fazia muito, mas já não podia recordar. A maneira de agir.

Soou o telefone. Levantou o fone.

— Major Vandam.

— Oh, ol , sou o major Calder, do Escritório da Tesouraria.

Vandam ficou tenso.

— O que o senhor deseja?

— O senhor nos mandou uma nota, faz umas duas semanas, para que ficássemos atentos   aparição de libras esterlinas falsas. Bem, as encontramos.

Aí estava, essa era uma pista.

— Na realidade, são muitas — disse a voz.

— Necessito v -las o quanto antes — respondeu Vandam.

— Estão a caminho. Mande -as por um mensageiro; não tardar  a chegar.

— Sabe quem pagou com elas?

— Na verdade foram várias pessoas, mas temos alguns nomes para o senhor.

— Estupendo. Telefonarei-lhe assim que veja as notas. Seu nome   Calder, não é?

— Sim. — Deu o número de seu telefone —. Então, até mais.

Vandam desligou. Libras esterlinas falsas. Encaixava, podia ser a saída. As libras esterlinas já

não eram oficiais no Egito, um país soberano. Contudo, as libras esterlinas sempre se podiam trocar por dinheiro egípcio no Escritório da Tesouraria Geral Britânica. Por conseguinte, as pessoas que negociavam com estrangeiros usualmente aceitavam os pagamentos em libras.

Vandam abriu a porta de seu escritório e gritou para o corredor:

— Jakes!

— Às suas ordens! — respondeu Jakes com igual energia.

— Traga-me o dossiê de notas falsas.

— Sim, senhor!

Vandam entrou no escritório contíguo e falou com seu secretário.

— Estou esperando um pacote da Tesouraria. Traga-me assim que chegar, certo?

— Sim, senhor.

Vandam regressou ao seu escritório. Jakes apareceu um momento depois com o dossiê. O capitão, o oficial de maior patente da equipe sob comando de Vandam, era um jovem ativo, confiável, que seguia as ordens ao pé da letra, em toda sua extensão e logo tomava a iniciativa. Era ainda mais alto do que Vandam, delgado e de cabelo preto, com uma expressão de certa forma triste. As relações entre ele e Vandam eram comodamente formais: Jakes era muito escrupuloso quanto aos saldações e títulos, mas discutiam seu trabalho como iguais.

E Jakes usava palavras com grande fluidez. Era bem relacionado e estava quase certo de que chegaria mais longe que Vandam no exército.

Vandam acendeu a lâmpada de sua escrivaninha e disse:

— Bem; mostre-me uma foto das falsificações feitas pelos nazistas.

Jakes apoiou o dossiê na escrivaninha e procurou rapidamente. Extraiu um maço de lustrosas fotos e as estendeu sobre a mesa. Cada cópia mostrava anverso e reverso de uma cédula de banco, algo maior que as reais.

Jakes as classificou.

— Notas de uma, de cinco, de dez e de vinte libras.

Havia flechas negras nas fotografias para indicar os erros pelos quais se podiam identificar as falsificações.

A fonte da informação era o dinheiro falso confiscado dos espões alemães detidos na Inglaterra. Jakes disse:

— É difícil acreditar que os alemães sejam tão tontos para dar dinheiro falso a seus espões.

Vandam replicou sem levantar a vista das fotografias.

— A espionagem é um negócio caro e a maior parte do dinheiro é desperdiçado. Para que comprar dinheiro inglês na Suíça se eles mesmos podem fabricá-lo? Os espões usam documentos falsos; do mesmo modo podem utilizar dinheiro falsificado. Além do mais exerce um leve efeito prejudicial sobre a economia britânica, caso entre em circulação. É inflacionário, assim como quando o Governo imprime moeda para pagar suas dívidas.

— Contudo teriam que haver-se dado conta de que estamos prendendo esses sacanas.

— Ah...! Mas quando os pegamos, cuidamos para que os alemães não saibam.

— De todas as formas, acho que os nossos espões não estejam usando marcos alemães

falsificados.

— Concordo. Nós damos ao Serviço Secreto mais seriedade do que eles, o senhor sabe. Oxalá pudesse dizer o mesmo da tática no combate com tanques.

O secretário de Vandam bateu na porta e entrou. Era um cabo de vinte anos de idade, com óculos.

— Um pacote da Tesouraria, senhor.

— Esplêndido! — exclamou Vandam.

— Pode assinar o recibo, senhor?

Vandam assinou e abriu o envelope. Continha várias notas de cem libras.

— A puta! — exclamou Jakes.

— Advertiram-me que eram muitas — explicou Vandam —. Cabo, consiga-me uma lupa, ligeiro.

— Sim, senhor.

Vandam pôs uma das notas chegaram junto a uma das fotografias e procurou o erro identificador.

Não necessitou da lupa.

— Olhe, Jakes.

Jakes olhou.

O dinheiro tinha o mesmo erro que o da fotografia.

— É idêntico, senhor — disse Jakes.

— Dinheiro nazista, feito na Alemanha — acrescentou Vandam —. Já temos a pista dele.

O tenente coronel Reggie Bogge sabia que o major Vandam era um tipo astuto, com o tipo de grosseira astúcia que às vezes se encontra na classe trabalhadora, porém o major não estava à altura de personagens como Bogge.

Essa noite Bogge jogava ao bilhar russo com o general de brigada Povey, diretor de Informação Militar, no Gezira Sporting Clube. O general era sagaz e Bogge não o agradava muito, mas Bogge achava que podia manejá-lo.

Jogavam a um xelim o ponto e o general fez a saída.

Enquanto jogavam, Bogge disse:

— Espero que não veja inconveniente em falar de assuntos de trabalho no clube, senhor.

— De jeito nenhum — respondeu o general.

— Simplesmente, não tenho possibilidade de deixar o meu escritório durante o dia.

— O que deseja dizer-me?

O general passou giz no taco.

Boggie meteu na caçapa uma bola vermelha e apontou para a rosada.

— Estou quase certo de que há um espião bastante perigoso trabalhando no Cairo.

Errou a rosada.

O general dobrou-se sobre a mesa.

— Continue.

Bogge observou a larga costas de Povey. Neste caso era necessário um pouco de delicadeza. Certamente, o chefe de um departamento era responsável pelo êxito de seu setor, porque só os departamentos bem dirigidos tinham êxito, como todo mundo sabia. Não obstante, convinha empregar certa sutileza para atribuir-se o mérito. Começou dizendo:

— Recorda que um cabo foi esfaqueado em Asyut faz poucas semanas?

— Vagamente.

— Tive um pressentimento a respeito e desde então a hei estado seguindo. A semana passada em um alvoroço surrupiaram a pasta de um ajudante do Estado Maior. Certamente, não era nada extraordinário, mas ateí cabos.

O general meteu a branca.

— Maldição — disse —. sua vez.

— Pedi à Tesouraria Geral que vigiasse a possível aparição de dinheiro inglês. E resulta que não encontrado algo. Mandeí os meus garotos para que o examinassem. Não descoberto que foi feito na Alemanha.

— É isso!

Bogge embocou uma vermelha, a azul e depois outra vermelha; depois errou de novo com a rosada.

— Acho que me deixou bastante bem — disse o general estudando a mesa com os olhos semicerrados —. Alguma possibilidade de seguir o rastro do sujeito por meio do dinheiro?

— Estamos trabalhando nisso.

— Pode passar-me essa cruzeta?

— Certamente.

O general apoiou a cruzeta sobre o forro e apontou.

Bogge disse:

— Foi sugerido que dessemos instruções à Tesouraria para que continue aceitando as falsificações, pois pode contribuir para novas pistas.

A sugestão era de Vandam e Bogge a havia rechaçado. Vandam havia discutido, algo que estava tornando-se faticosamente repetido, e Bogge havia tido que repreendê-lo. Mas era um imponderável e, se as coisas saíssem erradas, Bogge queria estar em condições de dizer que havia consultado os seus superiores.

O general se endireitou e fez uma reflexão.

— Isso depende bastante da quantidade de dinheiro de que se trate, não é?

— Até agora são várias centenas de libras.

— É muitíssimo.

— Penso que realmente não é necessário seguir aceitando as falsificações, general.

— Muito bem.

O general embocou a última das bolas vermelhas e começou a lançar as de outras cores.

Bogge anotou o ponto. O general estava ganhando, mas ele havia conseguido o que procurava.

— Quem tem trabalhado neste assunto do espião? — perguntou Povey.

— Bem, basicamente o estou levando eu mesmo...

— Sim mas a qual de seus homens está utilizando?

— A Vandam.

— Ah! Vandam. Não é mal tipo.

Bogge não se agradava com o rumo que a conversa estava tomando. O general não entendia verdadeiramente o cuidado que se devia ter com sujeitos como Vandam: “Dá-lhes um dedo e lhes tomarão todo o braço”. O exército promovia essa gente com demasiada ligeireza. O pesadelo de Bogge era encontrar-se recebendo ordens do filho de um carteiro com sotaque de Dorset. Disse:

— Por desgraça, Vandam tem certa fraqueza pelos árabes; porém, como o senhor diz, é muito bom em sua perseverança.

— Sim. — O general estava desfrutando de uma onda de boa sorte, embocando as cores uma depois da outra —. Foi à mesma escola que eu. Vinte anos depois, certamente.

Bogge sorriu.

— Porém, ele foi com uma bolsa de estudos, não é assim, senhor?

— Sim — disse o general —. Eu também.

Meteu a negra.

— Parece que ganhou, senhor — disse Bogge.

O gerente do Cha-Cha Clube disse que mais da metade de seus clientes pagavam suas contas em libras esterlinas. E de jeito nenhum podia identificar aqueles que pagavam com essa moeda; e mesmo que pudesse, só conhecia os nomes de uns poucos paroquianos assíduos.

O caixa do Shephard's Hotel disse algo similar.

O mesmo fizeram dois motoristas de táxis, a proprietário de um bar para soldados e madame Fahmy, a encarregada do bordel.

Vandam esperava que lhe contassem uma história semelhante no próximo lugar da lista, uma tenda de propriedade de um tal Mikis Aristopoulos.

Aristopoulos havia trocado uma grande quantidade de libras esterlinas, na maior parte falsas, e Vandam imaginava que a loja seria de considerável importância. Mas não era assim. Aristopoulos tinha um pequeno armazém de comestíveis. Cheirava a especiarias e a café, porém, não havia muito nas estantes. Aristopoulos era um grego de baixa estatura, de uns vinte e cinco anos, que sorria abertamente mostrando seus dentes brancos. Usava um avental de listras sobre as calças de algodão e a camisa branca.

— Bom dia, senhor. Em que posso servir-lhe? — disse.

— Não parece que tenha muito o que vender — respondeu Vandam.

Aristopoulos sorriu.

— Caso procure algo em especial, talvez o tenha no armazém. Já comprou aqui antes,

senhor?

De modo que esse era o sistema: manjares escassos, na alcova, só para clientes fixos. Isso significava que conhecia a clientela. Além disso, a quantidade de dinheiro falsificado que havia trocado provavelmente representava um pedido grande, que ele lembraria.

Vandam disse:

— Não vim comprar. Faz dois dias que o senhor levou cento e quarenta e sete libras inglesas à Tesouraria Geral Britânica e as trocou por moeda egípcia.

Aristopoulos franziu o cenho e parecia preocupado.

— Sim...

— Cento e vinte e sete libras dessa soma eram falsificadas, ilegais... não valem.

Aristopoulos sorriu e estendeu os braços, encolhendo-se de ombros em um gesto ostentoso.

— Lamento pela Tesouraria. Recebo o dinheiro dos ingleses e o devolvo aos ingleses... Que posso fazer?

— Pode ir ao cárcere por fazer circular notas falsas.

Aristopoulos deixou de sorrir.

— Por favor, isto não é justo. Como podia sabê-lo?

— Recebeu todo esse dinheiro de uma mesma pessoa?

— Não sei...

— Pense! — disse Vandam com brusquidão —. Alguém lhe pagou cento e vinte e sete libras?

— Ah..., sim! Sim! — Subitamente Aristopoulos ficou sério —. Um cliente muito respeitável. Cento vinte e sete libras e dez xelins.

— Seu nome?

Vandam conteve o fôlego.

— Senhor Wolff...

— Ahhh!

— Estou tão desgostoso... O senhor Wolff tem sido um bom cliente durante muitos anos e nunca houve problemas no pagamento.

— Escute — disse Vandam —. Foi o senhor que entregou os alimentos?

— Não.

— Maldita seja!

— Como é normal, oferecemos entregar em domicílio, mas desta vez o senhor Wolff...

— Normalmente entregam na casa do senhor Wolff?

— Sim, mas esta vez...

— Qual é o endereço?

— Deixe-me ver... Vila Les Oliviers, Garden City.

Vandam deu um soco no balcão, decepcionado. Aristopoulos pareceu um pouco assustado. O major disse:

— Contudo, o senhor não tem feito recentemente entregas ali.

— Não desde o regresso do senhor Wolff. Olhe, sinto muito que este dinheiro falso tenha passado por minhas mãos inocentes. Talvez possa fazer algo...

— Talvez — disse Vandam pensativo.

— Tomemos um café.

Vandam concordou. Aristopoulos o conduziu à alcova.

Lá as estantes estavam repletas de garrafas e latas, a maioria importadas. Vandam observou que havia caviar russo, presunto americano e geléia inglesa. Aristopoulos serviu um café forte e espesso em xícaras pequenas. Sorria outra vez. Disse:

— Estes probleminhas sempre se podem solucionar entre amigos.

Beberam o café.

Aristopoulos propôs:

— Talvez como amostra de nossa amizade, permita-me oferecer-lhe algo de minha loja. Tenho um pequeno resto de vinho francês...

— Não, não...

— Geralmente posso encontrar um pouco de uísque escocês quando no Cairo ninguém tem...

— Não me interessa esse tipo de arranjo — esclareceu Vandam, impaciente.

— Oh! — exclamou Aristopoulos.

Estava convencido de que Vandam desejava que o subornasse.

— Quero encontrar Wolff — continuou Vandam —. Necessito saber onde vive agora. Disse que era um cliente regular?

— Sim.

— Que tipo de artigos compra?

— Muita champanhe. Também um pouco de caviar. Bastante café. Licor importado. Nozes salgadas, salame com alho, damascos ao brandy...

— Hummm.

Vandam absorvia avidamente essa informação complementar. Que tipo de espião gastava seus fundos em iguarias importantes? Resposta: um que não fosse muito sério. Mas Wolff era sério. Era questão de estilo. Vandam disse:

— Estava perguntando-me quanto tempo levará para voltar.

— Voltará quando o champanhe acabar.

— Muito bem. Quando vier, quer averiguar onde vive?

— Mas, senhor, e se nega-se outra vez que façamos a entrega...?

— Estava pensando nisso. Vou dar-lhe um ajudante.

Aristopoulos não gostou da idéia.

— Quero cooperar, senhor, contudo meu negócio é um pouco privado...

— Não tem alternativa — disse Vandam —. Ou colabora ou vai preso.

— Mas ter um oficial inglês trabalhando aqui, em meu negócio...

— Oh, não será um oficial inglês. — “Chamaria tanta atenção como um nariz de lata”, pensou Vandam, e provavelmente também afugentaria Wolff. O major sorriu —. Acho que conheço a pessoa ideal para o posto.

À noite, depois de jantar, Vandam foi ao apartamento de Elene com um enorme ramo de flores e a sensação de estar sendo ridículo.

Ela vivia numartamento velho, amplo e agradável, perto da praça de L'Opéra. Um zelador loiro indicou para Vandam o terceiro andar. Subiu pela curva escada de mármore que ocupava o centro do edifício e bateu na porta do 3 A.

Elene não o esperava Vandam e, de repente, ocorreu-lhe que talvez ela estivesse atendendo a um amigo.

Esperou com impaciência no corredor, perguntando-se como seria Elene em sua própria casa. Era a primeira vez que Vandam a visitava. Talvez houvesse saído. Provavelmente tinha muitíssimo o que fazer pelas noites...

A porta se abriu.

Elene tinha posto um vestido amarelo de algodão, com saia ampla, que era simples mas bastante fino e quase translúcido. A cor realçava em contraste com a sua pele ligeiramente morena. A garota o olhou com atenção por um momento e depois, ao reconhecê-lo, deu um sorriso travesso.

— Olá!

— Boa noite — cumprimentou Vandam.

Elene se adiantou e lhe deu um beijo na bochecha.

— Entre.

Vandam entrou e ela fechou a porta.

— Não esperava o beijo — disse ele.

— Faz parte da comédia. Permita-me aliviar-lhe de seu disfarce.

Vandam lhe deu as flores. Teve a impressão de que ela estava pegando-lhe no pé.

— Entre ali dentro enquanto as ponho em água.

Vandam seguiu a direção indicada e entrou na sala de estar. Olhou ao redor. Era reconfortante até o extremo da sensualidade. Estava decorado em rosa e ouro e mobiliado com poltronas fofas e profundas e uma mesa de carvalho claro. Era uma sala em esquina, com janelas que davam para duas fachadas; entrava a luz do entardecer e tudo brilhava ligeiramente. O piso estava coberto por um grosso tapete marrom que parecia de pele de urso. Vandam se agachou e o tocou: era autêntico. Teve a repentina e vívida visão de Elene deitada sobre o tapete, nua e retorcendo-se de prazer. Pestanejou e olhou para o outro lado. Sobre o assento que estava do seu lado descansava o livro que supostamente Elene lia quando ele chegou. Retirou a novela e se sentou na poltrona. Conservava o calor de seu corpo. A obra se intitulava Stamboul Train. Parecia de espões e mistério. Sobre a parede oposta havia um quadro de aparência bem mais moderna que representava um baile de sociedade: as damas exibiam belos vestidos de festa e os homens estavam desnudos. Vandam sentou-se no sofá situado debaixo da pintura para não ter que olhá-la. Pensou que era singular.

— Quer beber algo?

- Pode ser um martini?
- Sim. Pode fumar se quiser.
- Obrigado.

“Sabia como ser hospitaleira”, pensou Vandam. Supôs que naturalmente tinha de saber, dada a maneira como ganhava a vida. Sacou seus cigarros.

- Temi que tivesse saído.
- Esta noite não.

Houve um tom estranho na voz de Elene quando disse isso, mas Vandam não soube interpretá-lo. Observou-a manipular a coqueteleira. Havia intentado conduzir a reunião de forma prática e rápida, mas não podia fazê-lo, porque era ela quem a dirigia. Sentiu-se como um amante clandestino.

- Gosta destas coisas?

Vandam apontou o livro.

- Ultimamente tenho lido novelas de mistério.
- Por quê?
- Quero saber como age um espião.

— Não acredito que você... — A viu sorrir e deu-se conta de que estava pegando em seu pé novamente —. Nunca sei quando fala sério.

— Raramente. — Elene lhe serviu a bebida e se sentou no outro extremo do sofá. Olhou Vandam sobre a borda do copo —. Pela espionagem — brindou.

Vandam bebeu seu martini. Era perfeito. Igual a ela. A suave luz solar fazia brilhar a pele de Elene. Seus braços e pernas eram finos e lisos. Vandam pensou que na cama seria igual que em qualquer outro lugar: serena, graciosa e disposta a qualquer coisa. Maldição. A última vez lhe havia impressionado muito, havia tomado uma bebedeira e terminado em um bordel detestável.

- Em que está pensando? — perguntou Elene.
- Espionagem.

Ela riu; parecia dar-se conta de que estava mentindo. — Deve adorá-la — disse.

“Como pode fazer-me isto?”, pensou Vandam. Sempre o desconcertava com suas brincadeiras, sua agudeza, seu rosto de inocência e suas pernas grossas e morenas. Replicou:

- Caçar espiões pode ser um trabalho muito satisfatório, mas não o adoro.
- O que ocorre com os espiões quando são apanhados?
- Normalmente são enforcados.
- Oh!

Por uma vez, Vandam havia conseguido fazer-lhe perder o prumo. Elene se estremeceu.

- Em geral, em tempos de guerra, os perdedores morrem — disse Vandam.
- Por isso não adora o seu trabalho, porque os enforcam?
- Não. Não o adoro porque nem sempre os pego.
- Está orgulhoso de ser tão impiedoso?

— Não acho que seja impiedoso. Tratamos de matar mais para que matem menos.

“Como cheguei a ter que me defender?”, perguntou-se Vandam.

Elene se levantou para servir-lhe outra taça. Ele a observou enquanto cruzava o aposento. “Movia-se com graça — pensou —. Como um gato..., não, como um gatinho.” Olhou-lhe as costas quando se agachou para pegar a coqueteleira e se perguntou o que usaria debaixo do vestido amarelo. Reparou em suas mãos quando servia a bebida: eram esbeltas e firmes. Ela não tomou outro martini.

Vandam sentia curiosidade a respeito do lugar de onde Elene vinha.

— Seus pais vivem?

— Não — disse ela bruscamente.

— Sinto muito.

Vandam sabia que estava mentindo.

— Por que me pergunta isso?

— Simples curiosidade. Peço que me perdoe.

Elene se inclinou para frente e roçou suavemente no braço de Vandam, acariciando-lhe a pele com a ponta dos dedos; um roçar tão ligeiro como o da brisa.

— Desculpa-se muito.

Elene desviou o olhar, como se duvidasse; e então, cedendo a um impulso, começou a contar-lhe a sua vida.

Elene era a maior de cinco filhas de uma família angustiosamente pobre. Seus pais eram carinhosos e cultos.

— Meu pai me ensinou inglês e minha mãe me ensinou a vestir-me — disse.

Mas o pai, um alfaiate, era ultra-ortodoxo e havia se separado do resto da comunidade judia de Alexandria depois de uma disputa doutrinária com o açougueiro do ritual religioso. Quando Elene tinha quinze anos, seu pai começou a perder a visão. Já não podia trabalhar de alfaiate... tampouco podia pedir nem aceitar socorro dos “desencaminhados” judeus de Alexandria. Elene teve que trabalhar de criada em uma casa de ingleses. Sempre enviava o salário para sua família. Dali em diante, sua história era a que se havia repetido — Vandam o sabia — uma e outra vez durante os últimos cem anos nas vivendas da classe dominante da Inglaterra: Elene se apaixonou pelo filho da família e este a seduziu. Teve sorte, porque descobriram antes que ficasse grávida. Enviaram o filho à universidade e despediram Elene. Restava a ela regressar a sua casa e dizer ao seu pai que a haviam despedido por haver fornicado... e com um cristão. Viveu do dinheiro que lhe pagaram ao despedi-la, e seguiu mandando para sua casa a mesma quantia toda semana, até que o dinheiro terminou. Depois, um comerciante lascivo que a havia conhecido na casa lhe pôs um apartamento e a iniciou no trabalho de sua vida. Logo seu pai descobriu e mandou que a família guardassem shiva por ela.

— O que significa shiva? — perguntou Vandam.

— Luto.

A partir de então não teve notícias deles, exceto uma mensagem de um amigo, para dizer-lhe que sua mãe havia morrido.

Vandam perguntou:

— Odeia seu pai?

Elene encolheu os ombros.

— Acho que me sai bastante bem. — Descruzou os braços para mostrar o apartamento.

— E é feliz?

Elene o olhou. Em duas ocasiões pareceu estar a ponto de falar, mas não disse nada. Finalmente desviou o olhar. Vandam teve a impressão de que ela lamentava haver tido o impulso de contar-lhe a sua história. Elene trocou de tema.

— O que o traz por aqui, major?

Vandam ordenou suas idéias. Interessara-se tanto por ela, observando suas mãos e seus olhos enquanto falava de seu passado, que por um momento havia esquecido o objetivo de sua visita.

— Ainda continuo buscando Alex Wolff — começou —. Não o achei, mas encontrei seu vendedor.

— Como o conseguiu?

Decidiu não dizer. Era melhor que ninguém, fora do Serviço secreto, soubesse que os espões alemães eram delatados pelo dinheiro falso que usavam.

— É uma longa história — disse Vandam —. O importante é que desejo pôr alguém nessa loja, caso Wolff regresse.

— Eu.

— Foi o que pensei.

— Então, quando ele entrar eu o golpeio na cabeça com uma bolsa de açúcar e vigio o corpo inconsciente até que você chegue.

Vandam deu uma gargalhada.

— Já acredito que o faria — disse —. Posso imaginá-la saltando sobre o balcão.

Percebeu a sua atitude informal e resolveu dominar-se antes de ser ridículo.

— Falando sério, o que tenho que fazer? — perguntou Elene.

— Tem que descobrir onde ele mora.

— Como?

— Não estou certo. — Vandam duvidou —. Pensei que talvez pudesse fazer amizade com ele. É uma mulher muito atraente... Imagino que seria fácil para você.

— Que quer dizer com “fazer amizade” ?

— Isso depende de você. Só até que consiga o endereço.

— Entendo.

Repentinamente, o estado de ânimo de Elene mudou; havia um que de amargura em sua voz. A mudança surpreendeu Vandam: era demasiado rápida para que ele pudesse segui-la. Não imaginava que uma mulher como Elene fosse se ofender com aquela sugestão. Ela perguntou:

— Por que, simplesmente, não faz com que um de seus soldados o siga até sua casa?

— Talvez tenha que fazê-lo, se você não puder ganhar a confiança de Wolff. O inconveniente é que ele pode dar-se conta de que o estão seguindo e escapar. Não regressaria à loja e perderíamos nossa vantagem. Mas se você puder convencê-lo, digamos de que a convide para

jantar em sua casa, teremos a informação de que necessitamos sem nos arriscarmos. Certamente, pode não dar certo. As duas alternativas são arriscadas. Mas prefiro o enfoque sutil.

— Entendo.

“Sem dúvida que o entende”, pensou Vandam. O assunto estava claro como água. Que demônios lhe passava? Era uma mulher estranha: tão logo o fascinava como lhe enfurecia. Pela primeira vez cruzou por sua mente que ela podia negar-se a fazer o que lhe pedia. Nervoso, perguntou:

— Você me ajudará?

Elene levantou-se e encheu de novo o copo de Vandam. Também se serviu de uma bebida. Estava muito tensa, mas estava claro que não queria dizer porque. Vandam sempre se chateava com as mulheres que tinham esse gênio. Seria um sério inconveniente caso se negasse a cooperar.

Finalmente, Elene disse:

— Suponho que não é pior do que hei estado fazendo toda minha vida.

— Foi isso o que pensei — disse Vandam aliviado.

Ela lhe cravou um olhar de desgosto.

— Começa amanhã — disse Vandam.

Entregou-lhe um pedaço de papel com o endereço da loja. Elene o pegou sem olhar.

— O negócio pertence a Mikis Aristopoulos — acrescentou o major.

— Quanto tempo acha que levará isto? — perguntou Elene.

— Não sei. — Vandam se levantou —. Entrarei em contato com você para assegurar-me de que tudo segue bem, e você contactará comigo tão logo ele apareça. Está claro?

— Sim.

Vandam recordou algo.

— A propósito, o dono da loja acha que buscamos a Wolff por falsificação. Não lhe fale de espionagem.

— Não o falarei.

A mudança de humor era permanente. Já não desfrutavam da mútua companhia.

— Deixo-a com sua novela de mistério — disse Vandam.. Elene levantou-se.

— Eu o acompanho.

Foram até a porta. Quando Vandam saiu, o inquilino do apartamento contíguo se aproximava pelo corredor. Inconscientemente, havia estado pensando nesse momento toda a noite e, então, fez o que decidiu não fazer. Pegou Elene pelo braço, inclinou a cabeça e beijou-a na boca.

Os lábios da garota se moveram ligeiramente respondendo ao beijo. Quando o vizinho abriu a porta, entrou em seu apartamento e voltou a fechar, Vandam soltou o braço de Elene.

— É um bom ator — disse ela.

— Sim — respondeu Vandam —. Adeus.

Virou-se e percorreu o corredor caminhando com passo rápido. Devia sentir-se satisfeito pelo que havia conseguido naquela noite, contudo, tinha a impressão de haver feito algo vergonhoso.

Ouvii que a porta do apartamento de Elene se fechava violentamente às suas costas.

Elene se reclinou na porta fechada e maldice a William Vandam.

Havia entrado em sua vida cheio de cortesia inglesa, pedindo-lhe que fizesse um novo trabalho e ajudasse a ganhar a guerra, depois lhe dizia que devia prostituir-se outra vez.

Realmente achara que Vandam a ia fazer trocar de vida. Acabaram-se os comerciantes ricos, as aventuras amorosas furtivas, a dança e servir mesas. Tinha um trabalho útil, algo no que acreditava, algo que importava..., mas resultava que era o jogo de sempre.

Durante sete anos havia vivido de seu rosto e de seu corpo e não queria fazê-lo mais.

Encaminhou-se à salinha para servir-se de uma bebida. Seu copo estava ali, sobre a mesa, meio vazio. Apoiou os lábios. O líquido estava quente e era amargo.

No início não gostou de Vandam: pareceu-lhe um homem rígido, solene, opaco. Depois mudou de idéia. Quando pensara pela primeira vez que podia haver um homem diferente debaixo desse exterior rígido? Recordou: quando Vandam riu. Esse riso a intrigava. Vira outra vez naquela noite, quando ela disse que golpearia Wolff na cabeça com uma bolsa de açúcar. Existia um rico veio de alegria muito, muito dentro dele, e quando lhe perfurava, o riso subia bolbulhando e dominava sua personalidade por um instante. Elene suspeitava que era um homem com enorme gana de viver, que dominava com firmeza, muito firmemente. Sentia desejo de meter-se debaixo sua pele e fazê-lo deixar aflorar a sua personalidade. Por isso havia pego no seu pé tentando fazê-lo rir de novo.

Também por isso o havia beijado.

Elene se havia sentido curiosamente feliz de tê-lo em sua casa, sentado no sofá, fumando e conversando. Inclusive pensou no agradável que seria levar esse homem forte, inocente, à cama e ensinar-lhe coisas nas quais jamais sonhara. Por que lhe gostava? Talvez porque a havia tratado como uma pessoa, não como a uma foto nua de revista. Nunca lhe daria palmadinhas no traseiro dizendo-lhe: “ Não atormentes sua linda cabecinha...”.

Mas ele pôra tudo a perder. Por que se incomodava tanto com esse assunto de Wolff? Um ato hipócrita a mais de sedução não a faria nenhum dano. Vandam havia dito mais ou menos isso. E ao dizê-lo dava a entender que a considerava uma puta. Isso era o que a enfurecia tanto. Queria seu respeito, e quando Vandam lhe pediu que “travasse amizade” com Wolff soube que nunca a teria; nunca. De qualquer maneira, era uma idiotice; a relação entre uma mulher como ela e um oficial inglês estava condenada a terminar como todas as relações de Elene: manipulação por um lado, dependência pelo outro e, finalmente, nenhum respeito. Vandam sempre veria nela uma prostituta. Por um momento achou que ele era diferente dos outros, mas se equivocara.

E então pensou: “Mas por que me preocupo tanto?”.

Vandam estava sentado no escuro de seu quarto, junto à janela, no meio da noite, fumando e olhando o Nilo iluminado pela lua, quando, de repente, teve uma vívida recordação de sua infância: tem onze anos, sexualmente inocente, fisicamente ainda um menino. Está na casa de tijolos cinzentos, construída em terreno elevado, onde sempre viveu. A casa tem um banheiro, com água esquentada no fogão de carvão. Diziam-lhe que por isso a sua família é muito afortunada e que não se deve alardear a respeito. Na verdade, quando for à nova escola, a escola elegante de Bournemouth, deve fingir que acha perfeitamente normal ter um banheiro com água corrente. O banheiro também tem uma latrina. Agora vai ali para urinar. Sua mãe está banhando

a sua irmã, que tem sete anos; mas elas não se importam que ele faça xixi; já fez outras vezes, pois a outra latrina está do outro lado do jardim e faz frio. O que esqueceu é que sua prima também se está banhando. Tem oito anos. Ele entra no banheiro. Sua irmã está sentada na banheira. Sua prima está de pé, a ponto de sair. Sua mãe tem uma toalha. Ele olha a prima.

Está nua. É a primeira vez que vê uma pequena desnuda, além de sua irmã. O corpo de sua prima é ligeiramente gorducho e sua pele está avermelhada pelo calor da água. É a coisa mais bonita que jamais tinha visto. Ficou parado no vão da porta olhando-a com interesse e admiração não dissimulados.

Não percebeu a bofetada. A mão grande de sua mãe pareceu sair do nada. Esbofeteia sonoramente sua bochecha. Bate bem, sua mãe, e este é um de seus melhores golpes. Dói como o demônio, mas o susto é ainda pior que a dor. O pior de tudo é que o cáldo sentimento que o havia envolto se quebra como o vidro de uma janela.

— Fora! — grita sua mãe, e ele sai, ferido e humilhado.

Vandam recordava, sentado sozinho, contemplando a noite egípcia, e pensava, como ele fez na época: “Bem, por que minha mãe faria aquilo?”.

Na incipiente manhã o ladrilhado da mesquita estava frio para os pés descalços de Alex Wolff. O punhado de devotos ficava perdido na vastidão do salão sustentado por pilares. Havia silêncio, uma sensação de paz e uma luz cinzenta e triste. Um raio de sol atravessou uma das fendas altas e estreitas que havia na parede e nesse momento o almuadem começou a gritar:

— Allahu akbar! Allahu akbar! Allahu akbar! Allahu akbar!

Wolff voltou o rosto para Meca.

Vestia uma longa cafetã e um turbante, e o calçado que levava na mão era um par de simples sandálias árabes. Nunca esteve muito certo do motivo pelo qual fazia isso. Era um Verdadeiro Crente só na teoria. Fizeram-lhe a circuncisão padrão da doutrina islâmica e realizara a peregrinação a Meca; contudo, bebia álcool e comia porco, nunca pagava ao zakat, jamais observava o jejum do Ramadán e não rezava todos os dias, e menos ainda cinco vezes diariamente. Mas de vez em quando sentia a necessidade de submergir, só por uns minutos, no mecânico e conhecido ritual da religião de seu padastro. Então, como fizera nessa madrugada, levantava-se quando ainda estava escuro, vestia-se com roupas tradicionais, percorria as ruas frias e silenciosas da cidade até a mesquita que seu pai ia, realizava as abluções cerimoniais na entrada e chegava para as primeiras orações do novo dia.

Tocou as orelhas com as mãos, depois, bateu as palmas diante dele, a esquerda dentro da direita. Fez uma reverência e se ajoelhou. Em momentos adequados tocava o solo com a testa enquanto recitava o el-fatha:

— Em nome de Deus misericordioso e compassivo. Louvado seja Deus, o Senhor dos mundos, o misericordioso e compassivo, o Príncipe do dia do Juízo Final; a Ti te servimos, e a Ti rogamos socorro; leva-nos pela boa senda, a senda daqueles com quem foi misericordioso, sobre os quais não cai sua ira e que não se desviam do caminho.

Olhou por cima do ombro direito, e depois do esquerdo, para cumprimentar os dois anjos que registravam suas boas e más ações.

Quando olhou sobre o ombro esquerdo viu Abdullah.

Sem interromper sua oração, o ladrão sorriu amplamente, mostrando seu dente de aço.

Wolff levantou-se e saiu. Parou na saída para calçar as sandálias e Abdullah se aproximou caminhando devagar. Cumprimentaram-se com um aperto de mãos.

— És um homem devoto, como eu — disse Abdullah —. Sabia que virias, cedo ou tarde, à mesquita de seu pai.

— Estava me procurando?

— Muita gente está te procurando.

Afastaram-se da mesquita caminhando. Abdullah disse:

— Como sei que és um Verdadeiro Crente, não poderia delatar-te aos britânicos mesmo por uma soma tão grande de dinheiro; de modo que disse ao major Vandam que não conhecia a Alex Wolff, ou Achmed Rahmah.

Wolff se deteve bruscamente. Então ainda o estavam procurando. Começara a sentir-se seguro... cedo demais. Pegou Abdullah por um braço e o conduziu a um café árabe. Sentaram-se numa mesa.

Wolff disse:

— Vandam conhece meu nome árabe?

— Sabe tudo a teu respeito..., exceto onde encontrar-te.

“Wolff se sentiu preocupado e, ao mesmo tempo, experimentou uma enorme curiosidade.

— Como é esse major? — perguntou.

Abdullah encolheu os ombros.

— Um inglês. Sem nenhuma delicadeza. Sem maneiras. Calças curtas caqui e cara cor de tomate.

— Tu podes descrevê-lo melhor.

Abdullah assentiu.

— Esse homem é paciente e decidido. Eu, no seu lugar, o temeria.

Subitamente, Wolff o temeu.

— O que ele tem feito? — perguntou.

— Tem averiguado tudo com respeito à sua família. Há falado com teus irmãos. Eles disseram que não sabiam nada de ti.

O dono do café lhes levou um prato de purê de favas e um pão comum para cada um. Wolff cortou um pedaço e o afundou no purê. As moscas começaram a reunir-se ao redor dos pratos. Eles as ignoraram.

Abdullah falou com a boca cheia.

— Vandam oferece cem libras por seu endereço. Ah! Como se fôssemos atraí-lo um dos nossos por dinheiro.

Wolff engoliu.

— Inclusive porque não sabes o meu endereço.

Abdullah encolheu os ombros.

— Não me custaria nada descobrir.

— Eu sei — disse Wolff — ; por isso é que vou dizer, como sinal de minha fé em sua amizade. Estou vivendo no Shepherd's Hotel.

Abdullah pareceu incômodo.

— Meu amigo, sei que isso não é verdade. É o primeiro lugar em que os britânicos procurariam.

— Não me hás compreendido. — Wolff sorriu —. Não sou um hóspede do hotel. Trabalho na cozinha, lavando caçarolas, e ao final do dia me deito no chão com outros doze, e durmo ali.

— Muito astuto! — Abdullah sorriu; estava comprazido com a idéia e encantado de ter a informação —. Escondes-te debaixo de seus próprios narizes!

— Sei que manterás este segredo — disse Wolff —. E como amostra de minha gratidão por sua amizade, espero que aceites que te dê cem libras.

— Não é necessário...

Abdullah suspirou e cedeu com discordância:

— Está bem.

— Enviarei o dinheiro para a sua casa.

Abdullah limpou seu prato vazio com o resto do pão.

— Devo deixar-te agora — disse —. Permita-me que te pague o café da manhã.

— Obrigado.

— Ah! Mas não trouxe dinheiro. Mil perdões...

— Não importa — disse Wolff —. Alallah, ao cuidado de Deus.

Abdullah replicou formalmente:

— Allah yisallimak que Deus te proteja.

Depois saiu.

Wolff pediu café e pensou em Abdullah. O ladrão atraíçoeira por muito menos que cem libras, sem dúvida. O que o havia detido agora era que não conhecia seu endereço. Estava tratando ativamente de descobri-lo. Por isso havia ido à mesquita. Agora tentaria comprovar a história de que Wolff vivia na cozinha do Shepherd's. Poderia ser difícil porque, certamente, não reconheceriam que o pessoal dormia no chão da cozinha — na realidade, Wolff não estava certo de que isso ocorresse — ; porém, mais cedo ou mais tarde, Abdullah descobriria a mentira. A história não era mais que uma tática dilatória; igual ao suborno. Contudo, quando por fim Abdullah averiguasse que Wolff estava vivendo na casa flutuante de Sonja, provavelmente fosse pedir-lhe mais dinheiro em lugar de procurar Vandam.

A situação estava salva... pelo momento.

Wolff largou umas moedas sobre a mesa e saiu.

A cidade havia adquirido vida. Nas ruas já se formavam engarrafamentos, as calçadas se viam abarrotadas de vendedores ambulantes e mendigos e o ar estava cheio de bons e maus odores. Wolff apressou o passo para o escritório central dos Correios, para telefonar. Chamou ao Quartel General e perguntou pelo major Smith.

— Temos dezessete Smith — respondeu a telefonista —. Sabe seu primeiro nome?

— Sandy.

— É o major Alexander Smith. Não está aqui neste momento, quer deixar um recado?

Wolff sabia que o major não estaria no Quartel General: era muito cedo.

— Sim, este: Ao meio-dia de hoje em Zamalek. Assinado S. Entendeu?

— Sim, mas se puder dar-me o seu nome comp...

Wolff desligou. Deixou o escritório dos Correios e dirigiu-se a Zamalek.

Desde que Sonja havia seduzido Smith, o major lhe enviara uma dúzia de rosas, uma caixa de bombons, uma carta de amor e duas mensagens pedindo outro encontro. Wolff proibira Sonja de responder. Provavelmente Smith estava perguntando-se se a veria outra vez. Wolff estava quase certo de que aquela era a primeira mulher bonita com quem Smith se deitara. Depois de alguns dias de incerteza estaria desesperado para vê-la de novo e se agarraria a qualquer possibilidade.

Pelo caminho comprou um jornal, mas vinha cheio das tolices de costume. Quando chegou à casa flutuante, Sonja ainda dormia. Jogou-lhe o jornal enrolado, para despertá-la. Ela gemeu e se virou.

Wolff deixou-a e passou para a sala do outro lado das cortinas. No extremo mais afastado, na proa do barco, havia uma cozinha diminuta. Tinha um armário bem grande para guardar vassouras e elementos de limpeza. Wolff abriu a porta. Podia entrar nele, se dobrasse os joelhos e abaixasse a cabeça. O trinco só podia ser manipulado por fora. Procurou nas gavetas da cozinha e encontrou uma faca de lâmina flexível. Achou que poderia mover o trinco pelo interior do armário metendo a faca entre a fresta da porta e aplicando-a contra a mola do ferrolho. Entrou no armário, fechou a porta e testou. Deu certo. Contudo, não podia ver através da fresta.

Pegou um prego e com um ferro bateu no prego até atravessar a delgada madeira, na altura dos olhos. Com um garfo alargou o buraco. Meteu-se outra vez no armário e fechou a porta. Olhou pelo buraco.

Viu Sonja passando pelas cortinas e entrando no salão. Ela olhou ao redor, surpresa por Wolff não estar ali. Encolheu os ombros, depois levantou a camisola e coçou a barriga. Wolff reprimiu um riso. Sonja foi à cozinha, pegou uma cafeteira e abriu a torneira.

Wolff deslizou a faca na fresta da porta e comprimiu o trinco. Abriu a porta, saiu e disse:

— Bom dia.

Sonja deu um grito.

Wolff deu uma gargalhada.

Sonja lhe jogou a cafeteira e ele se esquivou. Wolff comentou:

— É um bom esconderijo, não é?

— Desgraçado, você me assustou!

Wolff recolheu a cafeteira e aproximou-se dela.

— Faça o café — disse.

Guardou a faca no armário, fechou a porta e foi sentar-se.

— Para que quer um esconderijo? — perguntou Sonja.

— Para observar a ti e ao major Smith. É muito divertido, parece uma tartaruga apaixonada.

— Quando ele virá?

— Hoje ao meio-dia.

— Oh, não! Por que tão cedo?

— Escuta: se há algo valioso na pasta, não terá permissão para passear pela cidade com ela na mão. Deveria levá-la diretamente a seu escritório e guardá-la no cofre. Não devemos dar-lhe tempo de fazer isso. Tudo será inútil a menos que traga a pasta aqui. O que queremos é que ele venha depressa do Quartel General. Na realidade, se hoje ele chegar tarde e sem a pasta, vamos nos esconder e simular que hás saído..., assim saberá que da próxima vez tem que chegar rapidamente.

— Pensou em tudo, não foi?

Wolff riu.

— Mas é bom que se prepare. Quero que esteja irresistível.

— Eu sempre estou irresistível.

Sonja foi para o quarto.

Wolff gritou:

— Lave o cabelo.

Não houve resposta.

Wolff olhou seu relógio. Estava chegando a hora. Percorreu a casa flutuante escondendo indícios de sua presença, guardando sapatos, sua navalha, sua escova de dentes e seu fez. Sonja subiu à coberta, de roupão, para secar o cabelo ao sol. Wolff fez o café e levou-lhe uma xícara. Bebeu o seu, depois lavou a xícara e a pôs em seu lugar. Pegou uma garrafa de champanhe, a colocou num balde com gelo e a pôs junto à cama, com duas taças. Pensou em trocar os lençóis, mas decidiu fazê-lo depois da visita de Smith, não antes. Sonja desceu da coberta. Colocou perfume, dando-se palmadinhas, nas coxas e entre os peitos. Wolff deu uma última olhada. Tudo estava pronto. Sentou-se num sofá junto a um postigo, para vigiar o caminho do cais.

Poucos minutos depois do meio-dia o major Smith apareceu. Estava apressado, como se temesse chegar tarde. Usava a camisa do uniforme, suas calças curtas cor caqui, meias e sandálias, mas tirara a boina de oficial. O sol do meio-dia o fazia suar.

Estava com a pasta.

Wolff sorriu satisfeito.

— Ele está chegando. Está pronta?

— Não.

Sonja tratava de inquietá-lo. Estava pronta. Wolff se ocultou no armário, fechou a porta e apertou o olho contra o buraco.

Ouviu os passos de Smith sobre a passarela e depois sobre a coberta. O major chamou:

— Olá!

Sonja não respondeu.

Pelo buraco, Wolff viu Smith descendo a escada para o interior do barco.

— Tem alguém aqui?

Smith olhou pelas cortinas que separavam o dormitório. Sua voz tinha a ansiedade da decepção.

— Sonja?

As cortinas se abriram. Sonja estava ali, com os braços levantados para mantê-las separadas. Arrumara o cabelo em forma de uma complexa pirâmide, como o fazia em suas atuações. Usava calças bombachas, de gaze finíssima, mas a essa distância se lhe podia ver o corpo. Da cintura para cima estava nua, salvo um colar com pedras preciosas. Seus seios eram redondos, cheios.

O major Smith a contemplou fixamente. Estava aturdido.

— Oh, Meu Deus! Oh, Senhor! Oh, minha alma!

Wolff forçava-se a não rir.

Smith deixou cair a pasta e foi para ela. Enquanto a abraçava, Sonja deu um passo para trás e fechou as cortinas atrás das costas do major.

Wolff abriu a porta do armário e saiu.

A pasta estava no piso, em frente às cortinas. Wolff se ajoelhou recolhendo a túnica, e girou a pasta e tentou abri-la. Estava fechada a chave. Sussurrou:

— Lieber Gott.

Olhou ao redor. Necessitava um alfinete, uma agulha de costurar, algo com que forçar as fechaduras. Foi à cozinha movendo-se silenciosamente, e com muito cuidado abriu uma gaveta. Espeto para carne, muito grosso; escova de arame, muito fino; faca para verduras, muito larga... num pratinho junto da pia encontrou um grampo de cabelo de Sonja.

Voltou aonde estava a pasta e meteu uma ponta da forquilha no buraco de uma das fechaduras. O retorceu e o fez girar. Achou uma resistência parecida à de uma mola, e então apertou mais.

O grampo se rompeu.

Wolff sussurrou outra maldição.

Movido por um impulso, olhou para seu relógio de pulso; a última vez, Smith havia montado Sonja em cinco minutos. “Deve haver-lhe dito que o fizesse durar”, pensou.

Foi pegar a faca flexível que havia usado para abrir a porta do armário por dentro. A introduziu com suavidade num dos fechos da maleta. Quando apertou, a faca se dobrou.

Podia haver rompido as fechaduras em poucos segundos, mas não queria fazê-lo, pois Smith perceberia que a haviam aberto. Wolff não temia a Smith, mas queria que o militar continuasse ignorando a verdadeira razão da sedução, pois se houvesse algo valioso naquela pasta, ele queria abri-la regularmente.

Mas se não pudesse abri-la, Smith deixaria de servir-lhe.

O que ocorreria se arrobasse as fechaduras? Smith terminaria com Sonja, poria as calças, pegaria a sua pasta e se daria conta de que a haviam aberto. Acusaria Sonja. Explodiriam a casa flutuante, a menos que Wolff matasse Smith. Quais seriam as consequências de liquidar Smith? Outro militar britânico assassinado, desta vez no Cairo. Haveria uma terrível caça ao assassino. Poderiam vincular o assassinato a Wolff? Smith falara a alguém de Sonja? Quem os vira juntos no Cha-Cha Clube? Os interrogatórios conduziram os britânicos até a casa flutuante?

Seria perigoso..., mas o pior era que Wolff ficaria sem uma fonte de informação.

Enquanto isso, sua gente estava travando uma guerra ali, no deserto, e necessitava de informação.

Wolff permanecia de pé no meio do quarto em silêncio queimando os miolos. Havia pensado em algo que lhe dava a resposta e lhe escapara da mente. Do outro lado da cortina, Smith murmurava e gemia. Wolff perguntou-se se tirara as calças...

Tirado as calças, era isso.

Traria a chave da pasta no bolso?

Wolff espiou entre as cortinas. Smith e Sonja estavam sobre a cama. Ela jazia de costas, com os olhos fechados. Ele estava do seu lado, recostado num cotovelo, acariciando-a. Sonja arqueava a costas, como se desfrutasse. Enquanto Wolff observava, Smith se virou e cobriu pela metade o corpo de Sonja com o seu, apoiando-lhe o rosto nos peitos.

Smith ainda estava com as calças.

Wolff passou a cabeça entre as cortinas e fez sinais com a mão, tratando de atrair a atenção de Sonja. Pensava: “Olha-me, mulher!”. Smith movia a cabeça de um seio ao outro. Sonja abriu os olhos, lançou uma olhada sobre a cabeça de Smith; acariciou-lhe o cabelo engomado e captou o olhar de Wolff.

Moveu os lábios, como dizendo: “Tira-lhe as calças”.

Sonja enrugou a testa, sem entender.

Wolff atravessou as cortinas e fez um gesto de tirar as calças.

O rosto de Sonja se iluminou de entendimento.

Wolff retrocedeu e fechou as cortinas silenciosamente, deixando só uma pequena abertura para olhar.

Viu que as mãos de Sonja iam para as calças de Smith e começava a lutar com os botões da braguilha. Smith gemeu. Sonja revirou os olhos, desdenhosa da crédula paixão do major. Wolff pensou: “Espero que tenha o bom senso de atirá-las aqui”.

Depois de um minuto, Smith se impacientou com as manipulações de Sonja, girou sobre si mesmo, sentou-se e tirou as calças. As jogou aos pés da cama e voltou para Sonja.

Os pés da cama estavam mais ou menos a um metro e meio da cortina.

Wolff se deitou no chão com a barriga para baixo. Separou as cortinas com a mão e avançou alguns centímetros, ao estilo indígena.

Ouviu Smith exclamar:

— Oh, Deus! És tão bonita!

Wolff alcançou as calças. Com uma mão a virou cuidadosamente, até que viu um bolso. Meteu a mão e examinou em busca de uma chave.

O bolso estava vazio.

Oviu movimentos na cama. Smith grunhiu. Sonja disse:

— Não; fique quieto.

Wolff pensou: “Isso mesmo, Sonja”. Voltou a verificar as calças, examinado o outro bolso. Também estava vazio.

Podia haver mais bolsos. Examinou a roupa buscando protuberâncias que pudessem corresponder a algo metálico. Não havia nenhuma. Levantou as calças...

Debaixo havia um maço de chaves.

Wolff suspirou em silêncio, aliviado.

As chaves deviam de ter caído do bolso quando Smith jogou as calças no piso.

Wolff recolheu as chaves e as calças e empreendeu o caminho de volta através das cortinas.

Então ouviu passos sobre a coberta.

Smith exclamou com voz aguda:

— Meu Deus, que é isso!

— Shhh! — disse Sonja —. O carteiro. Diga-me se gosta disso...

— Oh, sim!

Wolff cruzou as cortinas e olhou para cima. O carteiro estava deixando uma carta no degrau superior da escada, junto à escotilha. Para horror de Wolff, o carteiro, ao vê-lo, cumprimentou em voz alta:

— Sabah el-Kheir! Bom dia!

Wolff levou um dedo aos lábios em sinal de silêncio, apoiou a bochecha em uma mão, como se dormisse, e depois indicou o dormitório.

— Perdoe-me! — sussurrou o carteiro.

Wolff lhe fez sinais de que se fosse.

Do dormitório não chegava som algum.

Será que o cumprimento do carteiro havia feito que Smith suspeitasse? Provavelmente não, decidiu Wolff; um carteiro bem podia dizer Bom dia ainda que não visse ninguém, pois o fato da escotilha estar aberta indicava que havia alguém no barco.

No outro quarto recomeçaram os sons e Wolff respirou mais tranquilo.

Revisou as chaves até encontrar a menor, então a testou nas fechaduras da maleta.

Functionou.

Abriu a outra fechadura e levantou a tampa. Dentro havia um feixe de papéis em uma pasta de papelão. Wolff pensou: “Mais menus, não; por favor”. Abriu a pasta e olhou a primeira folha.

Leu:

OPERAÇÃO ABERDEEN

1. Forças aliadas lançarão um contra-ataque importante na madrugada de 5 de junho.

2. O ataque será em duas frentes...

Wolff levantou a vista.

— Meu Deus! — sussurrou —. É o que procurava!

Escutou. Os que os ruídos do dormitório eram mais fortes. Ouvia rangidos, as molas da cama, e até achou que o barco começava a balançar-se. Não havia muito tempo.

O relatório que Smith levava era detalhado. Wolff não sabia com certeza como funcionava a cadeia de comando britânica, mas presumivelmente os planos de batalha detalhados eram elaborados pelo general Ritchie, nas bases do deserto, que depois eram enviados ao Quartel General do Cairo para a aprovação de Auchinleck. Os planos de batalha mais importantes deveriam ser discutidos nas conferências matutinas, às que Smith participava por algum motivo. Wolff se perguntou de novo o que seriam os escritórios do edifício não identificado de Shari

Suleiman Pasha, ao que Smith voltava todas as tardes; mas deixou a idéia de lado. Necessitava tomar notas.

Procurou papel e lápis, pensando: “Devia ter feito isto antes”. Achou um bloco e um lápis vermelho numa gaveta. Sentou-se juntou à pasta e continuou lendo.

As principais forças aliadas estavam sitiadas em uma zona que denominavam A Caldeira. O contra-ataque de 5 de junho tinha o propósito de romper o sítio e tentar uma saída. Começaria às 2:50h com o bombardeio, por quatro regimentos de artilharia, de Aslagh Ridge, no flanco este de Rommel. A artilharia tinha que debilitar as forças inimigas e preparar o ataque em ponta de lança da Infantaria da 10ª Brigada da Índia. Quando os indianos conseguissem uma brecha na linha, em Aslagh Ridge, os tanques da 22ª Brigada Blindada se introduziriam rapidamente nela e capturariam Sidi Muftah, enquanto a 9ª Brigada da Índia continuaria a avançar e consolidaria a posição.

Enquanto isso, a 32ª Brigada de Tanques do Exército, com apoio da infantaria, atacaria o flanco de Rommel em Sidra Ridge.

Quando chegou ao final do relatório, Wolff se apercebeu de que havia estado tão concentrado, que havia ouvido, sem adverti-lo, como o major Smith alcançava o climax. A cama rangeu e um par de pés golpearam o chão. Wolff ficou tenso.

Sonja disse:

— Querido, sirva um pouco de champanhe.

— Espere um minuto...

— Eu quero agora.

— Sinto-me ridículo sem as calças, meu amor.

“Cristo, quer suas calças!”, pensou Wolff.

— Agrada-me vê-lo nú. Beba uma taça comigo antes de pôr-te a roupa — instou Sonja.

— Seu desejo é uma ordem.

Wolff se tranquilizou. “Sonja poderá protestar por isto, mas faz o que quero!”, pensou.

Percorreu rapidamente o resto dos papéis; Smith, não devia surpreendê-lo: era um achado maravilhoso e seria uma tragédia matar à galinha da primeira vez que punha um ovo de ouro. Viu que no ataque empregariam quatrocentos tanques, trezentos e trinta deles na ponta oriental e só setenta na setentrional; que os generais Messervy e Brigs deviam estabelecer um Quartel General combinado e que Auchinleck exigia — com certa obstinação de aparecer — que se realizasse um profundo reconhecimento e se entabulasse uma estreita cooperação entre a Infantaria e os tanques.

Enquanto escrevia, uma rolha saltou ruidosamente. Se passou a língua pelos lábios pensando: “Poderia brindar com esse champanhe”. Perguntou-se quanto tempo Smith levaria para tomar uma taça de champanhe. Decidiu não correr riscos.

Pôs os papéis outra vez na pasta e esta na maleta. Fechou a tampa e as fechaduras. Colocou o maço de chaves num bolso da bermuda. Ficou de pé e espiou através das cortinas.

Smith estava sentado na cama, com sua roupa íntima do exército, uma taça em uma mão e um cigarro na outra, contente consigo mesmo. Os cigarros deviam ficar no bolso da camisa; Wolff ficaria numa situação difícil se estivessem na bermuda.

Wolff estava dentro do campo visual de Smith. Afastou o rosto da pequena fresta entre as cortinas e esperou. Escutou que Sonja dizia: “Siva-me um pouco mais, por favor”. Wolff olhou outra vez, Smith pegou a taça de Sonja e se voltou para alcançar a garafa. Ficou de costas para Wolff, que empurrou a bermuda entre as cortinas e a deixou no chão. Sonja o viu e alçou as sobrancelhas em sinal de alarme. No instante em que Wolff retirou o braço, Smith virou para entregar a Sonja a taça.

Wolff ocultou-se no armário, fechou a porta e deixou-se cair no fundo. Perguntou-se quanto teria que esperar até que Smith saísse. Não importava: estava jubiloso. Havia encontrado ouro.

Passou meia hora antes de que ver pelo buraco que Smith vestido entrando no salão. Wolff já se sentia dormente. Sonja seguia Smith.

— Tens que ir-te tão rápido? — perguntava.

— Temo que sim — respondeu o militar —. É uma hora muito difícil para mim, sabes? — Vacilou —. Para ser franco, a verdade é que não deveria levar comigo esta pasta. Custou-me muitíssimo vir ao meio-dia. Sabes?, devo ir do Quartel General diretamente ao meu escritório. Bem, hoje não o fiz. Tinha muito medo de não encontrar-te se chegasse tarde. Disse no escritório que almoçaria no Quartel General; e aos garotos do Quartel General lhes disse que ia almoçar no escritório. Mas da próxima vez irei ao escritório, deixarei a maleta e virei... se não tens inconveniente, meu tesouro.

“Pelo amor de Deus, Sonja, diga algo”, pensou Wolff.

— Oh!, mas, Sandy, a empregada vem pelas tardes para limpar..., não estaríamos sozinhos — mentiu ela.

Smith franziu o cenho.

— Maldição. Bem, teremos que ver-nos pela noite.

— Mas tenho de trabalhar, e depois da atuação tenho que ficar no clube dar atenção aos clientes. Não posso sentar-me na sua mesa todas as noites: as pessoas fariam.

No armário fazia muito calor e não tinha ventilação. Wolff estava empapado de suor.

— Não podes dizer à empregada que não venha? — sugeriu o major.

— Mas, querido, não posso fazê-lo eu mesma..., não saberia.

Wolff a viu sorrir e depois tomar uma mão de Smith e colocá-la entre suas pernas.

— Oh, Sandy, diga-me que virás ao meio-dia.

Era muito mais do que Smith podia resistir.

— Certamente que virei, meu amor — disse.

Beijaram-se e, por fim, Smith partiu. Wolff ouviu os passos que cruzavam a coberta e desciam pela passarela, e depois saiu do armário.

Sonja o observava com maliciosa alegria enquanto ele estirava as pernas entorpecidas.

— Dói? — perguntou com um gesto de solidariedade brincalhona.

— Valeu a pena — replicou Wolff —. Estiveste maravilhosa.

— Conseguis-te o que querias?

— Mais do que podia haver sonhado.

Wolff cortou uns pedaços de pão e salame, para o almoço, enquanto Sonja tomava um

banho. Depois da comida procurou o romance inglês e a chave do código, e redigiu sua mensagem para Rommel.

Sonja foi às corridas com um monte de amigos egípcios. Wolff lhe presenteou com cinquenta libras para apostar.

Ao entardecer Sonja foi ao Cha-Cha Clube e Wolff ficou em casa, bebendo uísque e lendo poesia árabe. Ao aproximar-se da meia-noite, preparou o rádio.

Exatamente às 24:00 horas enviou o sinal de chamada, Sphinx. Poucos segundos depois respondeu a Companhia Horch, que era o posto de escuta de Rommel no deserto. Wolff telegrafou uma série de letras V para que o sintonizassem e depois lhes perguntou pela intensidade do sinal. Em meio da frase cometeu um erro, e enviou uma séries de letras e — de erro — antes de começar de novo. Responderam-lhe que o sinal tinha a máxima potência e lhe indicaram que procedesse com a mensagem. Com as letras KA assinalou o começo do texto; depois, em código, começou: “Operação Aberdeen...”.

Ao final acrescentou AR para Mensagem Terminada e K para Final da Transmissão. Responderam-lhe com uma série de letras R, que significavam: “Mensagem recebida e compreendida”.

Wolff guardou o rádio, o livro e a chave. Depois se serviu de outra bebida.

Afinal de contas, considerando tudo, pensava, havia atuado incrivelmente bem.

A mensagem do espião era só uma das vinte ou trinta que havia sobre a escrivanhinha de Von Mellenthin, o oficial dos serviços secretos de Rommel. Eram sete da manhã do dia 4 de junho. Havia vários informes mais procedentes de unidades de escuta: captara-se à Infantaria falando em unidades de tanques au clair; quartéis gerais de campanha haviam emitido instruções, em códigos compactos que foram descifrados durante a noite, e havia outro tráfego de rádio do inimigo que, ainda que indescifrável, proporcionava, apesar disso, alguns indícios sobre suas intenções, simplesmente por sua localização e frequência. Além dos relatórios de radiouinte, havia outros do Serviço de Informação no campo de batalha, dos que obtinha dados das armas capturadas, dos uniformes, das baixas inimigas, do interrogatório de prisioneiros e, simplesmente, da observação direta do inimigo com que lutavam. Havia um reconhecimento aéreo, um informe de situação de um perito no ordenamento de batalhas — quase inútil — e um resumo da última avaliação de Berlim com respeito às intenções e o poderio aliado.

Como todos os oficiais do Serviço Secreto de campanha, Von Mellenthin desprezava os relatórios dos espiões. Baseados em mexericos diplomáticos, histórias de periódicos e puras suposições, eram errôneos na mesma medida que corretos, o que os convertia em algo inútil para efeitos práticos.

Mas Von Mellenthin teve de reconhecer que este parecia diferente.

O agente secreto comum costumava informar: “Foi comunicado à 9ª Brigada da Índia que ela participará de uma batalha importante num futuro próximo”, ou: “Os aliados planejam uma evasão da Caldeira a princípios de junho”, ou “Rumores de que substituirão a Auchinleck como comandante em chefe”. Mas neste relatório não havia nada indefinido.

O espião, cujo sinal de chamada era Sphinx, começava sua mensagem: “Operação Aberdeen”. Dava a data do ataque, as brigadas compreendidas e suas missões específicas; os objetivos da ofensiva e as idéias táticas dos planejadores.

Von Mellenthin não estava convencido, porém, havia se interessado.

Enquanto o termômetro superava a cota dos 38 graus em sua tenda, começou sua ronda rotineira de conversações matutinas. Pessoalmente, pelo telefone de campanha e por rádio, falou com os serviços de informação das divisões, com o oficial de enlace da Luftwaffe para o reconhecimento aéreo, com o homem que servia de ligação com a Companhia Horch e com alguns dos melhores oficiais a seu serviço. A todos eles mencionou a 9ª e a 10ª Brigadas Indianas, a 22ª Brigada Blindada e a 32ª Brigada de Tanques do Exército. Mandou que ficassem atentos. Também lhes pediu que observassem possíveis preparativos de batalha na zona desde onde, conforme o espião, podia ser lançado o contra-ataque. Deviam vigiar também aos observadores inimigos; se era certo o que comunicava o espião, haveria um aumento dos reconhecimentos aéreos aliados sobre as posições que planejavam atacar, ou seja, Aslagh Ridge, Sidra Ridge e Sidi Muftah. Podia haver um aumento dos bombardeios nessas posições, para debilitá-las, ainda que isto revelasse as intenções, que a maioria dos comandantes resistiam à tentação de fazê-lo. Podia haver uma diminuição dos bombardeios, para desorientá-los, e isto também podia ser um sinal.

Estas conversações também permitiam aos oficiais do Serviço Secreto pôr em dia suas informações da noite anterior. Quando terminaram, Von Mellenthin escreveu seu próprio relatório para Rommel e o levou ao veículo de comando. Discutiu-o com o chefe do Estado Maior, que depois o apresentou ao marechal.

A reunião da manhã foi breve, pois Rommel havia tomado suas decisões importantes e dado suas ordens para o dia durante a tarde anterior. Ademais, pela manhã não tinha humor para refletir: queria ação. Ia apressadamente de uma posição a outra na linha de frente, no carro de comando ou em seu avião Storch, dando novas ordens, brincando com os homens e dirigindo escaramuças. Contudo, apesar de expor-se ao fogo inimigo, desde 1914, nunca fora ferido. Von Mellenthin foi com ele desta vez aproveitando a oportunidade para formar sua própria idéia sobre a situação na frente e avaliar pessoalmente os oficiais do Serviço Secreto que lhe proporcionavam a matéria prima. Alguns eram demasiado cautelosos e omitiam toda a informação não confirmada, e outros exageravam para conseguir mais suprimentos e reforços para suas unidades.

Ao cair da tarde, quando finalmente o termômetro começou a descer, houve mais informes e reuniões. Von Mellenthin depurou a massa de dados relativos ao contra-ataque prognosticado por Sphinx.

A Blindada Ariete — a divisão italiana que ocupava Aslagh Ridge — informava que havia um aumento na atividade aérea inimiga. Von Mellenthin lhes perguntou se se tratava de bombardeios ou de reconhecimento, e disseram que havia sido reconhecimento. Na verdade, o bombardeio havia cessado.

A Luftwaffe informava que havia atividade em terra de ninguém, que podia — ou não — ser um grupo avançado que estivesse assinalando um ponto de reunião.

Interceptara-se uma mensagem de rádio mutilada, em código de grau inferior, conforme a qual uma Brigada da Índia solicitava urgente confirmação das ordens da manhã, com especial referência ao momento do bombardeio da Artilharia. Von Mellenthin sabia que, de acordo com a tática britânica, o bombardeio de Artilharia geralmente precedia a um ataque.

As provas aumentavam.

Von Mellenthin consultou seu arquivo e descobriu que a 32ª Brigada de Tanques do Exército havia sido avistada recentemente em Rigel Ridge, uma posição lógica de onde se podia atacar

Sidra Ridge.

A tarefa de um oficial de Informação era impossível: prognosticar os movimentos do inimigo baseado em dados insuficientes. Observou os sinais, empregou sua intuição e apostou.

Von Mellenthin decidiu apostar a favor de Sphinx.

Às 18:30 h levou seu relatório ao veículo de comando. Rommel estava ali com o chefe de seu Estado Maior, coronel Bayerlein, e com Kesselring. Estavam em pé, ao redor de uma grande mesa de campanha, observando o mapa das operações. A seu lado havia um tenente para tomar notas.

Rommel havia tirado o quepe e sua cabeça quase calva parecia demasiado grande para seu pequeno corpo. Parecia cansado e estava magro. Sofria de reiteradas moléstias gástricas — Von Mellenthin o sabia — e com frequência tinha que passar dias inteiros sem comer. Seu rosto, normalmente gordo, havia perdido carne, e as orelhas pareciam sobressair mais que o normal. Mas os olhos, escuros e rasgados, brilhavam de entusiasmo e esperança de vitória.

Von Mellenthin entrecocou com energia os calcanhares e entregou formalmente o relatório. Depois, sobre o mapa explicou as suas conclusões. Quando terminou, Kesselring disse:

— E tudo se baseia no relatório de um espião, o senhor diz?

— Não, senhor marechal de campo — contestou Von Mellenthin com firmeza —. Há indícios que o confirmam.

— Podem-se encontrar indícios que confirmem qualquer coisa — assinalou Kesselring.

Pelo canto do olho Von Mellenthin pôde ver que Rommel estava irritando-se.

Kesselring disse:

— A verdade é que não podemos planejar batalhas baseados em relatórios de um obscuro e insignificante agente secreto do Cairo.

— Inclino-me a acreditar nesse relatório — contestou Rommel.

Von Mellenthin observava aos dois homens. Estavam curiosamente equilibrados do ponto de vista do poder. Era raro no exército, onde as hierarquias estavam muito bem definidas. Kesselring era C em C Sul e tinha maior classe que Rommel, porém, por um capricho de Hitler, este não recebia ordens daquele. Ambos tinham protetores em Berlim. Kesselring, o homem da Luftwaffe, era o favorito de Göring, e Rommel produzia tanta boa publicidade que podia confiar que Góbbels o apoiasse. Os italianos apreciavam a Kesselring. Rommel os insultava. Ultimamente, Kesselring era mais poderoso pois, como marechal de campo, tinha acesso direto a Hitler, enquanto que Rommel podia conseguir esse acesso por mediação de Jodl. Mas Kesselring não se podia permitir o luxo de jogar aquela carta com demasiada frequência. Assim é que os dois discutiam, e, ainda que Rommel tinha a última palavra no deserto, na Europa — Von Mellenthin o sabia — Kesselring manobrava para livrar-se dele.

Rommel se voltou para o mapa.

— Preparemo-nos, então, para um ataque em duas frentes. Consideremos primeiro o extremo mais débil, o setentrional. Em Sidra Ridge está a 21ª Divisão Panzer, com canhões antitanque. Aqui, na rota do avanço britânico, há um campo minado. Os panzers atrairão os britânicos para o campo minado e os destruirão com fogo antitanque. Se o espião tem razão e os britânicos usarem no assalto só setenta tanques, os panzers da 21ª devem desembaraçar-se deles rapidamente e ficar livres para outras ações mais tarde, durante o dia.

Assinalou o mapa com sua grosso dedo indicador:

— Agora consideremos a segunda ponta, o assalto principal, sobre nosso flanco oriental. Ali está o exército italiano. O assalto será conduzido por uma brigada indiana. Conhecemos esses indianos e também aos nossos italianos, assim que, provavelmente, o ataque terá êxito. Por isso, ordeno uma resposta vigorosa.

“Um: Os italianos contra-atacarão do oeste. Dois: Os panzers, havendo rechaçado a outra ponta do ataque em Sidra Ridge, darão a volta e atacarão os indianos pelo norte. Três: Esta noite nossos engenheiros limparão uma faixa no campo minado de Bir el-Harmat para que a 15ª Divisão Panzer possa virar para o sul seguindo essa faixa e atacar as forças britânicas pela retaguarda.

Von Mellenthin, escutando e observando, assentia apreciativamente. Era um típico plano de Rommel que compreendia um rápido deslocamento de forças para conseguir o máximo efeito, um movimento envolvente e a imprevista aparição de uma poderosa divisão onde menos era esperada, detrás do inimigo. Se tudo desse certo, as brigadas aliadas ficariam rodeadas, isoladas e eliminadas.

Se tudo desse certo.

Se o espião tivesse razão.

Kesselring disse a Rommel:

— Acho que pode estar cometendo um grave erro.

— Tem direito de crê-lo — disse Rommel tranquilamente.

Von Mellenthin não estava tranqüilo. Se a coisa não saísse bem, Berlim logo se informaria da injustificada confiança de Rommel num mal Serviço Secreto e ele o repreenderia por haver fornecido esse serviço. Rommel era implacável com os subordinados que lhe falhavam.

O marechal olhou para o tenente que tomava notas.

— Essas são minhas ordens para amanhã.

Lançou um olhar desafiador para Kesselring.

Von Mellenthin afundou as mãos nos bolsos e cruzou os dedos.

Von Mellenthin recordava esse momento quando, dezesseis dias depois, ele e Rommel contemplavam a saída do sol sobre Tobruk.

Estavam juntos, de pé, na escarpa noroeste de El Adem, esperando o começo da batalha. Rommel tinha posto os óculos protetores que, arrebatados ao apressado general O'Connor, se haviam convertido numa espécie de marca de identificação. Estava em sua melhor forma: brilhavam-lhe os olhos e se sentia animado e confiante. Quase se podia ouvir funcionar seu cérebro enquanto escrutava o terreno e calculava como podia desenvolver-se a batalha.

— O espião tinha razão — disse Von Mellenthin.

Rommel sorriu.

— Isso era exatamente o que estava pensando.

O contra-ataque aliado do 5 de junho havia chegado como estava prognosticado e a defesa de Rommel havia funcionado tão bem que convertera-se num contra-contra-ataque. Três das quatro brigadas aliadas participantes haviam sido varridas e se haviam capturado quatro regimentos de artilharia. Rommel aproveitou despidosamente sua vantagem. No dia 14 de junho rompeu a

Linha de Gazala e naquele dia, 20 de junho, ia sitiá-la a vital guarnição costeira de Tobruk.

Von Mellenthin se estremeceu. Era assombroso o frio do deserto às cinco da manhã.

Observou o céu. Às cinco e vinte começou o ataque.

Ouviram-se um som distante, como um trovão, que cresceu até converter-se num rugido ensurdecedor quando se aproximaram os Stukas. A primeira formação voou por cima deles, picou as posições britânicas e lançou suas bombas. Levantou-se uma enorme nuvem de poeira e fumaça, e nesse momento toda a artilharia de Rommel abriu fogo com um estalido simultâneo e tremendo. Passou outra onda de Stukas e depois mais outra: havia centenas de bombardeios.

Von Mellenthin disse:

— Fantástico. Kesselring o há conseguido.

Havia escolhido mal as palavras. Rommel saltou:

— Não há mérito para Kesselring: nós é que estamos dirigindo os aviões.

Mesmo assim, pensou Von Mellenthin, a Luftwaffe o estava fazendo bem; mas não disse.

Tobruk era uma fortaleza concêntrica. A guarnição propriamente dita estava dentro da cidade e esta se achava no coração de uma zona "may", em poder dos britânicos, rodeada por um alambrado de cinquenta e cinco quilômetros de perímetro, salpicada de pontos de resistência. Os alemães tinham que cruzá-la, penetrar na cidade e depois tomar a guarnição.

No centro do campo de batalha; levantou uma nuvem de fumaça alaranjada.

— É um sinal dos engenheiros de salto, para que a Artilharia alargue o alcance — disse Von Mellenthin.

Rommel assentiu.

— Bem. Estamos progredindo.

Subitamente Von Mellenthin se sentiu invadido pelo otimismo. Havia todo um pilhagem em Tobruk combustível, dinamite, tendas e caminhões — mais da metade do transporte motorizado de Rommel consistia em veículos britânicos capturados — e alimentos. Sorria quando perguntou:

— Pescado fresco para a janta?

Rommel compreendeu a intenção do comentário.

— Fígado — disse —. Batatas fritas. Pão fresco.

“Uma verdadeira cama, com almofada de pluma. Numa casa com paredes de pedra, para estar protegido do calor e dos insetos”.

Chegou um mensageiro. Von Mellenthin pegou o despacho e leu. Tratou de não mostrar sua excitação ao falar.

— Hão atravessado os alambrados no ponto fortificado número sessenta e nove. O Grupo Meny está atacando com a infantaria do Afrika Korps.

— Pronto — disse Rommel —. Abrimos uma brecha. Vamos!

Eram dez e meia da manhã quando o tenente coronel Reggie Bogge colocou a cabeça pela porta do escritório de Vandam e disse:

— Tobruk está sitiada.

E o trabalho pareceu inútil. Vandam continuou mecanicamente lendo comunicados dos informantes, considerando o caso de um tenente preguiçoso que tinha que ser promovido, mas que não o merecia, tratando de imaginar um novo enfoque do caso de Alex Wolff. Mas tudo parecia trivial. As notícias fivaram mais deprimentes conforme avançava o dia. Os alemães haviam cortado o alambrado defensivo, construído uma ponte grosseira antitanque, cruzado o campo minado interno e alcançado a estratégica encruzilhada conhecida como Cruz do Rei.

Vandam foi a sua casa às sete para jantar com Billy. Não podia contar-lhe sobre Tobruk por enquanto não se podia dar a notícia. Enquanto comiam costelas de cordeiro, Billy disse que seu professor de inglês, um jovem enfermo dos pulmões que não podia entrar no exército, não deixava de falar do quanto gostaria de ir ao deserto e pôr a prova os vândalos alemães.

— Contudo, não o acredito — disse Billy —. E tu?

— Suponho que fale sério — respondeu Vandam —. Simplesmente, sente-se culpado.

Billy estava na idade de discutir.

— Culpado? Não pode sentir-se culpado. Não tem culpa.

— Inconscientemente, talvez.

— Que diferença há?

“Eu me meti nisto”, pensou Vandam. Refletiu um momento e depois disse:

— Quando fazes algo incorreto e o sabes e te sentes mal por isso, e sabes por que te sentes mal, isso é culpa consciente. O senhor Simkisson não fez nada incorreto mas não obstante se sente mal e não sabe o porquê. Isso é culpabilidade inconsciente. Falar do quanto que gostaria de lutar lhe faz sentir-se melhor.

— Oh! — disse Billy.

Vandam não estava certo de que o garoto houvesse entendido.

Billy foi deitar com um novo livro. Disse que era um “tec”. Com o que queria dizer uma história de detetives. Chamava-se Morte no Nilo.

Vandam regressou ao Quartel General. As notícias seguiam sendo más. A 21ª Divisão Panzer havia entrado na cidade de Tobruke disparava do cais para vários navios britânicos que tratavam tardiamente de escapar para o alta mar. Havia afundado vários barcos. Vandam pensou nos homens que constroem um navio, nas toneladas de precioso aço que se empregam nele, no treinamento de marinheiros e na formação da tripulação como equipe. E agora os homens estavam mortos, o barco afundado e o esforço desperdiçado.

Passou a noite no refeitório de oficiais, esperando notícias. Bebeu sem cessar e fumou tanto que lhe deu dor de cabeça. Do Escritório de Operações chegavam boletins periódicos. Durante a noite, Ritchie, comandante do Oitavo Exército, decidiu abandonar a fronteira e recuar para Mersa Matruh. Disse que quando Auchinleck, o comandante em chefe, se informou da novidade saiu da sala soltando chispas.

Ao amanhecer Vandam se encontrou pensando em seus pais. Alguns dos portos da costa sul da Inglaterra haviam sofrido bombardeios tanto como Londres, mas seus pais estavam um pouco mais adentro, em uma aldeia da campina de Dorset. Seu pai era chefe dos Correios num pequeno escritório de distribuição. Vandam olhou seu relógio. Na Inglaterra seriam quatro da manhã; o velho estaria pondo-se as pinças para montar em sua bicicleta e ir ao trabalho em meio da escuridão. Aos sessenta anos de idade, tinha a constituição de um garotinho camponês. A mãe

de Vandam, devota fervorosa, proibira-o de fumar, beber e todo tipo de conduta dissoluta, termo que ela usava para abarcar qualquer coisa desde partida de dardos até escutar o rádio. O regime aparentemente fazia bem ao seu esposo, mas ela sempre estava enferma.

A bebida, a fadiga e o tédio fizeram Vandam cochilar. Sonhou que estava na guarnição de Tobruk com Billy, Elene e sua mãe. Ele corria por todas as partes fechando as janelas. Afora os alemães — que haviam-se convertido em bombeiros — apoiavam escadas na parede e subiam por ela. De repente, a mãe de Vandam deixou de contar umas notas falsas e abriu uma janela assinalando a Elene e gritando: “A Mulher Escarlata!”. Rommel entrou pela janela com um capacete de bombeiro e apontou uma mangueira para Billy. A força do jato projetou o garoto contra um parapeito e o fez cair no mar. Vandam sabia que ele era o culpado, mas não lograva ver o que era que havia feito de mau. Começou a soluçar amargamente. Então despertou.

Aliviou-lhe descobrir que na realidade não estivera chorando. O sonho lhe deixou um sombrio sentimento de desespero. Acendeu um cigarro. Tinha um sabor horrível.

O sol elevou-se no horizonte. Vandam percorreu o refeitório apagando as luzes, só para fazer algo. Entrou um garçon com uma jarra de café. Enquanto Vandam bebia chegou um capitão com outro despacho. Permaneceu no centro do salão, esperando em silêncio.

— Ao amanhecer, o general Kloppe rendeu a guarnição de Tobruk a Rommel — disse.

Vandam deixou o refeitório e atravessou as ruas da cidade para sua casa junto ao Nilo. Sentia-se impotente e inútil, e imobilizado no Cairo caçando espiões enquanto ali afora, no deserto, seu país estava perdendo a guerra. Cruzou por sua mente que Alex Wolff podia haver tido algo a ver com a última série de vitórias de Rommel, mas descartou a idéia por ser absurda. Sentiu-se tão deprimido que se perguntou se as coisas podiam piorar e chegou à conclusão de que, certamente, isso era possível.

Quando chegou à sua casa se deitou.

SEGUNDA PARTE

MERSA MATRUH

Capítulo 6

O grego gostava de apalpar-lhe. Elene não gostava. Não lhe molestava a luxúria direta; na realidade era bastante partidária dela. O que desaprovava eram as apalpações furtivas, sujas, não solicitadas.

Depois de duas horas na loja, ela adquirira aversão a Mikis Aristopoulos. Depois de duas semanas, estava disposta a estrangulá-lo.

O trabalho, em si, era agradável. Gostava dos odores das especiarias e das fileiras de caixas e latas de cores alegres que havia nas estantes da alcova. O trabalho era fácil e reiterado, mas o tempo passava bastante depressa. Maravilhava aos clientes somando as contas mentalmente com grande velocidade. De vez em quando comprava alguma delícia importada e rara e a levava para sua casa, para prová-la: um copo de pasta de fígado, um tablete Hershey, um frasco de Brevil, uma lata de feijões refogados. E para ela era uma novidade desempenhar um trabalho comum, rotineiro, de oito horas diárias.

Mas o patrão lhe punha nervosa. Não perdia a oportunidade de tocar-lhe o braço, o ombro ou o quadril. Cada vez que passava ao seu lado atrás do balcão ou na alcova, roçava nos seus peitos ou nas nádegas. A princípio, Elene pensou que era accidental porque Mikis não parecia ser desse tipo: tinha um pouco mais de vinte anos, era bastante bem assemelhado e com um amplo sorriso que fazia luzir a brancura de seus dentes. Devia de haver tomado seu silêncio por consentimento. Teria que dar-lhe um basta.

Não necessitava daquilo. Seus sentimentos já estavam demasiado confusos. Gostava de William Vandam e ao mesmo tempo o detestava. Falou-lhe como a um igual e depois a tratou como uma puta. Supunha-se que devia seduzir Alex Wolff, a quem jamais vira. E Mikis Aristopoulos a bolinava, por quem Elene só sentia desprezo.

“Todos eles me uzam — pensou —. É a história da minha vida.”

Perguntou-se como seria Wolff. Para Vandam era fácil dizer-lhe que fizesse amizade com o espião, como se houvesse um botão que ela pudesse apertar para tornar-se instantaneamente irresistível. Na realidade, dependia do homem. Alguns homens gostavam dela imediatamente, com outros era difícil. Às vezes impossível. Uma metade de Elene esperava que fosse impossível com Wolff. A outra metade recordava que era um espião alemão, que Rommel se aproximava cada dia mais e que se um dia os nazistas chegassem ao Cairo...

Aristopoulos trouxe uma caixa de fidéu do quarto traseiro. Elene consultou seu relógio: era quase hora de fechar. O garoto deixou cair a caixa e a abriu. Ao voltar e passar roçando-se em Elene, pôs as mãos por baixo dos braços e lhe tocou os peitos. Ela se retirou. Ouviu que alguém entrava na loja. “Vou dar uma lição nesse grego”, pensou. Enquanto Mikis se dirigia à alcova, Elene levantou a voz e lhe disse em árabe:

— Se me tocas de novo te cortarei o pinto!

O cliente estourou em uma gargalhada. Elene se voltou e o olhou. “Era europeu, mas devia

entender o árabe”, pensou.

— Boa tarde — disse Elene.

O cliente olhou para a alcova e gritou:

— Aristopoulos! Que hás estado fazendo, grandíssimo patife?

Aristopoulos assomou a cabeça pela porta.

— Bom dia, senhor. Esta é minha sobrinha Elene.

Em seu rosto havia confusão e algo mais que Elene não podia adivinhar. Mikis inclinou a cabeça e regressou à loja.

— Sobrinha! — disse o cliente olhando Elene —. Bonito conto.

Era um homem corpulento, de um pouco mais de trinta anos, de cabelo, pele e olhos escuros. Tinha um grande nariz curvo que podia ser árabe ou europeu aristocrático. Seus lábios eram finos e quando sorria mostrava dentes pequenos e regulares. “Como os de um gato”, pensou Elene. Ela conhecia os distintivos da riqueza e o reconhecia no recém chegado: camisa de seda, relógio de pulseira de ouro, calças de algodão feitos sob medida, cinturão de pele de cocodilo, sapatos de artesanato e um leve perfume de colônia masculina.

— Em que posso servir-lhe? — perguntou-lhe.

A olhou como se considerasse várias respostas possíveis, e depois disse:

— Começemos com uma geléia inglesa.

— Sim.

A geléia estava na alcova. Elene foi buscar um copo.

— É ele! — sussurou Aristopoulos.

— De que estás falando?

Elene continuava furiosa com Mikis.

— O homem do dinheiro falso... O senhor Wolff... É ele!

— Oh, Deus!

Por um momento havia esquecido por que estava ali. O pânico de Aristopoulos lhe contagiou e sua mente ficou vazia.

— Que tenho que dizer-lhe? Que devo fazer?

— Não sei... Dá-lhe a geléia... Não sei...

— Sim, a geléia, isso é...

Elene pegou de uma estante um copo de Cooper's Oxford e voltou à loja. Esforçou-se em mostrar a Wolff um brilhante sorriso ao colocar o copo sobre o balcão.

— Que mais?

— Um quilo de café preto, moido fino.

O homem estava observando enquanto Elene pesava o café e o moía. De repente, sentiu medo. Não era como Charles, Johnnie e Claud, os homens que a haviam mantido, brandos, despreocupados, cheios de remorsos e muito manipuláveis. Wolff parecia sereno e dono de si mesmo: seria difícil enganar-lhe e impossível anulá-lo, adivinhava Elene.

— Algo mais?

— Meia caixa de champanhe.

A caixa de papelão, de seis garrafas, pesava. Elene a arrastou desde o quarto de trás.

— Suponho que deseja que levemos o pedido a sua casa — disse Elene.

Tratou de que soasse natural. Estava um pouco fatigada pelo esforço de arrastar agachada a caixa e confiava em que isso dissimularia seu nervosismo.

Wolff pareceu atravessá-la com o olhar de seus olhos escuros.

— Levá-lo? — disse —. Não, obrigado.

Ela olhou a pesada caixa.

— Espero que more perto.

— Bastante.

— O senhor deve de ser muito forte.

— Bastante.

— Temos um entregador muito eficiente...

— Não, obrigado — disse com firmeza.

Elene assentiu.

— Como o senhor queira. — Realmente não havia pensado que desse resultado, mas de qualquer maneira se sentiu decepcionada —. Algo mais?

— Acho que isso é tudo.

Elene começou a somar a conta.

— Aristopoulos deve ir bem, para empregar uma ajudante — comentou Wolff.

— Cinco libras, doze xelins e seis peniques; não diria isso se soubesse o que me paga; cinco libras, treze xelins e seis peniques; seis libras...

— Não gosta deste trabalho?

Elene o olhou diretamente.

— Faria qualquer coisa para sair daqui.

— Que lhe interessaria?

Wolff era muito rápido.

Elene encolheu os ombros e voltou a somar. Finalmente disse:

— Treze libras, dez xelins e quatro peniques.

— Como sabia que pagaria em libras esterlinas?

Era rápido. Elene temeu haver-se delatado. Sentiu que começava a ruborizar-se. Teve uma inspiração e disse:

— É um oficial britânico, não é assim?

Wolff lançou uma forte gargalhada ao escutá-la. Sacou um rolo de notas e lhe entregou catorze. Elene lhe deu o troco em moeda egípcia. Pensava: “Que mais posso fazer? Que mais posso dizer?”. Começou a colocar as compras numa bolsa de papel marrom.

— Vai dar uma festa? Adoro festas — disse.

— Por que pergunta?

— Pelo champanhe.

— Ah! Bom, a vida é uma longa festa.

“Fracassei. Agora irá embora e talvez não regresses durante semanas, talvez nunca; esteve na minha frente, falo comigo e agora tenho que deixar que vá e desapareça na cidade”, pensou Elene.

Devia sentir-se aliviada; contudo, tinha uma sensação de abjeto fracasso.

Wolff levantou a caixa de champanhe, colocou-a sobre seu ombro esquerdo e pegou a bolsa com a direita.

— Adeus — disse.

— Adeus.

Quando chegou à porta se voltou.

— Encontre-se comigo no Restaurante Oásis quarta-feira às sete e meia da noite.

— Está bem! — disse Elene alegremente. E ele desapareceu.

Levou quase toda a manhã para chegar à colina de Jesus. Jakes estava sentado na frente ao lado do motorista; Vandam e Bogge iam atrás. Vandam estava exultante. Uma companhia australiana havia tomado a colina durante a noite e havia capturado — quase intacto — um posto de escuta alemão. Era a primeira boa notícia que Vandam recebia em muitos meses.

Jakes se deu a volta e girou para compensar o ruído do motor:

— Ao que parece os australianos atacaram de meias para surpreendê-los — disse —. A maioria dos italianos prisioneiros estavam de pijama.

Vandam havia ouvido a mesma história.

— Contudo, os alemães não estavam dormindo. Foi bastante duro.

Tomaram a estrada principal de Alexandria, depois seguiram o itinerário costeiro para El Alamein, onde enfiaram uma rota através do deserto destacada com barris. Quase todo o tráfego ia em direção oposta, retirando-se. Ninguém sabia o que passava. Pararam num depósito de suprimentos, para colocar gasolina, e Bogge teve que apelar a sua hierarquia sobre o oficial de comando para conseguir uns litros.

O motorista perguntou a maneira de chegar à colina.

— Pista das garrafas — disse o oficial bruscamente.

As pistas, marcadas pelo exército, se denominavam Garrafa, Bota, Lua e Estrela, os símbolos que se recortavam nos barris e latas de gasolina vazios ao longo das rotas. Pela noite se colocavam luzes pequenas nos barris, para iluminar os símbolos.

Bogge perguntou ao oficial:

— Que passa aqui? Parece que todo mundo se retira para o este.

— Ninguém me diz nada — respondeu o oficial.

Conseguiram uma xícara de chá e um sanduíche de carne de vaca em conserva no caminhão

do serviço de cantina. Ao continuar a viagem tiveram que atravessar um campo que acabava de livrar-se de uma batalha, cobertos de tanques destroçados e queimados, e no qual um pequeno destacamento estava recolhendo desordenadamente os cadáveres. Os barris desapareceram, mas o condutor os avistou outra vez no outro extremo da planície de cascalho.

Encontraram a colina ao meio-dia. Não muito longe se travava uma batalha.

Podiam ouvir os canhões e ver a nuvem de poeira que se elevava para o oeste. Vandam se deu conta de que nunca havia estado tão perto do combate. A impressão geral era de sujeira, pânico e confusão. Apresentaram-se ao veículo de comando e ali lhes indicaram como chegar até os caminhões de rádio alemães que haviam sido capturados.

Já havia gente de Informação trabalhando. Os prisioneiros eram interrogados em uma tenda pequena, um a um, enquanto os demais esperavam debaixo do sol ardente. Os peritos em apetrechos militares inimigos estavam examinando as armas e os veículos, anotando os números de séries dos fabricantes. O Serviço I se dedicava a procurar frequências de ondas e códigos. A tarefa do pequeno esquadrão de Bogge era investigar quanto os alemães haviam averiguado com antecipação a respeito dos movimentos dos aliados.

Cada um deles se encarregou de um caminhão. Como quase todos em Informação, Vandam tinha noções superficiais de alemão. Conhecia umas duzentas palavras, a maioria termos militares, de modo que, se bem não haveria sabido distinguir uma carta de amor de uma lista da lavanderia, podia ler ordens e relatórios do exército.

Havia muitíssimo material para examinar: o posto capturado constituía uma presa importante para o Serviço Secreto. Havia que embalar a maior parte das coisas e transportá-las para o Cairo. Depois, uma equipe numerosa devia examiná-las detalhadamente. A tarefa do dia era uma revisão preliminar.

O caminhão que correspondia a Vandam estava num desordem total. Os alemães haviam começado a destruir seus documentos quando se deram conta de que a batalha estava perdida. Esvaziaram caixas e acenderam um pequeno fogo que logo foi sufocado. Uma pasta de papelão estava coberta de sangue: alguém havia morrido defendendo seus segredos.

— Afinal de contas, em que emprega seu tempo todo o dia? — gritou Bogge.

Vandam não respondeu. Bogge lhe deu a folha de papel. Vandam a olhou.

Era um mensagem de rádio cifrado, com a transcrição escrita entre linhas. Mencionava-se o momento em que o haviam recebido: a meia-noite do 3 de junho. O remetente usava a palavra Sphinx como identificação. A mensagem, depois das palavras preliminares sobre a intensidade com que se recebia o sinal, tinha o título de OPERAÇÃO ABERDEEN.

Vandam ficou pasmado. A Operação Aberdeen se havia realizado no 5 de junho, e os alemães haviam recebido uma mensagem a respeito três dias antes.

— Santo Deus, é um desastre! — exclamou Vandam.

— Certamente que é um condenado desastre! — uivou Bogge —. Significa que Rommel consegue os detalhes completos de nossos ataques antes de que comecem!

Vandam leu o resto. “Detalhes completos” era correto. Figuravam as brigadas compreendidas, as horas das distintas etapas do ataque e da estratégia geral.

— Não é estranho que Rommel esteja ganhando — murmurou Vandam.

— Não faça brincadeiras imbecis! — vociferou Bogge.

Jakes apareceu ao lado de Vandam acompanhado pelo coronel da brigada australiana que havia tomado a colina. Dirigiu-se a Vandam:

— Desculpe-me, senhor...

— Agora não, Jakes — disse Vandam bruscamente.

— Fique, Jakes — foi a contra-ordem de Bogge —. Isto também o afeta.

Vandam estendeu a folha de papel para Jakes, com a sensação de haver recebido um golpe. A informação era tão exata que tinha que proceder do Quartel General.

— Por todos os infernos — disse Jakes em voz baixa.

— Devem obter o material de um oficial inglês. Dá-se conta disso, não é? — continuou Bogge.

— Sim — respondeu Vandam.

— O que quer dizer com isso de sim? Seu trabalho é evitar os vazamentos entre o pessoal. Essa é sua condenada responsabilidade!

— Sei disso, senhor.

— Também se dá conta de que um vazamento desta magnitude deve ser comunicada ao comandante em chefe?

O coronel australiano não apreciava as dimensões da catástrofe; se sentia perturbado ao ver que um oficial era admoestado publicamente. Disse:

— Guardemos as recriminações para depois, Bogge. Duvido que a culpa seja de uma única pessoa. Seu primeiro trabalho é descobrir a extensão do dano e fazer um relatório preliminar para seus superiores.

Estava claro que Bogge não havia terminado de criticar; mas a observação vinha de um superior. Reprimiu sua ira com um esforço visível e disse:

— Está bem. Continue com seu trabalho, Vandam.

Afastou-se com passo lerdo e o coronel marchou em direção oposta.

Vandam se sentou no estribo do caminhão. Acendeu um cigarro com mão trêmula. A notícia parecia pior à medida que tomava consciência dela. Alex Wolff não só havia penetrado no Cairo e se esquivado da rede de Vandam, também havia conseguido ter acesso a segredos de alto nível.

“Quem é esse homem?”, perguntou-se.

Em tão poucos dias havia eleito o seu alvo, estabelecido sua base e subornado, chantageado ou corrompido para que esse alvo cometesse uma traição. Quem era o alvo? Quem fornecia as informações a Wolff? Realmente centenas de pessoas dispunham dela: os generais, seus ajudantes, os secretários que datilografavam as mensagens, as pessoas que cifravam o que se enviava por rádio, os oficiais que a transmitiam verbalmente, todo o pessoal de Informação, toda a equipe de enlace entre os serviços...

Por um ou outro meio — supunha Vandam —, Wolff havia encontrado alguém, entre essas centenas de pessoas, disposto a atrair a sua pátria por dinheiro, ou por convicção política, ou debaixo da pressão da chantagem. Certamente, era possível que Wolff não tivesse nada que ver com o assunto, mas Vandam não achava assim, porque um traidor necessita de um canal de comunicação com o inimigo, e o espião o tinha. Ademais, custava a acreditar que houvesse no Cairo dois sujeitos como Wolff.

Jakes estava em pé junto a Vandam, aturdido. Vandam disse:

— Não se trata apenas de que está passando a informação, mas de que Rommel a está utilizando. Recorda-se a batalha do dia 5 de junho...

— Sim, lembro-me — disse Jakes —. Foi uma matança.

“E por minha culpa”, pensou Vandam. Bogge tinha razão: a trabalho de Vandam era impedir que se filtrassem os segredos, e quando se filtrava era sua a responsabilidade.

Um homem só não podia ganhar a guerra, porém podia perdê-la. Vandam não queria ser esse homem.

Levantou-se.

— Muito bem, Jakes. Já ouviu o que Bogge disse. Sigamos.

Jakes fez estalar os dedos.

— Havia esquecido o que vim dizer-lhe: chamam-no pelo telefone de campanha. É do Quartel General. Aparentemente há uma mulher egípcia em seu escritório, perguntando pelo senhor, e se nega a retirar-se. Diz que tem uma mensagem urgente e insiste em falar-lhe.

“Elene!”, pensou Vandam...

Talvez houvesse estabelecido contato com Wolff. Devia de ser isso. De outra forma, por que estaria tão desesperada por falar com Vandam? Correu para o veículo de comando. Jakes o seguiu.

O oficial encarregado das comunicações lhe deu o telefone.

— Seja breve, Vandam; estamo-lo usando.

Vandam já havia suportado demasiado nesse dia. Tomou-lhe o aparelho, enfrentou seu colega e disse em voz alta:

— Uzarei-o todo o tempo que o necessite. — Voltou a costas ao oficial e falou — : Sim?

— William?

— Elene! — Queria dizer-lhe o quanto lhe agradava ouvir sua voz, porém, em lugar disso, perguntou — : O que houve?

— Ele esteve na loja.

— Você o viu! Consegui seu endereço?

— Não... mas tenho um encontro com ele.

— Excelente! — Vandam transbordava de alegria..., ia apanhar aquele desgraçado —. Onde e quando?

— Amanhã à noite, às sete e meia, no Restaurante Oásis.

Vandam pegou um pedaço de papel.

— Restaurante Oásis, sete e meia, amanhã pela noite — repetiu —. Estarei lá.

— Ótimo.

— Elene...

— Sim?

— Não tenho palavras para agradecer-lhe sua ajuda. Muito obrigado.

— Até manhã.

— Adeus.

Vandam desligou.

Bogge estava atrás de Vandam, com o oficial responsável pelas comunicações.

— Que diabos significa usar o telefone de campanha para marcar encontro com suas condenadas amiguinhas? — perguntou.

Vandam sorriu feliz.

— Não era uma amiguinha, e sim uma informante — disse —. Estabeleceu contato com o espião. Espero detê-lo amanhã pela noite.

Wolff observava como Sonja comia. O fígado estava mal passado, rosado e suave, justo como ela gostava. Comia com deleite, como de costume. Wolff pensava em quanto eles se pareciam. Em seu trabalho eram competentes, profissionais e muito certos. Os dois viviam à sombra de traumas infantis: a morte do pai de Sonja e o novo casamento de sua mãe, pelo que passou a fazer parte de uma família árabe. Nenhum deles havia chegado sequer a aproximar-se do matrimônio, porque se gostavam demais de si mesmos para amar a outra pessoa. O que os unia não era amor, nem sequer afeto; eram os desejos comuns. Para eles, o mais importante na vida era satisfazer seus gostos. Sabiam que Wolff estava correndo um risco pequeno, mas desnecessário, ao comer num restaurante; ambos pensavam que valia a pena; porque a vida não teria muito sentido sem boa comida.

Sonja terminou o fígado e o garçon trouxe uma sobremesa gelada. Sempre tinha muita fome depois de atuar no Cha-Cha Clube. Não era surpreendente: em seu espetáculo gastava uma grande quantidade de energia. Mas quando finalmente abandonasse a dança, engordaria. Wolff a imaginava dentro de vinte anos: teria três papadas e um peito enorme; o cabelo, quebradiço e grisalho; os pés, chatos, e ficaria sem fôlego depois de subir as escadas.

— Por que sorri? — perguntou Sonja.

— Estava imaginando você velha, com um vestido velho sem formas e com um véu.

— Não serei assim. Serei muito rica e viverei num palácio rodeada de jovens nus e de mulheres ansiosas por satisfazer meus menores caprichos. E você?

Wolff sorriu.

— Acho que serei o embaixador de Hitler no Egito, e irei à mesquita com o uniforme das SS.

— Terá que tirar as suas botas altas.

— Poderei visitá-la em seu palácio?

— Sim, por favor..., com seu uniforme.

— Terei que tirar minhas botas altas em sua presença?

— Não. Tudo, menos as botas.

Wolff riu. Sonja raramente ficava alegre. Ele chamou o garçon e pediu café, brandy e a conta. Disse a Sonja:

— Há boas notícias. As estava reservando. Acredito que encontrei a sua Fawzi.

De repente, ela ficou imóvel, olhando-o fixamente.

— Quem é? — perguntou em voz baixa.

— Ontem fui ao armazém. Aristopoulos tem uma sobrinha que trabalha com ele.

— Uma vendedora!

— É uma verdadeira beleza. Tem um rosto encantador, inocente, e um sorriso ligeiramente malicioso.

— Que idade tem?

— É difícil dizê-lo. Ao redor dos vinte, acho. Tem um corpo tão infantil...

Sonja lambeu os lábios.

— E acha que ela...?

— Acho que sim. Ela morre para escapar de Aristopoulos, e praticamente se jogou nos meus braços.

— Quando?

— A levarei para jantar amanhã pela noite.

— A levará ao barco?

— Talvez. Tenho que sondá-la. É tão perfeita... Não quero estragar tudo sendo impaciente.

— O que quer dizer que vai possuí-la primeiro.

— Se for necessário.

— Acha que ela é virgem?

— É possível.

— Se o for...

— Nesse caso, reservarei-a para você. Trabalhou muito bem com o major; merece um prêmio.

Wolff se reclinou em seu assento estudando Sonja. O rosto da bailarina era uma máscara de afeição ao pensar na corrupção de um ser formoso e inocente. Wolff tomou seu brandy. Uma agradável sensação de calor invadiu seu estômago. Sentia-se muito bem: pleno de comida e de vinho, cumprindo com sua missão estupendamente e com uma nova aventura à vista.

Chegou a conta e pagou-a em libras esterlinas.

O restaurante era pequeno mas andava muito bem. Ibrahim o dirigia e seu irmão cozinava. Haviãam aprendido num hotel francês de Tunízia, sua pátria, e quando seu pai morreu venderam as ovelhas e viajaram para o Cairo em busca de fortuna. A filosofia de Ibrahim era simples: só conhecia a cozinha franco-árabe, e isso era o que ofereciam. Talvez poderiam haver atraído mais clientes se o menu, na vidraça, houvesse oferecido spaghetti, bolognaise, ou roast beefy Yorkshire pudding; mas esses clientes não voltariam e, de qualquer maneira, Ibrahim tinha seu orgulho.

A fórmula dava resultado. Ganhavam bastante dinheiro, mais do que seu pai jamais havia visto. O negócio prosperava ainda mais com a guerra. Mas Ibrahim não ficava descuidado.

Dois dias antes havia tomado café com um amigo que era caixa do Metropolitan Hotel. O amigo lhe contou que a Tesouraria Geral Britânica se havia negado a trocar-lhe quatro libras esterlinas recebidas como pagamento no bar do hotel. As cédulas eram falsas, conforme os britânicos. O que resultava injusto era que haviam confiscado o dinheiro.

Ibrahim não consentiria que lhe ocorresse o mesmo. Aproximadamente a metade de seus clientes eram britânicos, e muitos deles pagavam em libras esterlinas. Desde que havia ficado ciente do ocorrido examinava com cuidado cada nota antes de metê-la no caixa. Seu amigo do Metropolitan lhe explicou como detectar a falsificação.

Era típico dos britânicos. Longe de fazer um anúncio público que evitasse perdas para os comerciantes do Cairo, limitavam-se a esperar e confiscavam os notas falsas. Os comerciantes do Cairo estavam acostumados a esse comportamento e haviam-se unido. O tambor funcionava bem.

Quando Ibrahim recebeu as notas falsas do europeu alto que estava jantando com a famosa bailarina, não soube com certeza o que fazer. Todas as notas eram novas, rangentes e tinham o mesmo defeito. Ibrahim voltou a compará-las com uma das boas que tinha no caixa: não havia dúvida. Devia, talvez, explicar o assunto em particular ao cliente? Talvez se ofendesse, ou ao menos o dissimulasse, e provavelmente se fosse sem pagar. A conta era alta — incluía os pratos mais caros e vinho importado — e por isso Ibrahim não queria arriscar-se a sofrer a perda.

Decidiu chamar a polícia. Impediriam que o cliente fugisse e talvez o obrigassem a assinar um cheque, ou pelo menos uma nota promissória.

Mas a que polícia recorrer? A egípcia diria que não era assunto de sua responsabilidade, demoraria a chegar e depois pediria suborno. Presumivelmente, o cliente era inglês — por que, do contrário, teria libras esterlinas? —, pode ser oficial, e o dinheiro falsificado era britânico. Ibrahim decidiu chamar a polícia militar.

Foi à mesa com uma garrafa de brandy. Sorriu-lhes.

— Monsieur, espero que tenham gostado da comida.

— Excelente — disse o homem.

Falava como um oficial britânico.

Ibrahim se dirigiu à mulher.

— É um honra servir à melhor bailarina do mundo.

Sonja assentiu com gesto majestoso.

— Espero que aceitem uma taça de brandy, com os cumpridos da casa.

— Muito amável — cumprimentou o homem.

Ibrahim lhes serviu mais brandy e se afastou com uma reverência. “Isso os manteria um tempo mais”, pensou. Saiu pela porta traseira e foi à casa de um vizinho que tinha telefone.

“Se tivesse um restaurante, faria assim as coisas”, pensou Wolff. As duas taças de brandy custavam muito pouco ao proprietário, em relação ao valor da conta, porém, resultava um gasto muito eficaz para fazer que o cliente se sentisse apreciado. Amiúde Wolff havia pensado em abrir um restaurante, mas eram castelos no ar: sabia que isso significava muito trabalho.

Sonja também gostava dessa atenção especial. Verdadeiramente, resplandecia sob a influência combinada da lisonja e do licor. Essa noite, na cama, roncaria como um porco.

O proprietário desapareceu uns minutos e depois regressou. Pelo canto do olho, Wolff o viu sussurrar algo a um camareiro. Pensou que estavam falando de Sonja. Sentiu pontadas de ciúmes. Em alguns lugares do Cairo, por suas boas maneiras e generosas propinas, conheciam-no por seu nome e o recebiam como a um rei. Mas pensara que era prudente não ir aos lugares onde o reconheceriam; não o faria enquanto os britânicos lhe estivessem perseguindo. Perguntou-

se se podia permitir-se reduzir um pouco mais suas precauções.

Sonja bocejou. Era hora de mandá-la à cama. Wolff fez sinais a um garçon e disse:

— Por favor, traga a capa da senhora.

O homem se retirou, deteve-se a murmurar algo ao proprietário e depois continuou para o guarda-roupa.

Em algum lugar, no fundo da mente de Wolff, débil e distante, soou um alarme. Brincava com uma colher enquanto esperava a capa de Sonja. Ela comeu outro bolinho. O proprietário cruzou o restaurante, saiu pela porta dianteira, e depois voltou. Aproximou-se da mesa e perguntou:

— Desejam que lhes peça um táxi?

Wolff olhou para Sonja.

— Como queira — disse ela.

— Gostaria respirar um pouco de ar. Caminhemos um tempo e depois tomaremos um carro.

— De acordo.

Wolff olhou para o proprietário.

— Não queremos táxi.

— Muito bem, senhor.

O garçon trouxe a capa de Sonja. O proprietário olhava constantemente para a porta. Wolff escutou outro alarme, desta vez mais forte.

— Há algo errado? — perguntou ao proprietário.

O homem parecia preocupado.

— Devo dizer-lhe que há um problema sumamente delicado, senhor.

Wolff começou a irritar-se.

— Bem, de que se trata, amigo? Queremos ir para casa.

Ouviu-se o som de um veículo que se detinha com brusquidão na porta do restaurante.

Wolff pegou o proprietário pela gola do paletó.

— O que está acontecendo aqui?

— O dinheiro com que pagou a conta, senhor, não é bom.

— Não aceitam libras esterlinas? Então, por que não...?

— Não é isso, senhor. O dinheiro é falso.

A porta do restaurante se abriu com violência e entraram três policiais militares.

Wolff os olhou fixamente, com a boca aberta. Tudo ocorria com tanta rapidez que não lhe alcançava o fôlego... Polícia militar. Dinheiro falso. De repente sentiu medo. Podia ser preso. Esses imbecis de Berlim lhe haviam dado notas falsas. Era tão estúpido que desejou agarrar a Canaris pela garganta e torcê-la.

Sacudiu a cabeça. Não havia tempo para pôr-se furioso. Tinha que manter a calma e tratar de sair garboso daquele confusão...

Os PM's avançaram para a mesa. Dois eram britânicos e o terceiro, australiano. Usavam

pesadas botas e capacetes de aço, e uma pequena pistola no cinto. Um dos britânicos perguntou:

— É esse o homem?

— Um momento — disse Wolff, e ficou surpreso da calma e suavidade de sua voz —. O proprietário acaba de dizer-me que meu dinheiro não é bom. Não acredito; mas estou disposto a agradecer-lhe e estou certo de que podemos chegar a algum arranjo que o satisfaça. — Olhou para o proprietário com um gesto de censura —. Realmente, não era necessário chamar a polícia.

— É um delito passar dinheiro falso — disse o PM mais graduado.

— Se for com conhecimento de causa — disse Wolff —. É um delito passar com conhecimento de causa dinheiro falso. — enquanto escutava sua própria voz, baixa e persuasiva, crescia sua confiança —. Agora, então, proponho o seguinte. Tenho aqui meu talonário e algum dinheiro egípcio. Farei um cheque para pagar a conta e darei a propina com o dinheiro egípcio. Amanhã levarei as supostas notas falsas à Tesouraria Geral Britânica, para que as examine, e se realmente forem falsas, as entregarei. — Sorriu para o grupo que o rodeava —. Suponho que isto satisfará a todos.

O proprietário disse:

— Preferiria que pagasse em efetivo, senhor.

Wolff desejou dar-lhe um soco na cara.

— Talvez eu tenha dinheiro egípcio suficiente — ofereceu Sonja.

“Graças a Deus”, pensou Wolff.

Sonja abriu sua bolsa.

— De todas as formas, senhor, hei de pedir-lhe que nos acompanhe — disse o PM.

O coração de Wolff deu outro salto.

— Por quê?

— Necessito fazer-lhe algumas perguntas.

— De acordo. Por que não me visita amanhã? Moro...

— Terá que vir comigo. É uma ordem.

— De quem?

— Do subchefe de polícia.

— Muito bem, então — disse Wolff. Levantou-se. Sentia como se o temor insuflesse poder a seus braços —. Mas amanhã pela manhã vocês, ou seus chefes, se encontrarão em grandes dificuldades.

Então levantou a mesa e a jogou contra o PM.

Havia planejado e calculado o movimento num par de segundos. Era uma pequena mesa circular, de madeira sólida. A borda bateu na ponta do nariz do PM. O soldado caiu para trás e a mesa aterrizou sobre ele.

A mesa e o PM estavam à esquerda de Wolff. À direita estava o proprietário. Sonja se encontrava em frente, ainda sentada. Os outros PM's se achavam atrás dela, um de cada lado.

Wolff agarrou o proprietário e o empurrou sobre um dos PM's. Depois saltou sobre o outro, o australiano, e deu-lhe um soco na cara. Esperava passar entre os dois e fugir. Não resultou. Os PM's eram escolhidos por seu tamanho, sua beligerância e sua brutalidade, e estavam

acostumados a enfrentar-se com soldados endurecidos pelo deserto e com bêbados belicosos. O australiano recebeu o golpe e retrocedeu titubeando, mas não caiu. Wolff lhe deu um pontapé no joelho e voltou a golpeá-lo na cara. Então o outro PM, o inglês, que não havia sido derrubado, afastou ao proprietário de um empurrão e chutou os pés de Wolff.

Wolff caiu no solo. Seu peito e seu bochecha golpearam o ladrilhado. Sentiu uma pontada de dor na cara e ficou momentaneamente sem fôlego. Deram-lhe outro pontapé, na costela; a dor o fez sacudir-se em convulsões e afastar-se rodando. O PM saltou sobre ele, dando-lhe golpes na cabeça. Wolff lutava por tirá-lo de cima. Alguém se sentou sobre os pés do espião. Então viu, acima e detrás do PM inglês que estava sobre seu peito, o rosto de Sonja retorcido de fúria. Como um relâmpago cruzou por sua mente a idéia de que ela recordava de outra surra que os soldados britânicos haviam dado. Depois viu que levantava no ar a cadeira em que estivera sentada. O PM que estava sobre o peito de Wolff a viu fuzantemente, voltou-se, olhou para cima e levantou os braços, para proteger-se. Sonja lhe jogou a cadeira com toda a sua força. Uma ponta do assento golpeou a boca do PM, que deu um grito de dor e de raiva enquanto o sangue brotava de seus lábios.

O australiano soltou os pés de Wolff e, agarrando Sonja por trás, sujeitou-lhe os braços. Wolff flexionou o corpo e se liberou do inglês ferido; depois, cambaleando, levantou-se.

Procurou debaixo da camisa e sacou a faca.

O australiano lançou Sonja para um lado, deu um passo adiante, viu a faca e se deteve. Por um instante, ele e Wolff se olharam fixamente. Wolff viu que os olhos de seu oponente oscilavam de um lado ao outro olhando a seus dois companheiros que jaziam no solo. A mão do australiano foi ao coldre.

Wolff se voltou e fugiu para a porta. Um de seus olhos estava inchado: não podia ver bem. A porta estava fechada. Apalhou o punho e errou. Achou enlouquecer. Encontrou o punho e abriu violentamente a porta, que se chocou contra a parede. Soou um tiro.

Vandam conduzia a motocicleta cruzando as ruas a uma velocidade perigosa. Havia arrancado a coberta de blackout do farol — de qualquer maneira, ninguém, no Cairo, levava a sério o blackout — e guiava com o polegar na buzina. As ruas ainda estavam cheias de táxis, carruagens gharry, caminhões do exército, asnos e camelos. As calçadas pareciam abarrotadas de gente e as lojas brilhavam iluminadas com luzes elétricas, lâmpadas de óleo e velas. Vandam serpenteava imprudentemente entre o tráfego, fazendo pouco caso das buzinas iradas dos automóveis, os punhos em alto dos condutores de carruagens gharry e o forte apito de um policial egípcio.

O subchefe de polícia o havia ligado para sua casa.

— Ah, Vandam, não foi você quem emitiu a circular com respeito à esse dinheiro falso? Porque acabamos de receber uma chamada de um restaurante onde um europeu está tratando de passar...

— Onde?

O subchefe lhe deu o endereço e Vandam saiu correndo de sua casa.

Patinou ao dobrar uma esquina, e recuperou o equilíbrio jogando uma nuvem de poeira na calçada. Ocorrera-lhe que, havendo tanto dinheiro falso em circulação, uma parte dele devia ter caído nas mãos de outros europeus, e que o homem que estava no restaurante podia ser uma

vítima inocente. Esperava que não fosse assim. Desejava desesperadamente pôr as mãos sobre Alex Wolff. Wolff o superara e humilhara e, com seu acesso aos dados secretos e sua linha direta com Rommel, ameaçava a provocar a queda do Egito. Porém, não era só isso. A curiosidade com respeito a Wolff o consumia. Queria vê-lo e tocá-lo; averiguar como se movia e como falava. Era inteligente ou simplesmente afortunado? Corajoso ou temerário? Decidido ou teimoso? Tinha um rosto agradável e um sorriso cálido ou seus olhos eram pequenos como contas e seu sorriso uma careta untuosa? Lutaria ou se renderia tranquilamente? Vandam queria saber. E, mais que tudo, queria agarrá-lo pelo pescoço e arrastá-lo até a cela, acorrentá-lo à parede, fechar a porta e tirar a chave.

Virou com brusquidão para esquivar um buraco, depois acelerou, e entrou rugindo em uma rua tranqüila. O endereço ficava um pouco afastada do centro, na Cidade Velha. Vandam conhecia a rua, mas não o restaurante. Dobrou duas esquinas mais e quase atropelou um velho que montava um asno, seguido por sua esposa, que caminhava atrás. Encontrou a rua que procurava.

Era estreita e escura, com edifícios altos dos dois lados. Ao nível da rua havia algumas lojas e portais. Vandam se deteve junto a dois meninos que jogavam e mencionou o nome do restaurante. Os meninos apontaram vagamente para um lado da rua.

Vandam continuou a pouca velocidade, detendo-se para olhar quando via uma vidraça acesa. Estava na metade da quadra quando escutou o disparo de um arma de fogo pequena, amortecido, e um ruído de cristais quebrados. Voltou a cabeça buscando a procedência do ruído. A luz de uma vidraça quebrada lampejava nos pedaços de vidro que caíam. Viu um homem alto que saía correndo para a rua.

Tinha que ser Wolff.

Corria em direção oposta.

Vandam sentiu uma onda de fúria cega. Impulsionou o acelerador da motocicleta, que rugiu atrás do homem que fugia. Quando passava junto ao restaurante, um PM saiu correndo e disparou três tiros. O passo do fugitivo não vacilou.

Vandam o enfocou com o farol. Corria com força, com passo firme, movendo ritmicamente braços e pernas. Quando lhe deu a luz, olhou para trás, por cima do ombro, sem modificar suas passadas, e Vandam viu-lhe um nariz adunco, um queixo firme, e um bigode sobre a boca aberta e ofegante.

Vandam podia haver-lhe disparado, mas os oficiais do Quartel General não levavam pistola.

A motocicleta se aproximou com rapidez. Quando estavam quase à par, Wolff dobrou numa esquina de repente. Vandam freou e a roda traseira patinou. Para manter o equilíbrio, inclinou a moto em direção oposta ao deslizamento. Deteve-se, deu um salto por cima e se lançou outra vez para diante.

Viu a costas de Wolff que desaparecia num estreito beco. Sem reduzir a velocidade, Vandam deu a volta na esquina e entrou no beco. A moto saiu disparada para o vazio. Vandam ficou com o estômago revirado. O cone branco de seu farol não iluminava nada. Pensou que caía em um fosso. Lançou um involuntário grito de temor. A roda traseira chocou-se contra algo. A dianteira caiu e caiu, e por fim encontrou o solo. O farol mostrou um vão de escadas. A moto quicou e aterrizou outra vez. Vandam lutava desesperadamente por manter reta a roda da frente. A moto desceu os degraus com uma série de choques estremecedores, e em cada um deles Vandam estava certo de perder a direção e espatifar-se. Viu Wolff no pé da escada, ainda correndo.

“Meu Deus, não!”, pensou Vandam.

Não tinha alternativa. Acelerou e dirigiu-se para os degraus. Um momento antes de chocar contra o primeiro, puxou o guidom para cima com todas suas forças. A roda dianteira se elevou. A moto bateu nos degraus, corcoveou como um animal selvagem tentando derrubar Vandam. Ele se manteve inflexível. A moto subiu enlouquecidamente, dando tombos. Vandam lutou e chegou ao extremo superior.

Encontrou-se numa longa passagem com paredes altas e vazias dos dois lados. Wolff ainda estava à vista e seguia correndo. Vandam pensou que podia alcançá-lo antes que chegasse ao final da passagem. Lançou-se para frente.

Wolff olhou para trás por cima do ombro, continuou correndo e voltou a olhar. Seu ritmo diminuía, Vandam observou. As passadas já não eram regulares e rítmicas: os braços voavam para os lados e corria precipitadamente. Ao ver de modo fugaz o rosto de Wolff, Vandam reparou que estava tenso pelo esforço.

Wolff correu com maior velocidade mas não foi suficiente. Vandam o alcançou, depois se adiantou e freou com brusquidão torcendo o guidom. A roda traseira patinou e a dianteira chocou contra a parede. Vandam saltou, quando a moto caiu ao solo, e aterrizou de pé na frente de Wolff. O farol destruído da moto lançava um feixe de luz na escuridão da passagem. Não tinha receio que Wolff se virasse e corresse no outro sentido, porque Vandam estava próximo e podia alcançá-lo facilmente. Sem parar em suas passadas, o espião saltou sobre a moto, atravessou a coluna de luz que surgia do farol como um faca que cortasse uma chama e se lançou contra Vandam. Este, ainda não muito firmado, tombou para trás e caiu. Wolff cambaleou e deu um passo mais para diante. Vandam apalpou na escuridão, encontrou o tornozelo de Wolff, agarrou-o e deu um puxão. Wolff caiu no chão.

O farol rompido iluminava parcialmente o resto da passagem. O motor havia parado e, no silêncio, Vandam ouvia a respiração de Wolff, rouca e irregular. Também sentia seu odor: de licor, suor e medo. Mas não podia ver-lhe o rosto.

Durante uma fração de segundo os dois permaneceram no solo, um exausto e o outro momentaneamente aturdido.

Logo ambos se puseram de pé. Vandam saltou sobre Wolff e lutaram corpo a corpo.

Wolff era forte. Vandam tratava de sujeitar-lhe os braços, mas não podia imobilizá-lo. Subitamente o soltou e deu-lhe um soco. Bateu em alguma parte branda e Wolff lançou uma exclamação de dor. Vandam tratou de golpear de novo, apontando desta vez no rosto; mas Wolff esquivou-se e o golpe se perdeu no vazio. De repente, à tênue luz, algo lampejou na mão de Wolff. “Uma faca!”, pensou alarmado Vandam.

A lâmina relampejou ao dirigir-se para sua garganta. Por reflexo, deu um pulo para trás. Uma dor ardente lhe cruzava a bochecha. No mesmo instante, levou a mão ao rosto. Sentiu um jorro de sangue quente. De repente, a dor ficou insuportável. Pressionou sobre a ferida e seus dedos tocaram algo duro. Percebeu que eram seus próprios dentes e que a faca havia cortado toda a carne da bochecha. Sentiu-se cair e ouviu que Wolff fugia correndo. Depois tudo ficou preto.

Wolff sacou um lenço do bolso de suas calças e limpou o sangue da lâmina da faca. Examinou a lâmina na penumbra e voltou a limpá-la. Seguiu caminhando lustrando vigorosamente o delgado aço. Parou e pensou: “Que estou fazendo? Já está limpa”. Jogou o lenço e voltou a colocar a faca em sua bainha, debaixo do braço. Saiu do beco e entrou numa rua, orientou-se e foi para a Cidade Velha.

Imaginou uma cela de cadeia. Tinha um metro oitenta de comprimento por um vinte de largura, e a metade a ocupava a cama. Debaixo da cama havia um urinol. As paredes eram de pedra cinzenta lisa. Uma lâmpada pequena pendurada do teto baixo, na ponta de um fio. Num extremo da cela havia uma porta. No outro, uma janelinha quadrada, justo acima do nível dos olhos: por ela podia ver o brilhante céu azul. Imaginou que se despertava pela manhã e via tudo isso, e recordava que estava ali há um ano, e que durante outros nove seguiria ali. Usou o urinol, e depois lavou as mãos na bacia de lata, no canto. Não havia sabão. Através de uma abertura na porta empurraram um prato de aveia cozida fria. Recolheu a colher e comeu um bocado, mas não pôde engolir, porque estava soluçando.

Sacudiu a cabeça para livrá-la das visões do pesadelo.

“Consegui escapar. Não é assim? Consegui escapar.” Viu que alguns transeuntes o olhavam fixamente ao passar. Viu um espelho na vitrina de uma loja e se olhou nele. Tinha o cabelo desordenado, um lado de seu rosto estava machucado e inchado, uma manga aparecia rasgada e havia sangue no pescoço. Ainda ofegava pelo esforço de correr e lutar. “Meu aspecto é perigoso”, pensou. Continuou andando e na esquina seguinte dobrou para tomar um caminho indireto que evitasse as ruas principais.

Esses imbecis de Berlim lhe haviam dado dinheiro falsificado! Não era surpreendente que fossem tão generosos. O imprimiam eles mesmos. Era tão idiota, que Wolff se perguntou se podia tratar-se de algo mais além de idiotice. Os Serviços Secretos Alemães estavam sob o comando dos militares, não do partido nazista. Seu chefe, Canaris, não era o mais entusiasta partidário de Hitler.

“Quando voltar a Berlim haverá uma purga.”

Como o haviam descoberto ali, no Cairo? Havia gastado muito dinheiro. As falsificações entraram em circulação. Os bancos detectaram as notas falsas... Não, não os bancos, a Tesouraria Geral. De qualquer maneira, alguém devia de ter rechaçado o dinheiro e a notícia se espalhou em todo o Cairo. O proprietário do restaurante viu que o dinheiro era falso e chamou os soldados. Wolff sorriu tristemente ao recordar o quão bajulado se sentira pelo brandy que o dono do restaurante lhe ofereceu. Só um truque para retê-lo até a chegada da polícia militar.

Pensou no homem da motocicleta. Devia de ser um sujeito decidido para conduzir a moto por aqueles becos, subindo e descendo escadas. Não tinha revólver, adivinhava Wolff; do contrário, o haveria usado. Tampouco estava de capacete, de modo que presumivelmente não era um PM. Alguém do Serviço de Informação, talvez? Seria o major Vandam?

Wolff esperava que fosse assim.

“O cortei — pensou —. Bastante fundo, sem dúvida. Pergunto-me onde. Na cara? Espero que tenha sido Vandam.”

Concentrou seu pensamento no problema imediato. Tinham a Sonja. Ela diria que apenas o conhecia. Inventaria alguma história sobre um casual conhecimento no Cha-Cha Clube. Não poderiam retê-la muito, porque era famosa, uma estrela, uma espécie de heroína para os egípcios, e encarcerá-la poderia provocar graves contratempos. De modo que logo a soltariam. Contudo, Sonja teria que dar-lhes seu endereço, o que significava que não podia voltar à casa flutuante: ao menos, por enquanto. Mas estava exausto, machucado e desganhado. Tinha que lavar-se e descansar umas horas em algum lugar.

“Estive aqui antes, errando pela cidade, cansado e perseguido, sem ter aonde ir”, pensou.

Desta vez teria que voltar a recorrer a Abdullah.

Enquanto caminhava pela Cidade Velha sabia em todo momento, no fundo de sua mente, que Abdullah era tudo o que restava e de repente se encontrou a poucos passos da casa do velho ladrão. Agachou-se para passar debaixo da arcada, percorreu o longo corredor escuro e subiu a escada de pedra em espiral até a morada de Abdullah.

Abdullah estava sentado no chão, com outro homem. Havia um narguilé entre eles e o ar estava saturado do perfume do haxixe. Abdullah levantou a vista para Wolff e esboçou um sorriso sonolento. Falou em árabe:

— Hei aqui o meu amigo Achmed, também chamado Alex. Bem-vindo, Achmed Alex.

Wolff se sentou no chão com eles e os cumprimentou em árabe.

— Meu irmão Yasef aqui deseja expor-te uma adivinhação, algo que nos está intrigando durante horas, desde que começamos a fumar, e a propósito...

Abdullah passou o cachimbo para Wolff, que fumou enchendo os pulmões.

Yasef disse:

— Achmed Alex, amigo de meu irmão, bem-vindo. Diga-me: Por que os britânicos nos chamam wogs?

Yasef e Abdullah se desfizeram em risos entrecortados. Wolff percebeu que estavam profundamente drogados.

Deviam ter estado fumando por toda a tarde. Deu outra chupada no cachimbo e o passou para Yasef. A droga era forte. Abdullah sempre tinha a melhor. Wolff explicou:

— Pois conheço a resposta. Os egípcios que trabalhavam no canal de Suez receberam camisas especiais que creditassem seu direito de estar em propriedade britânica. As iniciais WOGS que levavam nas costas correspondiam às palavras Working On Government Service (Trabalhador a Serviço do Governo).

Yasef e Abdullah romperam outra vez em gargalhadas nervosas. Abdullah disse:

— Meu amigo Achmed Alex é astuto. É tão astuto como um árabe, quase, porque quase é árabe. Foi o único europeu que se aproveitou de mim, Abdullah.

— Acho que isso não é verdade — replicou Wolff, entrando em seu estilo de expressão pétrea —. Jamais trataria de aproveitar-me de meu amigo Abdullah, pois quem poderia enganar ao diabo?

Yasef sorriu e assentiu em sinal de que apreciava a agudeza.

— Escuta, meu irmão, e te contarei. — Abdullah enrugou a testa conforme reunia seus pensamentos confundidos pela droga —. Achmed Alex me pediu que roubasse algo para ele. Desse modo, eu correria o risco e ele teria a recompensa. Certamente, não se aproveitou de mim assim, tão simplesmente. Eu roubei a coisa, era uma maleta, e, certamente, tinha a intenção de ficar-me com o conteúdo pois o ladrão tem direito ao produto do delito, conforme a lei de Deus. Por isso, eu devia haver-me aproveitado dele, não é assim?

— Por certo — concordou Yasef —, ainda que não recorde a passagem das Sagradas Escrituras que diz que um ladrão tem direito ao produto do delito. Apesar disso...

— Talvez não — disse Abdullah —. De que estava falando?

Wolff, que ainda era mais ou menos dono de si, disse:

— Você devia aproveitar-se de mim, porque abriu a pasta.

— Claro! Mas espera. Não havia nada de valor nela, assim é que Achmed Alex aproveitara-se de mim. Mas espera! Fiz-lhe pagar por meus serviços; eu cobreí com libras e ele não obteve nada.

Yasef franziu o cenho.

— Você, então, aproveitou-se dele.

— Não. — Abdullah sacudiu a cabeça com tristeza —. Ele me pagou com notas falsas.

Yasef olhou fixamente para Abdullah. Abdullah devolveu o olhar. Ambos estouraram em gargalhadas. Deram-se mútuas palmadas nos ombros, golpearam o solo com os pés e rodaram sobre as almofadas, rindo até que os olhos se encheram de lágrimas.

Wolff sorriu forçado. Era justo o tipo de história graciosa que os negociantes árabes gostavam, uma história com sua cadeia de enganos. Abdullah a contaria durante anos. Mas a Wolff lhe provocou um arrepio, de modo que também Abdullah sabia que as notas eram falsas. Quantos mais estavam cientes? Wolff sentiu como se a matilha de caçadores houvesse formado um círculo ao seu ao redor, de maneira que, qualquer que fosse a direção que corresse, sempre se chocava com algum; e o círculo se fechava cada dia mais.

Em esse momento, Abdullah pareceu dar-se conta do estado de Wolff. Imediatamente se manifestou muito preocupado.

— O que aconteceu com você? Foi roubado? — pegou uma campainha e a fez soar. Quase de imediato, do quarto vizinho, apareceu uma mulher meio adormecida —. Traga um pouco de água quente — disse Abdullah —. Lave as feridas de meu amigo. Dê-lhe minha camisa européia. Traga um pente. Traga café. Rápido!

Em uma casa européia Wolff teria protestado pelo fato de que despertassem às mulheres, depois de meia-noite, para atendê-lo; mas ali esse protesto seria muito descortês. As mulheres existiam para servir aos homens e não se surpreendiam nem se incomodavam pelas peremptórias demandas de Abdullah.

Wolff explicou:

— Os britânicos tentaram prender-me e me vi obrigado a lutar antes que pudesse fugir. Por desgraça, acho que agora sabem onde estive morando, e isso é um problema.

— Ah!

Abdullah trágou o narguilé e o passou novamente.

Wolff começou a sentir os efeitos do haxixe: estava sossegado, pensava com lentidão e tinha sono. O tempo corria mais devagar. Duas das esposas de Abdullah começaram a atender-lhe com grandes cuidados, lavando-lhe o rosto e penteando seus cabelos. Wolff achava esses serviços muito prazerosos.

Abdullah pareceu cochilar por uns instantes. De repente abriu os olhos.

— Deve ficar aqui. Minha casa é sua. Esconderei você dos britânicos — prometeu.

— És um verdadeiro amigo — disse Wolff.

“Era estranho”, pensou. Havia planejado oferecer dinheiro a Abdullah para que o ocultasse. Então Abdullah havia revelado saber que o dinheiro não era bom e ele se perguntou que outra coisa podia fazer. Mas resultava que Abdullah ia ocultá-lo de graça. Um verdadeiro amigo. Não havia amigos no mundo de Abdullah: pela família faria qualquer coisa, e pelo resto não faria nada. “Por que ganhei este tratamento especial?”, pensou Wolff sonolento.

Seu alarme estava soando outra vez. Obrigou-se a pensar: não era fácil, depois do haxixe. “Vamos por partes — pensou —. Abdullah me pede para ficar aqui. Por que? Porque estou em apuros. Porque sou seu amigo. Porque me aproveitei dele. Porque me aproveitei dele. Esta história não terminou. Abdullah queria agregar outro engano à cadeia. Como? Delatando-me aos britânicos.” Isso era. Enquanto Wolff dormisse, Abdullah enviaria uma mensagem ao major Vandam. Prenderiam a Wolff. Os britânicos pagariam a Abdullah pela informação e, finalmente, a história se poderia anotar em seu crédito.

“Maldito seja.”

Uma esposa trouxe uma camisa européia branca. Wolff se levantou e tirou a sua, desgarrada e manchada de sangue. A esposa evitou olhar-lhe o peito nu.

— Pode ir. — ordenou Abdullah.

Wolff abotoou a camisa.

— Talvez seja indigno para você dormir na casa de um árabe, meu amigo Achmed? — perguntou Abdullah.

— Os britânicos têm um provérbio: “Aquele que come com o diabo deve usar uma colher longa” — respondeu Wolff.

Abdullah sorriu brincalhão, mostrando seu dente de aço. Wolff havia adivinhado seu plano.

— Quase um árabe — disse.

— Adeus, meus amigos—despediu-se Wolff.

— Até a próxima — replicou Abdullah.

Wolff saiu à noite fria perguntando-se aonde poderia ir.

No hospital, uma enfermeira paralizou a metade do rosto de Vandam com um anestésico local. Depois a doutora Abuthnot lhe costurou a bochecha com suas compridas mãos sensíveis e peritas. Colocou-lhe um esparadrapo protetor, que prendeu com uma longa venda atada ao redor da cabeça.

— Devo parecer uma caricatura com dor de moê-las — disse Vandam.

A doutora estava séria. Não tinha muito senso de humor.

— Não estará tão contente quando passar o efeito da anestesia. Vai doer muito. Vou dar-lhe um calmante.

— Não, obrigado — disse Vandam.

— Não seja teimoso, major — replicou ela —. Depois se arrependerá.

Vandam a olhou, vestida com sua bata de hospital e seus cômodos sapatos de salto baixo, e se perguntou como como pudera ter-se sentido atraído por ela. Era muito agradável, inclusive bonita, mas também era fria, superior e asséptica. Não como...

Não como Elene.

— Um calmante me fará dormir — disse Vandam.

— E isso seria bom — disse a doutora —. Se você dormir podemos estar seguros de que, por umas horas, os pontos não sofrerão tensões.

— Adoraria, mas tenho um trabalho importante que não pode esperar.

— Você não pode trabalhar. Nem sequer deveria caminhar. Deve falar o menos possível. Está fraco pela perda de sangue, e uma ferida como esta é mental e fisicamente traumática. Dentro de poucas horas sentirá o efeito e estará enjoado, com náuseas, exausto e confuso.

— Estarei pior se os alemães tomarem o Cairo — disse Vandam enquanto levantava.

A doutora Abuthnot parecia contrariada. Vandam pensou que ela estava acostumada a dizer às pessoas o que deviam fazer. Não estava acostumada a lidar com a desobediência aberta.

— Está louco — disse.

— Sem dúvida. Posso comer?

— Não, tome glicose dissolvida em água morna.

“Poderia tomar com genebra morna”, pensou Vandam. Apertou sua mão. Estava fria e seca.

Jakes o esperava na porta do hospital com um carro.

— Sabia que não poderiam retê-lo muito, senhor. Devo levá-lo para sua casa?

— Não. — O relógio de Vandam havia parado —. Que horas são?

— Duas e cinco.

— Presumo que Wolff não estava jantando só.

— Não, senhor. A pessoa que o acompanhava está detida no Quartel General.

— Leve-me lá.

— Tem certeza...

— Sim.

O carro arrancou. Vandam perguntou:

— Deu parte às autoridades?

— Sobre o sucedido esta noite? Não, senhor.

— Bom. Pode esperar amanhecer.

Vandam não disse o que ambos sabiam: que o departamento, que já estava sendo posto em dúvida por haver permitido que Wolff reunisse dados secretos, encontrava-se em uma situação mais penosa ainda por deixá-lo escapar de suas mãos.

— Suponho que a pessoa que estava jantando com Wolff era uma mulher — disse Vandam.

— E muito mulher, se me permite dizê-lo, senhor. Um verdadeiro manjar. Chama-se Sonja.

— A bailarina?

— Nada menos.

Continuaram em silêncio. “Wolff tinha que ser frio — pensava Vandam — para sair com a bailarina mais famosa do Egito enquanto roubava segredos militares britânicos.” E bem, agora já não estaria tão fresco. De certa forma era lamentável; o incidente o havia advertido que os britânicos estavam atrás dele, e de agora em diante teria mais cuidado. “Nunca os assuste; simplesmente, pegue-os.”

Chegaram ao Quartel General e desceram do carro.

— Que fizeram com ela desde que chegou? — perguntou Vandam.

— O tratamento do não tratamento — disse Jakes —. Uma cela desnuda, nenhum alimento,

nenhuma bebida, nenhuma pergunta.

— Bom.

Era uma lástima, de todas as formas, que lhe houvessem dado tempo de refletir. Vandam sabia, pelos interrogatórios dos prisioneiros de guerra, que os melhores resultados se logravam imediatamente depois da captura, quando o detido ainda temia que o matassem. Mais tarde, enquanto o conduziam de um lugar para outro e recebia alimento e bebida, começava a pensar como prisioneiro mais que como soldado, e recordava que tinha novos direitos e obrigações. Então estava em melhores condições de manter a boca fechada. Vandam devia haver interrogado Sonja depois da briga no restaurante. Como isso havia sido impossível, o melhor era que a mantivessem isolada e não recebesse nenhuma informação até que ele chegasse.

Jakes o precedeu pelo corredor quando se dirigiam à sala de interrogatórios. Vandam jogou um olhar pelo olho mágico. Era um cômodo quadrado, sem janelas, muito iluminado com luz elétrica. Havia uma mesa, duas cadeiras e um cinzeiro. De um lado havia um cubículo sem porta, um sanitário.

Sonja estava sentada em uma das duas cadeiras, em frente à porta. “Jakes tinha razão — pensou Vandam —. É um manjar.” Contudo, distava de ser “bonita”. Era uma espécie de amazona, com seu corpo maduro, voluptuoso, e seus traços firmes e bem proporcionados. No Egito, as mulheres jovens geralmente tinham pernas esbeltas e graciosas, como os cervos jovens de pelagem suave. Sonja era bem mais como... Vandam enrugou a testa e pensou: uma tigresa. Usava um vestido longo, amarelo brilhante, que para Vandam era escandaloso mas que estaria muito ao tom do Cha-Cha Clube. Observou-a durante alguns minutos. Estava sentada e imóvel. Não parecia inquieta; não lançava olhadas nervosas ao redor da cela desnuda; não fumava nem roía as unhas. Vandam pensou que ia ser um osso duro de roer. Depois Sonja trocou a expressão de seu belo rosto. Levantou-se e começou a ir e vir pelo quarto. Vandam refletiu: “Não tão duro”.

Abriu a porta e entrou.

Sentou-se à mesa sem falar. A deixou de pé, o que representava uma desvantagem psicológica para a mulher: “O primeiro ponto é meu”, pensou Vandam. Ouviu que Jakes entrava atrás dele e fechava a porta. Levantou a vista e olhou para Sonja.

— Sente-se.

Ela permaneceu de pé, contemplando-lhe, e pouco a pouco um sorriso se desenhava em sua boca. Apontou as ataduras.

O segundo ponto era de Sonja.

— Sente-se.

— Obrigada.

Sonja se sentou.

— Quem é “ele”?

— Alex Wolff, o homem que vocês trataram de surrar esta noite.

— E quem é Alex Wolff?

— Um cliente rico do Cha-Cha Clube.

— Há quanto tempo o conhece?

Sonja olhou seu relógio.

— Cinco horas.

— Que relação tem com ele?

Ela encolheu os ombros.

— Tivemos um encontro.

— Como se conheceram?

— Da forma costumeira. Depois de minha atuação um garçon me trouxe uma mensagem. O senhor Wolff me convidava para reunir-me com ele em sua mesa.

— Qual?

— Que mesa?

— Que garçon?

— Não me lembro.

— Continue.

— O senhor Wolff me ofereceu uma taça de champanhe e me pediu que jantasse com ele. Aceitei, fomos ao restaurante. Já conhece o resto.

— Costuma sentar-se com pessoas do público depois de sua atuação?

— Sim, é um costume.

— Costuma jantar com essas pessoas?

— Ocasionalmente.

— Por que aceitou desta vez?

— O senhor Wolff parecia uma pessoa diferente. — Sonja olhou de novo a bandagem de Vandam e sorriu brincalhona —. E o é.

— Qual é seu nome completo?

— Sonja el-Aram.

— Endereço?

— Jihan, Zamalek É uma casa flutuante.

— Idade?

— Que descortês!

— Idade?

— Nego-me a responder.

— Está em terreno perigoso...

— Não, o senhor é que está em terreno perigoso.

Repentinamente, Sonja surpreendeu Vandam mostrando seus sentimentos. Havia estado reprimindo sua fúria durante todo esse tempo. Agitou um dedo diante do rosto de Vandam.

— Pelo menos dez pessoas viram seus valentões uniformizados prender-me no restaurante. Amanhã ao meio-dia, metade do Cairo saberá que os britânicos hão metido Sonja na cadeia. Se amanhã pela noite não apareço no Cha-Cha, haverá uma revolta. Meu povo queimará a cidade.

Terão que trazer tropas do deserto para fazer frente à situação. E se saio daqui com um só machucado ou arranhão, mostrarei para todo mundo no palco e o resultado será o mesmo. Não, senhor, não sou eu quem está em terreno perigoso.

Vandam a olhou inexpressivo durante toda a ladainha e depois falou como se ela não houvesse dito nada extraordinário. Tinha que ignorar sua argumentação, porque Sonja tinha razão e ele não podia negá-lo.

— Começemos de novo — disse com suavidade —. Diz que conheceu a Wolff no Cha-Cha...

— Não — interrompeu Sonja —. Não vou começar de novo. Cooperarei com o senhor e responderei suas perguntas, mas não me interrogará.

Levantou-se, virou a cadeira e se sentou de costas para Vandam.

Por um momento, o major olhou com firmeza a nuca de Sonja. Ela o havia vencido total e cabalmente. Vandam estava irritado consigo mesmo por haver permitido, mas sua raiva estava mesclada com uma oculta admiração pela forma como Sonja o havia feito. De repente se levantou e abandonou o quarto. Jakes o seguiu.

No corredor, Jakes perguntou:

— Que lhe parece?

— Teremos que deixá-la ir.

Jakes foi dar as instruções pertinentes. Enquanto esperava, Vandam pensou em Sonja. Perguntava-se em que reservas teria ela ido buscar a força para o desafiar. Sua história podia ser verdadeira ou falsa, mas devia haver-se mostrado assustada, confusa, intimidada e finalmente dócil. Era certo que sua fama lhe dava proteção; porém, ao ameaçá-lo com ela, devia estar fanfarrando, insegura e desesperada, pois o isolamento numa cela atemoriza qualquer um, especialmente às celebridades, porque a excomunhão repentina do mundo rutilante conhecido lhes faz duvidar mais que nunca da realidade desse mundo.

O que lhe dava forças? Voltou a evocar a conversação. A pergunta que se havia negado a responder era a da idade. Evidentemente, seu talento lhe havia permitido continuar além da idade em que as bailarinas comuns se retiram, de maneira que talvez vivesse temendo o passar dos anos. Ali não havia indícios. Pelos outros, mostrara-se tranqüila, inexpressiva, exceto quando sorriu por causa de sua ferida. Então, ao final, havia estourado, mas mesmo assim havia usado sua fúria; não havia sido dominada por ela. Tratou de recordar o rosto de Sonja quando se enfureceu. O que ele vira naquele rosto? Não era só ira. Não era temor. Então se deu conta. Era ódio.

Ela o odiava. Portanto, Sonja odiava os britânicos. E seu ódio lhe dava forças.

Vandam se sentiu cansado. Sentou-se pesadamente num banco do corredor. De onde ele ia tirar forças? Era fácil ser forte se um era perturbado, e no ódio de Sonja havia um certo estranho lampejo. Ele não tinha esse amparo. Com calma, de forma racional, considerou o que estava em jogo. Imaginou os nazistas entrando no Cairo; a Gestapo nas ruas; os judeus egípcios fustigados aos campos de concentração; a propaganda fascista na rádio...

As pessoas como Sonja viam o Egito sob o domínio britânico e sentiam que agora era a vez dos nazistas. Não era verdade, mas se alguém olhasse os britânicos com os olhos de Sonja, isso era de certa forma factível; os nazistas diziam que os judeus eram subumanos, e os britânicos diziam que os negros eram como meninos. Não havia liberdade de imprensa na Alemanha, e tampouco a havia no Egito. E os britânicos, como os alemães, tinham sua polícia política. Antes

da guerra Vandam havia ouvido, nos refeitórios de oficiais, manifestações de caloroso apoio à política de Hitler. Odiavam Hitler não porque fosse fascista, e sim porque havia sido cabo do exército e pintor de parede na vida civil. Havia bestas em todas as partes e às vezes chegavam ao poder. Então havia que combatê-las.

Era uma filosofia mais racional que a de Sonja, mas não era muito inspiradora.

O efeito do anestésico começou a desaparecer. Sentia uma aguda e clara linha de dor que lhe percorria a bochecha, como uma queimadura recente. Deu-se conta de que também lhe doía a cabeça. Esperava que Jakes demorasse em providenciar a libertação de Sonja, para poder ficar sentado no banco um pouco mais.

Pensou em Billy. Não queria que o garoto sentisse sua falta no café da manhã. “Talvez eu fique desperto até amanhecer, leve-o à escola e depois fique em casa para dormir”, pensou. Como seria a vida de Billy sob o domínio dos nazistas? Ensinariam-lhe a desprezar os árabes. Seus atuais professores não eram grandes admiradores da cultura africana, mas pelo menos Vandam podia fazer algo para mostrar a seu filho que as pessoas distintas não eram necessariamente estúpidas.

O que ocorreria numa aula nazista se Billy levantasse a mão e dissesse: “Perdoe, senhora, meu pai diz que um inglês tonto não é mais astuto que um árabe tonto” ?

Pensou em Elene. Era uma mantida, mas pelo menos podia escolher os seus amantes e, se não lhe agradava o que eles queriam fazer na cama, podia jogá-los a pontapés. No bordel de um campo de concentração não teria essa possibilidade... Vandam se estremeceu.

“Sim. Não somos muito admiráveis, especialmente em nossas colônias, porém, os nazistas são piores, os egípcios saibam ou não. Vale a pena lutar. Na Inglaterra a civilização progride com lentidão; na Alemanha está dando um grande passo para trás. Pense nas pessoas que ama e as coisas ficarão mais claras.

“Tire forças disso. Fique desperto um pouco mais. Levante-se.”

Vandam Levantou-se. Jakes regressou.

— Ela é anglófoba — disse Vandam.

— Como diz, senhor?

— Sonja. Odeia os britânicos. Não acho que Wolff tenha sido uma amizade casual. Vamos.

Saíram juntos do edifício. Lá fora ainda estava escuro.

— Senhor, está muito cansado — disse Jakes.

— Sim, estou muito cansado, mas ainda raciocino corretamente, Jakes. Leve-me à central de polícia.

— Sim, senhor.

Arrancaram. Vandam deu o pacote de cigarros e o acendedor a Jakes, que conduzia com uma mão enquanto dava fogo para Vandam. Por causa da ferida, Vandam tinha dificuldade de tragar: podia manter o cigarro entre os lábios e aspirar a fumaça, mas não absorver com a força necessária para acendê-lo. Jakes lhe passou o cigarro. “Gostaria de acompanhá-lo com um coquetel”, pensou Vandam.

Jakes deteve o automóvel na porta da delegacia.

— Precisamos ver ao chefe dos detetives, ou como o chamem — disse Vandam.

— Não acho que esteja aqui a esta hora...

— Consiga o seu endereço, e o despertaremos.

Jakes entrou no edifício. Vandam olhou fixamente para frente, através do pára-brisas. Começava a amanhecer. As estrelas haviam-se apagado e o céu estava mais cinzento do que preto, havia poucas pessoas nos arredores. Viu um homem que conduzia dois jumentos carregados. Os almuadens ainda não haviam chamado para a primeira oração do dia.

Jakes regressou.

— Gezira — disse, enquanto punha a marcha e soltava a embreagem.

Vandam pensou em Jakes. Alguém lhe dissera ele que tinha um grande senso de humor. Vandam sempre o havia considerado agradável e alegre, mas nunca percebera sinal de humor verdadeiro. “Serei tão tirano que meu pessoal se horroriza de fazer piadas em minha presença?” — pensou —. Ninguém me faz rir. Exceto Elene.”

— Nunca me conta piadas, Jakes.

— Como diz, senhor?

— Dizem que tem um formidável senso de humor; Contudo, nunca me conta piadas.

— Não, senhor.

— Se importaria de ser franco por um momento e dizer-me por quê?

Houve uma pausa, e depois Jakes disse:

— O senhor não incita à familiaridade, senhor.

Vandam assentiu. Como podiam saber o quanto gostava de jogar a cabeça para trás e rugir de riso?

— Você é muito discreto, Jakes. Deixemos a questão.

“O assunto de Wolff está me perturbando — pensou —. Pergunto-me se alguma vez realmente fui bom no meu trabalho, e inclusive se sirvo para algo. E meu rosto dói.”

Cruzaram a ponte para a ilha. O céu passou do cinza lousa ao cinza pérola. Jakes acrescentou:

— Queria dizer, senhor, se me permite, que o senhor é, com sobras, o melhor chefe que tive.

— Oh! — Vandam não o esperava —. Meu Deus! Bom, obrigado, Jakes, obrigado.

— Não há de que, senhor. Chegamos.

Parou o carro na entrada de uma casa pequena, bonita, de uma só instalação, com um jardim bem cuidado. Vandam calculou que o chefe de detetives ia bastante bem com os subornos, mas não demasiado. Um homem cauteloso, talvez: era uma bom sinal.

Percorreram a vereda da entrada e chamaram à porta. Ao cabo de alguns minutos apareceu uma cabeça pela janela e falou em árabe.

Jakes sacou sua voz de primeiro sargento.

— Serviço de Informação Militar! Abra a maldita porta!

Um minuto depois um árabe pequeno a abriu, ajustando-se ainda o cinturão das calças. Disse em inglês:

— O que houve?

Vandam interveio.

— É uma emergência. Podemos entrar?

— Certamente.

O detetive ficou de um lado e eles entraram. Conduziu-os a uma pequena sala.

— O que aconteceu?

Parecia assustado e Vandam pensou: “Quem não estaria? Uma chamada à porta em metade da noite...”.

— Não há nada que temer, mas queremos estabelecer uma vigilância e a necessitamos de imediato.

— Certamente. Por favor, sente-se. — O detetive procurou uma caderneta e um lápis —. Quem é a pessoa?

— Sonja el-Aram.

— A bailarina?

— Sim. Queremos que vigie sua casa vinte e quatro horas por dia. É uma casa flutuante chamada jibán, em Zamalek.

Enquanto o detetive anotava os dados, Vandam desejava não haver tido que utilizar a polícia egípcia para aquele trabalho. Realmente não tinha alternativa; era impossível, num país africano, empregar para a vigilância pessoas de fala inglesa, de pele branca, que chamariam a atenção.

— De que lhe acusa? — perguntou o detetive.

“Não espere que o diga”, pensou Vandam.

— Achamos que Sonja el-Aram pode estar metida com alguém que está fazendo circular libras esterlinas falsas no Cairo — respondeu.

— De modo que quer saber quem entra e sai, se levam algo, se fazem reuniões a bordo...

— Sim. E nos interessa especialmente um homem. Alex Wolff, o suspeito do assassinato de Asyut. O senhor já deve ter a sua descrição.

— Certamente. Relatórios diários?

— Sim, exceto que, se virem Wolff, desejo sabê-lo de imediato. Pode comunicar-se com o capitão Jakes ou comigo no Quartel General durante o dia. Dê-lhe nossos telefones particulares, Jakes.

— Conheço essas casas flutuantes — disse o detetive —. O caminho do cais é um passeio muito popular ao entardecer, especialmente para os enamorados.

— Isso mesmo — concordou Jakes.

Vandam olhou Jakes e levantou uma sobrancelha.

O detetive continuou:

— Um bom lugar, talvez para os mendigos. Ninguém nunca percebe um mendigo. Pela noite... Bom, há arbustos, também muito apreciados pelos enamorados.

Vandam disse:

— É mesmo, Jakes?

— Não saberia dizer-lhe, senhor.

Percebeu que ele estava pegando-lhe no pé e sorriu. Entregou ao detetive uma folha de papel

com os números de telefone.

Um menino pequeno entrou na sala esfregando os olhos. Tinha cinco ou seis anos. Olhou ao seu redor, sonolento, e se aproximou do detetive.

— Meu filho — disse orgulhosamente.

— Acho que já podemos ir - disse Vandam —. A menos que queira uma carona para a cidade.

— Não, obrigado; tenho carro, e queria me arrumar antes de ir.

— Muito bem, mas não se entretenha.

Vandam levantou-se. Repentinamente, não via bem. Era como se as pálpebras se fechassem de forma involuntária. Sentiu que perdia o equilíbrio. Jakes se pôs ao seu lado e lhe segurou o braço.

— Tudo em ordem, senhor?

A visão retornou lentamente.

— Tudo em ordem, agora — disse Vandam.

— Tem uma ferida muito grave — disse o detetive com tom solidário.

Saíram pela porta.

— Cavalheiros, podem estar certos de que cuidarei deste assunto pessoalmente. Não poderão meter um rato a bordo dessa casa flutuante sem que vocês saibam.

O detetive ainda segurava o menino em seus braços. O apoiou sobre seu quadril esquerdo e estendeu a mão direita.

— Até logo — disse Vandam. Deu-lhe a mão —. A propósito, sou o major Vandam.

O detetive fez uma pequena reverência.

— Inspetor Kemel a seu serviço, senhor.

Sonja meditava tristemente. Havia alentado alguma esperança de encontrar Wolff quando, pela madrugada, regressou à casa flutuante; mas o lugar estava frio e deserto. Não sabia o que pensar. A princípio, quando a prenderam, só sentiu raiva dele porque havia fugido deixando-a à mercê dos assassinos britânicos. Ao ficar sozinha, sendo mulher e, de certa forma, cúmplice na espionagem de Wolff, sentiu terror pelo que pudessem fazer-lhe. Pensou que ele devia ter ficado e havê-la protegido. Depois se deu conta de que esse proceder não haveria sido inteligente. Ao abandoná-la, Wolff havia afastado as suspeitas dela. Era difícil aceitá-lo, mas era para seu bem. Sentada sozinha quarto vazio do Quartel General, havia mudado o foco de sua ira, de Wolff para os britânicos. E quando os desafiou, eles voltaram atrás.

Naquele momento, não estava segura de que o homem que a interrogava fosse o major Vandam. Mas depois, quando a deixaram em liberdade, o funcionário deixou escapar o seu nome. A confirmação a havia deleitado. Sorriu de novo ao pensar na grotesca bandagem da cara de Vandam. Wolff devia de tê-lo ferido. Deveria tê-lo matado. De qualquer maneira, que grande noite, que soberba noite!

Perguntou-se onde Wolff estaria. Escondera-se em algum lugar, na cidade. Sairia quando achasse que não havia perigo. Ela não podia fazer nada. Mas gostaria que ele estivesse ali para compartilhar o triunfo.

Vestiu a camisola. Sabia que devia deitar-se, mas não tinha sono. Talvez uma taça a ajudasse. Foi procurar uma garrafa de uísque, serviu um pouco num copo e crescentou água. O estava saboreando quando ouviu passos na passarela. Sem pensar, chamou:

— Achmed...?

Depois se deu conta de que não eram seus passos. Estes eram demasiado leves e rápidos. Permaneceu ao pé da escada, de camisola, com o copo na mão. Abriram a escotilha e apareceu um rosto árabe.

— Sonja?

— Sim...

— Acho que esperava por outra pessoa.

O homem desceu a escada. Sonja o observava, pensando: “O que é agora?”. Quando chegou ao chão, o desconhecido ficou de frente para ela. Era um homem pequeno. De rosto agradável e movimentos rápidos e precisos. Usava roupas européias: calças escuras, sapatos negros lustrados e camisa branca, de manga curta.

— Sou o inspetor Kemel, e me honra conhecê-la.

Estendeu a mão.

Sonja se virou e se afastou, cruzou o quarto até o divã e se sentou. Achava haver terminado com a polícia. Agora tratavam de intervir os egípcios. Tranquilizou-se pensando que, no final, provavelmente tudo se arrumaria com um suborno. Tomou um gole de uísque enquanto observava a Kemel. Por fim disse:

— O que é que deseja?

Kemel se sentou sem ser convidado.

— Interessa-me seu amigo, Alex Wolff.

— Não é meu amigo.

Kemel passou ignorou a frase.

— Os britânicos me dão duas coisas do senhor Wolff: primeira, que esfaqueou a um cabo em Asyut; segunda, que passou dinheiro inglês falsificado num restaurante do Cairo. A história não deixa de ser curiosa. O que ele fazia em Asyut? Por que matou um militar? E onde conseguiu o dinheiro falso?

— Não sei nada sobre esse homem — disse Sonja esperando que Wolff não chegasse nesse momento.

— Mas eu sim — replicou Kemel —. Tenho outras informações, que os britânicos podem ou não possuir. Sei quem é Alex Wolff. Seu padastro era advogado, aqui, no Cairo. Sua mãe era alemã. Também sei que Wolff é um nacionalista. Sei que foi seu amante e sei que você é nacionalista.

Sonja ficara gelada. Permaneceu imóvel, sem provar a bebida que servira-se, observando como o astuto detetive exibia as provas contra ela. Não disse nada.

Kemel continuou.

— Onde conseguiu o dinheiro falso? Não foi no Egito. Não acho que haja aqui um impressor capaz de fazer esse trabalho. E se houvesse, acredito que fabricaria dinheiro egípcio. Portanto, esse dinheiro provém da Europa. Pois bem, Wolff, também conhecido como Achmed Rahmah, desapareceu silenciosamente faz alguns anos. Aonde foi? À Europa? Voltou... pela rota de Asyut. Por quê? Quis introduzir-se às escondidas no país, passar despercebido? Talvez fizesse parte de uma organização de falsificadores ingleses e agora voltou com sua parte do ganho. Mas não acredito nisso, porque não é um homem pobre, nem tampouco um criminoso. Logo, há um mistério.

“Ele sabe — pensou Sonja —. Meu Deus, ele sabe.”

— Agora os britânicos me pediram que vigie esta casa flutuante e lhes informe sobre todas as pessoas que entram e saem. Eles esperam que Wolff venha aqui. Então o prenderão, e depois obterão a resposta. A menos que eu resolva o quebra-cabeça primeiro.

Vigilância sobre a casa flutuante! Wolff nunca voltaria. “Mas... por que Kemel está me revelando isso?”, pensou Sonja.

— A chave, acho, está na origem de Wolff: é alemão e egípcio. — Kemel se pôs de pé e cruzou o quarto para sentar-se junto de Sonja e olhá-la nos olhos —. Acho que ele está lutando nesta guerra. Acho que está lutando pela Alemanha e pelo Egito. Acredito que o dinheiro falso provém dos alemães. Acho que Wolff é um espião.

Sonja pensou: “Mas não sabe onde encontrá-lo. Por isso está aqui”.

Kemel lhe cravou os olhos. Ela desviu o olhar, temerosa de que pudesse adivinhar seus pensamentos.

— Se Wolff é um espião, eu posso capturá-lo. Ou posso salvá-lo — disse o detetive.

Sonja se voltou bruscamente.

— O que quer dizer?

— Quero vê-lo. Em segredo.

— Por quê?

Kemel mostrou um sorriso astuto e cúmplice.

— Sonja, você não é a única que quer que Egito seja livre. Somos muitos. Queremos ver os britânicos derrotados e não nos importamos com quem o faça. Desejamos trabalhar com os alemães. Queremos por-nos em contato com eles. Queremos falar com Rommel.

— E o senhor acha que Achmed pode ajudá-los?

— Se é espião, deve de ter um meio de enviar mensagens aos alemães.

Sonja estava confusa. De acusador, Kemel havia-se convertido em outro conspirador, a menos que fosse uma armadilha. Não sabia se confiava ou não nele. Não tinha tempo suficiente para pensá-lo. Não sabia o que dizer, assim que não disse nada.

Kemel assentiu com amabilidade.

— Pode marcar-me um encontro?

De nenhuma maneira Sonja podia tomar semelhante decisão de improviso.

— Não — disse.

— Lembre da vigilância da casa flutuante — advertiu Kemel —. Os relatórios chegarão ao meu poder antes de passar pelo major Vandam. Se existe uma possibilidade, só uma possibilidade, de que você consiga um encontro, eu posso assegurar que os relatórios que cheguem a Vandam estejam cuidadosamente corrigidos a fim de que não contenham nada... embaraçoso.

Sonja já havia esquecido da vigilância. Quando Wolff regressasse — e o faria cedo ou tarde —, os que estivessem observando informariam e Vandam saberia, a menos que Kemel desse um jeito. Isso mudava tudo. Não tinha alternativa.

— Eu lhe conseguirei uma entrevista.

— Muito bem. — O detetive se levantou —. Ligue para o quartel principal de polícia e deixe uma mensagem dizendo que Sirhan deseja ver-me. Quando receber esse mensagem, entrarei em contato com você para combinar o dia e a hora.

— De acordo.

Kemel se dirigiu para a escada e depois se voltou.

— A propósito... — Sacou uma carteira do bolso de sua bermuda e extraiu uma pequena fotografia. Entregou-lhe a Sonja. Era uma foto dela —. Poderia autografá-la para minha esposa? É uma grande admiradora sua. — estendeu-lhe uma caneta —. Chama-se Hesther.

Sonja escreveu: “Para Hesther, com meus melhores desejos, Sonja”. Devolveu a fotografia a Kemel. Pensava: “Isto é incrível”.

— Muito obrigado... Ela se alegrará muitíssimo.

“Incrível.”

— Entrarei em contato assim que for possível — assegurou Sonja.

— Obrigado.

O detetive estendeu a mão. Desta vez Sonja a apertou. Kemel subiu a escada e saiu, fechando a escotilha atrás de si.

Sonja sentou-se. Conforme se olhasse havia manejado bem o assunto. Não estava convencida totalmente da sinceridade de Kemel; mas se havia-lhe preparado uma armadilha, ela não o via.

Sentiu-se cansada. Terminou o uísque e cruzou as cortinas para o dormitório. Ainda estava de camisola e sentia bastante frio. Foi à cama e tirou o cobertor para descobri-la. Ouviu um ruído de golpes suaves e repetidos. Por um instante seu coração parou. Girou para olhar o postigo do lado mais distante, o que dava para o rio. Detrás do vidro havia uma cabeça.

Sonja deu um grito.

A cara desapareceu.

Se tratava de Wolff. Subiu correndo a escada e saiu à coberta. Olhou pela borda e o viu na água. Parecia estar nu. Trepou pelo costado do barco, usando os postigos para agarrar-se. Sonja conseguiu segurar-lhe o braço, puxou e o fez subir à coberta. Wolff permaneceu acorado um instante, lançando rápidas olhadas para um lado e outro da margem, como um astuto rato de água. Depois desceu rapidamente pela escotilha. Sonja o seguiu.

Wolff ficou de pé sobre o tapete, jorrando água e tremendo. Estava pelado.

— O que aconteceu? — perguntou Sonja.

— Prepara-me um banho — disse ele.

Sonja cruzou o dormitório para o banheiro. Tinha uma banheira pequena com um aquecedor elétrico. Abriu as torneiras e jogou na água um punhado de cristais perfumados. Wolff se meteu na banheira e deixou que a água subisse ao seu ao redor.

— O que aconteceu? — repetiu Sonja.

Wolff dominou suas emoções.

— Não quis arriscar vindo pelo caminho do cais, de modo que me despi na beira oposta e cruzei a nado. Olhei adentro e vi esse homem contigo... Suponho que era outro policial.

— Sim.

— De forma que tive que esperar na água até que se foi.

Sonjariu.

— Pobrezinho!

— Não é nada divertido! Deus, estou gelado! Os sacanas dos Serviços Secretos Alemães me deram dinheiro falso. Estrangularei alguém por isto, quando for à Alemanha.

— Por quê?

— Não sei se é incompetência ou deslealdade. Canaris sempre foi pouco entusiasta com respeito a Hitler. Pode fechar as torneiras?

Começou a tirar-se o barro do rio que tinha nas pernas.

— Terá que usar seu próprio dinheiro — disse Sonja.

— Não posso. Provavelmente o banco tem instruções de avisar à polícia se eu aparecer. Poderia pagar uma ou outra conta com cheques, mas isso poderia ajudá-los a pegar-me. Resta-me a possibilidade de vender uma parte de meus bens, ou inclusive a vila, mas também nesse caso o dinheiro tem que passar por um banco...

“Ou seja, terá que usar o meu — pensou Sonja —. Mas você não pede: simplesmente o toma.” Arquivou a idéia para considerá-la no futuro.

— Esse detetive vai vigiar o barco... Por ordem de Vandam.

Wolff sorriu abertamente.

— De modo que era Vandam.

— Foi você que o feriu?

— Sim, mas não sei onde. Não havia luz.

— Foi no rosto. Tinha um enorme curativo.

Wolff lançou uma gargalhada.

— Oxalá pudesse vê-lo! — ficou sério e perguntou — : Ele a interrogou?

— Sim.

— Quanto lhe disseste?

— Que apenas te conheço.

— Bem feito! — A olhou apreciativamente. Sonja se deu conta de que ele estava contente e um pouco surpreso de que houvesse conservado o sangue frio —. Ele acreditou?

— Pelo visto não, já que mandou vigiar-me.

Wolff franziu o cenho.

— Isto vai ser um inconveniente. Não posso cruzar o rio cada vez que queira vir para casa...

— Não se preocupe — disse Sonja —. Já dei um jeito.

— Verdade?

Não era exatamente assim e Sonja o sabia, mas soava bem.

— O inspetor é dos nossos — explicou.

— Um nacionalista?

— Sim. Quer usar seu rádio.

— Como sabe que tenho um rádio?

Havia um tom ameaçador na voz de Wolff.

— Não sabe — respondeu tranquilamente Sonja —. Daquilo que os britânicos lhes disseram ele deduz que você é um espião; e presume que um espião tem um meio de comunicar-se com os alemães. Os nacionalistas desejam enviar uma mensagem para Rommel.

Wolff sacudiu a cabeça.

— Prefiro não envolver-me nisso.

Sonja não ia deixá-lo desfazer um pacto estabelecido por ela.

— Tem que fazê-lo — disse bruscamente.

— Suponho que sim — admitiu Wolff, abatido.

Sonja experimentou uma estranha sensação de poder. Era como se agora manda-se. Era estimulante.

— Estão fechando o cerco. Não quero mais surpresas como a de ontem à noite. Queria deixar este barco, mas não sei aonde ir. Abdullah está ciente de que meu dinheiro não serve. E gostaria de entregar-me aos britânicos. Maldição!

— Estará seguro aqui, enquanto coopere com o detetive.

— Não tenho alternativa.

Sonja se sentou na borda da banheira, olhando o corpo nu de Wolff. Parecia... não derrotado, mas sim encurralado. Tinha o rosto tenso e havia em sua voz um ligeiro tom de temor. Adivinhou que Wolff, pela primeira vez, estava se perguntando se poderia sustentar-se até que Rommel chegasse. E, também pela primeira vez, dependia dela. Necessitava de seu dinheiro e de sua casa. Na noite anterior dependera de seu silêncio no interrogatório e nesse momento estava a salvo devido ao seu trato com o detetive nacionalista. Estava caindo em seu poder. A idéia a fascinou. Sentiu-se sensualmente excitada.

— Não sei se irei ao encontro com essa pequena, Elene, esta noite — disse Wolff.

— Por que não? Não tem nada que ver com os britânicos. Conheceu-a em uma loja!

— Talvez. É só que acho mais seguro ficar aqui. Não sei.

— Não — disse Sonja com firmeza —. Eu a quero.

Wolff a olhou com os olhos cerrados. Ela não sabia se estava considerando o assunto ou pensando em sua recém descoberta força de vontade.

— Muito bem — disse finalmente —. É só tomar precauções.

Wolff se havia dado por vencido. Sonja havia provado sua força contra a dele, e havia ganhado. Isso lhe causava uma espécie de excitação. Estremeceu.

— Ainda tenho frio — disse Wolff —. Acrescenta um pouco de água quente.

— Não.

Sem tirar-se a camisola, Sonja entrou na banheira.

Vandam se sentia otimista sentado no Restaurante Oásis, bebendo um martini gelado, com Jakes ao seu lado. Dormiu o dia todo e despertou moído, mas pronto para contra-atacar. Havia ido ao hospital, onde a doutora Abuthnot disse que era uma loucura estar levantado e dando voltas, mas que estava com sorte, pois sua ferida estava melhorando. Trocara a bandagem por uma menor que não era atada ao redor da cabeça. Já eram sete e quinze e em poucos minutos pegaria a Alex Wolff.

Vandam e Jakes estavam no fundo do salão, de um ponto do qual dominavam todo o estabelecimento. A mesa mais próxima estava ocupada por dois sargentos robustos que comiam frango frito pago pelo Serviço de Informação. Lá fora, num carro sem identificação que estava estacionado do outro lado da rua, havia dois PM's a paisana, com revólveres nos bolsos de seus paletós. A armadilha estava montada; só faltava a isca. Elene chegaria a qualquer momento.

Pela manhã Billy havia ficado impressionado com a bandagem. Vandam o fez jurar que guardaria segredo e depois lhe contou a verdade.

— Tive uma briga com um espião alemão. Ele tinha uma faca. Escapou, mas acho que poderei pegá-lo esta noite.

Era uma infração do segredo, mas que demônios, o garoto necessitava saber por que seu pai estava ferido. Depois de escutar o sucedido, Billy já não se sentiu preocupado senão emocionado. Gaafar, pasmado, ia e vinha silenciosamente e falava em sussurros, como se houvesse um morto em casa.

Com Jakes, a impulsiva intimidade da noite anterior não havia deixado nenhuma marca evidente. Suas relações oficiais haviam retornado: Jakes recebia ordens, chamava-o de senhor e não dava opiniões nem que lhe pedissem. “Estava bom assim — pensava Vandam —;

formavam uma boa equipe. Para que mudar?”

Vandam consultou seu relógio de pulso. Eram sete e trinta. Acendeu outro cigarro. A qualquer momento Alex Wolff entraria pela porta. Vandam se sentiu certo de reconhecer Wolff — um europeu alto, de nariz aquilino, com cabelos e olhos castanhos; um homem forte, com boa forma física —, mas não faria nada até que Elene entrasse e se sentasse com ele. Então Vandam e Jakes atuariam. Se Wolff tentasse fugir, os dois sargentos obstruiriam a porta e, no caso improvável de que lograsse passar, os PM's que estavam lá fora atirariam.

Sete e trinta e cinco. Vandam ansiava por interrogar Wolff. Que batalha de vontades! Mas Vandam ganharia, porque teria todas as vantagens. Wolff titubearia, procuraria os pontos débeis e depois pressionaria até que o prisioneiro se quebrasse.

Sete e trinta e nove. Wolff estava atrasado. Certamente, era possível que não viesse. “Deus não o permita.” Vandam estremeceu ao recordar o ar de suficiência com que havia dito a Bogge: “Espero prendê-lo amanhã à noite”. O setor de Vandam tinha má fama nesse momento e só a rápida prisão de Wolff permitiria recuperar-se. “Contudo, suponhamos que, depois do susto de ontem à noite, Wolff tenha decidido sumir por um tempo. Onde se esconderia?” De algum modo, Vandam tinha a impressão de que não fazer-se notar não era o estilo de Wolff. Então confiava.

Às sete e quarenta a porta do restaurante se abriu e Elene entrou. Vandam ouviu que Jakes assobiava para dentro. A garota estava deslumbrante. Usava um vestido de seda de cor creme. A simplicidade do corte fazia ressaltar sua figura esbelta, e a cor e textura do tecido favoreciam sua delicada pele bronzada: Vandam sentiu o impulso repentino de acariciá-la.

Elene olhou ao seu redor buscando, evidentemente, por Wolff. Seus olhos se encontraram com os de Vandam e seguiram seu movimento sem vacilar. O maitre se aproximou e ela lhe falou. Instalou-a em uma mesa para dois, perto da porta.

Vandam captou o olhar de um dos sargentos e inclinou a cabeça em direção a Elene. O sargento fez um leve gesto de assentimento e olhou seu relógio.

Onde estava Wolff?

Vandam acendeu um cigarro e começou a preocupar-se. Havia suposto que Wolff, sendo um cavalheiro, chegaria com certa antecipação e que Elene o faria um pouco depois. De acordo com este roteiro, a prisão teria corrido no momento em que ela se sentasse. “Isto anda mal — pensou —. Anda condenadamente mal.”

Um garçon levou para Elene algo de beber. Eram sete e quarenta e cinco. Ela olhou na direção de Vandam e encolheu leve e delicadamente seus finos ombros.

A porta do restaurante voltou a abrir. Vandam ficou imóvel, com o cigarro a meio caminho dos lábios, e voltou a tragá-lo, decepcionado: só era um garotinho. O pequeno entregou um papel a um garçon e voltou a sair.

Vandam decidiu pedir outro copo.

Viu que o garçon ia à mesa de Elene e lhe entregava a nota. Vandam enrugou a testa. O que era isso? Uma desculpa de Wolff, que não podia vir ao encontro? O rosto de Elene mostrou uma expressão de perplexidade apenas perceptível. Olhou para Vandam e voltou a encolher ligeiramente os ombros.

Vandam considerou a possibilidade de ir e perguntar-lhe o que ocorria..., mas isso acabaria com a emboscada, pois, o que ocorreria se Wolff entrasse enquanto Elene falava com ele? Wolff

podia dar meia volta e fugir, e só teria que esquivar-se dos PM's; duas pessoas no lugar de seis.

Vandam murmurou para Jakes:

— Espere.

Elene pegou sua carteira da cadeira que estava ao seu lado e levantou-se. Olhou outra vez para Vandam e depois se virou. Vandam pensou que ia ao tocador. Contudo, foi até a porta e a abriu.

Vandam e Jakes levantaram-se ao mesmo tempo. Um dos sargentos se levantou pela metade, observando Vandam e este lhe fez sinais de que voltasse a sentar: não tinha objeto deter a Elene. Vandam e Jakes cruzaram depressa o restaurante dirigindo-se para a porta.

Ao passar junto aos sargentos Vandam disse:

— Sigam-me.

Saíram à rua. Vandam olhou ao seu redor. Havia um mendigo cego sentado contra a parede, com um pires rachado que continha algumas piastras. Três soldados, uniformizados, gaguejavam pela calçada, já bêbados, pegos pelos ombros, cantando uma canção cômica. Um grupo de egípcios haviam parado junto à porta do restaurante e se apertavam vigorosamente as mãos. Um vendedor ambulante ofereceu a Vandam lâminas de barbear baratas. A poucos metros de distância, Elene subia em um táxi.

Vandam desatou a correr.

A porta do táxi se fechou com violência e o carro partiu.

Do outro lado da rua, o automóvel dos PM's rugiu, saiu disparado para frente e bateu num ônibus.

Vandam alcançou o táxi e saltou no estribo. O carro virou de repente. Vandam não pôde sustentar-se, saltou, correu e, finalmente, caiu.

Levantou-se. O rosto ardia de dor: a ferida sangrava de novo e sentia um calor pegajoso debaixo do esparadrapo. Jakes e os dois sargentos se reuniram ao redor de Vandam. Do outro lado da rua, os PM's discutiam com o condutor do ônibus.

O táxi havia desaparecido.

Elene estava aterrorizada. Tudo havia dado errado. Acreditava que iam prender Wolff no restaurante e agora estava ali, num táxi com ela, com um sorriso selvagem. Elene permanecia imóvel, com o cérebro vazio.

— Quem era esse homem? — disse Wolff sem deixar de sorrir.

Elene não podia raciocinar. Olhou para Wolff, depois para o outro lado, e disse:

— Como?

— O homem que nos perseguiu. Saltou sobre o estribo. Não pude ver-lhe bem, mas tive a impressão de que era europeu. Quem era?

Elene dominou seu terror. “É William Vandam e tinha o propósito de prendê-lo.” Tinha que inventar uma história. Por que razão alguém poderia sair de um restaurante para persegui-la e intentar meter-se em seu táxi?

— Ele... não o conheço. Estava no restaurante. — De repente se inspirou —. Estava me

molestando. Eu estava sozinha. Foi por sua culpa, porque chegou tarde.

— O sinto muitíssimo — disse Wolff.

Elene de repente sentiu-se mais confiante, depois de ver que Wolff engoliu seu conto tão facilmente.

— E por que estamos num táxi? — perguntou —. O que é tudo isto? Por que não estamos jantando?

Elene percebeu certo tom lamuriendo em sua própria voz, e o aborreceu.

— Tive uma idéia maravilhosa. — Wolff voltou a sorrir e Elene conteve um estremecimento —. Vamos fazer um piquenique. Tenho uma cesta no porta-malas do carro.

Elene não sabia se acreditava ou não. Por que havia empregado esse truque no restaurante, mandar um garoto com uma mensagem, “Estou lhe esperando fora do restaurante A.W.”, se não suspeitava da armadilha? O que faria agora? A levaria ao deserto e a esfaquearia? Elene sentiu um súbito impulso de saltar do carro. Fechou os olhos e se obrigou a pensar com calma. “Se suspeitava que lhe preparara uma armadilha, por que veio?” Não; tinha que ser algo mais complicado. Parecia que havia acreditado na desculpa sobre o homem do restaurante... Mas não estava segura do que se ocultava por trás desse sorriso.

Perguntou:

— Aonde vamos?

— A um lugar junto ao rio, a poucos quilômetros da cidade, onde podemos ver o pôr do Sol.

— Não quero ir.

— Por quê não?

— Mal o conheço.

— Não seja boba. O motorista ficará conosco todo o tempo... e eu sou um cavalheiro.

— Deveria descer do carro.

— Por favor, não. — Wolff lhe tocou suavemente no braço —. Tenho um pouco de salmão defumado, um frango frio, vinho e uma garrafa de champagne. Estou entediado dos Restaurantes.

Elene refletiu. Podia deixá-lo e estaria segura... Nunca voltaria a vê-lo, isso era o que queria, afastar-se dele para sempre. “Mas eu sou a única esperança de Vandam. E o eu com isso? Seria feliz se não o visse nunca mais e voltasse à vida pacífica de antes...”

A vida de antes.

Sim, importava-se com Vandam, deu-se conta. Pelo menos, o suficiente para detestar a idéia de falhar-lhe. Tinha que ficar com Wolff, cultivar sua amizade, tratar de conseguir outro encontro, de averiguar onde vivia.

Impulsivamente, disse:

— Vamos a sua casa.

Wolff levantou as sobrancelhas.

— Que mudança de idéia tão repentina!

Elene se deu conta de que havia cometido um erro.

— Estou confusa — disse —. Você aparece de repente com esta surpresa. Por que não me avisou?

— Faz só uma hora que me ocorreu essa idéia. Não pensei que podia assustá-la.

Elene se deu conta de que, sem querer, estava representando o papel de garota confundida. Decidiu não exagerar.

— Está bem — disse. Tratou de acalmar-se. Wolff a estava estudando.

— Não é tão vulnerável como parece, não é?

— Não sei.

— Recordo o que disse a Aristopoulos, no dia que a vi pela primeira vez na loja.

Elene também recordava: havia ameaçado a Mikis de cortar-lhe o pinto se a tocasse outra vez. Devia haver-se corado, mas não podia fazê-lo de forma voluntária.

— Estava com muito raiva — disse.

Wolff riu entre os dentes.

— Foi o que achei — disse —. Saiba que eu não sou Aristopoulos.

Elene esboçou uma sorriso.

— Concordo.

Dirigiu sua atenção para o motorista. Havia saído da cidade e Wolff começou a dar-lhe instruções. Elene perguntou-se onde Wolff encontrara o táxi. Para os padrões egípcios, era luxuosíssimo. Era um carro americano, com assentos grandes e fofos e muito espaçoso, e parecia ter poucos anos.

Atravessaram uma série de aldeias e logo entraram num caminho em péssimo estado. Seguiram por um caminho estreito e sinuoso, subiram uma pequena ladeira e chegaram a uma planície na borda de um penhasco. O rio ficava diretamente abaixo e, na outra margem, Elene viu o mosaico de campos cultivados que se estendiam ao longe até chegar à bem definida linha bronzeada que marcava a margem do deserto.

— Não é um lugar encantador? — perguntou Wolff.

Elene teve que dar-lhe a razão. Uma revoada de andorinhões que estavam na outra margem a fez olhar para cima e viu as nuvens do entardecer já bordeadas de rosa. Uma jovem se afastava do rio com um enorme jarro de água sobre a cabeça. Uma falua navegava solitária corrente acima, impulsionada pela suave brisa.

O condutor desceu do automóvel e se afastou uns cinquenta metros. Sentou-se, dando-lhes a costas de propósito, acendeu um cigarro e abriu um jornal.

Wolff pegou um cesto do porta-malas do carro e o pôs no solo entre eles. Enquanto ele desempacotava a comida, Elene perguntou:

— Como descobriu este lugar?

— Minha mãe me trazia aqui quando eu era pequeno. — serviu-lhe um copo de vinho —. Depois que meu pai morreu minha mãe se casou com um egípcio. De vez em quando ela se sentia oprimida no lar muçulmano, assim que me trazia aqui numa carruagem gharry e me falava da... Europa e de coisas do gênero.

— Você gostava dela?

Wolff vacilou.

— Minha mãe tinha seu modo de pôr a perder coisas como estas. Sempre interrompia a diversão. Costumava dizer: “É muito egoísta, como seu pai”. Naquela idade eu preferia a minha família árabe. Meus meio-irmãos eram maus, e ninguém tentava de corrigi-los. Costumávamos roubar laranjas em jardins alheios, jogar pedras nos cavalos para que empinassem, furar pneus de bicicletas... Só a minha mãe se incomodava, e a única coisa que fazia era advertir-nos que, em última instância, seríamos castigados. Sempre me dizia: “Algum dia te pegarão, Alex!”.

“A mãe tinha razão”, pensava Elene. Algum dia pegariam a Alex.

Elene começava a acalmar-se. Não sabia se Wolff estava com a faca que havia usado em Asyut. Isso a pôs tensa outra vez. A situação era tão normal — um homem encantador que levava uma pequena a um piquenique junto ao rio — que por um momento havia esquecido que pretendia algo dele.

Elene perguntou:

— Aonde você mora agora?

— Os britânicos não... confiscado minha casa. Estou morando com alguns amigos.

Entregou-lhe um prato de porcelana com uma fatia de salmão defumado; depois cortou um limão pela metade, com uma faca de cozinha. Elene observou as mãos destros de Wolff. Perguntou-se o que ele queria dela para esforçar-se tanto em agradá-la.

Vandam estava muito desanimado. O rosto doía tanto quanto seu amor próprio. A grande prisão havia sido um fracasso. Havia fracassado profissionalmente; Alex Wolff o enganara, e ele pusera Elene em perigo.

Estava em sua casa, com um novo curativo na bochecha, sentado e bebendo genebra para acalmar a dor. Wolff esquivara-se com grande facilidade. Vandam estava certo de que o espião não sabia da emboscada. Do contrário, não teria aparecido. Não, só estava tomando precauções; e as precauções haviam funcionado muito bem.

Tinha uma boa descrição do táxi. Era um carro que se distinguia, bastante novo, e Jakes havia conseguido ver o número da placa. Todos os policiais e PM's da cidade o estavam buscando e tinham ordem de detê-lo de imediato e prender seus ocupantes. Cedo ou tarde o achariam, mas Vandam tinha certeza de que seria muito tarde. Contudo, esperava por notícias junto ao telefone.

O que Elene estaria fazendo? Talvez estivesse em outro restaurante, à luz das velas, bebendo vinho e rindo das piadas de Wolff. Vandam a imaginou, com seu vestido cor creme, segurando uma taça e sorrindo maliciosamente... aquela sorriso que prometia tudo o que um homem queria. Vandam olhou seu relógio. Talvez tivessem terminado de jantar. Que fariam então? Era tradicional ir ver as pirâmides à luz da lua: o céu preto, as estrelas, o interminável e chato deserto, e também os afilados planos triangulares das tumbas faraônicas. O lugar estaria vazio, exceto, talvez, por algum par de amantes. Talvez subissem até uma certa altura, ele adiantando-se e depois oferecendo seus braços para que ela subisse. Mas Elene logo ficaria exausta, com o cabelo e o vestido bagunçados, e diria que aqueles sapatos não foram desenhados para escalar. Assim se sentariam sobre as pedras grandiosas, ainda quentes pelo sol, e respirariam o ar morno enquanto observavam as estrelas. Ao regressar para o táxi, ela tremeria dentro de seu vestido sem mangas e Wolff lhe passaria o braço pelos ombros para aquecê-la. Ele a beijaria no táxi? Não, era muito cedo para isso. Quando lhe fizesse uma sugestão, seria de alguma maneira

indireta. Proporia ir à sua casa ou à dela? Vandam não sabia que desejar. Se fossem à casa de Wolff, Elene informaria pela manhã e poderiam prender ao espião em seu domicílio, com seu rádio, seu código e talvez as mensagens enviadas e recebidas. Profissionalmente isso seria melhor... mas também significaria que Elene passaria uma noite com Wolff, e essa idéia incomodou Vandam mais que o devido. Por outro lado, se fossem à casa dela, onde Jakes estava esperando com dez homens e três carros, pegariam Wolff antes que tivesse oportunidade de...

Vandam levantou-se e passeou de um lado para o outro da habitação. Distraidamente pegou o livro Rebeca, o que pensava que Wolff estava usando como base em seu código. Leu a primeira linha: “Ontem à noite sonhei que voltava a Manderley”. Largou o livro, depois voltou a abri-lo e seguiu lendo. A história da garota vulnerável, intimidada, era uma boa distração. Quando se deu conta de que a garota se casaria com o viúvo maduro e atraente, e que o matrimônio seria desafortunado por causa da presença espectral da primeira esposa, fechou o livro e o largou outra vez. Qual era a diferença de idade entre ele e Elene? Durante quanto tempo o obcecara a recordação de Angela? Também ela havia sido friamente perfeita. Elene, como ela, era jovem e impulsiva, e necessitava que a resgassem da vida que levava. Estes pensamentos o irritavam, pois ele não ia casar-se com Elene. Acendeu um cigarro. Por que o tempo passava tão lentamente? Por que o telefone não tocava? Como pôde deixar que Wolff escapasse duas vezes em dois dias? Onde estava Elene?

Onde estava Elene?

Antes já havia posto em perigo uma mulher. Ocorreu depois de seu outro fracasso, quando Rashid Ali saiu furtivamente da Turquia debaixo do nariz de Vandam. Este havia enviado um agente para deter o espião alemão, o homem que havia trocado de roupas com Ali e o ajudou a escapar. Vandam esperava salvar algo do desastre descobrindo tudo relativo à aquele indivíduo. Mas no dia seguinte encontraram a mulher morta sobre uma cama de hotel. Era um paralelismo arrepiante.

Não tinha sentido ficar em casa. Não podia dormir e não havia nenhuma outra coisa que pudesse fazer ali. Iria reunir-se com Jakes e os outros, a pesar das ordens da doutora Abuthnot. Pôs um paletó e a boina do uniforme, saiu e tirou sua motocicleta da garagem.

Elene e Wolff permaneciam em pé juntos, perto da borda do penhasco, olhando as luzes brilhantes do Cairo e as mais próximas, trêmulas e mortíferas, das fogueiras dos camponeses nas escuras aldeias. Elene pensava num camponês imaginário — trabalhador, paupérrimo, supersticioso —, colocava um colchão de palha sobre o chão de terra, cobria-se com uma manta grosseira e procurava consolo nos braços de sua mulher. Elene havia deixado a miséria para trás — para sempre, esperava —, às vezes parecia que com ela havia deixado algo mais, algo do qual não podia prescindir. Em Alexandria, quando era menina, as pessoas deixavam impressões das palmas das mãos, na cor azul, sobre as vermelhas paredes de barro. Formas de mãos para proteger-se do mal. Elene não acreditava na eficácia das impressões das palmas, porém, apesar dos ratos, apesar dos uivos quando o prestamista golpeava as suas duas esposas, apesar dos carrapatos que infestavam a todos, apesar da morte de muitos recém nascidos, ela achava que havia algo ali que os protegia do mal. Tentava encontrar esse algo quando levava homens para sua casa, quando os admitia em sua cama, aceitava seus presentes, suas carícias e seu dinheiro, mas nunca encontrava.

Não queria fazer isso nunca mais. Havia gasto muito tempo de sua vida buscando o amor onde não compensava. Especialmente, não queria ir com Alex Wolff, ainda que de vez em

quando se perguntava: “Por que não fazê-lo mais uma vez?”. Esse era o ponto friamente razoável de Vandam. Porém, cada vez que contemplava a possibilidade de fazer amor com Wolff, via a imagem que a havia perseguido durante as últimas semanas: a de seduzir William Vandam. Sabia como Vandam seria: a olharia com inocente admiração e a acariciaria assombrado de prazer. Pensando nisso, Elene sentiu-se momentaneamente incapaz de resistir ao desejo. Também sabia como Wolff seria: malicioso, egoísta, hábil e incomovível.

Ficou de costas para a paisagem e caminhou em silêncio até o carro. Era o momento de que Wolff se insinuaria. Haviam terminado a comida, esvaziado a garrafa de champanhe e a garrafa de café, liquidado o frango e o cacho de uvas. Ele esperaria sua justa recompensa. Do banco traseiro do carro, observou-lhe. Wolff permaneceu um momento na borda do penhasco e depois caminhou para ela, chamando o motorista. Tinha o porte seguro que a estatura normalmente dá aos homens. Era atraente, muito mais encantador que qualquer um dos amantes que Elene tivera; mas ele a amedrontava, e esse medo não provinha só do que sabia de Wolff, de sua história, de seus segredos e de sua faca, mas da compreensão intuitiva da natureza: de algum modo, Elene sabia que seu encanto não era espontâneo, senão fingido, e que se mostrava amável porque queria usá-la.

Já a uzaram muito.

Wolff sentou-se ao seu lado.

— Gostou do piquenique?

Elene fez um esforço para parecer animada.

— Sim, foi delicioso. Obrigada.

O carro arrancou. Ou Wolff a convidaria para sua casa, ou a levaria ao seu apartamento e pediria para tomar uma bebida com ela para terminar a noite. Teria que procurar uma forma alentadora de negar-se. Ocorreu-lhe que isso era ridículo: estava se comportando como uma virgem assustada. “Que estou fazendo... reservando-me para o Príncipe Azul?”, pensou.

Havia permanecido calada durante muito tempo. Supunha-se que devia ser graciosa e simpática. Devia falar-lhe.

— Há ouvido as notícias sobre a guerra? — perguntou, e se deu conta de imediato de que não era o mais divertido dos temas.

— Os alemães seguem ganhando — respondeu Wolff —. Certamente.

— Por que “certamente”?

Wolff a olhou sorrindo condescendente.

— O mundo está dividido em amos e escravos, Elene. — Falava como se estivesse explicando fatos evidentes a um colegial —. Os britânicos foram os amos durante muito tempo. Amoleceram e agora dão lugar a outros.

— E os egípcios... são amos ou escravos?

Elene sabia que devia calar a boca, que caminhava sobre uma fina capa de gelo, mas a presunção de Wolff a enfurecia.

— Os beduínos são amos — disse ele —. Mas o egípcio é um escravo nato.

“Falou a sério cada uma destas palavras”, pensou Elene e estremeceu.

Chegaram ao subúrbio da cidade. Já era mais de meia-noite e reinava a tranqüilidade, mas o

centro ainda estaria muito ativo. Wolff perguntou:

— Onde você mora?

Elene lhe disse. De modo que seria ali. Wolff continuou:

— Temos que repetir isto.

— Adoraria.

Chegaram em Sharia Abbas e Wolff pediu ao motorista que parasse. Elene se perguntou o porquê. Wolff olhou para ela e disse:

— Obrigado pela encantadora noitada. Verei-a em breve. E desceu do carro.

Elene o olhou estupefata. Wolff se agachou junto à janela do condutor, entregou-lhe uma soma em dinheiro e lhe deu o endereço de Elene. O chofer assentiu com a cabeça. Wolff deu um golpe no teto do automóvel e o taxista arrancou. Elene olhou para trás e viu que Wolff a cumprimentava com a mão. Quando o carro dobrava uma esquina, Wolff começou a andar para o rio.

“Que conclusão se pode tirar disto?”, perguntou-se Elene.

Nenhuma conclusão, nenhum convite para sua casa, nem uma última bebida, nem sequer um beijo de boa noite. Por que brincava de fazer-se difícil?

Pensou, perplexa, em todo o assunto enquanto o táxi a conduzia para sua casa. Talvez a técnica de Wolff fosse tratar de intrigar as mulheres. Talvez só fosse um excêntrico. Qualquer que fosse a razão, ela estava muito agradecida. Reclinou-se no banco e afrouxou os músculos. Não estava obrigada a decidir entre rechaçá-lo ou ir à cama com ele. Graças a Deus.

O táxi se deteve na porta da casa de Elene. Repentinamente, do nada, apareceram três carros rugindo. Um parou justo na frente do táxi; o outro atrás, muito perto, e o terceiro, ao um lado. Alguns homens surgiram das sombras. Abriram de par em par as quatro portas do carro, e quatro revólveres apontaram para o interior. Elene deu um grito.

Então apareceu uma cabeça dentro do automóvel, e Elene reconheceu Vandam.

— Ele se foi? — perguntou.

Elene deu-se conta do que ocorria.

— Pensei que iam atirar em mim — replicou.

— Onde o deixou?

— Em Sharia Abbas.

— Há quanto tempo?

— Cinco minutos. Posso sair do carro?

Vandam lhe deu a mão e ela desceu para a calçada.

— Sinto tê-la assustado — disse Vandam.

— Isto é o que se diz fechar a porta do estábulo quando o cavalo já escapou.

— Isso mesmo.

Vandam parecia totalmente derrotado.

Elene sentiu carinho por ele. Tocou-lhe no braço.

— Não tem nem idéia do feliz que me sinto ao ver-lhe — disse.

Vandam a olhou admirado, como se não soubesse com certeza se acreditava ou não.

— Por que não manda seus homens embora e me acompanha ao meu apartamento? — perguntou Elene.

Vandam duvidou um instante.

— Muito bem. — Voltou-se para um de seus homens, um capitão —. Jakes, quero que interroge o motorista do táxi; veja o que pode extrair. Dispense os homens. O verei no Quartel General dentro de uma hora, aproximadamente.

— Muito bem, senhor.

Elene o conduziu para dentro. Era tão agradável entrar em casa, deixar-se cair no sofá e tirar os sapatos de um chute! A prova havia passado, Wolff se havia ido e Vandam estava ali.

— Sirva-se de uma bebida — disse.

— Não, obrigado.

— O que foi que deu errado?

Vandam sentou-se do outro lado e sacou seus cigarros.

— Esperávamos que caísse na armadilha sem aperceber-se de nada... Mas suspeitou, ou foi cauteloso, e escapou. O que ocorreu depois?

Elene apoiou a cabeça no encosto do sofá, fechou os olhos e em poucas palavras lhe relatou o ocorrido. Não disse o que havia pensado a respeito de deitar-se com Wolff, nem que este apenas a tocara a noite toda. Falou imperiosamente: queria esquecer, não recordar. Quando terminou disse:

— Prepare-me uma bebida, ainda que você não beba.

Vandam se dirigiu ao armário. Elene se deu conta de que estava enfadado. Olhou a bandagem que tinha no rosto. O havia observado no restaurante e, de novo, há poucos minutos, mas agora tinha tempo de formular-lhe certas perguntas.

— O que aconteceu no seu rosto?

— Ontem à noite quase capturamos Wolff.

— Oh, não!

De forma que Vandam havia fracassado duas vezes em vinte e quatro horas. Não estranhava que se sentisse derrotado. Elene queria consolá-lo, rodeá-lo com seus braços, fazer-lhe apoiar a cabeça em seu colo e acariciar-lhe o cabelo. Seu desejo se assemelhava a uma dor. Decidiu — impulsivamente, como sempre decidia as coisas — que essa noite o levaria para sua cama.

Vandam lhe serviu uma bebida. Também preparou outra para ele. Quando Vandam se inclinou para frente para entregar-lhe o copo ela levantou uma mão, tocou em seu queixo com a ponta dos dedos e o fez girar a cabeça, para poder observar a bochecha. Ele a deixou olhar durante um segundo e depois afastou a cabeça.

Elene nunca o vira tão tenso. Vandam cruzou o quarto e se sentou de frente para ela, erguido, na beira da cadeira. Estava contendo uma forte emoção, algo parecido com raiva, mas quando Elene o olhou nos olhos não viu cólera, mas dor.

— Que impressão Wolff lhe causou? — perguntou então Vandam.

Elene não estava segura do objetivo da pergunta.

— Encantador. Inteligente. Perigoso.

— Seu aspecto?

— Mãos cuidadas, camisa de seda, um bigode que não lhe cai bem. O que deseja saber?

Vandam sacudiu a cabeça irritado.

— Nada. Tudo.

Acendeu outro cigarro.

Com essa fumaça não poderia chegar a ele. Elene queria que Vandam se sentasse do seu lado, que lhe dissesse que era bonita e corajosa e que havia atuado bem; mas sabia que era inútil perguntar. Mesmo assim, indagou:

— Como me sai?

— Não sei — respondeu Vandam —. O que fez?

— Você sabe o que fiz.

— Sim. Estou muito agradecido.

Vandam sorriu, mas ela se deu conta de que o sorriso não era sincero. Que lhe ocorria? Havia algo familiar em sua raiva, algo que ela sentia como se pudesse apalpá-lo. Não era só a idéia de haver fracassado. Era sua atitude, a forma como falava, como se sentava na sua frente e, em especial, como a olhava. Sua expressão era... era quase de repugnância.

— Wolff disse que a veria outra vez? — perguntou Vandam.

— Disse.

— Espero que o faça. — Apoiou o queixo nas mãos. Tinha a cara crispada pela tensão. Colunas de fumaça ascendiam de seu cigarro —. Cristo, espero que o faça!

— Já vi tudo. “Vamors ter que repetir isto”, né?

— Algo assim. Em que acha que pensava, exatamente?

Elene encolheu os ombros.

— Outro piquenique, outro encontro. Maldito seja, William! Que bicho te mordeu?

— É simples curiosidade — disse. Em seu rosto apareceu um sorriso torto, que ela nunca havia visto —. Queria saber o que fizeram, além de comer e beber, no banco traseiro desse enorme táxi, e na beira do rio; você sabe, todo esse tempo juntos, na escuridão, um homem e uma mulher...

— Cale-se! — Elene fechou os olhos. De repente compreendia, sabia. Sem abri-los, disse — : Vou deitar-me. Já conhece a saída.

Poucos minutos depois ouviu uma batida de porta.

Elene foi à janela e olhou para a rua. Viu Vandam sair do edifício e montar em sua motocicleta. Ele ligou a moto e se afastou em grande velocidade, dobrando a esquina como se estivesse em uma corrida. Elene estava muito cansada e um pouco triste por ter que passar a noite sozinha. Mas não se sentia desgraçada, porque havia compreendido a ira de Vandam. Sabia qual era o motivo e isso lhe dava esperanças. Quando ele desapareceu de sua vista, Elene sorriu ligeiramente e disse em voz baixa:

— William Vandam, acho que realmente está com ciúme.

Quando o major Smith fez sua terceira visita à casa flutuante, na hora do almoço, Wolff e Sonja haviam conseguido desenrolar uma hábil rotina. Wolff se escondia no armário quando o major se aproximava. Sonja o recebia no salão com uma bebida. Fazia com que se sentasse ali, assegurando assim que deixasse a maleta antes de passar para o dormitório. Depois de um minuto ou dois, ela começava a beijá-lo. Então já podia fazer o que quisesse, porque Smith ficava paralizado pela luxúria. Sonja o fazia tirar a bermuda, e já o levava ao quarto.

Wolff acreditava que ao major nunca ocorrera nada parecido: era escravo de Sonja enquanto ela o deixasse fazer-lhe o amor. Wolff estava agradecido; as coisas não seriam tão simples com um homem mais forte de espírito.

Quando Wolff ouvia a cama ranger, saía do armário. Pegava a chave no bolso da bermuda e abria a pasta. O caderno e o lápis estavam do seu lado, preparados.

A segunda visita de Smith havia sido uma decepção que induziu Wolff a acreditar que talvez Smith só tivesse acesso ocasional aos planos de batalha. Contudo, essa terceira vez voltou a encontrar ouro.

O general sir Claude Auchinleck, o comandante em chefe para o Oriente Meio, havia assumido o comando direto do Oitavo Exército do general Neil Ritchie. Como sinal de pânico dos aliados, isso seria uma boa notícia para Rommel. Também podia ajudar a Wolff, pois significava que as batalhas seriam planejadas no Cairo e não no deserto, sendo assim mais provável que Smith obtivesse cópias dos planos.

Os aliados haviam retrocedido até uma nova linha defensiva em Mersa Matruh, e o documento mais importante que estava na maleta de Smith era um resumo da nova disposição.

A nova linha começava na aldeia costeira de Matruh e se estendia para o sul, deserto adentro, até uma escarpa chamada Sidi Hamza. O Décimo Destacamento estava em Matruh; depois havia um nutrido campo de minas de vinte e quatro quilômetros de comprimento; depois, um campo minado menos denso de dezesseis quilômetros; até a escarpa; por fim, ao sul da escarpa, o Décimo Terceiro Destacamento.

Com o ouvido atento aos ruídos do dormitório, Wolff examinou a posição. O quadro era bastante claro: a linha aliada era forte nos extremos e débil em o meio.

O movimento mais provável de Rommel, segundo o pensamento dos aliados, era um rápido deslocamento ao redor do sul da linha, uma manobra de flanqueio clássica do marechal, mais factível com a captura de umas quinhentas toneladas de combustível em Tobruk. Esse avanço seria rechaçado pelo Décimo Terceiro Destacamento, que era formado pela poderosa 1ª Divisão Blindada e a 2ª Divisão da Nova Zelândia, esta última recentemente chegada de Síria.

Mas Rommel, armado pela informação de Wolff, podia, contudo, golpear o débil centro da linha e passar suas forças através da brecha como a corrente que faz estourar uma represa em seu ponto mais vulnerável.

Wolff sorriu para si. Sentiu que estava desempenhando um Papel muito importante na luta pela dominação alemã da África do Norte: isto era enormemente satisfatório.

No quarto saltou um rola.

Smith sempre surpreendia Wolff pela rapidez com que fazia amor.

O estouro era o sinal de que tudo havia terminado, e Wolff contava com uns poucos minutos para pôr tudo em ordem antes que o major fosse em busca de sua bermuda.

O espião devolveu os documentos à maleta, fechou-a e colocou a chave no bolso da bermuda. Já não regressava ao armário... bastava uma vez. Meteu seus sapatos nos bolsos das calças e, silenciosamente, subiu a escada, cruzou a coberta e desceu pela passarela até o caminho do cais. Depois se calçou e foi almoçar.

— Espero que sua ferida esteja cicatrizando rapidamente — disse Kemel enquanto apertava a mão de Vandam.

— Sente-se — respondeu o major —. O maldito curativo incomoda muito mais que a ferida. De que se trata?

Kemel sentou-se, cruzou as pernas e se arrumou a risca de suas calças negras, de algodão.

— Vim trazer-lhe pessoalmente o relatório de vigilância, ainda que eu tema que não há nada de interessante nele.

Vandam pegou o envelope e o abriu. Continha uma folha escrita a máquina. Começou a ler.

A noite anterior Sonja havia voltado a sua casa às onze, presumivelmente do Cha-Cha Clube. Estava sozinha. Viram-na de novo pela manhã seguinte, às dez, vestida com uma bata. À uma chegou o carteiro. Sonja saiu às quatro e regressou às seis, levando uma bolsa com o nome de uma das lojas mais caras do Cairo. A essa hora, houve a troca do turno de vigilância, com a chegada do guarda noturno; no dia anterior, Vandam havia recebido de Kemel um relatório similar que abarcava as doze horas de vigilância. Por isso, durante dois dias a conduta de Sonja parecia ser rotineira e completamente inocente, e nem Wolff nem nenhuma outra pessoa a havia visitado na casa flutuante.

Vandam estava decepcionado.

— Os homens que estou empregando são muito responsáveis e me informam diretamente — disse Kemel.

Vandam grunhiu; e depois se esforçou em ser amável.

Estou certo que sim — disse —, obrigado por vir.

Kemel se levantou.

— Não tem por que — respondeu —. Adeus.

O detetive se retirou. Vandam permaneceu sentado, cismando. Voltou a ler o relatório de Kemel, como se entre linhas pudesse ver algum indício. Se Sonja estava ligada a Wolff — e por alguma razão Vandam ainda achava que assim era —, estava claro que a relação não era estreita. Se ela se reunia com alguém, devia de ser fora da casa flutuante.

Vandam foi até a porta e chamou:

— Jakes!

— A suas ordens!

Vandam voltou a se sentar e Jakes entrou. O major disse:

— De agora em diante quero que passe suas notadas no Cha-Cha Clube. Vigie Sonja e observe com quem se sinta depois do espetáculo. Ademais, suborne a um garçon para que lhe diga se alguém vai ao seu camarim.

— Muito bem, senhor.

Vandam o despachou com um gesto, e acrescentou sorrindo:

— Permissão concedido para que se divirta.

Foi um erro sorrir: a ferida doeu. Pelo menos, já não estava tendo de viver de açúcar dissolvido em água morna. Gaafar lhe dava purê de batatas e salsa, que podia comer com uma colher e engolir sem mastigar. Vivia disso e de genebra. A doutora Abuthnot também lhe havia dito que bebia e fumava muito, e ele havia prometido reduzir o consumo... depois da guerra. Intimamente pensava: “Em quanto agarre a Wolff”.

Se Sonja não ia conduzi-lo aonde estava Wolff, só Elene podia fazê-lo. Vandam estava envergonhado de seu comportamento no apartamento. Estava furioso por seu próprio fracasso, e pensar que ela se iria com Wolff o havia enlouquecido. Sua conduta só se podia descrever como um ataque de mau gênio. Elene era uma pequena adorável que estava arriscando sua cabeça para ajudá-lo, e o mínimo que lhe devia era cortesia.

Wolff havia dito que veria Elene outra vez. Esperava que o espião entrasse logo em contato com ela. Ainda se sentia irracionalmente furioso ante a idéia de que estivessem juntos; mas dado que a investigação na casa flutuante havia resultado ser um beco sem saída, Elene era sua única esperança. Permaneceu sentado em sua mesa, desejando que o telefone tocasse, e sentindo pavor que isso acontecesse.

Elene foi fazer compras no final da tarde. Seu apartamento parecia causar-lhe claustrofobia depois de haver passado a maior parte do dia indo de cômodo em cômodo sem poder concentrar-se em nada, sentindo-se alternativamente desgraçada e feliz, de modo que pôs um alegre vestido de riscas e saiu à luz do sol.

Gostava de ir ao mercado de frutas e verduras. Era um lugar animado, em especial no fim do dia, quando os comerciantes tratavam de liquidar o resto de sua mercadoria. Elene parou para comprar tomates. O homem que a atendia escolheu um com um leve machucado e o retirou do tabuleiro antes de encher uma bolsa de papel com exemplares perfeitos. Elene riu porque sabia que, quando ela se fosse, recolheria o tomate estropeado e o poria outra vez à venda, para repetir toda a pantomima com o comprador seguinte. Elene regateou brevemente o preço, mas o vendedor adivinhou que o estava fazendo sem verdadeiro ânimo e ela terminou pagando quase o mesmo do preço inicial pedido.

Também comprou ovos, pois havia decidido fazer uma fritada para a janta. Era bom levar uma cesta de alimentos, com mais do que podia consumir em uma refeição; a fazia sentir-se segura. Recordava os dias em que não podia jantar.

Deixou o mercado e foi olhar vitrinas em busca de vestidos. Elene comprava a maioria de sua roupa guiada por impulsos. Tinha idéias firmes a respeito do que lhe agradava, e se planejasse uma saída para comprar uma coisa específica, nunca conseguia encontrá-la. Um dia queria ter sua própria modista.

“Pergunto-me se William Vandam poderia comprar isso para sua esposa”, pensou.

Quando lembrou de Vandam se sentiu feliz, até que Wolff cruzou em sua mente.

Sabia que podia escapar, se realmente desejasse, simplesmente negando-se a ver Wolff, negando-se a ter um encontro com ele, negando-se a responder sua mensagem. Não tinha obrigação de atuar de isca numa armadilha para um assassino esfaqueador. Voltava de forma

reiterada a essa idéia, sem parar, como se fosse um dente frouxo: “não estou obrigada”.

De repente perdeu interesse pelos vestidos e se dirigiu a sua casa. Gostaria de fazer fritada para dois, mas estava grata de poder fazer para um. Era inesquecível a dor no estômago quando, havendo-se deitado sem jantar, levantava-se pela manhã para não desjejuar. Aos dez anos Elene perguntara-se em segredo quanto uma pessoa demorava para morrer de fome. Estava segura de que Vandam não havia sofrido essas torturas em sua infância.

Quando dobrou para entrada do edifício de seu apartamento, ouviu uma voz chamar:

— Abigail!

Ficou paralizada pela comoção. Era a voz de um fantasma. Não se atrevia a olhar. A voz chamou de novo:

— Abigail!

Fez um esforço e se voltou. Uma figura saiu das sombras: um judeu velho, pobremente vestido, com a barba emaranhada, e os pés, inchados, calçados com sandálias de borracha...

— Pai! — exclamou.

O ancião permanecia frente a ela, temeroso de tocá-la, limitando-se a olhá-la.

— Sempre tão bonita e não és pobre...

Impulsivamente, Elene se adiantou e lhe beijou na bochecha; depois retrocedeu. Não sabia o que dizer.

— Seu avô, meu pai, morreu — anunciou o ancião.

Elene o pegou pelo braço e o conduziu escadas acima. Tudo era irreal, como num sonho.

Uma vez no apartamento, Elene disse a seu pai que lhe faria bem comer e o levou à cozinha. Pôs uma frigideira para esquentar e começou a bater os ovos.

— Como me encontrou? — perguntou dando-lhe a costas.

— Sempre soube onde estava — respondeu —. Sua amiga Esme escreve para seu pai, a quem vejo algumas vezes.

Esme era uma conhecida, mais que uma amiga, mas Elene se encontrava com ela acidentalmente a cada dois ou três meses. Nunca lhe revelou que escrevia para sua casa. Elene disse:

— Não queria que me obrigasse a voltar.

— E o que lhe diria? Venha para casa, é seu dever morrer de fome com sua família? Não. Mas sabia onde estava.

Pôs umas rodelas de tomate na fritada.

— Diria que é melhor morrer de fome do que viver imoralmente.

— Sim, o haveria dito. E me haveria equivocado?

Elene se voltou para olhar-lhe. O glaucoma que havia cegado seu olho esquerdo, fazia anos estava estendendo-se para o direito. Calculava que seu pai tinha cinquenta e cinco anos: parecia ter setenta.

— Sim, teria se equivocado — disse Elene —. Sempre é melhor viver.

— Talvez o seja.

A surpresa de Elene devia de haver-se refletido em seu rosto, pois ele explicou:

— Não estou tão certo destas coisas como costumava. Estou ficando velho.

Elene cortou a fritada pela metade e serviu dois pratos. Pôs um pedaço de pão na mesa. Seu pai lavou as mãos e depois bendisse o pão. “Bendito sejas Tu, oh Senhor nosso Deus, Rei do Universo...” Elene se surpreendeu pela oração não a enfurecer. Nos momentos mais amargos de sua vida solitária, maldice muitas vezes o seu pai, por ele e sua religião, porque a haviam levado àquela existência. Tentara adotar uma atitude indiferente, talvez de ligeiro desprezo, mas nunca chegou a logr  -lo. Enquanto observava seu pai pensou: “E o que eu faço quando este homem a quem odeio aparece no umbral? Beijo-lhe na bochecha, trago-o para casa e o chamo para jantar”.

Começaram a comer. O ancião tinha muita fome e devorou a comida. Elene não sabia por que havia vindo. Era são para dizer que seu av   havia morrido? Não. Talvez isso fosse uma parte, havia mais.

Perguntou por suas irmãs. Depois da morte de sua mãe, as quatro, de maneiras distintas, haviam se separado dele. Duas haviam ido para a América, uma casara com o filho do pior inimigo de seu pai, e a mais jovem, Naom  , escolhera a via de escape mais curta, a morte. Elene se deu conta de que o ancião estava destroçado.

Ele lhe perguntou que fazia. Ela decidiu contar-lhe a verdade.

— Os britânicos estão tentando pegar um homem, um alemão, acham que    espço. Meu trabalho é fazer amizade com ele... Sou a isca de uma armadilha. Mas... acho que talvez não possa voltar a ajudá-los.

O pai de Elene parou de comer.

— Está com medo?

Ela assentiu.

—    um homem muito perigoso. Matou um militar com uma faca. Ontem à noite... tinha que encontrá-lo num restaurante e os britânicos iam prendê-lo, mas algo saiu errado e passei a noite toda com ele. Estava tão assustada... E quando tudo terminou, o inglês... — Parou e respirou profundamente —. De qualquer maneira,    possível que não volte a ajudá-lo.

O ancião continuou comendo.

— Ama a esse inglês?

— Não é judeu — disse Elene desafiante.

— Deixei de julgar.

A garota não podia acreditar. Não restava nada de seu pai?

Terminaram a comida e Elene se levantou para preparar-lhe uma xícara de chá. O homem disse:

— Os alemães estão se aproximando. Será muito difícil para os judeus. Vou partir.

— A onde irá?

— A Jerusalém.

— Como chegar  s? Os trens estão lotados, há uma cota para os judeus...

— Vou ir caminhando.

Elene o olhou fixamente; não podia acreditar que falasse sério, nem que fizesse brincadeiras sobre essas coisas.

— Caminhando?

O homem sorriu.

— Outros já fizeram.

Elene se deu conta de que o falava sério e se aborreceu com seu pai.

— Pelo que me lembro, Moisés não conseguiu.

— Talvez possa conseguir que alguém me leve.

— É uma loucura!

— Acaso não fui sempre um pouco louco?

— Foi! — gritou Elene. Subitamente sua ira se desmoronou —. Sim, sempre foi um pouco louco, e não devia ser tão boba a ponto de pretender que mude de idéia.

— Rezarei a Deus por você. Aqui terá uma chance. É jovem e bonita, e talvez não cheguem a descobrir que é judia. Mas eu, um velho inútil que murmura orações hebraicas... a mim me enviariam a um campo onde provavelmente morreria. Sempre é melhor viver. Você mesma disse.

Elene tentou convencê-lo a que permanecesse com ela, ao menos por uma noite, mas ele não concordou. Deu-lhe um suéter e um cachecol, e todo o dinheiro que tinha em casa, e lhe disse que se esperasse um dia a mais poderia sacar dinheiro do banco e comprar-lhe um bom paletó. Mas ele tinha pressa. Elene chorou, secou os olhos e voltou a chorar. Quando seu pai partiu, foi até a janela e o viu caminhar pela rua, um homem velho que fugia do Egito, pelo deserto, seguindo os passos dos Filhos de Israel. Ficara algo do pai de Elene: sua ortodoxia havia moderado, mas ainda tinha uma vontade de ferro. Desapareceu entre a multidão e ela se afastou da janela. Quando pensou na coragem de seu pai percebeu que não podia abandonar Vandam.

— É uma garota misteriosa — disse Wolff —. Não consigo entendê-la bem. — Estava sentado sobre a cama, observando Sonja se vestindo —. É um pouco assustadiça. Quando lhe propus ir ao piquenique ficou muito nervosa; disse que apenas me conhecia, como se necessitasse uma ama.

— Contigo, ela necessitava — disse Sonja.

— E contudo, sabe ser muito rude e direta.

— Só tem que trazê-la aqui. Eu a entenderei.

— Preocupa-me. — Wolff franziu o cenho. Estava pensando em voz alta —. Alguém se pendurou no táxi quando nos afastávamos do restaurante.

— Um mendigo.

— Não, era um europeu.

— Um mendigo europeu. — Sonja deixou de escovar-se o cabelo para olhar Wolff pelo espelho —. Esta cidade está cheia de gente pirada, você sabe. Escute, se tem dúvidas, só a imagine sobre essa cama, entre nós dois.

Wolff sorriu, era uma imagem tentadora mas não irresistível: uma fantasia de Sonja, não sua.

O instinto lhe dizia que não devia chamar a atenção, nem marcar encontro com ninguém. Mas Sonja ia insistir... e ele ainda precisava dela.

— Quando posso dizer ao Kemal que se encontrará com ele? Ele já deve de saber que está vivendo aqui — perguntou ela.

Wolff suspirou. Outro encontro; outra exigência a cumprir; outro perigo; e também outra pessoa de cuja proteção necessitava.

— Chame-o esta noite para o clube. Não tenho pressa por esta reunião, mas devemos mantê-lo contente.

— De acordo. — Sonja estava preparada e seu táxi a esperava —. Marque um encontro com Elene — disse antes de partir.

Wolff deu-se conta de que já não dominava Sonja, como antes. As paredes que uma pessoa levanta para proteger-se também a prendem. Poderia desafiá-la? Se houvesse um perigo claro e imediato, sim. Mas tudo o que tinha era uma vaga inquietude, uma necessidade intuitiva de passar despercebido. E Sonja podia estar pirada o bastante para trair-lhe se realmente se enfurecesse. Estava obrigado a colher o perigo menor.

Levantou-se da cama, procurou papel e caneta e se sentou para escrever uma nota para Elene.

A mensagem chegou um dia depois da partida do pai de Elene para Jerusalém. Um garotinho se apresentou em sua porta com um envelope. Elene lhe deu uma gorgeta e leu a nota. Era breve. “Minha querida Elene: a espero no Restaurante Oásis na próxima quinta-feira, às oito. Estou ansioso em vê-la. Afetuosamente, Alex Wolff.” A diferença de sua forma de falar, a redação de Wolff tinha uma rigidez que parecia alemã, pensou. Mas talvez só fosse sua imaginação. Quinta-feira; dentro de dois dias. Não sabia se devia alegrar-se ou assustar-se. Sua primeira idéia foi de telefonar para Vandam, mas depois duvidou.

Sentia uma intensa curiosidade por aquele major inglês. Sabia muito pouco dele. O que fazia quando não estava caçando espiões? Escutava música, colecionava selos, matava patos? Interessava-se por poesia, por arquitetura, ou por tapetes antigos? Como era sua casa? Com quem vivia? De que cor era seu pijama?

Elene queria fazer as pazes; e ver onde Vandam morava. Tinha uma boa desculpa para entrar em contato, mas em lugar de telefonar-lhe iria a sua casa.

Decidiu trocar de vestido; depois decidiu primeiro tomar um banho e lavar o cabelo. Sentada na banheira pensava no vestido que poria. Percorreu mentalmente as ocasiões em que vira Vandam e a roupa que usara. Ele nunca a havia visto o vestido rosa pálido com ombreiras e botões na parte dianteira; esse era muito bonito.

Pôs um pouco de perfume, e depois a roupa íntima de seda que Johnnie lhe presenteara, e que sempre a fazia sentir-se tão feminina. Seu cabelo curto já estava seco e se sentou de frente para o espelho, para pentear-se. Os fios finos e escuros brilhavam depois do banho. “Estou encantadora”, pensou, e correu, sedutora, para o espelho.

Saiu do apartamento com a nota de Wolff. Vandam se interessaria em ver a sua caligrafia. Ele se interessaria por qualquer detalhe relativo a Wolff, talvez porque nunca se haviam visto cara a cara, exceto na escuridão, ou de longe. A letra era muito cuidada, facilmente legível, quase como os rótulos de um artista. Vandam tiraria alguma conclusão.

Dirigiu-se a Garden City. Eram sete horas e Vandam trabalhava até tarde, de maneira que tinha tempo de sobra. O sol ainda reluzia e Elene desfrutava do calor que sentia nos braços e pernas enquanto caminhava. Um grupo de soldados assobiou com sua passagem, e ela, de excelente humor, sorriu-lhes, de modo que a seguiram umas quadras, até que foram para um bar.

Sentia-se alegre e temerária. Que boa idéia havia tido em ir à casa de Vandam! Muito melhor que permanecer sozinha no apartamento. Estivera muito tempo sozinha. Para seus amantes, ela só existia quando tinham tempo de visitá-la; e, por sua vez, também havia adotado essa atitude, de modo que quando eles não estavam sentia que não tinha nada que fazer, nenhum papel que desempenhar, que não era ninguém. Mas havia terminado com tudo isso. Ao fazer o que estava fazendo, ao ir ao encontro de Vandam sem ser convidada, tinha a sensação de ser ela mesma e não uma pessoa que idealizada por alguém. Quase lhe dava vertigem.

Encontrou a casa com facilidade. Era uma pequena vila de estilo colonial francês, cheia de colunas e janelas altas. A pedra branca refletia o sol do entardecer com um brilho cegante. Percorreu o curto caminho da entrada, tocou a campainha e esperou sob a sombra do pórtico.

Um egípcio de idade avançada, calvo, atendeu-a:

— Boa tarde, senhora — disse com o tom típico de um mordomo inglês.

— Queria ver o major Vandam. Sou Elene Fontana.

— O major ainda não regressou para casa, senhora — disse o servente titubeando.

— Talvez eu pudesse esperá-lo — sugeriu ela.

— Certamente, senhora.

Pôs-se de um lado para deixá-la entrar.

Elene cruzou o umbral. Olhou ao redor com impaciência nervosa. Encontrava-se num vestibulo com piso de mosaico e teto alto. Antes de que pudesse captá-lo tudo, o servente disse:

— Por aqui, senhora. — A conduziu a uma sala —. Meu nome é Gaafar. Por favor, avise-me se precisar de algo.

— Obrigada, Gaafar.

O servente saiu. Elene sentia-se emocionada por estar na casa de Vandam e poder ter liberdade para olhar tudo. A sala tinha uma lareira de mármore enorme e uma grande quantidade de móveis ingleses. Elene tinha a impressão de que não fora ele que a mobiliou. Tudo estava limpo e arrumado, e não tinha muito uso. O que isso dizia do caráter de Vandam? Talvez nada.

A porta abriu e entrou um garotinho. Era bonito, de cabelo castanho cacheado e a pele limpa da pre-adolescência. Parecia ter uns dez anos. Pareceu-lhe vagamente familiar.

O menino disse:

— Olá, sou Billy Vandam.

Elene o olhou horrorizada. Um filho! Vandam tinha um filho! Compreendeu por que parecia familiar: era parecido com seu pai. Por que nunca lhe ocorrera que Vandam podia estar casado? Um homem como aquele — encantador, amável, charmoso, inteligente — não era provável que chegasse aos quarenta sem ser fisgado. Que tonta havia sido em pensar que ela podia ser a primeira a desejá-lo! Sentiu-se tão estúpida que ficou ruborizada.

Apertou a mão de Billy.

— Encantada. Sou Elene Fontana.

— Nunca sabemos a que horas papai volta para casa — disse Billy —. Desejo que não tenha que esperar muito.

Elene ainda não havia recuperado a serenidade.

— Não se preocupe, não me incomoda, não importa...

— Quer alguma bebida, ou algo?

Era muito cortês, como seu pai, com uma formalidade que, por alguma razão, desarmava. Elene recusou:

— Não, obrigada.

— Bem; tenho que jantar. Sinto deixá-la sozinha.

— Não importa...

— Se precisar de algo, chame a Gaafar.

— Obrigada.

O menino saiu e Elene se sentou pesadamente. Estava desorientada, como se em sua própria casa houvesse encontrado a porta de um quarto cuja existência desconhecia. Viu uma fotografia sobre a prateleira da chaminé e se levantou para olhá-la. Era a fotografia de uma mulher bonita, de pouco mais de trinta anos; uma mulher serena, de aspecto aristocrático, com um sorriso ligeiramente ativo. Elene admirou o vestido que luzia, sedoso e solto, que caía em dobras elegantes sobre sua esbelta figura. O cabelo e a maquiagem da mulher eram perfeitos. Os olhos eram assombrosamente familiares, diáfanos e perceptivos, e de uma cor claro.

Elene se deu conta de que Billy tinha esses olhos. Aquela, então, era a mãe de Billy... A esposa de Vandam. Certamente, era o tipo de mulher que podia ser sua esposa, uma clássica beleza inglesa com ar de superioridade.

Sentiu que havia se comportado como uma louca. Mulheres como aquela faziam fila para casar com homens como Vandam. Como se ele fosse descartar a todas só para cair ante uma mantida egípcia! Recitou as coisas que a separavam dele: Vandam era respeitável e ela tinha má fama; ele era britânico e ela era egípcia; ele era cristão — presumivelmente — e ela judia; ele havia sido bem criado e ela havia saído dos subúrbios de Alexandria; ele tinha quase quarenta e ela vinte e três... A lista era longa.

Dobrada detrás do marco da fotografia havia uma página arrancada de uma revista. O papel era velho e amarelado. A página tinha aquela mesma fotografia. Elene viu que era da revista chamada *The Tatler*. Havia ouvido referências dela: as esposas dos coronéis do Cairo a liam muito, porque informava sobre os acontecimentos triviais da sociedade londrina: festas, bailes, almoços de beneficência, abertura de galerias e atividades da realeza britânica. A fotografia da senhora Vandam ocupava quase toda a página. Um parágrafo impresso debaixo da fotografia informava que Angela, filha de sir Peter e lady Beresford, havia se comprometido em matrimônio com o tenente William Vandam, filho dos senhores Vandam, de Gately, Dorset. Elene voltou a dobrar a página e a colocou em seu lugar.

O quadro familiar estava completo. Atraente oficial britânico; esposa inglesa serena, segura de si mesma; filho encantador e inteligente; casa bonita; dinheiro, classe e felicidade. Todo o resto era um sonho.

Vagou pela sala perguntando-se se hospedaria outras surpresas. Certamente, a senhora Vandam a havia mobiliado, com um gosto perfeito ainda que pouco vivaz. O desenho decoroso das cortinas combinava com o moderado tom do tapete e do elegante papel de parede de riscas. Elene pensava como seria o dormitório. Um gosto demasiado frio, adivinhava. Talvez a cor mais destacado fosse verde azulado, o matiz que eles chamavam verde Nilo, ainda que não se parecesse nem um pouco com água lodosa do rio. Teria camas gêmeas? Achava que sim. Nunca saberia.

Contra uma das paredes havia um pequeno piano vertical. Perguntou-se quem o tocaria. Talvez a senhora Vandam se sentasse ali às vezes, durante as noites, enchendo o ar com Chopin enquanto Vandam repousava na poltrona, observando-a carinhosamente. Talvez Vandam a acompanhasse cantando românticas baladas para sua esposa, com voz firme de tenor. Talvez Billy tinha um preceptor e todas as tardes praticava escalas vacilantes, quando voltava da escola. Percorreu o monte de partituras que havia no banco do piano. Tinha razão no de Chopin; ali estavam todas as valsas.

Pegou um romance que havia sobre o piano e o abriu. Leu a primeira linha: “Ontem à noite sonhei que voltava a Manderley”. As frases iniciais a intrigaram e se perguntou se Vandam o estaria lendo. Talvez pudesse pedir emprestado: seria agradável ter algo seu. Por outro lado, tinha a impressão de que Vandam não era um grande leitor de literatura novelesca. Elene não queria pedir emprestado o livro a sua esposa.

Billy entrou. Ela pôs o livro em seu lugar, sentindo-se súbita e irracionalmente culpadoa, como se houvesse estado espiando. Billy observou o gesto.

— Esse não é bom — disse —. É sobre uma garota tonta que teme a governanta de seu marido. Não há ação.

Elene se sentou e Billy também, de frente para ela. Evidentemente, ia entretê-la. Era uma miniatura de seu pai, exceto por aqueles olhos cinza claro.

— Então você o leu? — perguntou.

— Rebeca? Sim. Não gostei muito. Mas sempre leio os livros até o final.

— Que gosta de ler?

— Os que mais me agradam são os tees.

— Tees?

— Detetives. Li todos os de Agatha Christie e de Dorothy Sayers. Mas gosto, mais que ainda, dos americanos, S. S. van Dine e Raymond Chandler.

— Verdade? — Elene sorriu —. Eu também gosto das histórias de detetives. Não leio outra coisa.

— Oh! Qual é seu tec favorito?

Elene refletiu.

— Maigret.

— Nunca ouvira mencionar. Como se chama o autor?

— Georges Simenon. Escreve em francês, mas alguns de seus livros foram traduzidos para o inglês. Geralmente a ação transcorre em Paris. São muito... complicados.

— Eu gostaria? É muito difícil conseguir livros novos. Hei lido todos os que há em casa e os da

biblioteca da escola. E faço trocas com meus amigos; mas você sabia?, eles gostam de ler contos sobre aventuras de férias infantis.

— Muito bem — disse Elene —. Vamos fazer uma troca. O que tem para emprestar-me? Acho que não li nenhum americano.

— Eu lhe emprestarei um de Chandler. Os americanos se parecem mais reais, sabia? Hei deixado essas histórias de casas de campo inglesas e gente que provavelmente não poderia matar uma mosca.

Era raro, pensava Elene, que um menino para quem uma casa de campo inglesa podia ser parte da vida diária, ache que as histórias americanas de detetives particulares se pareciam “mais reais”. Duvidou e perguntou:

— Sua mãe lê romances de detetives?

Billy respondeu imediatamente.

— Minha mãe morreu no ano passado em Creta.

— Oh!

Elene levou a mão à boca; sentiu que o sangue abandonava seu rosto. De modo que Vandam não estava casado! Um instante depois sentiu vergonha porque esse havia sido seu primeiro pensamento e, de imediato, sentiu compaixão pelo menino.

— Billy, isso é horrível. Sinto muito — disse.

Repentinamente, a morte real havia irrompido em seu bate-papo despreocupado sobre histórias de assassinatos, e Elene se sentiu turbada.

— Não se preocupe — disse Billy —. É a guerra, sabe?

E de novo Billy era como seu pai. Enquanto estivera falando de livros, mostrou-se cheio de entusiasmo juvenil, mas já havia posto outra vez a máscara, que era uma versão menor da que seu pai usava: cortesia, formalidade, a atitude de um hospedeiro atento. “É a guerra, sabe? havia escutado alguém dizê-lo e o havia adotado como sua própria defesa. Elene se perguntou se a preferência de Billy pelos assassinatos parecidos “com a realidade”, porque eram totalmente distintos das mortes nas casas de campo, datava do desaparecimento de sua mãe. Billy estava olhando ao seu redor, buscando algo, quiçá inspiração. Após um instante lhe oferecia cigarros, uísque, chá. Era bastante difícil saber o que dizer a um adulto agoniado; com o garoto, Elene se sentiu desvalida. Decidiu falar de outra coisa.

— Suponho que, com seu pai trabalhando no Quartel General, tem mais notícias da guerra que todos os outros — disse torpemente.

— Suponho que sim, mas em geral não as entendo. Quando vem para casa de mau humor sei que perdemos outra batalha. — Começou a roer uma unha; depois afundou as mãos nos bolsos da bermuda —. Oxalá fosse maior.

— Quer lutar?

Billy a olhou com fúria, como se pensasse que ela estava enganando-se.

— Não sou desses garotos que acham que tudo isto é uma grande diversão, como os filmes de cowboy.

— Tenho certeza de que você não é — murmurou Elene.

— Só temo que os alemães ganhem.

“Oh, Billy, se fosses dez anos maior me enamoraria também de ti”, pensou Elene.

Billy lhe dirigiu um olhar de ceticismo: não deveria ser boba a ponto de pretender conformá-lo.

— Eles fariam conosco o que temos feito com os egípcios durante cinqüenta anos — respondeu o menino.

Era outra das atitudes de seu pai. Tinha certeza.

— Então tudo haveria sido inútil — continuou Billy.

Voltou a roer a unha, e desta vez não se deteve. Elene se perguntou o que haveria sido inútil: a morte de sua mãe? Sua própria luta por ser valente? Os altibaixos de dois anos de guerra no deserto? “A civilização européia?

— Bem, ainda não aconteceu — disse Elene debilmente.

Billy olhou o relógio sobre a prateleira da chaminé.

— Tenho que deitar-me às nove. — De repente era novamente um menino.

— Acho que então será melhor que se retire.

— Sim — disse enquanto se levantava.

— Posso ir ao seu quarto dentro de uns minutos?

— Se o deseja...

Billy se retirou.

Que tipo de vida levavam naquela casa? Elene refletiu. O homem, o menino e o velho servente viviam ali juntos, cada um com suas próprias preocupações. Havia risos, amabilidade e afeto? Tinham tempo para jogos e para cantar canções e fazer piquenique? Comparada com sua própria infância, a de Billy era privilegiada. Contudo, Elene temia que aquela pudesse ser uma casa terrivelmente adulta para que um menino crescesse nela. Sua moderação maduro-infantil era encantadora, mas parecia um menino que não se divertia muito. Elene sentiu um acesso de compaixão por Billy, um menino sem mãe num país estranho sitiado por exércitos estrangeiros.

Saiu do salão e subiu a escada. Parecia que havia três ou quatro dormitórios no segundo andar, com uma escada estreita que levava a um terceiro piso, onde, provavelmente, Gaafar dormia. Uma das portas dos quartos estava aberta e Elene entrou.

Apenas se parecia com um quarto de menino. Elene não sabia muito sobre eles — ela havia tido quatro irmãos —, mas esperava ver modelos de aeroplanos, quebra-cabeça, um trem, artigos esportivos e, talvez, um velho e esquecido ursinho de pelúcia. Não se haveria surpreendido de ver roupa no chão, um jogo de construções sobre a cama e um par de chuteiras de futebol sujas sobre a superfície lustrada de uma escrivaninha. Mas o quarto quase poderia haver sido o dormitório de um adulto. A roupa estava cuidadosamente dobrada em uma cadeira; sobre a cômoda não havia nada; os livros de texto estavam empilhados ordenadamente sobre a escrivaninha e o único brinquedo visível era um modelo de tanque, feito de papelão. Billy estava deitado, com seu pijama de riscas abotoado até o pescoço e um livro sobre o cobertor, ao seu lado.

— Gostei do seu quarto — mentiu Elene.

— Obrigado.

— O que está lendo?

— O Mistério do Ataúde Grego.

Elene se sentou na borda da cama.

— Bem, não fique acordado até muito tarde.

— Tenho que apagar a luz às nove e meia.

Subitamente Elene se inclinou para frente e o beijou na bochecha.

Nesse momento a porta abriu e Vandam entrou.

O impressionante foi a familiaridade da cena: o menino na cama com seu livro, a luz da lâmpada que iluminava só o necessário, a mulher que se inclinava para beijar-lhe desejando boa noite... Vandam permaneceu de pé e olhou fixamente, como alguém que sabe que se encontra num sonho e, contudo, não pode despertar-se.

Elene levantou-se.

— Olá, William — disse.

— Olá, Elene.

— Boa noite, Billy.

— Boa noite, senhorita Fontana.

Ela passou junto de Vandam e saiu do quarto. O major se sentou na borda da cama, no fofo que ela havia deixado no cobertor.

— Estava entretendo a nossa visita?

— Sim.

— Bom garoto.

— Gosta de ler histórias de detetives. Vamos trocar livros.

— Fabuloso. Fez a lição de casa?

— Sim; vocabulário francês.

— Quer que eu tome a lição?

— Não precisa. Gaafar a tomou. Falando sério, ela é muito bonita, não achas?

— Sim. Está trabalhando para mim. É algo muito secreto, assim que...

— Minha boca está selada.

Vandam sorriu.

— Isso mesmo.

Billy baixou a voz.

— Ela é... já sabe... um agente secreto?

Vandam levou um dedo aos lábios.

— As paredes tem ouvidos.

O menino pareceu recear.

— Está brincando comigo.

Vandam sacudiu a cabeça silenciosamente.

— Caramba! — exclamou o menino.

Vandam levantou-se.

— Às nove e meia, luzes apagadas.

— Entendido. Boa noite.

— Boa noite, Billy.

Vandam saiu do quarto. Ao fechar a porta lhe ocorreu que o beijo de despedida de Elene provavelmente havia feito muito mais bem a Billy que seu bate-papo de homem para homem.

Encontrou Elene na sala, preparando martinis. Vandam pensou que devia haver-se enojado pela forma em que ela se havia conduzido, como se estivesse em sua casa, mas estava demasiado cansado para assumir atitudes estudadas. Afundou-se, aliviado, numa poltrona e aceitou uma bebida.

— Um dia movimentado? — perguntou Elene.

Toda a seção de Vandam havia estado trabalhando nos novos procedimentos de segurança, em matéria de rádio, que haviam sido introduzidas depois da captura da unidade de escuta alemã na colina de Jesús; mas não ia contar isso a Elene. Ademais, pensou que ela estava se fazendo de senhora da casa, e não merecia tal coisa.

— O que a traz até aqui? — perguntou.

— Tenho um encontro com Wolff.

— Maravilhoso! — Vandam esqueceu de imediato todas as preocupações menores — Quando?

— Na quinta-feira.

Entregou-lhe a nota.

Vandam estudou a mensagem. Era uma citação peremptória, feita com uma caligrafia clara e elegante.

— Como chegou?

— Um menino a entregou em minha casa.

— Você o interrogou? Onde recebera a mensagem, quem lhe havia dado e outras?

Elene parecia abatida.

— Não pensei nisso.

— Não importa.

De qualquer maneira, Wolff haveria tomado suas precauções; o menino não saberia nada de valor.

— Que vamos fazer? — perguntou Elene.

— O mesmo que da última vez, só que melhor.

Vandam tratou de parecer mais seguro do que estava. Devia ter sido simples. O homem se encontra com uma garota, alguém vai ao lugar da reunião e o prende quando aparecer. Mas Wolff era imprevisível. Não escaparia outra vez com o truque do táxi. Vandam teria o restaurante cercado; vinte ou trinta homens e vários carros; barricadas lisas e o resto. Mas Wolff poderia ensaiar uma treta diferente. Vandam não imaginava qual... e esse era o problema.

Como se estivesse lendo-lhe o pensamento, Elene disse:

— Não quero passar outra noite com ele.

— Por quê?

— Tenho medo.

Vandam se sentiu culpado, “Recorda Estambul”, e conteve sua compaixão.

— Mas da última vez ele não lhe causou dano.

— Não tentou seduzir-me, de modo que não tive que dizer-lhe que não. Mas agora o fará e temo que não se conformará com minha negativa.

— Aprendemos a lição — disse Vandam com falsa tranquilidade —. Desta vez não haverá erros. — Secretamente, estava surpreso pela determinação de Elene de não deitar-se com Wolff. Havia suposto que essas coisas, de certa forma, não lhe importavam muito. A havia julgado mal. De certa maneira, alegrou-lhe muito contemplá-la deste novo ponto de vista. Decidiu que devia ser sincero com ela —. O direi de outra forma — esclareceu —. Farei tudo o que esteja ao meu alcance para assegurar que desta vez não se cometam erros.

Entrou Gaafar e anunciou que a janta estava servida. Vandam sorriu. Gaafar interpretava o papel de mordomo inglês em honra da companhia feminina.

— Já comeu? — perguntou.

— Não.

— O que nós temos, Gaafar?

— Para o senhor, senhor, sopa, ovos mexidos e iogurte. E tomei a liberdade de assar uma costeleta para a senhorita Fontana.

Elene se dirigiu a Vandam:

— Sempre come assim?

— Não; é pela ferida bochecha. Não posso mastigar.

Vandam levantou-se.

Enquanto entrava na sala de jantar, Elene perguntou:

— Ainda dói?

— Só quando rio. É verdade... Não posso estirar os músculos deste lado. Já estou me acostumando a sorrir de um lado só.

Sentaram-se e Gaafar serviu a sopa.

— Gosto muito do seu filho — disse Elene.

— Eu também — replicou Vandam.

— Se comporta como um menino maior do que é.

— Acha que isso é mau?

Elene encolheu os ombros.

— Quem sabe.

— Passou por algumas situações que deveriam estar reservadas aos adultos.

— Sim. — Elene vacilou —. Quando a sua esposa morreu?

— No dia vinte e oito de maio de 1941, ao entardecer.

— Billy me disse que foi em Creta.

— Sim. Trabalhava como analista criptográfica para a Força Aérea. Estava num destino temporário, em Creta, no momento em que os alemães invadiram a ilha. Vinte e oito de maio foi o dia em que os britânicos se deram conta de que haviam perdido a batalha e decidiram retirar-se. Aparentemente, uma granada desviada a alcançou e morreu na hora. Certamente, estávamos tratando de retirar as pessoas com vida, não cadáveres, de modo que... Não há tumba. Não há mausoléu. Não ficou nada.

— Ainda a ama?

— Acho que sempre a amarei. Estou convencido de que é assim que acontece com as pessoas que realmente amam. Se se vão ou morrem, dá no mesmo. Se alguma vez voltasse a casar-me, continuaria amando Angela.

— Foram muito felizes?

— Nós... — Vandam duvidou, sem querer responder, depois se deu conta de que a hesitação era, si, uma resposta —. O nosso matrimônio não foi um idílico. Era eu que estava apaixonado... Angela estimava-me.

— Acha que voltará a casar-se?

— Bom, os ingleses do Cairo não deixam de jogar-me dublês de Angela.

Alçou os ombros. Não sabia a resposta à pergunta. Elene pareceu compreender, porque guardou silêncio e começou a comer a sobremesa.

Mais tarde Gaafar lhes serviu café na sala de estar. À essa hora, Vandam já começava a beber seriamente, mas naquela noite não queria beber. Mandou Gaafar ir dormir e tomaram o café. Vandam fumou um cigarro.

Desejou ouvir música. Em uma época a havia adorado, mas ultimamente havia desaparecido de sua vida. Com o ar morno entrando pelas janelas abertas, e a fumaça do cigarro que subia em espirais, queria escutar notas claras, deliciosas, harmonias doces, ritmos sutis. Foi ao piano e olhou para as partituras. Elene o observou em silêncio. Começou a tocar Para Elisa. As primeiras notas soaram com a característica de Beethoven, devastadoramente simples. Depois, a pausa. Seguida da melodia vibrante. De forma instantânea voltou para ele a capacidade de interpretação, quase como se nunca houvesse deixado de tocar. Suas mãos sabiam o que fazer de uma forma que Vandam sempre havia achado milagrosa.

Quando terminou, regressou para Elene, sentou-se ao seu lado e a beijou na bochecha. O rosto dela estava molhado de lágrimas.

— William, eu te amo com toda minha alma — disse.

Sussurram.

Ela diz:

— Gosto de suas orelhas.

Ele responde:

— Ninguém nunca as havia beijado assim. Ela solta um risinho. — Você gosta?

— Sim, SIM.

Ele suspira.

— Posso...?

— Desabote-me... Assim..., aaah!

— Vou apagar a luz.

— Não, quero vê-lo.

— É lua cheia. — Clic —. Vê? A luz da lua é suficiente.

— Vem logo...

— Aqui estou.

— Beijá-me de novo, William.

Calam durante uns instantes.

— Posso tirar isto? — diz ele.

— Deixe-me ajudá-lo..., assim.

E um instante depois, ela diz:

— Malditos botões! Acho que rasguei a sua camisa...

— Ao diabo com isso.

— Ah! Já sabia que seria assim... Olha.

— O quê?

— Nossa pele à luz da lua. Você é tão pálido e eu quase negra.

— Olha...

— Sim.

— Isto é um sonho.

— Não, é real.

— Não quero acordar nunca.

— Tão suave...

— E você é tão forte..., William...

— Sim?

— Agora, William?

— Oh, sim!

— Hei ansiado isto durante tanto tempo...

Ela geme e ele emite um som como um soluço, e depois só se ouve a respiração, durante longos minutos.

E finalmente ela se afrouxa e jaz com os olhos fechados por um tempo, transpirando, até que sua respiração se normaliza. Depois levanta a vista para ele e diz:

— De modo que é assim como deve ser!

E ele ri, e ela o olha com curiosidade, de modo que ele explica:

— Isso é exatamente o que estava pensando. Então riem, e ele diz:

— Já fiz um monte de coisas depois de..., você sabe, depois..., mas acho que nunca tinha rido.

— Estou tão feliz — diz ela —. Oh, William, estou tão feliz!

Capítulo 9

Rommel percebia o odor do mar. Em Tobruk, o calor, a poeira e as moscas eram tão incômodos como no deserto, mas eram mais suportáveis por essa ligeira umidade salgada que havia no sopro da brisa.

Von Mellenthin entrou no veículo de comando com seu relatório do serviço secreto.

— Boa noite, marechal.

Rommel sorriu. Depois da vitória de Tobruk o haviam promovido e ainda não se havia acostumado com o novo tratamento.

— Há algo novo?

— Uma mensagem do espião do Cairo. Diz que a linha Mersa Matruh é vulnerável em seu centro.

Rommel pegou o relatório e começou a percorrê-lo com a vista. Sorriu ao ler que os aliados supunham que tentaria fazer uma incursão ao redor do extremo sul da linha: aparentemente começavam a compreender sua forma de pensar.

— De modo que os campos minados são menos densos neste ponto... Mas ali a linha está defendida por duas colunas. O que é uma coluna? — perguntou.

— É um novo termo que usam. De acordo com um de nossos prisioneiros de guerra, uma coluna é um grupo de uma brigada esmagada duas vezes pelos panzers.

— Uma força débil, então.

— Sim.

Rommel bateu levemente no relatório com o indicador.

— Se isto é correto, podemos passar através da Linha Mersa Matruh assim que chegarmos a ela.

— Certamente, durante uns dois dias farei todo o possível por confirmar o informe do espião — disse Von Mellenthin —. Mas da última vez estava correto.

A porta do veículo abriu e Kesselring entrou.

Rommel ficou surpreso.

— Marechal de campo! — disse —. Pensava que se encontrava na Sicília.

— Estava lá — disse Kesselring. Sacudiu a poeira de suas botas de artesanato —. Vim para ver o senhor. Maldito seja, Rommel, isto tem que terminar. Suas ordens são muito claras: devia avançar apenas até Tobruk.

Rommel se recostou em sua cadeira de lona. Havia esperado não ter que discutir isso com Kesselring.

— As circunstâncias mudaram — disse.

— Porém o Comando Supremo Italiano confirmou as ordens iniciais — disse Kesselring. — E qual foi sua reação? Recusou o “conselho” e convidou a Bastico a almoçar com vocês no Cairo!

Nada enfurecia mais a Rommel que as ordens dos italianos.

— Os italianos não fizeram nada nesta guerra — disse com raiva.

— Isso não é pertinente. Precisamos de seu apoio aéreo e naval para o ataque a Malta. Quando tomarmos Malta estarão asseguradas suas comunicações para o avanço para o Egito.

— O senhor não aprendeu nada! — disse Rommel. Fez um esforço para baixar a voz —. Enquanto nós cavamos trincheiras, o inimigo também o está fazendo. Não cheguei até aqui com o velho jogo de avançar, consolidar-me e depois voltar a avançar. Quando eles atacam, eu me esquivo; quando eles defendem uma posição, eu a rodeio; e quando batem em retirada, eu os persigo. Agora estão fugindo, e é o momento de tomar o Egito.

Kesselring manteve a calma.

— É uma cópia de seu telegrama para Mussolini. — Sacou um papel de seu bolso e leu — : “O estado e a moral das tropas, a condição dos suprimentos devido à captura de depósitos e a debilidade do inimigo nos permitem persegui-lo até o interior da zona egípcia”. — Dobrou o papel e se dirigiu a Von Mellenthin —. Quantos tanques e soldados alemães temos?

Rommel reprimiu o impulso de dizer a Von Mellenthin que não respondesse: sabia que esse era um ponto fraco.

— Sessenta tanques, marechal de campo, e dois mil e quinhentos homens.

— E os italianos?

— Seis mil homens e catorze tanques.

Kesselring voltou a dirigir-se a Rommel.

— E o senhor vai tomar o Egito com um total de setenta e quatro tanques? Von Mellenthin: qual é sua estimativa do poderio inimigo?

— As forças aliadas são aproximadamente três vezes mais numerosas que as nossas, mas...

— Isso é tudo.

Von Mellenthin continuou:

—... mas estamos muito bem providos de alimentos, roupas, caminhões e carros blindados, e combustível, e a moral dos homens é excelente.

— Von Mellenthin, vá para o caminhão de comunicações e veja se chegou algo — ordenou Rommel.

Von Mellenthin franziu o cenho, mas Rommel não lhe deu nenhuma explicação, de modo que se retirou.

— Os aliados estão se reagrupando em Mersa Matruh — disse Rommel —. Esperam que rodeemos o extremo meridional de suas linhas. Em troca atacaremos o centro, onde são mais débeis...

— Como sabe tudo isso? — interrompeu Kesselring.

— Nossa estimativa do serviço de informação.

— Em que se baseia essa estimativa?

— Primordialmente no relatório de um espião...

— Meu Deus! — Pela primeira vez Kesselring levantou a voz —. Não tem tanques, mas tem o seu espião!

— Ele acertou da última vez.

Von Mellenthin regressou.

— Nada disto muda as coisas. Estou aqui para confirmar as ordens do Führer: não deve avançar mais — disse Kesselring.

Rommel sorriu.

Mandei um enviado pessoal ao Führer.

— O senhor...?

— Agora sou marechal de campo e tenho acesso direto a Hitler.

— Certamente.

— Talvez Von Mellenthin tenha a resposta do Führer.

— Sim — disse Von Mellenthin. Leu uma folha de papel — : “A Deusa da Vitória sorri só uma vez na vida. Adiante para o Cairo. Adolf Hitler”.

A sala ficou em silêncio.

Kesselring saiu e se afastou.

Quando Vandam chegou ao seu escritório se informou de que, desde a noite anterior, Rommel se encontrava a menos de cem quilômetros de Alexandria.

Parecia impossível detê-lo. A Linha Mersa Matruh havia-se quebrado em duas como um fósforo. Ao sul, o Décimo terceiro Corpo se redobrava desordenadamente, e no norte a fortaleza de Mersa Matruh havia capitulado. Os aliados retrocediam outra vez... Mas esta seria a última. A nova linha se estendia ao longo de uma faixa de quarenta e oito quilômetros entre o mar e a infranqueável depressão Qattara, e se essa linha caísse, já não haveria mais defesas e o Egito seria de Rommel. A notícia não bastou para ensombrecer a alegria de Vandam.

Haviam transcorrido mais de vinte e quatro horas desde que despertou, na madrugada, sobre o sofá da sala, com Elene em seus braços. Desde então estava saturado de uma espécie de júbilo adolescente. Recordava permanentemente os detalhes: o quanto seus peitos eram morenos, o sabor de sua pele... no escritório se comportava de forma inusitada, sabia. Havia devolvido uma carta a sua datilógrafa dizendo “Há sete erros aqui, é melhor que a faça de novo”, e sorrindo alegremente. Ela quase caíra da cadeira. Pensava em Elene e se dizia si mesmo: “Por que não?”, e não encontrava resposta.

Um oficial da Unidade Especial de Enlace visitou-lhe logo cedo. Qualquer um que estivesse a par do que sucedia no Quartel General sabia que a UEE tinha uma fonte de informação muito especial, ultra-secreta. As opiniões sobre a qualidade da informação diferiam, e era difícil a avaliação pois nunca revelavam a fonte. Brown, que tinha a patente de capitão mas não era um militar, se inclinou sobre a borda da mesa e falou com o cachimbo na boca.

— Vocês serão evacuados, Vandam?

Aqueles garotos viviam num mundo próprio e não tinha a intenção dizer-lhe que um capitão devia tratar a um major por “senhor”.

— Evacuar? Por quê? — perguntou Vandam.

— Nosso grupo vai para Jerusalém com todos aqueles que sabem demais. Temos que ficar fora do alcance do inimigo, já sabe.

— Quer dizer que a superioridade está se inquietando?

Era lógico: Rommel podia cobrir cem quilômetros num só dia.

— Haverá distúrbios na estação, logo verá..., metade do Cairo tratando de fugir e a outra metade organizando-se para estar pronta no momento da libertação. Ah!

— Não dirão a muitos que vão a...

— Não, não, não. Pois bem, tenho algo para você. Todos sabemos que Rommel tem um espião no Cairo.

— Como sabem? — perguntou Vandam.

— A coisa vem de Londres, amigo. Ao parecer, o identificaram como “o herói do caso de Rashid Ali”. Significa algo para você?

Vandam ficou estupefato.

— Sim! — exclamou.

— Bem, isso é tudo.

Brown se afastou da mesa.

— Um momento — disse Vandam —. Isso é tudo?

— Temo que sim.

— Do que se trata? De uma mensagem decifrada ou do relatório de um agente?

— Basta dizer fonte é confiável.

— Vocês sempre dizem isso.

— Sim. Bom, talvez tardemos em ver-nos. Boa sorte!

— Obrigado — murmurou Vandam distraidamente.

— Até a vista!

Brown saiu jogando baforadas de fumaça.

O herói do caso de Rashid Ali. Era incrível que Wolff fosse o homem que havia enganado Vandam em Estambul. Mas tinha sentido: recordava o estranho sentimento que tinha com respeito à maneira de agir de Wolff, como se fosse conhecida. A garota que Vandam havia enviado para procurar o homem misterioso fora degolada.

E ele ia mandar Elene contra o mesmo homem.

Entrou um cabo com uma ordem. Vandam a leu com crescente incredulidade. Todos os departamentos deviam tirar de seus arquivos os documentos que pudessem ser perigosos em mãos inimigas e queimá-los. Quase todos os arquivos em uma seção de informação podiam ser perigosos nas mãos inimigas. “Também podíamos queimar absolutamente tudo, maldito seja”, pensou Vandam. E como trabalhariam depois os departamentos? Resultava evidente que a superioridade achava que esses departamentos não iam continuar trabalhando muito mais tempo. Certamente, era uma medida de precaução; porém, muito drástica. Não destruiriam o produto acumulado em anos de trabalho a menos que achassem que existia, realmente, uma probabilidade palpável de que os alemães capturassem o Egito.

“Está fazendo-se pedaços — pensou Vandam —. Tudo está desmoronando.”

Era inconcebível. Vandam havia entregado três anos de sua vida à defesa do Egito. Milhares de homens haviam morrido no deserto. Afinal de contas, seria possível que fossem perder? Abandonar tudo, voltar-se e fugir? Era insuportável pensá-lo.

Chamou Jakes e o fez ler a ordem. Jakes se limitou a assentir com a cabeça, como se já a

esperasse.

— Um tanto drástica, não? — disse Vandam.

— É como o que está ocorrendo no deserto, senhor — replicou Jakes —. Levantamos gigantescos depósitos de suprimentos, a enorme custo, e quando recuamos os destruimos para evitar que caíam nas mãos do inimigo.

Vandam estava de acordo.

— Muito bem, então ponha mãos à obra. Trate de diminuir a importância... Já sabe, qual é o estado de ânimo; diga que a superioridade se atemoriza desnecessariamente, algo desse tipo.

— Sim, senhor. Podemos fazer o fogaréu no pátio de trás?

— Sim. Pegue um balde de lixo e faça-lhe uns buracos no fundo. Assegure-se de que o material queime bem.

— O que fará com seus arquivos?

— Os revisarei agora.

— Muito bem, senhor.

Jakes saiu.

Vandam abriu a gaveta de seu arquivo e começou a classificar seus documentos. Incontáveis vezes nos últimos três anos, havia pensado: “Não necessito recordar isso, sempre posso olhar aqui”. Havia nomes e endereços, relatórios de segurança sobre pessoas, detalhes de códigos, sistemas de comunicação de ordens, observações sobre casos e uma pequena pasta com anotações sobre Alex Wolff. Jakes levou uma caixa grande de papelão, com a impressão “LIPTON’S TEA” num lado e Vandam começou a pôr papéis pensando: “Este é o sabor da derrota”.

A caixa estava cheia pela metade quando um cabo abriu a porta e disse:

— O major Smith quer ver-lhe, senhor.

— Que entre.

Vandam não conhecia nenhum major Smith.

Smith era um homem pequeno, magro, quarentão, com olhos azuis bulbosos e ar de estar bastante satisfeito de si mesmo. Deu-lhe a mão e disse:

— Sandy Smith, SSI.

Vandam perguntou:

— O que posso fazer pelo Serviço Secreto de Informação?

— Sou uma espécie de enlace entre o SSI e o Quartel General — explicou Smith —. O senhor fez uma pergunta com respeito a um livro chamado Rebeca...

— Sim.

— A resposta chegou por nossos canais.

Smith entregou-lhe um papel.

Vandam leu a mensagem. O chefe do posto do SSI em Portugal havia realizado a investigação sobre Rebeca enviando um de seus homens para visitar todas as livrarias estrangeiras do país. Na zona turística de Estoril, um livreiro recordava haver vendido todo seu

estoque — seis exemplares de Rebeca — a uma mulher. Depois de uma investigação, verificou-se que a mulher era a esposa do agregado militar alemão em Lisboa.

— Isto confirma algo que suspeitava. Obrigado pelo incômodo em trazê-lo — disse Vandam.

— Não é nenhum incômodo. De qualquer maneira, venho todas as manhãs. Celebro ser-lhe útil.

Smith se retirou.

Vandam meditou sobre a novidade enquanto continuava seu trabalho. Só existia uma explicação factível ao fato de que o livro houvesse ido de Estoril ao Saara. Indubitavelmente era a base de um código. E a menos que houvesse no Cairo dois espiões alemães, o que estava usando esse código era Alex Wolff.

Tarde ou cedo a informação seria útil. Era uma lástima que não houvesse capturado a chave do código junto com o livro e o texto decifrado. A idéia lhe recordou a importância de queimar seus documentos secretos, e decidiu ser mais impiedoso com respeito ao que ia destruir.

Ao final pensou na pasta sobre soldos e promoções dos subordinados e decidiu queimá-la também, pois poderiam ajudar as equipes de investigação inimigas a estabelecer prioridades. A caixa estava cheia. Colocou-a sobre um ombro e saiu para fora.

Jakes havia feito uma fogueira num tanque de água oxidado levantado sobre tijolos. Um cabo jogava papéis nas chamas. Vandam derramou sua caixa e observou o fogo durante uns instantes. Recordava-lhe a noite de Guy Fawkes, em Inglaterra, os fogos de artifícios, as batatas ao forno e a efígie em chamas de um traidor do século XVI. Os pedaços de papel carbonizados subiam fluando em uma coluna de ar quente. Vandam se afastou.

Querida meditar, de modo que decidiu caminhar. Deixou o Quartel General e se dirigiu ao centro. A bochecha doía. Pensou que devia aceitar a dor de bom grado, porque supostamente era sinal de que a ferida estava cicatrizando. Estava deixando a barba crescer para cobrir a ferida, a fim de não ter um aspecto tão desagradável quando tirasse o esparadrapo. Cada dia desfrutava por não ter que barbear-se.

Pensou em Elene, e a recordou com a costas arqueadas e o suor reluzindo em seus seios nus. O ocorrido depois de beijá-la causara-lhe um sobressalto, mas também o havia comovido profundamente. Foi uma noite de primeiras vezes para ele: a primeira vez que fez amor em outro lugar que não fosse uma cama, a primeira vez que viu uma mulher ter um clímax como o de um homem e a primeira vez que a relação sexual foi um abandono mútuo, em lugar da imposição de sua vontade. Certamente, era um desastre que ele e Elene tivessem se apaixonado. Seus pais, seus amigos e o exército se horrorizariam ante a idéia de que se casasse com uma wogs. Sua mãe tentaria explicar-lhe o crime dos judeus em recusar a Jesús. Vandam decidiu não se preocupar com isso. Ele e Elene podiam estar mortos dentro de alguns dias. “Nos esquentaremos embaixo do sol enquanto dure — pensou —, e ao diabo com o porvir.”

Seus pensamentos regressavam constantemente à garota que, aparentemente, Wolff havia degolado em Estambul. Tinha medo de que na quinta-feira algo desse errado e Elene ficasse outra vez sozinha com Wolff.

Olhando ao seu redor, deu-se conta de que havia um sentimento de festa no ar. Passou em frente a um salão de beleza de senhoras e observou que estava repleta, com mulheres que esperavam de pé. As lojas de moda pareciam fazer bons negócios. Uma mulher saiu de um armazém com uma cesta cheia de alimentos enlatados, e Vandam viu que na porta da loja havia uma fila que se estendia ao longo da calçada. Num cartaz enganchado na vitrina do

estabelecimento vizinho se podia ler com uma letra apressadamente garatujado: “Não se fazem maquiagens”. Vandam percebeu que os egípcios estavam se preparando para serem libertados, e que estavam esperando o momento.

Não pôde impedir um sentimento de fatalidade iminente. Até o céu parecia escuro. Olhou para cima: o céu estava escuro. Dava a impressão de que caía sobre a cidade um chuvisco cinza, turbulento, salpicado de partículas. Percebeu que era fumaça mesclado com papel carbonizado. Em todo o Cairo, os britânicos estavam queimando seus arquivos, e a fumaça suja havia escurecido o sol.

Vandam se sentiu de repente furioso consigo mesmo e com o resto dos exércitos aliados por dispor-se tão tranquilamente à derrota. Onde estava o espírito de batalha da Bretanha? Que havia ocorrido com a famosa combinação de obstinação, engenho e coragem que supostamente caracterizavam a nação? “O que você pensa em fazer a respeito?”, se perguntava Vandam.

Deu meia volta e caminhou de volta Garden City, onde estava alojado o Quartel General, em casas confiscadas. Representou mentalmente o mapa da Linha de El Alamein, onde os aliados teriam sua última posição. Rommel não podia rodear essa linha, porque em seu extremo meridional se encontrava a vasta e infranqueável depressão Qattara. Logo, teria que rompê-la.

Onde tentaria de rompê-la? Se o fizesse no extremo norte, então teria que escolher entre lançar-se com rapidez sobre Alexandria e dar a volta e atacar às forças aliadas pela retaguarda. Se fosse pelo extremo sul, ou teria que dirigir-se de forma acelerada ao Cairo, ou de novo dar a volta e destruir os restos das forças aliadas.

Detrás da linha estava a crista de Alam Halfa, fortemente armada. Era evidente que seria melhor para os aliados que Rommel desse a volta depois de romper a linha, porque nesse caso podia esgotar sua poderio atacando Alam Halfa.

Havia um fator a mais. O acesso sul de Alam Halfa corria através de traiçoeiras areias movediças. Era impossível que Rommel conhecesse essas areias, porque nunca havia penetrado tão profundamente nesta direção, e só os aliados tinham bons mapas do deserto.

“De modo que meu dever é impedir que Alex Wolff diga a Rommel que Alam Halfa está bem defendida e que não se pode atacá-la pelo sul”, pensou Vandam. Era um plano muito pessimista.

Vandam, sem haver-se proposto conscientemente, havia chegado à Vila Les Oliviers, a casa de Wolff. Se sentou no parque que se encontrava na frente dela, debaixo das oliveiras, e observou o edifício, como se pudesse dizer-lhe onde estava Wolff. Pensava ao acaso: “Se Wolff cometesse um erro e falasse para Rommel atacar Alam Halfa pelo sul...”. Então teve uma idéia.

“Suponhamos que capture Wolff. Suponhamos que também consiga seu rádio. Suponhamos que inclusive encontre a chave de seu código. Nesse caso poderia substituir a Wolff, pôr-me em contato com Rommel por rádio e dizer-lhe que ataque Alam Halfa pelo sul.”

A idéia floresceu rapidamente em sua mente e começou a sentir-se exaltado. Rommel já estava convencido, com razão, de que a informação de Wolff era boa. “Suponhamos que receba uma mensagem do espião que diga que a Linha de El Alamein é fraca no extremo sul, que o acesso meridional a Alam Halfa e que a própria Alam Halfa está escassamente defendida. A tentação seria muito forte para que Rommel resistisse. Romperia a linha no extremo sul e depois viraria para o norte, confiado em tomar Alam Halfa sem maiores obstáculos. Então cairia nas areias movediças. Enquanto lutasse para atravessá-las, nossa artilharia dizimaria suas forças. Quando chegasse a Alam Halfa a acharia fortemente defendida. Nesse ponto deslocaríamos

mais forças desde a linha de frente e esmagaríamos o inimigo como com um quebra-nozes....”

Se a emboscada desse certo, não só podia salvar o Egito senão aniquilar o Afrika Korps.

“Tenho que apresentar esta idéia aos meus superiores”, decidiu Vandam.

Não seria fácil. Sua situação não era muito boa nos últimos tempos. Em realidade, sua reputação profissional estava arruinada por culpa de Alex Wolff. Mas provavelmente reconheceriam que a idéia era boa.

Levantou-se do banco e se dirigiu ao seu escritório. De repente, o porvir parecia diferente. Talvez a bota alta não ressonaria sobre os solos ladrilhados das mesquitas. Talvez os tesouros dos museus egípcios não fossem embarcados para Berlim. Talvez Billy não tivesse que unir-se à Juventude Hitleriana. Talvez não enviassem Elene a Dachau.

"Podemos salvar-nos todos", pensou. "Se eu apanhar Wolff."

TERCEIRA PARTE

ALAM HALFA

Capítulo 10

“Num dia destes vou dar um soco no nariz de Bogge”, pensou Vandam.

Naquele dia o tenente coronel Bogge estava pior do que nunca: indeciso, sarcástico e susceptível. Tinha uma tosse nervosa que empregava quando tinha medo de falar; e tossia muito. Estava muito impaciente; acomodava montes de papéis em sua mesa; cruzava e descruzava as pernas e lustrava sua porca bola de críquete.

Vandam estava sentado imóvel e silencioso, desejando que acabasse por enlouquecer.

— Olhe, Vandam, a estratégia lhe corresponde a Auchinleck. Seu trabalho é evitar vazamentos por via do pessoal e não o está fazendo muito bem.

— Tampouco Auchinleck — disse Vandam.

Bogge pretendeu não ouvir. Recolheu o memorando de Vandam. Vandam havia escrito seu plano para enganar ao inimigo e o havia apresentado formalmente a Bogge, enviando uma cópia para o general.

— Em primeiro lugar, está cheio de defeitos — disse Bogge.

Vandam não contestou.

— Cheio de defeitos — tossiu Bogge —. Por um lado, significa permitir que o amigo Rommel atravesse a linha, não é mesmo?

— Talvez o plano dependa de que o faça.

— Sim. Isso é o que quero dizer. Se o você apresenta um plano cheio de defeitos como este, considerando que sua reputação se encontra bastante dizimada por aqui neste momento, bom, o tirarão do Cairo a gargalhadas. Agora — tossiu — quer convencer Rommel a atacar a linha em seu ponto mais fraco, dando-lhe uma melhor oportunidade de atravessá-la. Percebe isso?

— Sim. Certos pontos da linha são mais débeis que outros, e como Rommel conta com reconhecimento aéreo, há uma possibilidade de que saiba quais são esses pontos.

— E você quer converter uma possibilidade em uma certeza.

— Para benefício da emboscada posterior.

— Agora, me parece que o mais conveniente é que Rommel ataque a parte mais forte da linha, a fim de evitar que passe.

— Porém, se o rechaçamos, se reagrupará e voltará a atacar-nos. Contudo, se o pegamos, podemos liquidá-lo definitivamente.

— Não, não, não! É perigoso, é perigoso! Esta é nossa última linha de defesa, meu amigo. — Bogge riu —. Depois não fica mais que um pequeno canal entre ele e o Cairo. Você não parece dar-se conta...

— Percebo perfeitamente, senhor. Deixe-me explicar-lhe. Um: se Rommel atravessar a linha deverá desviar-se para Alam Halfa com a falsa perspectiva de uma vitória fácil. Dois: é preferível que ataque Alam Halfa pelo sul devido às areias movediças. Três: ou esperamos e

vemos qual extremo da linha ele ataca e nos arriscamos que ataque pelo norte, ou devemos convencê-lo a ir para o sul, correndo o penhasco, de modo a aumentar suas possibilidades de atravessar a linha logo.

— Bem — disse Bogge — agora que o havemos expressado de outra maneira o plano começa a ter um pouco mais de sentido. Bom, olhe: vai ter que deixá-lo. Quando dispuser de um momento, passarei-lhe o pente e verei se posso dar-lhe forma. Então talvez o levemos aos superiores.

“Já vi tudo — pensou Vandam —. O objetivo da manobra é convertê-lo no plano de Bogge. Bem, que demônios importa? Se Bogge se incomoda em fazer política a estas alturas, lá ele. O que importa é a vitória, não os louros.”

— Muito bem, senhor. Permita-me somente destacar o fator tempo. Se o plano tiver que ser posto em prática, tem que fazê-lo com rapidez — disse Vandam.

— Acho que sou melhor juiz quanto a essa urgência, major, não lhe parece?

— Sim, senhor.

— E, afinal de contas, tudo depende de que se pegue ao condenado espião, no que até agora o senhor não teve muito êxito. Correto?

— Sim, senhor.

— Eu mesmo me encarregarei da operação esta noite para assegurar-me de que não haja mais fracassos. Envie-me suas propostas esta tarde e as revisaremos juntos...

Chamaram à porta e o general Povey entrou no escritório. Vandam e Bogge se levantaram.

— Bom dia, senhor — disse Bogge.

— Descansem, cavalheiros — respondeu o general —. Vandam, estava lhe procurando.

Bogge disse:

— Precisamente estávamos trabalhando numa idéia que nos ocorreu sobre um plano de engano...

— Sim, vi o memorando.

— Ah, Vandam lhe enviou uma cópia...

Vandam não olhou para o tenente coronel, mas sabia que estava furioso com ele.

— Sim — respondeu o general. Voltou-se para Vandam —. Major, sua função é perseguir espiões, não assessorar aos generais em matéria de estratégia. Se passasse menos tempo explicando como ganhar a guerra, talvez pudesse ser um melhor oficial de segurança.

Vandam sentiu-se deprimido.

— Precisamente lhe estava dizendo... — começou Bogge.

O general o interrompeu.

— Contudo, já que você fez isto e tendo em conta que é um plano tão esplêndido, quero que venha comigo e convença a Auchinleck. Pode prescindir dele, verdade, Bogge?

— Certamente, senhor — respondeu o tenente coronel entre dentes.

— Muito bem, Vandam. A conferência começará em qualquer momento. Vamos.

Vandam saiu com o general e fechou a porta de Bogge com muita suavidade.

Na hora do almoço o major Smith foi à casa flutuante. E a informação que levava era a mais valiosa até o momento.

Wolff e Sonja seguiram a rotina já conhecida. Wolff se sentia como um ator de uma farsa francesa, que devia esconder-se, noite após noite, no mesmo guarda-roupa do cenário. Sonja e Smith seguiram o libreto, começaram no sofá e se trasladaram ao dormitório. Quando Wolff saiu do armário, as cortinas estavam corridas e ali, no chão, apareciam a maleta de Smith, seus sapatos e sua bermuda, com o chaveiro saindo do bolso.

Wolff abriu a pasta e começou a ler.

Uma vez mais, Smith havia ido à casa flutuante imediatamente depois da conferência matutina no Quartel General, na qual Auchinleck e sua cúpula discutiam a estratégia aliada e decidiam o que fariam.

Depois de uns minutos de leitura, Wolff se apercebeu de que tinha em suas mãos um relatório completo e detalhado das últimas trincheiras de defesa dos aliados na Linha El Alamein.

A linha consistia em artilharia situada nas colinas, tanques no terreno plano e campos minados em todas as partes. A crista de Alam Halfa, a oito quilômetros detrás do centro da linha, também estava fortificada. Wolff observou que o extremo meridional era mais débil tanto em tropas como em minas.

A maleta de Smith também continha um documento com a posição do inimigo. O Serviço de Informação aliado pensava que Rommel trataria de romper a linha no extremo meridional, mas indicava a possibilidade de que o fizesse no setentrional.

Debaixo disto, escrito em lápis presumivelmente por Smith, havia uma nota que Wolff achou mais interessante que o resto do material. Dizia: “O major Vandam propõe uma emboscada. Convencer Rommel a passar pelo extremo sul, atrai-lo para Alam Halfa, pegá-lo nas areias movediças e depois derrotá-lo. Plano aceito por Auk”.

“Auk” era Auchinleck, indubitavelmente. Que descoberta! Wolff não só tinha em suas mãos os detalhes da linha de defesa aliada. Também sabia o que esperavam que Rommel fizesse e conhecia o plano para enganá-lo.

E esse plano era de Vandam!

Este seria recordado como o golpe de espionagem mais grandioso do século. O próprio Wolff asseguraria a vitória de Rommel na África do Norte.

“Deveriam fazer-me rei do Egito por isto”, pensou, e sorriu.

Levantou a vista e viu a Smith em pé entre as cortinas, olhando-o fixamente.

— Quem diabos é você? — rugiu o major.

Wolff se deu conta, com raiva, de que não havia prestado atenção aos ruídos do dormitório. Algo não havia funcionado, não haviam seguido o libreto, não desenvolveram o champanhe. Havia estado totalmente concentrado na avaliação estratégica. Os intermináveis nomes de divisões e brigadas, o número de homens e tanques, as quantidades de combustível e provisões, as colinas, depressões e areias movediças monopolizaram sua atenção e o impediram de ouvir os sons próximos. De repente teve medo de que pudesse ver-se frustrado no momento do triunfo.

— Maldição, esse é minha pasta! — gritou Smith.

Deu um passo adiante.

Wolff estirou os braços, agarrou o pé de Smith puxou-o para um lado. O major caiu e bateu contra o chão com um ruído surdo.

Sonja deu um grito.

Wolff e Smith se puseram rapidamente em pé.

Smith era um homem pequeno, delgado, dez anos mais velho que Wolff e em má forma física. Retrocedeu mostrando temor em seu rosto. Bateu contra uma estante, olhou para os lados, viu uma fruteira de cristal talhada, a pegou e jogou contra Wolff.

Errou: a fruteira caiu na pia da cozinha e estourou ruidosamente.

“O ruído — pensou Wolff —. Se fizer mais ruído alguém virá para investigar.” Avançou para Smith.

O major, com a costas contra a parede, gritou:

— Socorro!

Wolff o golpeou uma vez na queixo, e Smith caiu, deslizando pela parede até ficar sentado, inconsciente, no chão.

Sonja saiu e lhe olhou fixamente.

Wolff esfregava os nós dos dedos.

— É a primeira vez que faço isto — disse.

— O quê?

— Golpear alguém na mandíbula e deixar-lhe sem sentido. Pensei que só os boxeadores o conseguiam.

— Isso não importa! Que fazemos com ele?

— Não sei.

Wolff considerou as possibilidades.

Matar Smith seria perigoso, pois a morte de um oficial — e o desaparecimento de sua maleta — provocaria um terrível barulho em toda a cidade. Deveria desfazer-se do cadáver. E Smith não proferiria novos segredos.

Smith gemeu e se agitou.

Wolff pensou se seria possível deixar-lhe ir, afinal de contas se Smith revelasse o que havia estado sucedendo na casa flutuante, ele seria o primeiro prejudicado. Não só arruinaria sua carreira, como provavelmente o prenderiam. Não parecia o tipo de homem capaz de sacrificar-se por uma causa superior.

Deixá-lo livre... Não, era muito perigoso. Saber que havia um oficial britânico na cidade que possuía todos os segredos de Wolff... Impossível.

Smith havia aberto os olhos.

— Você... — disse —. Você é Slavenburg. — Olhou para Sonja e depois novamente para Wolff —. Foi você quem me apresentou no Cha-Cha... tudo isto foi planejado.

— Cale-se — ordenou Wolff com suavidade.

Tinha que matá-lo ou deixá-lo ir: que outras opções existiam? Só uma: mantê-lo ali, atado e amordaçado, até que Rommel chegasse ao Cairo.

— Vocês são uns malditos espiões — disse Smith. Seu rosto estava lívido.

Sonja assobiou depreciativa:

— E achou que estava louca por seu corpo miserável...

— Sim. — Smith se recuperava —. Não devia ser tão estúpido a ponto de confiar em uma puta árabe.

Sonja se adiantou e lhe bateu na cara com o pé desnudo.

— Basta! — disse Wolff —. Temos que pensar no que vamos fazer com ele. Há alguma soga para atá-lo?

Sonja pensou um momento.

— Lá em cima, na coberta, na gaveta do extremo dianteiro.

Wolff pegou na gaveta da cozinha o pesado ferro que usava para afiar a faca de trincar e a deu a Sonja.

— Use isto caso ele se mova — disse.

Não achava que Smith se moveria.

Estava a ponto de subir a escada para a coberta quando ouviu passos na passarela.

— O carteiro! — exclamou Sonja alarmada.

Wolff se ajoelhou na frente de Smith e sacou a sua faca.

— Abra a boca.

Smith começou a dizer algo e Wolff deslizou a faca entre os dentes do major.

— Se se mover ou falar lhe cortarei a língua.

Smith se ficou imóvel, olhando fixamente para Wolff com horror.

Wolff se deu conta de que Sonja estava nua.

— Ponha algo, rápido!

Sonja pegou um lençol da cama e se envolveu com ele enquanto ia ao pé da escada. A escotilha estava se abrindo. Wolff sabia que ele e Smith podiam ser vistos dali. Sonja deixou que o lençol deslizesse um pouco para abaixo ao levantar o braço para receber a carta.

— Bom dia! — disse o carteiro.

Seus olhos se cravaram nos peitos semi-nús de Sonja.

Ela continuou subindo a escada, de modo que o carteiro tivesse que retroceder e deixou que o lençol caísse ainda mais...

— Obrigada — disse sorrindo.

Estirou o braço e fechou a escotilha.

Wolff respirou de novo.

Os passos do carteiro cruzaram a coberta e desceram pela passarela.

— Dê-me esse lençol — disse Wolff a Sonja.

Ela o tirou e ficou novamente nua.

Wolff sacou a faca da boca de Smith e cortou com ela um pedaço do lençol. Amassou o

tecido até formar uma bola e a meteu na boca do major, que não se resistiu. Wolff pôs a faca na bainha sob o braço e se levantou. Smith fechou os olhos. Parecia abatido, derrotado.

Sonja pegou a barra de aço e permaneceu disposta a golpear Smith, enquanto Wolff subia a escada para a coberta. A gaveta que Sonja havia mencionado estava em um degrau da proa. Wolff a abriu. Dentro havia um rolo de corda fina. Talvez a haviam usado para amarrar o barco antes que ele se convertesse em uma casa flutuante. Wolff sacou a corda. Era forte, mas não muito grossa: ideal para atar as mãos e os pés de um cativo.

Ouviu que Sonja gritando lá embaixo e o ruído de pisadas na escada.

Wolff largou a corda e girou sobre si mesmo.

Smith, de cueca, saía correndo pela escotilha.

Não estava tão derrotado como parecia, e Sonja devia ter falhado com o ferro.

Wolff cruzou a toda velocidade a coberta, para adiantar-se a Smith.

O major se voltou, correu na outra direção e saltou na água.

— Maldita seja! — exclamou Wolff.

Olhou rapidamente ao seu redor. Não havia ninguém sobre as cobertas das outras casas flutuantes. Era a hora da sesta. O caminho do cais estava deserto, à excessão do “mendigo” — Kemel teria que se encarregar dele — e de um homem que se afastava na distância. No rio havia um par de faluas, pelo menos a quatrocentos metros e, depois delas, uma lenta barcaça de vapor.

Wolff correu para a borda. Smith saiu à superfície, ofegante, em busca de ar. Limpou os olhos e olhou ao redor para orientar-se. Era lerdo na água e chapinhava muito. Começou a nadar desajeitadamente, tratando de afastar-se da casa flutuante.

Wolff retrocedeu vários passos e saltou na água.

Caiu com os pés sobre a cabeça de Smith.

Durante vários segundos tudo foi confusão. Wolff se afundou na água em um emaranhado de braços e pernas — os seus e os de Smith — e lutou para voltar à superfície e, ao mesmo tempo, para afundar Smith. Quando não pôde mais conter o fôlego largou Smith e emergiu.

Aspirou o ar e limpou os olhos. A cabeça de Smith flutuava na sua frente, tossindo e guagueando. Wolff estirou os braços, a agarrou e fez força para baixo. Smith se revolia como um peixe. Wolff o pegou pelo pescoço e o afundou. Ele mesmo ficou debaixo d'água e um momento depois voltou a subir. Smith ainda estava debaixo lutando.

“Quanto tempo demora para afogar um homem?”, pensou Wolff.

Smith se sacudiu agitado e se libertou. Saiu à superfície e aspirou fundo. Wolff o golpeou, mas o soco não teve força. Smith tossia e vomitava, ofegante e estremecendo-se. Wolff voltou a alcançar Smith, ficando por trás do major e com um braço lhe rodeou a garganta, enquanto, com o outro, empurrava a cabeça para baixo.

“Cristo, espero que ninguém esteja observando”, rogou Wolff.

Smith estava na água com a cara para abaixo. Wolff apoiava o joelho em suas costas e mantinha a cabeça firmemente segura. Smith continuou mexendo-se debaixo d'água, girando e sacudindo-se, agitando os braços, dando pontapés e tratando de retorcer o corpo. Wolff o reteve com mais força sob a água.

“Afogue-se, desgraçado, afogue-se!”

Wolff viu a boca de Smith aberta e soube finalmente estava engolindo água. As convulsões foram frenéticas. Wolff se deu conta de que ia ter que soltá-lo. Os esforços de Smith lhe puxavam para abaixo. Wolff apertou os pálpebras e prendeu o fôlego. Parecia que Smith enfraquecia. “Seus pulmões deviam de estar meio cheios de água”, pensou o espião. Depois de uns segundos, ele mesmo começou a necessitar ar.

Os movimentos de Smith ficaram mais fracos. Wolff segurou o major com menos força, esperneou impulsionando-se para cima e procurou o ar. Durante um minuto apenas respirou. Smith se converteu num peso morto. Wolff usou quase exclusivamente as pernas para nadar para a casa flutuante arrastando Smith com ele. A cabeça do militar sobressaía da água, mas não havia indícios de vida.

Wolff chegou ao costado do barco. Sonja estava na coberta, de bata, olhando atentamente pela borda.

— Alguém nos viu? — perguntou Wolff.

— Acho que não. Está morto?

— Sim.

“Que demônios faço agora?”, perguntou-se Wolff.

Sustentou Smith contra o flanco do barco. “Se o solto agora, flutuará — pensou —. Encontrarão o corpo perto daqui e investigarão casa por casa. Mas não posso carregar um cadáver através de meia cidade para livrar-me dele.”

De repente, o major se sacudiu e vomitou água.

— Cristo, está vivo! — exclamou Wolff.

Afundou Smith de novo, sacou sua faca e arremeteu. Smith estava debaixo d’água, movendo-se debilmente. Wolff não podia dirigir a arma. Esfagueou selvagememente. A água o atrapalhava. Smith se sacudiu com violência e a água espumosa se tingiu de vermelho. Finalmente, Wolff conseguiu agarrar Smith pelo pescoço e firma-lhe a cabeça enquanto o degolava. Finalmente estava morto.

Wolff soltou Smith enquanto guardava a faca. Ao redor dele a água do rio adquiriu uma cor vermelho barrento. “Estou nadando em sangue”, pensou e, de repente, sentiu nojo.

O corpo se afastava à deriva. Wolff o pegou. Percebeu tarde demais que um major afogado podia haver caído acidentalmente no rio, mas um major com a garganta cortada, indubitavelmente havia sido assassinado. Tinha que esconder o cadáver.

Olhou para cima.

— Sonja!

— Estou me sentindo mal.

— Isso não importa. Temos que afundar o corpo.

— Oh, Meu Deus, a água está cheia de sangue!

— Escuta! — Queria gritar-lhe para fazê-la reagir, mas devia manter um tom de voz baixo —. Pegue..., pegue a corda. Vá!

Sonja desapareceu da vista um momento e regressou com a corda. Era inútil, decidiu Wolff: teria que dizer-lhe exatamente o que devia fazer.

— Agora, pegue a maleta de Smith e coloque algo pesado nela.

— Algo pesado..., mas o quê?

— Bendito seja Deus... O que temos que seja pesado? O que é pesado? Hum..., livros? Os livros são pesados; não, pode não ser suficiente..., já sei: garrafas. Garrafas cheias, garrafas de champanhe. Encha a pasta com garrafas de champanhe.

— Por quê?

— Deus, deixe de tremer; faça o que eu disse!

Sonja se afastou outra vez. Pelo postigo a viu descer a escada e entrar no quarto. Movia-se muito lentamente, como uma sonâmbula.

“Depressa, puta gorda, depressa!”

Sonja olhou ao redor, atordoada. Movendo-se ainda como em câmara lenta, pegou a maleta, foi até a cozinha e abriu a geladeira. Olhou dentro como se fosse decidir o que ia jantar.

“Adiante!”

Sonja pegou uma garrafa de champanhe. Permaneceu com a garrafa em uma mão e a maleta na outra e enrugou a testa, como se não recordasse o que devia fazer com eles. Por fim se lembrou, pôs a garrafa deitada na pasta e pegou outra.

Wolff pensou: “Pé com boca, idiota, assim cabem mais”. Sonja pôs a segunda garrafa, a olhou, depois a retirou e a inverteu.

“Genial”, pensou Wolff.

Conseguiu colocar quatro garrafas. Fechou a geladeira e olhou ao redor buscando algo mais para colocar. Recolheu o afidoro e o peso de papéis de vidro. Os meteu na maleta e depois a fechou. Em seguida subiu para a coberta.

— E agora? — disse.

— Prenda a ponta da corda na alça da maleta.

Sonja estava saindo de sua confusão. Seus dedos se moviam mais rapidamente.

— Bem forte — disse Wolff.

— De acordo.

— Há alguém ao redor?

Sonja olhou para os lados.

— Não.

— Ande logo!

Terminou de fazer o nó.

— Jogue-me a corda — disse Wolff.

Sonja deixou cair o outro extremo da corda e Wolff a pegou. Estava cansado pelo esforço de manter-se flutuando e sustentar ao mesmo tempo o cadáver. Por um instante teve que soltar Smith, porque precisava das duas mãos para usar a corda, o que significava que devia esperar furiosamente na água para manter-se flutuando. Passou a corda debaixo das axilas do morto e deu duas voltas ao redor do torso. Depois fez um nó. Durante a operação afundou-se várias vezes e em uma ocasião tragou uma repugnante baforada de água sanguinolenta.

Por fim, o trabalho ficou terminado.

— Prova esse nó — pediu a Sonja.

— Está apertado.

— Jogue a maleta na água, o mais longe que puder.

Sonja lançou a maleta sobre a borda. Caiu a uns dois metros da casa flutuante — era muito pesado para que ela pudesse jogá-la mais longe — e afundou. Lentamente, a corda seguiu pasta. O tramo entre Smith e a mala se retesou e o corpo submergiu. Wolff observou a superfície. Os nós resistiam. Chutou debaixo da água, onde havia desaparecido o corpo: não tocou nada. O cadáver havia descido profundamente.

— Lieber Gott, que desastre! — murmurou Wolff.

Escalou a coberta. Olhou para abaixo e viu que a mancha rosada estava desaparecendo rapidamente da água.

Escutou uma voz que dizia:

— Bom dia!

Wolff e Sonja viraram para olhar o caminho de cais.

— Bom dia! — respondeu Sonja. Murmurou para Wolff — : Uma vizinha.

A vizinha era uma mestiça de meia idade, que levava um cesto com compras.

— Ouvi muito barulho. Aconteceu alguma coisa? — perguntou.

— Hum... não — respondeu Sonja —. Meu cachorrinho caiu na água e o senhor Robinson teve que resgatá-lo.

— Que valente! Não sabia que tinha um cachorro.

— Foi um presente.

— De que raça?

Wolff queria gritar-lhe: “Vá embora, velha estúpida!”.

— É um poodle — respondeu Sonja.

— Adoraria vê-lo.

— Amanhã talvez. Agora está preso, como castigo.

— Pobrezinho.

Wolff disse:

— Mais vale que me tire a roupa molhada.

Sonja se dirigiu à vizinha:

— Até amanhã.

— Encantada de conhecer-lhe, senhor Robinson — disse a vizinha.

Wolff e Sonja desceram.

Sonja se jogou sobre o sofá e fechou os olhos. Wolff tirou a roupa.

— Isto foi a pior coisa que já me aconteceu — murmurou Sonja.

— Sobreviverás — a consolou Wolff.

— Pelo menos, era inglês.

— Sim. Deveria estar saltando de alegria.

— Farei isso quando meu estômago se acalmar.

Wolff foi ao banheiro e abriu as torneiras da banheira. Quando regressou, Sonja disse:

— Valia a pena?

— Sim. — Wolff apontou para os documentos militares que ainda se encontravam no chão, onde os havia deixado cair quando Smith o surpreendeu —. Esse material é sensacional, o melhor que nos trouxe. Com ele, Rommel pode ganhar a guerra.

— Quando o mandarás?

— Hoje a meia-noite.

— Esta noite vai trazer Elene aqui.

Wolff a olhou fixamente.

— Como pode pensar nisso quando acabamos de matar a um homem e de afundar o seu corpo?

Sonja o enfrentou, desafiante.

— Não sei; só sei que me sinto muito excitada.

— Meu Deus!

— Trará Elene aqui esta noite. Você me deve.

Wolff vacilou.

— Teria que transmitir com ela presente.

— A mantereí ocupada enquanto usa o rádio.

— Não sei...

— Maldição, Alex, você me deve!

— Está bem.

— Obrigada.

Wolff foi banheiro. “Sonja era incrível — pensou —. Levava a depravação a novas cotas de pensamento.” Entrou na água quente.

— Mas agora Smith não te trará mais segredos — gritou Sonja do dormitório.

— Não acho que necessitemos, depois da próxima batalha — replicou Wolff —. Cumpriu a sua missão.

Pegou o sabão e começou a limpar o sangue de sua pele.

Capítulo 11

Vandam bateu na porta do apartamento de Elene uma hora antes do encontro com Alex Wolff.

Ela saiu luzindo num vestido preto, de coquetel, sapatos de salto alto e meias de seda. No pescoço usava uma fina corrente de ouro. Tinha o rosto maquiado e seu cabelo reluzia. Estivera esperando por Vandam.

Ele lhe sorriu e, pese já conhecê-la, achou-a assombrosamente bela.

— Olá.

— Entre. — O conduziu à sala de estar —. Sente-se.

Vandam havia querido abraçá-la, mas ela não lhe deu oportunidade de fazê-lo. O major se sentou no sofá.

— Queria informá-la dos detalhes desta noite.

— Concordo. — Elene se sentou em uma cadeira de frente para ele —. Quer uma bebida?

— Quero.

— Sirva-se você mesmo.

A olhou fixamente.

— Aconteceu alguma coisa?

— Nada. Sirva-se de uma bebida e depois me dê as instruções.

Vandam franziu o cenho.

— O que aconteceu?

— Nada. Temos trabalho que fazer, façamo-lo.

Vandam ficou de pé, foi até ela e se ajoelhou em sua frente.

— Elene, o que é tudo isto?

Ela o olhou irritada. Parecia estar a ponto de chorar. Disse em voz alta:

— Onde estive nos últimos dois dias?

Vandam desviou o olhar, pensativo.

— Trabalhando.

— E onde achas que eu estava?

— Aqui, suponho.

— Exatamente!

Vandam não compreendia o que queria dizer. Cruzou por sua mente que se havia apaixonado por uma mulher a quem pouco conhecia.

— Hei estado trabalhando e tu has estado aqui, e por isso estás zangada comigo? — disse.

— Sim! — gritou Elene.

— Acalme-se. Eu não entendo por que estás tão furiosa, e quero que me explique.

— Não!

— Então, não sei o que dizer.

Vandam se sentou no chão, de costas para Elene, e acendeu um cigarro. Realmente não sabia o que a perturbava, mas havia algo de obstinação em sua atitude, estava disposto a ser humilde, a pedir desculpas e a emendar-se, mas não queria jogar às adivinhações.

Permaneceram sentados em silêncio durante um minuto, sem olhar-se.

Elene respirou entrecortadamente. Vandam não podia vê-la, mas sabia que estava chorando.

— Podia ter me mandado um bilhete ou inclusive um ramo de flores — estourou Elene.

— Um bilhete? Para quê? Sabia que íamos encontrar-nos esta noite.

— Oh, Meu Deus!

— O que quer que eu diga?

— Escuta. Anteontem à noite fizemos amor; digo que você esqueceu.

— Não seja boba.

— Trouxe-me em casa e me deu um beijo de despedida. Depois, nada.

Vandam deu uma tragada no cigarro.

— Caso você tenha esquecido, um certo Erwin Rommel está golpeando as portas desta cidade com uma horda de nazistas que o seguem, e eu sou uma das pessoas que estão tratando de mantê-lo fora.

— Cinco minutos, isso é tudo o que levaria para enviar-me uma nota.

— Para quê?

— Isso, exatamente. Para quê? Sou uma mulher fácil, não é isso? Entrego-me a um homem com a mesma facilidade que tomo um copo de água. Uma hora depois o hei esquecido. É isso o que pensa? Porque é o que parece! Maldito seja, William Vandam, faz com que me sinta tão desprezível...!

Não tinha mais sentido do que no início, mas agora Vandam percebia a dor em sua voz. Voltou-se para ela.

— Você é a coisa mais maravilhosa que me aconteceu nos últimos tempos, talvez em toda a minha vida. Por favor, perdoe-me por ter sido tão louco.

Pegou em sua mão.

Elene olhou para a janela mordendo os lábios, contendo as lágrimas.

— Sim você é — disse. Desceu a vista para ele e lhe tocou o cabelo —. É um louco, um louco — sussurrou acariciando-lhe a cabeça. De seus olhos brotavam lágrimas.

— Tenho tantas coisas sobre você que eu não sei — disse Vandam.

— E eu de você.

Vandam desviou o olhar enquanto falava, pensando em voz alta.

— As pessoas sabem que quando estão a ponto de cair presas do pânico, quando sentem que não podem ir adiante, podem vir a mim e contar-me o dilema. E se não consigo vislumbrar uma saída, eu lhes direi qual o melhor caminho a seguir; o mal menor. E como o digo com calma, porque vejo que se trata de um dilema e não fico em pânico, saem tranqüilos e fazem o que têm que fazer. Eu só esclareço o problema e resisto ao desânimo. Isso é exatamente o que eles

necessitam. Mas essa mesma atitude normalmente incomoda a outras pessoas: meus superiores, meus amigos, Angela, você... Nunca entendi a razão.

— Porque você às vezes deveria ter medo, bobo — disse Elene docemente —. Algumas vezes deveria demonstrar que está assustado, obcecado ou enlouquecido por algo. Isso é humano, um indício de que se preocupa. Quando fica tranquilo pensamos que pouco se importa.

— Bem, algumas pessoas deveriam saber que não é assim: os que me amam, os amigos e os chefes, se é que vale a pena.

Vandam o disse sinceramente, mas no fundo se deu conta de que, em verdade, havia certa insensibilidade, certa frieza em seu famoso equilíbrio.

— E se não o soubessem...?

Elene havia deixado de chorar.

— Eu deveria mudar? Não. — Vandam queria ser sincero com ela. Podia ter mentido para fazê-la feliz —. “Sim, tem razão, tentarei mudar”.

Mas qual era o objetivo? Se não podia ser ele mesmo com Elene, tudo era inútil; estaria manejando-a como todos os homens que a uzaram; como ele utilizava as pessoas a quem não amava. De modo que lhe disse a verdade.

— Olha, é assim que triunfo. Quero dizer, ganho em tudo..., no jogo da vida..., por assim dizer. — Sorriu ironicamente —. Eu estou à margem. Olho tudo à distância. Sim, me importará, mas me nego a fazer coisas sem sentido, gestos simbólicos, vazios ataques de raiva. Ou nos amamos, ou não nos amamos, e todas as flores do mundo nada mudarão. Mas o trabalho que fiz hoje pode decidir se vamos viver ou morrer. Sim, pensei em você todo o dia. Mas cada vez que o fiz meu pensamento se desviou para coisas mais urgentes. Eu trabalho com eficácia, estabeleço prioridades, e não me preocupo consigo se sei que está bem. Acha que poderá acostumar-se com isso?

Elene sorriu com lágrimas nos olhos:

— Eu tentarei.

Em um canto da mente de Vandam se apresentavam perguntas: “Por quanto tempo? Quero esta mulher para sempre? E se não fosse assim?”.

Deixou a idéia de lado. Não era a questão mais urgente nesse momento.

— Queria dizer que esqueça desta noite, que não vá, que nos arrumamos sem você. Mas não posso; precisamos de você e é terrivelmente importante.

— De acordo, compreendo.

— Porém, antes de começar, posso beijá-la?

— Sim, por favor.

Vandam se ajoelhou junto ao braço do poltrona, segurou o rosto de Elene e a beijou nos na boca. Seus lábios eram doces, flexíveis e ligeiramente úmidos. Sentiu o contato e o sabor dela. Nunca havia tido essa sensação. Era como se pudesse continuar beijando-a toda a noite sem cansar-se.

Elene se separou, aspirou profundamente e disse:

— Oh, oh! Acho que fala a sério.

— Pode estar segura.

Elene riu.

— Por um instante, ao dizê-lo, pareceu com o velho major Vandam, o que costumava ver antes de conhecê-lo de verdade.

— E seu “Oh, oh”, provocativo, foi da velha Elene.

— Dê-me as instruções, meu major.

— Terei que afastar-me, para resistir à tentação de beijá-la.

— Sente-se ali e cruze as pernas. Afinal de contas, o que esteve fazendo hoje?

Vandam atravessou a sala para o armário das bebidas e pegou a garrafa de genebra.

— Um major da Informação desapareceu, junto com uma maleta cheia de segredos.

— Wolff?

— Pode ser. Acontece que esse homem desaparecia na hora do almoço, várias vezes por semana, e ninguém sabe o que fazia. Tenho o pressentimento de que poderia estar se reunindo com Wolff.

— E por que desapareceria?

Vandam ergueu os ombros.

— Algo deu errado.

— O que havia hoje em sua maleta?

Vandam não sabia o quanto dizer-lhe.

— Um detalhe de nossas defesas, tão completo que achamos que poderia modificar o resultado da próxima batalha. — Smith também possuía o plano de emboscada proposto por Vandam, mas não disse a Elene: confiava totalmente nela, mas também tinha seus receios em matéria de segurança. Concluiu — : De modo que temos que capturar Wolff esta noite.

— Mas já poderia ser muito tarde!

— Não. Encontramos uma mensagem cifrada de Wolff, há pouco tempo. A hora indicada era meia-noite. Os espões têm uma hora estabelecida para informar, geralmente a mesma todos os dias. De outra forma, os chefes não estariam escutando, pelo menos no comprimento de onda indicada; assim que, se transmitem, ninguém recebe a mensagem. Portanto, acredito que Wolff mandará a informação à meia-noite, a menos que o pegue antes.

Vacilou, depois mudou de idéia com respeito à segurança e decidiu que Elene devia entender a importância do que estava fazendo.

— Há algo mais. Wolff está usando um código baseado em um romance chamado Rebeca. Tenho um exemplar do livro. Se pudesse conseguir a chave do código...

— O que é isso?

— Só uma folha de papel que indica como usar o livro para cifrar as mensagens.

— Continue.

— Se pudesse conseguir a chave de Rebeca, poderia me passar por Wolff, por rádio, e enviar informação falsa para Rommel. Isso pode inverter a situação; pode salvar o Egito. Mas necessito da chave.

— Muito bem. Qual é o plano para esta noite?

— O mesmo de antes, só que mais aperfeiçoado. Estarei no restaurante com Jakes, e iremos armados.

Elene perguntou surpreendida:

— Tem uma pistola?

— Não a tenho agora. Jakes a levará ao restaurante. De qualquer maneira, haverá outros dois homens ali e mais seis do lado de fora, na calçada, tratando de não fazer-se notar. Também haverá automóveis dispostos para bloquear todas as saídas da rua assim que ouçam um apito. Independentemente do que Wolff faça esta noite, se quer ver-te lhe tiraremos a luva.

Alguém bateu na porta do apartamento.

— O que foi isso? — perguntou Vandam.

— A porta...

— Sim, eu sei. Está esperando alguém? Ou algo?

— Não, certamente que não; etá quase na hora de sair.

Vandam enrugou a testa. Soavam sinos de alarme.

— Não estou gostando disso. Não atenda.

— De acordo — disse Elene. Depois mudou de idéia —. Tenho que atender. Poderia ser meu pai ou notícias dele.

— Está bem, atenda.

Elene saiu do quarto. Vandam permaneceu sentado, escutando. Voltaram a chamar e Elene abriu a porta. Vandam a escutou dizer:

— Alex!

— Cristo! — sussurrou Vandam.

Escutou a voz de Wolff.

— Vejo que está pronta. Encantadora.

Era uma voz profunda, confiante. Arrastava as palavras num inglês que falava só com um levíssimo sotaque não identificável.

— Mas íamos encontrar-nos no restaurante... — murmurou Elene.

— Eu sei. Posso entrar?

Vandam saltou sobre o respaldo do sofá e se estendeu no piso, atrás do móvel.

— É claro...

A voz de Wolff se aproximou.

— Minha querida, está excelente esta noite.

Vandam pensou: “Desgraçado bajulador”. A porta da entrada se fechou.

— Por aqui? — perguntou Wolff.

— É..., sim...

Vandam ouviu que ambos entravam na sala.

— Que apartamento encantador! Mikis Aristopoulos deve de pagar-lhe bem.

— Oh, não trabalho ali regularmente. É um parente distante apenas o ajuda.

— Um tio. Não é seu tio?

— Oh..., tio avô, primo de segundo grau, algo assim. Chama-me de sobrinha para simplificar.

— Bem. Isto é para você.

— Oh, flores! Obrigada.

“Vá à merda”, pensou Vandam.

— Posso sentar-me? — disse Wolff.

— Por favor.

Vandam sentiu o movimento do sofá quando Wolff descarregou nele todo seu peso. Era um homem corpulento. Vandam recordou a luta no beco. Também recordou da faca e levou a mão à ferida da bochecha. “O que devo fazer?”, pensou.

Podia saltar sobre Wolff; o espião estava ali, quase em suas mãos. Tinham o mesmo peso e estavam igualados, salvo pela faca. Wolff o usou a noite de seu jantar com Sonja, de modo que, presumivelmente, a levava a todos os lados e a teria agora consigo.

Se lutavam, com a vantagem da faca Wolff ganharia. Havia ocorrido antes, no beco. Vandam voltou a apalpar a bochecha.

“Por que não trouxe a pistola?”, pensou Vandam.

Se lutassem e Wolff ganhasse, o que ocorreria? Ao ver Vandam no apartamento de Elene, Wolff saberia que ela estava tentando pegá-lo. Que faria com ela? Em Estambul, numa situação similar, havia degolado uma garota.

Vandam pestanejou para apagar a horrível imagem.

— Vejo que estava tomando uma bebida. Posso acompanhá-la?

— É claro — disse Elene —. O que gostaria de beber?

— O que está bebendo? — Wolff cheirou —. Oh, um pouco de genebra estaria muito bem.

“Esse era meu copo. Obrigado Deus por Elene não ter bebido nada; dois copos entregariam o jogo.” Vandam ouviu o ruído do gelo.

— Saúde! — disse Wolff.

— Saúde.

— Parece que não gosta.

— O gelo derreteu.

Vandam sabia por que Elene havia feito uma careta ao beber: era genebra pura. Pensou que ela estava saindo-se muito bem. O que Elene estaria pensando que ele, Vandam, estava planejando fazer? Já havia adivinhado onde estava escondido. Estaria tratando desesperadamente de não olhar nessa direção. Pobre Elene! De novo devia suportar mais do convindo.

Vandam esperava que permanecesse passiva, que adotasse a atitude de menor resistência e confiasse nele.

Wolff continuava planejando ir ao Restaurante Oásis? Talvez sim. “Se estivesse seguro disso — pensava Vandam —, poderia deixar tudo nas mãos de Jakes.”

— Parece nervosa, Elene. Atrapalhei seus planos ao vir? — perguntou Wolff —. Se quiser

terminar de se arrumar (não que agora não esteja perfeita), simplesmente deixe-me aqui com a garrafa de genebra.

— Não, não... Em fim, como dissemos que nos encontraríamos no restaurante...

— E aqui estou eu, alterando-o tudo outra vez no último momento. Para ser-lhe franco, estou cheio dos Restaurantes, mas eles, são, por assim dizer, lugares de reuniões convencionais. De modo que marco para jantar neles e depois, quando chega o momento, não posso suportar e pego em fazer qualquer outra coisa.

“Não vão ao Oásis”, pensou Vandam. Maldição.

— Que deseja fazer? — perguntou Elene.

— Pode ser uma surpresa, novamente?

“Faça que ele diga!”, rogou Vandam para si mesmo.

— Muito bem — disse Elene.

Se Wolff revelasse o lugar aonde iam, ele poderia entrar em contato com Jakes e transferir toda a emboscada para o nova localização, pensava Vandam. Elene não estava raciocinando bem. Era compreensível; por sua voz, parecia atemorizada.

— Vamos? — perguntou Wolff.

— Vamos.

O sofá rangeu quando Wolff levantou-se. Vandam pensou: “Poderia atacá-lo agora!”.

É muito arriscado.

Vandam os ouviu sair da sala. Permaneceu onde estava durante um instante. Escutou a voz de Wolff no vestibulo, que dizia: “Você primeiro”. Depois fecharam a porta.

Vandam se levantou. Teria que segui-los e aproveitar a primeira oportunidade para chamar o Quartel General e pôr-se em contato com Jakes. Elene não tinha telefone; pouca gente o conseguia no Cairo. Ainda que houvesse um, já não havia tempo. Foi à porta e escutou. Não ouviu nada. Abriu uma fresta: haviam partido. Saiu, fechou e se apressou a percorrer o corredor e descer a escada.

Ao deixar o edifício, os viu do outro lado da rua. Wolff mantinha aberta a porta de um automóvel para que Elene entrasse. Não era um táxi. Wolff devia ter alugado, pedido emprestado ou roubado um carro para essa noite. O espião fechou a porta e deu a volta para o lado do motorista. Elene olhou para fora pela janela e viu que Vandam a olhava. Ela lhe cravou a vista. Vandam olhou para o outro lado, temeroso de fazer qualquer movimento que Wolff pudesse ver.

Vandam caminhou para sua motocicleta, montou nela e pôs ligado o motor.

O carro de Wolff arrancou e Vandam o seguiu.

O tráfego da cidade ainda era intenso. Vandam pôde segui-los deixando cinco ou seis carros entre ele e Wolff, sem arriscar-se a perdê-los de vista. Estava escurecendo, mas poucos carros tinham as luzes acesas.

Vandam se perguntava aonde iriam. Provavelmente pararia em algum lugar, a menos que pretendesse dirigir por toda a noite. Se pudesse parar em algum lugar onde houvesse um telefone...

Saiam da cidade, para Giza. Caiu a noite e Wolff acendeu as luzes do carro. Vandam deixou

as da motocicleta apagadas, para que Wolff não pudesse ver que o seguiam.

Foi uma viagem de pesadelo. Mesmo com a pouca luz do dia, conduzir uma motocicleta pela cidade não era fácil: as ruas estavam cheias de buracos, irregularidades e traçoeiras manchas de óleo, e Vandam se havia dado conta de que tinha que observar tanto o pavimento como o tráfego. A estrada do deserto era pior e, apesar disso, devia conduzir sem luzes e manter a vista no carro que o precedia. Três ou quatro vezes esteve a ponto de cair da moto.

Tinha frio. Não havia previsto essa viagem, e usava uma camisa de uniforme, de manga curta, e a certa velocidade o vento a atravessava. Quanto Wolff planejava afastar-se?

À frente apareceram as pirâmides.

“Ali não há telefone”, pensou Vandam.

O carro reduziu a velocidade. Iam fazer um piquenique junto às pirâmides. Vandam desligou o motor e deixou que a moto continuasse até parar. Antes que Wolff saísse do carro, Vandam tirou a moto da estrada e entrou na areia. O deserto não era plano, exceto quando era visto de longe, e encontrou um montículo rochoso detrás do qual tombou a motocicleta. Permaneceu na areia, ao lado do montículo e observou o automóvel.

Não ocorreu nada.

O carro permanecia imóvel, o motor desligado, seu interior escuro. Que estavam fazendo ali dentro? Vandam ficou com ciúmes. Estavam comendo, só isso; não devia ser tão estúpido. Elene relatara o último piquenique: o salmão defumado, o frango frio, o champanhe. Não se pode beijar uma garota com a boca cheia de pescado. Contudo, seus dedos se tocariam quando a servisse o vinho...

Basta.

Vandam decidiu arriscar-se a fumar um cigarro. Colocou-se atrás da duna, para acendê-lo, e o protegeu com a mão, ao estilo do exército para esconder o resplendor enquanto regressava ao ponto de observação.

Cinco cigarros depois, as portas do automóvel se abriram.

As nuvens haviam se dispersado e a lua brilhava. Todo o panorama era de cor azul escuro e prateado, e a complexa silhueta das pirâmides sobressaía sobre a areia brilhante. Duas formas escuras saíram do carro e caminharam para a mais próxima das antigas tumbas. Vandam pôde ver que Elene andava com os braços cruzados sobre o peito, como se tivesse frio, ou talvez porque não queria que Wolff a pegasse na mão. Wolff passou um braço sobre os ombros de Elene, que não fez nenhum movimento de resistência.

Pararam na base do monumento e falaram. Wolff apontou para cima e Elene pareceu sacudir a cabeça. Vandam adivinhou que ela não queria subir. Caminharam ao redor da base e desapareceram atrás da pirâmide.

Vandam esperava que emergissem do outro lado. Achou que demoravam muito. Que estavam fazendo ali detrás? O impulso de aproximar-se e olhar era quase irresistível.

Vandam podia aproveitar o momento e chegar até o carro. Pensou em sabotá-lo, regressar depressa à cidade e voltar com sua equipe. Mas Wolff não estaria ali quando Vandam voltasse; seria impossível revistar o deserto pela noite. Na manhã seguinte Wolff se encontraria a quilômetros de distância.

Era quase insuportável observar e esperar sem fazer nada, mas era o melhor.

Por fim Wolff e Elene reapareceram. Ainda a rodeava com o braço. Regressaram ao carro e permaneceram de pé bem frente à porta. Wolff apoiou as mãos nos ombros de Elene, disse algo e se inclinou para beijá-la.

Vandam se levantou.

Elene ofereceu a bochecha a Wolff, depois se virou, liberando-se de suas mãos e entrou no carro.

Vandam voltou a deitar-se na areia.

O silêncio do deserto foi rompido pelo rugido do carro de Wolff. Vandam o observou dar uma ampla volta em círculo e tomar a estrada. Se acenderam as luzes e Vandam abaixou a cabeça involuntariamente, ainda que estava bem escondido. O carro passou junto a ele, para o Cairo.

Vandam levantou-se de um salto, empurrou a moto até a calçada e deu uma pedalada no arranque. O motor não respondeu. Vandam praguejou: aterrorizou-lhe a idéia de que pudesse haver entrado areia no carburador. Tentou novamente e o motor partiu. Montou na motocicleta e seguiu o carro.

A luz da lua lhe permitia distinguir os buracos e protuberâncias do pavimento, mas também o tornava mais visível. Manteve-se a uma boa distância de Wolff, sabendo que não havia aonde ir, salvo o Cairo. Pensava no que Wolff faria agora. Levaria Elene para casa? Se fosse assim aonde iria depois? Poderia conduzir Vandam a seu esconderijo.

“Oxalá tivesse uma pistola”, pensou Vandam.

Será que Wolff levaria Elene para sua casa? Tinha que viver em algum lugar, ter uma cama em um quarto, num edifício da cidade. Vandam estava certo de que Wolff planejava seduzir Elene. O espião fora bastante paciente e cavalheiresco com ela, mas Vandam sabia que, em realidade, ele gostaria de conseguir logo o que desejava. A sedução podia ser o menor dos perigos que Elene enfrentava. Pensou: “Quanto eu não daria por um telefone!”.

Chegaram aos arredores da cidade e Vandam teve que aproximar-se do carro, mas felizmente havia muito tráfego nos arredores. Pensou em parar e dar uma mensagem a algum policial, ou algum oficial, mas Wolff conduzia com grande rapidez e, de qualquer maneira, o que diria na mensagem? Vandam ainda não sabia aonde Wolff ia.

Começou a suspeitar qual era a resposta quando cruzaram a ponte de Zamalek. Ali era onde a bailarina, Sonja, tinha sua casa flutuante. Provavelmente Wolff não vivia ali, pensou Vandam, porque o lugar estava sob vigilância a vários dias. Talvez não quizesse levar Elene para a sua verdadeira casa e por isso pedia hospitalidade a Sonja.

Wolff estacionou em uma rua e saiu do automóvel. Vandam apoiou sua motocicleta contra uma parede e apressadamente acorrentou a roda para impedir que a roubassem; podia voltar a necessitar da moto essa noite.

Seguiu Wolff e Elene desde a rua até o caminho do cais. Oculto atrás de uns arbustos os observou caminhar um curto trecho. Pensou no que Elene estaria pensando. Haveria esperado que a resgassem antes desse momento? Confiaria que Vandam ainda a vigiava? Perderia agora as esperanças?

Pararam junto a um dos barcos. Vandam observou cuidadosamente qual era. Wolff ajudou Elene a subir para a passarela. Vandam pensou: “Não ocorreu a Wolff que a casa flutuante podia estar vigiada? Evidentemente, não”. Wolff seguiu Elene até a coberta e depois abriu uma

escotilha. Ambos desapareceram por ela.

“E agora?” Essa era, provavelmente, a melhor oportunidade para buscar socorro. Wolff devia ter a intenção de passar algum tempo no barco. Mas e se não fosse assim?, e se, enquanto ele corria para um telefone, algo saísse mal: que Elene insistisse em que a levasse para casa, que Wolff trocasse seus planos ou que decidissem ir a um cabaré?

Poderia perder a pista desse desgraçado — pensou Vandam —. Deve de haver um polícia aqui, em algum lugar.

— Ei! — cochichou —. Há alguém aqui? Polícia? Sou o major Vandam. Ei, onde...

Uma escura silhueta apareceu atrás de uma árvore. Uma voz árabe disse: Sim?

— Sou o major Vandam. Você é o inspetor que vigia a casa flutuante?

— Sim, senhor.

— Bem, escute. O homem que perseguimos está agora no barco. Tem um revólver?

— Não, senhor.

— Maldição. — Vandam contemplou a possibilidade de entrar no barco com o árabe, e decidiu que não era factível: não podia confiar em que o polícia lutasse com entusiasmo, e nesse espaço fechado a faca de Wolff podia causar um desastre —. Bem, quero que vá ao telefone mais próximo, chame o Quartel General e faça chegar uma mensagem ao capitão Jakes ou ao tenente coronel Bogge, de absoluta prioridade: devem vir aqui e tomar imediatamente a casa flutuante. Está claro?

— Capitão Jakes ou tenente coronel Bogge, Quartel General; têm que tomar imediatamente a casa flutuante. Sim, senhor.

— Muito bem. Apresse-se!

O árabe se afastou trotando.

Vandam encontrou uma posição de onde, permanecendo oculto, podia, contudo, vigiar a casa flutuante e o caminho do cais. Poucos minutos depois a silhueta de uma mulher apareceu no caminho. Vandam achou que a conhecia. A mulher subiu a bordo da casa flutuante e Vandam percebeu que era Sonja.

Sentiu-se aliviado; pelo menos Wolff não podia abusar de Elene enquanto houvesse outra mulher no barco.

Decidiu esperar.

O árabe estava preocupado. “Vá ao telefone mais próximo”, havia dito o inglês. Bem; havia telefone em algumas das casas das cercanias. Mas essas casas estavam ocupadas por europeus, que não receberiam com amabilidade a um egípcio — nem sequer a um inspetor de polícia — que chamasse à porta às onze da noite e pedisse para usar o telefone. Quase provavelmente lhe negariam, com juramentos e maldições: seria uma situação humilhante. Não estava de uniforme, nem com sua roupa de rua — camisa branca e calças negras —, estava vestido como um camponês. Nem sequer achariam que era polícia. Seguiu adiante, ainda trotando.

Também lhe preocupava ligar para o Quartel General. Era uma regra não escrita para todos os funcionários egípcios do Cairo que ninguém, jamais, entrasse em contato de forma voluntária com os britânicos. Isso sempre trazia dificuldades. A central telefônica do Quartel General se negaria a atendê-lo ou não transmitiriam a mensagem até a manhã seguinte — e depois negariam haver recebido — ou lhe diriam que chamasse mais tarde. E se algo saía mal, teria que

pagar muito caro. De qualquer maneira, como saber que o homem do caminho de cais não era um suplantador? Não conhecia ao major Vandam e qualquer um podia pôr uma camisa de uniforme. E se fosse uma armadilha? Havia certo tipo de oficiais ingleses jovens que gostavam de fazer brincadeiras pesadas com egípcios bem intencionados.

Tinha uma solução simples para situações como aquela: passar o problema para outro. De qualquer maneira, tinha instruções de que, nesse caso, informasse ao seu oficial superior e a nenhum outro. Iria ao quartel de polícia e dali — decidiu — ligaria para o inspetor Kemel em sua casa.

Kemel saberia o que fazer.

Elene desceu o último degrau da escada e olhou nervosamente o interior da casa flutuante. Esperava encontrar escassos móveis e uma decoração de estilo náutico. Contudo, era luxuosa, ainda que um pouco empetecada. Havia espessos tapetes, divãs baixos, um par de mesas elegantes e cortinas de rico veludo, desde o piso até o teto, que separavam aquela sala da outra metade do barco, que presumivelmente era o dormitório. Do outro lado, onde o barco se apertava, no que havia sido a popa, havia uma cozinha diminuta, com instalações pequenas, mas modernas.

— É seu? — perguntou Elene.

— Pertenece a uma amiga — disse Wolff —. Por favor, sente-se.

Elene se sentiu presa. Onde diabos estava William Vandam?

Várias vezes, durante a noite, achou ver uma motocicleta atrás do carro, mas não pôde olhar atentamente para não alertar a Wolff. A cada segundo esperava que os soldados rodeassem o veículo, prendessem Wolff e a libertassem; e quando os segundos se transformaram em horas, começou a perguntar-se se tudo aquilo não seria um sonho, se na verdade William Vandam existia.

Wolff foi para a geladeira, pegou uma garrafa de champanhe, procurou duas taças, tirou o papel prateado do pescoço da garrafa, afrouxou a cápsula de arame, fez saltar a rolha com um forte estalido e serviu nas taças, e onde demônios estava William?

Wolff a amedrontava. Elene havia tido muitas relações amorosas, algumas delas acidentais, mas sempre havia confiado no homem; sempre sabia que seria amável, ou pelo menos considerado. Estava assustada por seu corpo. Se deixasse que Wolff jogasse com ele, que tipo de jogo inventaria? Sua pele era sensível, tão fácil de machucar, tão vulnerável... Com alguém que a amasse, alguém que fosse tão gentil com seu corpo como ela mesma, seria um prazer. Mas com Wolff, que só queria usá-lo... Elene se estremeceu.

— Tem frio? — perguntou Wolff ao oferecer-lhe o champanhe.

— Não, não estava tremendo...

Wolff levantou sua taça.

— À sua saúde.

Elene tinha a boca seca. Tomou um gole e depois outro. Isso a fez sentir-se um pouco melhor.

Wolff se sentou ao seu lado, no sofá, e se voltou para olhá-la.

— Que noite tão extraordinária! — disse —. Gosto muito de sua companhia. É uma feiticeira.

“Já começou”, pensou Elene.

Wolff lhe pôs uma mão no joelho.

Ela ficou paralizada.

— Você é enigmática — disse Wolff —. Desejável, um pouco fria, muito bonita, às vezes ingênua e outras tão astuta... Pode responder uma pergunta?

— Acho que sim.

Elene não o olhou.

Com a ponta de um dedo Wolff lhe percorreu o perfil do rosto: testa, nariz, lábios, queixo.

— Por que sai comigo? — perguntou.

Que queria dizer? Era possível que suspeitasse seu verdadeiro propósito? Ou, simplesmente, seria só o movimento seguinte do jogo?

Olhou para ele e disse:

— Você é um homem muito atraente.

— Isso me agrada.

Wolff voltou a apoiar a mão no joelho de Elene e se inclinou para frente, para beijá-la. Ela lhe ofereceu a bochecha, como já havia feito nessa noite. Os lábios de Wolff roçaram a pele de Elene.

— Por que tem medo de mim? — perguntou ele num sussurro.

Ouviu-se um ruído acima, na cobertura — passos rápidos, leves —, e depois a escotilha abriu.

“William!”, pensou Elene.

Apareceu um sapato de salto alto num pé de mulher. A mulher desceu, fechando a escotilha sobre ela, e ficou na borda da escada. Elene lhe viu o rosto e reconheceu Sonja, a dançarina.

“Que diabos está acontecendo?”, perguntou-se surpresa.

— Correto, sargento — disse Kemel por telefone —. Fez exatamente o que devia: comunicar-se comigo. Ocuparei-me pessoalmente de tudo. E você, a partir desse momento, está dispensado do serviço.

— Obrigado, senhor — disse o sargento —. Boa noite.

— Boa noite.

Kemel desligou.

Era uma catástrofe. Os britânicos haviam seguido Alex Wolff até a casa flutuante, e Vandam estava planejando uma invasão. As consequências seriam duplas. Primeiro, acabaria a perspectiva de que os Oficiais Livres utilizassem o rádio germânico, e então não haveria possibilidade de entrar em negociações com o Reich antes de que Rommel conquistasse Egito. Segundo, quando os britânicos descobrissem que a casa flutuante era um ninho de espiões, descobririam rapidamente que Kemel estivera ocultando os fatos e protegendo os agentes. Kemel lamentou não haver pressionado mais a Sonja, não havê-la forçado a marcar uma entrevista em horas no lugar de dias; mas era muito tarde para lamentar-se. Que fazer agora?

Regressou ao seu quarto e se vestiu com presteza. Desde a cama, sua esposa perguntou em

voz baixa:

— Que ocorre?

— Tenho trabalho — sussurrou Kemel.

— Oh, não!

Ela se deu a volta.

Kemel sacou a pistola da gaveta da escrivaninha e a pôs no bolso de seu paletó; depois beijou sua esposa e saiu da casa em silêncio. Entrou em seu carro e ligou o motor. Permaneceu assim um minuto, pensando. Devia consultar a Sadat sobre o ocorrido, mas levaria tempo. Enquanto isso, Vandam podia impacientar-se, esperando na casa flutuante, e fazer algo precipitado. Deveria encarregar-se primeiro de Vandam, rapidamente; depois poderia ir à casa de Sadat.

Kemel arrancou e se dirigiu para Zamalek. Necessitava de tempo para pensar, lenta e claramente, mas isso era o que não tinha. Devia matar Vandam? Nunca havia assassinado um homem e não sabia se era capaz de fazê-lo. Fazia anos que nem sequer golpeava ninguém. E como ocultaria sua participação? Podiam passar dias antes de que os alemães chegassem ao Cairo. Na verdade, era possível, mesmo a essas alturas, que fossem rechaçados. Então haveria uma investigação do ocorrido essa noite no caminho do cais, e cedo ou tarde o culpariam. Provavelmente seria fuzilado.

— Coragem! — disse em voz alta recordando como o avião roubado de Imam havia estourado em chamas ao espatifar-se no deserto.

Estacionou perto do caminho do cais. Sacou um pedaço de corda do porta-malas do carro. Guardou a corda no bolso do paletó e empunhou a pistola na mão direita.

Segurava a arma ao contrário, para golpear com a culatra. Quanto tempo fazia que não a usava? Seis anos, achava, sem contar alguma ou outra prática de tiro.

Chegou à beira do rio. Olhou o Nilo prateado, as negras silhuetas das casas flutuantes, a linha difusa do caminho do cais e a escuridão do matagal. Vandam estaria ali, em algum lugar. Kemel se adiantou caminhando sem fazer ruído.

Vandam olhou seu relógio de pulseira à luz do cigarro. Eram onze e meia. Resultava evidente que algo havia falhado. Ou o policial árabe não havia dado bem a mensagem, ou o Quartel General não podia localizar Jakes, ou Bogge, de alguma maneira, havia botado tudo a perder. Vandam devia impedir que Wolff usasse o rádio, com a informação que possuía. Não tinha outra saída além de subir a bordo e jogar-se o tudo ou nada.

Apagou o cigarro. Ouviu passos em algum lugar, entre as matas.

— Quem é? — sussurrou —. Jakes?

Emergiu uma silhueta escura.

— Sou eu — sussurrou.

Vandam não pôde reconhecer a voz, nem ver-lhe a cara.

— Quem...?

A silhueta se aproximou e levantou um braço. Vandam disse:

— Quem...?

Percebeu então que o braço descia para golpeá-lo. Moveu-se bruscamente para um lado e algo o acertou no lado da cabeça e quicou no ombro. Vandam deu um grito de dor. Seu braço

direito ficou entorpecido. A silhueta ia golpeá-lo de novo. Vandam se adiantou, tentando com torpeza imobilizar o atacante com a canhota. A silhueta retrocedeu e golpeou outra vez. Acertou em cheio na cabeça de Vandam. Depois de uma intensa dor, perdeu a consciência.

Kemel guardou a pistola no bolso e se ajoelhou junto ao major, que havia caído de boca para cima. Primeiro pôs a mão sobre o peito de Vandam, e se sentiu aliviado ao sentir um forte pulsar. Rapidamente, tirou-lhe as sandálias e as meias. Fez uma bola com estas e as colocou na boca da vítima. Isso o impediria gritar. Depois fez Vandam girar sobre si mesmo, cruzou suas mãos atrás das costas e as atou com a corda. Com o outro extremo amarrou os tornozelos e atou a corda a uma árvore.

Vandam voltaria a si em poucos minutos, mas não poderia mover-se. Tampouco poderia gritar. Permaneceria assim até que alguém o encontrasse. Quando, provavelmente, ocorreria isso? Podia haver gente naqueles matagais: jovens com suas namoradas e soldados com suas pequenas; mas a movimentação dessa noite deve tê-los assustado e afastado. Existia a possibilidade de que um casal tardio encontrasse Vandam, ou talvez o ouvisse gemer... Kemel teria que arriscar-se; não tinha sentido permanecer ali e preocupar-se.

Decidiu dar uma rápida olhada na casa flutuante. Caminhou silenciosamente pelo caminho do cais até o Jihan. Havia luz no interior, mas as pequenas cortinas dos postigos estavam fechadas. Sentiu-se tentado de subir a bordo, mas queria consultar Sadat primeiro, pois não estava certo do que deveria fazer.

Deu meia volta e regressou ao seu carro.

— Alex me contou tudo a seu respeito, Elene — disse Sonja e sorriu.

Elene devolveu o sorriso. Era aquela a amiga de Wolff, dona da casa flutuante? Wolff estava vivendo com ela? Por acaso ele não esperava que ela regressasse tão cedo? Por que nenhum dos dois se mostrava chateado, intrigado ou perturbado? Para dizer algo, Elene perguntou a Sonja:

— Vem do Cha-Cha Clube?

— Sim.

— Como foi o espetáculo?

— Como sempre: esgotador, emocionante, triunfal.

Evidentemente, Sonja não era uma mulher modesta.

Wolff serviu à bailarina uma taça de champanhe. Ela a pegou sem olhá-lo e se dirigiu a Elene:

— Então trabalha na loja de Mikis?

— Não, não trabalho — respondeu Elene, enquanto pensava: “Isso realmente lhe interessa?”

— Eu o ajudei durante alguns dias, isso é tudo. Somos parentes.

— De modo que é grega?

— Isso mesmo.

A bate-papo dava confiança a Elene. Seu medo diminuía. Podia ocorrer qualquer coisa, mas Wolff não ia violá-la a ponta de faca na frente de uma das mulheres mais famosas do Egito. Pelo menos, Sonja lhe proporcionava uma trégua. William estava decidido a pegar Wolff antes da meia-noite...

Meia-noite!

Elene quase havia esquecido. À meia-noite Wolff ia comunicar-se por rádio com o inimigo, para dar-lhe os detalhes da linha de defesa. Mas onde estava o rádio? Estava ali, no barco? Se estava em outro lugar, Wolff teria que partir logo. Se estava ali, enviaria sua mensagem na presença de Elene e de Sonja? Que pensava Wolff?

O espião se sentou junto a Elene, que se sentiu vagamente ameaçada, com um deles de cada lado.

— Como eu sou sortudo: estou aqui, sentado com as duas mulheres mais belas do Cairo! — exclamou Wolff.

Elene mantinha o olhar para a frente, sem saber o que dizer.

Wolff insistiu:

— Não é bonita, Sonja?

— Oh, sim! — Sonja tocou o rosto de Elene; depois segurou o seu queixo e a fez girar a cabeça —. Acha que sou bonita, Elene?

— Claro que sim.

Elene franziu o cenho. Tudo estava tomando um rumo muito estranho. Era quase como se...

— Estou tão contente... — disse Sonja, e pôs uma mão no joelho de Elene.

Então Elene compreendeu.

Tudo se encaixava: a paciência de Wolff, suas falsas atenções, a casa flutuante, a inesperada aparição de Sonja... Elene se deu conta de que ali não estava segura. Voltou a sentir medo de Wolff, com maior intensidade. Os dois queriam usá-la e ela não tinha alternativa; teria que continuar ali, sem dizer nada e sem resistir, enquanto eles faziam o que desejassem; Wolff com a faca em uma mão...

“Basta.”

“Não vou ter medo. Posso suportar o manuseio de um par de idiotas depravados. Aqui se joga muito mais que isso. Esqueça-se de seu precioso corpo; pense no rádio e em como impedir que Wolff o use. Este triângulo pode ser vantajoso...”

Olhou furtivamente seu relógio de pulseira. Faltava um quarto de hora para a meia-noite. Era tarde demais para confiar na intervenção de William. Ela, Elene, era a única que podia deter Wolff.

E pensou que sabia como fazê-lo.

Sonja e Wolff cruzaram uma olhada, como um sinal. Inclinarão-se em frente a ela e se beijaram diante de seus olhos.

Elene os olhou. Era um beijo longo, lascivo. “Que esperam que eu faça?”, pensou.

Eles se separaram.

Wolff beijou Elene da mesma forma. Elene não resistiu. Então sentiu a mão de Sonja no queixo. A bailarina fez girar para ela o rosto de Elene, e a beijou na boca.

Elene fechou os olhos, pensando: “Não me fará dano, não me fará dano! De algum modo, tenho que conseguir dominar este cenário”, decidiu Elene. Temia que em qualquer momento Wolff se separasse e fosse buscar o seu rádio. Enquanto realizava, de forma mecânica, os

movimentos que Sonja pedia, procurava mentalmente a forma de enlouquecer Wolff de desejo.

Mas tudo era tão bobo, tão falso, que qualquer coisa lhe parecia cômica.

“Tenho que manter Wolff afastado do rádio. Qual é a chave de tudo isto? Que querem realmente?”

Wolff observava seu relógio.

De repente, Elene levantou-se. Ambos a olharam. Levantou os braços e depois, pouco a pouco, tirou o vestido por cima da cabeça e o jogou de lado. Permaneceu ali, em roupa íntima e meias negras. Viu a mudança que se operava na cara de Wolff: sua serenidade havia-se desvanecido e a contemplava fixamente com olhos cheios de desejo. Estava tenso, hipnotizado. Elene levantou o pé esquerdo, colocou o sapato de salto alto entre os seios de Sonja e a empurrou para trás. Depois agarrou a cabeça de Wolff e a puxou para si.

Elene consultou seu relógio.

Era meia-noite.

Elene estava deitada na cama, nua. Permanecia imóvel, rígida, com os músculos tensos, olhando para o teto vazio. À sua direita estava Sonja, de bruços, completamente adormecida, roncando. Wolff estava a sua esquerda, de lado, de frente para ela, acariciando-lhe o corpo enquanto cochilava.

“Bem, não me custou a vida, afinal de contas”, pensou Elene.

Todo o jogo consistia em recusar e aceitar a Sonja. Quanto mais a recusavam e maltratavam, mais ardente ela ficava, até que, no desenlace, Wolff recusou Elene e possuiu Sonja. Era um libreto que, evidentemente, Wolff e Sonja conheciam muito bem; já o haviam seguido antes.

Proporcionou muito pouco prazer a Elene, mas não se sentia enojada, humilhada ou desgostosa. Sentia que havia sido atraída e que traía a si mesma. Era como empenhar uma jóia que um amante a presenteara, ou cortar o cabelo para vendê-lo, ou mandar uma criança trabalhar em uma fábrica. Havia abusado de si mesma. O pior de tudo era a lógica culminação da vida que havia levado. Durante os oito anos transcorridos desde sua partida de Alexandria, estivera na ladeira escorregadia que termina na prostituição, e nesse momento sentiu que já não podia cair mais baixo.

As carícias cessaram e Elene olhou de soslaio o rosto de Wolff. Tinha os olhos fechados. Estava dormindo.

Elene se perguntou o que haveria ocorrido a Vandam.

Algo devia ter dado errado. Talvez Vandam perdera de vista o carro de Wolff no Cairo. Talvez sofrera um acidente no trânsito. Qualquer que fosse a razão, Vandam já não a estava vigiando. Estava abandonada a seus próprios recursos.

Havia conseguido que Wolff se esquecesse de sua transmissão de meia-noite para Rommel, mas o que o impediria de enviar a mensagem outra noite? Elene teria que chegar ao Quartel General e informar a Jakes onde Wolff estava. Teria que escapar, de imediato, encontrar Jakes, conseguir que tirasse da cama a sua equipe...

Levaria muito tempo. Wolff poderia despertar e comprovar que ela havia ido, e desaparecer outra vez.

O rádio estava ali, na casa flutuante, ou em algum outro lugar? Isso poderia ser decisivo.

Recordava algo que Vandam havia dito na noite anterior... Na verdade a poucas horas atrás? “Se conseguisse a chave do código Rebeca, poderia fazer-me passar por Wolff, por rádio... Isso pode inverter totalmente a situação...”

“Talvez consiga encontrar a chave”, pensou Elene.

Vandam havia dito que era uma folha de papel que explicava como utilizar o livro para cifrar mensagens.

Elene se deu conta de que tinha a oportunidade de localizar o rádio e a chave do código.

Tinha que revistar a casa flutuante.

Não se moveu. De novo estava atemorizada. Se Wolff descobrisse que estava revistando... Elene recordava sua teoria da natureza humana: o mundo se divide em amos e escravos. A vida de um escravo não vale nada.

“Não — pensou —, irei pela manhã, como se não houvesse acontecido nada, e direi aos britânicos onde podem achar Wolff, e eles tomarão a casa flutuante, e...”

E o que ocorreria se Wolff se fosse? E se o rádio não estivesse aqui?

Então tudo haveria sido inútil.

A respiração de Wolff tornou-se lenta e regular: estava profundamente adormecido. Elene desceu um braço, com cuidado pegou a mão flácida de Sonja e a levou de sua coxa ao lençol. Sonja não se moveu.

Nenhum dos dois a tocava mais. Era um grande alívio.

Ergueu-se lentamente.

O deslocamento do peso sobre o colchão perturbou os outros dois. Sonja gemeu, levantou a cabeça, virou-a para o outro lado e seguiu roncando. Wolff rodou e ficou de costas, sem abrir os olhos.

Lentamente, fazendo caretas com cada movimento do colchão, Elene se virou e se apoiou nas mãos e nos joelhos, de cara para a cabeceira da cama. Com dificuldade, começou a engatinhar para trás: joelho direito, mão esquerda, joelho esquerdo, mão direita. Observava os dois rostos adormecidos. O pé da cama parecia estar a quilômetros de distância. O silêncio soava em seus ouvidos como um trovão. A casa flutuante balançou de um lado para o outro com o movimento da água provocado pela passagem de um lanchão, e Elene desceu rapidamente pela parte posterior da cama, aproveitando a perturbação. Permaneceu ali, cravada no lugar, observando os outros dois, até que o barco deixou de mover-se. Eles seguiram dormindo.

Por onde começaria a busca? Decidiu ser metódica e começar da frente para trás. Na proa do barco estava o banheiro. De repente se deu conta de que devia ir ali de qualquer maneira. Cruzou o dormitório na ponta dos pés e foi ao diminuto banheiro.

Sentada no vaso sanitário, olhou ao seu redor. Onde o rádio poderia estar escondido? Não sabia, realmente, qual podia ser seu tamanho. Como uma maleta? Uma maleta? Uma carteira? Ali havia um lavabo, uma pequena banheira e um armário contra a parede. Levantou-se e abriu o armário. Continha elementos para barbear-se, pílulas e um pequeno rolo de vendas.

O rádio não estava no banheiro.

Não teve a coragem de revistar o dormitório enquanto os outros dormiam; não o faria ainda. Cruzou o quarto e atravessou as cortinas para a sala. Olhou rapidamente para todos os lados. Sentiu a necessidade de dar-se pressa e se esforçou por tranquilizar-se e agir com cuidado.

Começou pelo lado do estibordo. Ali havia um sofá cama. Deu uns golpezinhos suaves na base: parecia oco. O rádio podia estar ali debaixo. Tratou de levantá-lo, mas não conseguiu. Olhou ao redor da borda inferior e viu que estava parafusado ao piso. Os parafusos estavam muito apertados. O rádio não estaria ali. Ao lado havia um armário alto. Ela o abriu lentamente. Rangeu um pouco, e Elene ficou paralizada. Ouviu um grunhido vindo do quarto. Pensou que Wolff cruzaria de um salto a cortina e a pegaria com as mãos na massa. Não aconteceu nada.

Olhou dentro do armário. Havia uma vassoura, alguns panos e materiais de limpeza, e também uma lanterna. Nenhum rádio. Fechou a porta. Voltou a ranger.

Passou à cozinha. Teve que abrir seis guarda-comidas pequenas.

Continham uma louça, comida enlatada, caçarolas, copos, pacotes de café, arroz e chá, e guardanapos. Debaixo da pia de cozinha havia um balde de lixo. Elene olhou dentro da geladeira: uma garrafa de champanhe. Também havia várias gavetas. O rádio seria o suficientemente pequeno para caber numa delas? Abriu a primeira. O tilintido dos talheres fez seus nervos em farrapos. Não havia nenhum rádio. Outra: uma seleção de especiarias e condimentos engarrafados, desde essência de baunilha até caril em pó. Alguém gostava de cozinhar. Outra gaveta: facas de cozinha.

Próximo ao fogão havia um pequena mesa de persiana. Debaixo do móvel viu uma maleta pequena. Levantou-a. Era pesada. Abriu-a. Ali estava o rádio.

O coração deu um salto.

Era uma maleta comum, lisa, com duas fechaduras, alça de couro e cantoneiras reforçadas. O rádio se encaixava com perfeição, como se a houvessem desenhado de propósito. A tampa deixava certo espaço sobre o rádio, e em cima da mesma havia um livro. Tinha as capas arrancadas para que coubesse no espaço da tampa. Elene pegou o exemplar. Leu: “Ontem à noite sonhei que voltava a Manderley”. Era Rebeca. Fez correr as páginas. No meio havia algo. Virou o livro, deixando que se abrisse, e uma folha de papel caiu no chão. Agachou-se e a recolheu. Era uma lista de números e datas, com algumas palavras em alemão. Provavelmente era a chave do código.

Tinha na mão o que Vandam necessitava para inverter a marcha da guerra.

De repente, sentiu-se incomodada com a responsabilidade.

“Sem isto — pensou —, Wolff não pode enviar mensagens para Rommel, e se as envia numa linguagem não cifrada os alemães suspeitarão de sua autenticidade e se inquietarão pela possibilidade de que os aliados os escutem... Sem isto, Wolff fica totalmente inutilizado. Com isto, Vandam pode ganhar a guerra.”

Tinha que fugir rapidamente, levando consigo a chave.

Saiu do transe. Seu vestido estava sobre o sofá, apertar e cheio de enrugadas. Cruzou o aposento, largou o livro e a chave do código, pegou o vestido e o deslizou sobre a cabeça.

A cama rangeu.

Detrás das cortinas chegou o inconfundível som de alguém que se levanta, alguém pesado; tinha que ser ele. Elene ficou imóvel, paralizada. Ouviu que Wolff ia para as cortinas, e depois que voltava a se afastar. Depois a porta do banheiro rangeu.

Não havia tempo de pôr-se a roupa íntima. Pegou a bolsa, os sapatos e o livro com a chave. Ouviu que Wolff saía do banho. Foi até a escada e subiu correndo, fazendo caretas de dor ao apoiar os pés descalços nas bordas dos estreitos degraus de madeira. Ao olhar rapidamente para

baixo, viu que Wolff aparecia entre as cortinas e levantava a vista para ela, estupefato. Os olhos do espião se dirigiram à maleta que havia ficado aberta no chão. Elene se deu a volta e olhou a escotilha. Estava fechada por dentro com dois ferrolhos. Os abriu. Pelo canto do olho viu Wolff correndo para a escada. Elene empurrou a escotilha para cima e saiu ao exterior precipitadamente. Parada sobre a coberta, viu que Wolff subia a escada a toda velocidade. Agachou-se com rapidez e levantou a pesada escotilha de madeira. Quando Wolff agarrou com a mão direita a borda da abertura, Elene fechou com violência a escotilha, com todas as suas forças, sobre os dedos do espião. Houve um rugido de dor. Elene cruzou a coberta e desceu correndo a passarela.

Era uma simples prancha de madeira que levava desde a coberta até a beira do rio. Elene se inclinou, levantou-a por seu extremo e a jogou no rio.

Wolff saiu pela escotilha. Sua cara era uma máscara de dor e fúria.

Elene sentiu pânico ao ver que cruzava correndo a coberta. Pensou: “Está pelado! Não pode perseguir-me!” Wolff tomou impulso e voou de um salto sobre a borda do barco.

“Não pode conseguir!”

Wolff aterrizou na borda da margem, fazendo girar os braços como pás de moinho para recuperar o equilíbrio. Com um súbito acesso de coragem, Elene correu até o espião e, quando ainda não se havia estabilizado, o empurrou para a água. Deu meia volta e correu pelo caminho do cais.

Quando chegou ao extremo mais baixo do caminho que conduzia à rua, parou e olhou para trás. O coração batia violentamente, e respirava com longos ofegos entrecortados. Alegrou-se ao ver Wolff, jorrando água e nu, escalando a lodosa margem para sair do rio. Começava a clarear: não podia persegui-la nesse estado. Girou para rua, começou a correr e se chocou contra alguém.

Uns braços fortes a agarraram com firmeza. Elene lutou com desespero, liberou-se e a pegaram outra vez. Caiu derrotada. “Depois de tudo isto — pensou —, depois de tudo isto...”

A obrigaram a dar a volta, prenderam os seus braços e a forçaram a marchar para a casa flutuante. Viu a Wolff caminhando para ela. Lutou outra vez, e o homem que a segurava lhe passou um braço ao redor da garganta. Elene abriu a boca para gritar pedindo socorro, porém, antes de que pudesse fazê-lo, o homem lhe meteu os dedos na garganta, o que lhe provocou náuseas.

— Quem é você? — perguntou Wolff ao chegar até eles.

— Sou Kemel. Você deve ser Wolff.

— Graças a Deus que estava aqui.

— Está com problemas, Wolff — disse Kemel.

— É melhor que venha a bordo. Oh, merda! Ela derrubou a passarela! — Wolff olhou para abaixo, ao rio, e a viu flutuando junto ao barco —. Mais molhado não posso ficar — disse.

Deslizou pela beira, entrou na água, agarrou a passarela, a empurrou sobre a margem do rio e depois voltou a subir. A recolheu e a colocou sobre a brecha que havia entre a casa flutuante e a margem.

— Por aqui — disse.

Kemel fez Elene marchar pela passarela, sobre a coberta e pela escada, para baixo.

Empurrou Elene para o sofá, sem violência, e a fez sentar.

Wolff foi atrás das cortinas e regressou um momento depois com uma toalha grande. Começou a secar-se. Sua nudez não parecia perturbar-lhe.

Elene se surpreendeu ao ver que Kemel era um homem bastante pequeno. Por sua forma de imobilizá-la, havia imaginado que tinha a estatura de Wolff. Era um árabe de pele escura, bem comum. Desviava seu olhar de Wolff, incomodado.

Wolff prendeu a toalha ao redor da cintura e se sentou. Examinou sua mão.

— Quase arranca meus dedos — disse.

Olhou para Elene entre irado e divertido.

— Onde está Sonja? — perguntou Kemel.

— Na cama — disse Wolff sacodindo a cabeça para as cortinas —. Dorme mesmo que haja um terremoto, especialmente depois de uma noite de luxúria.

Kemel se sentia incomodado com essa conversação, observou Elene, e talvez também impaciente pela frivolidade de Wolff.

— Você está com problemas — voltou a dizer.

— Eu sei — continuou Wolff —. Suponho que ela trabalhe para Vandam.

— Não sei. Recebi uma chamada em plena noite, do agente que tenho no caminho do cais. Vandam vinha e o enviou para buscar socorro.

Wolff se sobressaltou.

— Estivemos cerca! — disse. Parecia preocupado —. Onde está Vandam agora?

— Aí fora, imobilizado. Golpeei sua cabeça e o amordacei.

Elene perdeu as esperanças. Vandam estava ali fora, nos matagais, ferido e imóvel, e ninguém mais sabia onde ela se encontrava. Finalmente tudo havia sido inútil.

Wolff assentia com a cabeça.

— Vandam a seguiu até aqui. Agora há duas pessoas que conhecem este lugar. Para ficar aqui, terei que matar a ambos.

Elene se estremeceu: Wolff falava com tanta facilidade de matar. “Amos e escravos”, recordou.

— Não pode ser — disse Kemel —. Se matar Vandam, serei responsabilizado pelo assassinato. Você pode fugir para longe, mas eu tenho que viver nesta cidade. — Fez uma pausa e observou a Wolff com os olhos encostados —. E se você me matasse, ainda ficaria o homem que me chamou ontem à noite.

— De modo que... — Wolff enrugou a testa e emitiu um som de raiva —. Não há outra alternativa. Tenho que ir. Maldição!

Kemel assentiu.

— Se você desaparecer, acredito que conseguirei ocultar tudo. Mas quero algo de você. Recorde a razão pela qual estivemos ajudando-lhe.

— Querem falar com Rommel.

— Sim.

— Amanhã pela noite enviarei uma mensagem..., esta noite quero dizer. Maldita seja, apenas adormeci. Diga-me o que querem que transmita, e eu...

— Isso não é suficiente — interrompeu Kemel —. Queremos fazê-lo nós mesmos. Queremos seu rádio.

Wolff franziu o cenho. Elene se apercebeu de que Kemel era um rebelde nacionalista, que cooperava, ou tratava de cooperar, com os alemães.

Kemel acrescentou:

— Nós poderíamos enviar sua mensagem...

— Não é preciso — disse Wolff. Pareceu haver tomado uma decisão —. Tenho outro rádio.

— Fica combinado, então.

— Aí está o rádio. — Wolff assinalou a maleta aberta, que ainda se achava no piso, onde Elene a havia deixado—. Já está sintonizado no comprimento de onda correto. Só tem que transmitir a meia-noite, qualquer noite.

Kemel se aproximou do rádio e o examinou. Elene se perguntava por que Wolff não havia dito nada sobre o código Rebeca. Chegou à conclusão de que o espião não se importava se Kemel conseguiria comunicar-se com Rommel ou não, enquanto que, se lhe desse o código, arriscava-se a que Kemel pudesse, por sua vez, entregá-lo a outra pessoa. Wolff agia de novo com cautela.

— Onde vive Vandam? — perguntou.

Kemel lhe deu o endereço.

“Que se propõe agora?”, se perguntou Elene.

— Está casado, certamente — disse Wolff.

— Não.

— Solteiro. Maldição!

— Não está solteiro — disse Kemel, ainda ocupado no transmissor —. É viuvo. A sua esposa foi morta em Creta no ano passado.

— Tem algum filho?

— Sim — disse Kemel —. Um menino pequeno que se chama Billy; isso me há dito. Por quê?

Wolff alçou os ombros.

— Curiosidade; estou obcecado pelo homem que esteve tão perto de pegar-me.

Elene estava segura de que Wolff mentia.

Kemel fechou a maleta, aparentemente satisfeito. Wolff lhe disse:

— Pode esperar um minuto?

— Certamente.

Wolff virou para afastar-se e depois regressou. Havia observado que Elene ainda tinha Rebeca na mão. Aproximou-se dela e lhe tirou o livro. Depois desapareceu atrás das cortinas.

“Se eu conto a Kemel sobre o código, talvez faça que Wolff lhe dê, e talvez Vandam possa obtê-lo de Kemel... Mas o que aconteceria comigo?”, pensou Elene.

Kemel se dirigiu a Elene:

— O que...? — Parou de repente quando Wolff voltou, com suas roupas na mão, e começou a vestir-se.

Kemel lhe erguntou:

— Tem um sinal de chamada?

— Sphinx — respondeu suncintamente Wolff.

— Um código?

— Não há código.

— Que havia nesse livro?

Wolff pareceu irritar-se.

— Um código — disse —. Mas não posso trocá-lo.

— Precisamos dele.

— Não posso entregá-lo a vocês — disse Wolff —. Terão que se arriscar a transmitir em aberto.

Kemel movia a cabeça, concordando.

De repente apareceu a faca na mão de Wolff.

— Não discuta — disse —. Sei que tem uma pistola no bolso. Lembre que se disparar, terá que prestar conta do projétil aos britânicos. É melhor que se vá agora.

Kemel se voltou, sem falar, e depois de subir a escada saiu pela escotilha. Elene ouviu seus passos na cobertura. Wolff foi ao postigo e o observou afastar-se pelo caminho do cais. Guardou a faca e abotoou a camisa sobre a bainha. Calçou os sapatos, que atou ajustadamente. Pegou o livro do quarto contíguo, extraiu dele a folha de papel com a chave do código, amassou-a e a colocou num cinzeiro grande, pegou uma caixa de fósforos da cozinha e colocou fogo no papel.

“Deve de ter uma chave com o outro rádio”, pensou Elene.

Wolff vigiou as chamas até assegurar-se de que o papel se queimava por completo. Olhou o livro, como se pensasse na possibilidade de queimá-lo também, e depois abriu um postigo e o jogou no rio.

Pegou uma pequena maleta que havia num armário e começou a guardar algumas coisas.

— Aonde vai? — perguntou Elene.

— Logo saberá; você irá comigo.

— Oh, não!

O que ia fazer com ela? Ele a havia surpreendido enganando-lhe. Por acaso já havia pensado no castigo apropriado? Elene se sentiu fatigada e assustada. Antes tivera medo de ter que fazer amor com ele. Havia muito mais a temer agora! Pensou em fugir de novo — quase havia conseguido da outra vez —, mas já não tinha ânimo.

Wolff continuou preparando a maleta. Elene viu algumas de suas roupas no chão e lembrou que não havia se vestido corretamente. Ali estavam suas calças, as meias e a cinta liga. Decidiu vestir-se. Levantou-se tirou o vestido por cima da cabeça. Agachou-se para recolher sua roupa íntima. Ao endireitar-se, Wolff a abraçou. Beijou-a com violência na boca, e não pareceu se importar que ela não correspondesse.

Wolff a olhou nos olhos.

— Sabe? Acho que a levaria comigo ainda que não tivesse que uzá-la.

Elene fechou os olhos, humilhada. Wolff se separou dela com brusquidão e voltou à maleta.

Elene se vestiu.

Quando Wolff estava pronto, deu uma última olhada ao redor e disse:

— Vamos.

Elene o seguiu até a coberta perguntando-se que faria Wolff quanto a Sonja.

Como se soubesse o que estava pensando, Wolff comentou:

— Não gosto de perturbar o primeiro sono de Sonja. — Sorriu brincalhão —. Andando.

Percorreram o caminho do cais. Por que abandonava Sonja?, perguntava-se Elene. Não podia imaginar, mas sabia que se tratava de uma crueldade. Chegou à conclusão de que Wolff era um homem sem escrúpulos. A idéia a fez estremecer, porque ela estava em seu poder.

Elene se perguntava se poderia matar Wolff.

Wolff levava a maleta na mão esquerda e agarrava um braço de Elene com a direita. Tomaram a vereda, caminharam até a rua e foram ao carro do espião. Wolff abriu a porta do lado do condutor e a fez entrar, passando sobre a alavanca do câmbio, para o outro lado do assento. Depois ele entrou e pôs o motor em marcha.

Era um milagre que o automóvel continuasse inteiro depois de ter ficado na rua a noite toda: normalmente teriam roubado tudo o que pudessem arrancar, incluindo as rodas. “Tem toda a sorte do mundo”, pensou Elene.

Partiram. Elene, perguntava-se aonde iriam. Onde quer que fosse o lugar, ali estava o segundo rádio de Wolff, junto com outro exemplar de Rebeca e outra chave do código. “Quando chegarmos, terei que fazer outra tentativa”, pensou Elene, fatigada. Tudo dependia dela. Wolff havia abandonado a casa flutuante, de modo que Vandam não podia fazer nada, ainda que alguém o soltasse. Elene, por seus próprios meios, devia tratar de impedir que Wolff entrasse em contato com Rommel e, se possível, devia roubar a chave do código. A idéia era ridícula, uma utopia. Na realidade, a única coisa que desejava era escapar daquele homem maligno e perigoso, voltar para sua casa, esquecer dos espões, dos códigos e da guerra, sentir-se segura outra vez.

Pensou em seu pai, que caminhava para Jerusalém, e então se convenceu de que devia fazer uma nova tentativa.

Wolff parou o carro. Elene reconheceu o lugar.

— Esta é a casa de Vandam! — exclamou.

— Sim.

Olhou fixamente para Wolff, tratando de ler a expressão de seu rosto.

— Mas Vandam não está aqui — disse.

— Não. — Wolff sorriu ameaçador —. Mas Billy, sim.

Anuar el-Sadat estava encantado com o rádio.

— É uma Hallicrafter/Sky challenger — disse a Kemel —. Americana.

Ligou-a para testá-la e decidiu que era muito potente.

Kemel explicou que tinha que transmitir à meia-noite no comprimento de onda prefixado, e que o sinal de chamada era Sphinx. Disse que Wolff havia se negado a dar-lhe o código, e que teriam que correr o risco de transmitir em aberto.

Esconderam o rádio no forno da cozinha da casinha.

Kemel saiu da casa de Sadat e foi de carro desde Kubri al-Qubbah até Zamalek. No caminho pensou em como ia ocultar a sua participação nos acontecimentos dessa noite.

Sua história teria que coincidir com a do sargento que Vandam havia enviado em busca de socorro, de modo que devia reconhecer a recepção da chamada telefônica. Talvez diria que antes de alertar aos britânicos, havia ido pessoalmente à casa flutuante para investigar se o suposto “major Vandam” não era um impostor. E depois? Havia revistado o caminho do cais e os matagais em busca de Vandam, já que ele também havia sido golpeado na cabeça. O inconveniente era que não podia ter ficado sem sentido por tantas horas. Então, teria que dizer que o haviam amordaçado. Sim; diria que o haviam amarrado e que acabava de libertar-se. Depois ele e Vandam abordariam a casa flutuante... e a encontrariam vazia.

Daria certo.

Estacionou o carro e se dirigiu cautelosamente pelo caminho do cais. Olhando os arbustos, calculou onde havia deixado Vandam. Entrou na mata a uns trinta ou quarenta metros daquele ponto. Estendeu-se no solo e rolou sobre si mesmo, para sujar a roupa. Depois se esfregou um pouco de terra argilosa na cara e nos bolsos. Finalmente, depois de esfregar os punhos para que parecessem inflamados, foi em busca de Vandam.

Encontrou Vandam onde o havia deixado. As ataduras ainda estavam apertadas e a mordaça, em seu lugar. Vandam olhou para Kemel fixamente, com os olhos muito abertos.

Kemel disse:

— Meu Deus, pegaram o senhor também!

Agachou-se, tirou a mordaça e começou a desamarrar Vandam.

— O sargento falou comigo — explicou —. Vim procurar-lhe e não sei de mais nada até que despertei, atado e amordaçado, com dor de cabeça. Isso foi há várias horas. Acabo de soltar-me.

Vandam não disse nada.

Kemel jogou a corda para um lado. Vandam, entorpecido, levantou-se. Kemel perguntou:

— Como se sente?

— Estou bem.

— Abordemos a casa flutuante e vejamos o que podemos achar — disse Kemel dando meia volta.

Quando Kemel lhe deu as costas, Vandam avançou um passo e o golpeou, tão forte quanto pôde, com o fio da mão, na nuca. Podia haver matado, mas não lhe importava. Vandam havia

estado atado e amordaçado e não pôde ver o caminho do cais, mas ouviu: “Sou Kemel. Você deve de ser Wolff”. Desse modo soube que Kemel o havia atraído. O detetive não pensou, evidentemente, nessa possibilidade. Desde que escutara essas palavras, Vandam havia estado fervendo de raiva, e descarregou toda a fúria acumulada no golpe.

Kemel jazia no solo, aturdido. Vandam o virou, revistou-lhe e encontrou o revólver. Usou a corda com que estivera amarrado para amarrar as mãos de Kemel atrás das costas. Depois lhe deu umas palmadas no rosto até que voltasse a si.

— Levante-se — disse Vandam.

Kemel olhou em branco; depois apareceu o temor em seus olhos.

— Que está fazendo?

Vandam lhe deu um pontapé.

— Estou chutando — disse —. Levante-se.

Kemel se pôs trabalhosamente em pé.

— Vire-se.

Kemel obedeceu. Vandam o agarrou pelo pescoço com a mão esquerda, mantendo o revólver na direita.

— Ande.

Caminharam para a casa flutuante. Vandam empurrou Kemel para frente. Subiram a passarela e cruzaram a coberta.

— Abra a escotilha.

Kemel pôs a ponta do sapato na alça da escotilha e puxou para cima.

— Desça.

Dificultosamente, com as mãos atadas, Kemel desceu pela escada. Vandam se agachou para olhar adentro. Não havia ninguém. Desceu a escada com rapidez. Empurrou Kemel para um lado e, abrindo a cortina, cobriu com o revólver o espaço que ficava detrás.

Viu Sonja na cama, dormindo.

— Entre aí — ordenou a Kemel.

Kemel entrou e permaneceu junto à cabeceira da cama.

— Desperte-a.

Kemel tocou Sonja com o pé. Ela virou, e se afastou, porém sem abrir os olhos. Vandam viu vagamente que estava nua. Estirou uma mão e lhe deu um beliscão no nariz. Sonja abriu os olhos e se ergueu de imediato, irada. Reconheceu Kemel e depois viu Vandam com o revólver.

— Que se passa aqui? — perguntou surpreendida.

Então ela e Vandam perguntaram ao mesmo tempo:

— Onde está Wolff?

Vandam estava quase certo de que Sonja não fingia. Resultava claro que Kemel havia advertido a Wolff e que o espião havia fugido sem despertar Sonja. Presumivelmente, havia levado Elene... ainda que Vandam não pudesse imaginar-se por que.

Vandam pôs o revólver no peito de Sonja, debaixo do seio esquerdo. Dirigiu-se a Kemel.

— Vou fazer-lhe uma pergunta. Se me dé uma resposta falsa, ela morre. Entendido?

Kemel assentiu com a cabeça, tenso.

Vandam disse:

— Ontem, a meia-noite, Wolff enviou um mensagem por rádio?

— Não! — gritou Sonja —. Não, não o fez, não o fez!

— Que passou realmente aqui? — perguntou Vandam, temendo atrocemente a resposta.

— Nos deitamos.

— Quem se deitou?

— Wolff, Elene e eu.

— Juntos?

— Sim.

Então era isso. E Vandam havia pensado que Elene estava a salvo porque havia outra mulher! Isso explicava o contínuo interesse de Wolff por Elene: queriam-na para seu trio. Vandam sentia uma profunda repugnância, não pelo que eles haviam feito, mas porque por sua culpa Elene havia sido obrigada a tomar parte.

Afastou a idéia de sua mente. Sonja dizia a verdade? Wolff não se havia comunicado por rádio com Rommel na noite anterior? Vandam não sabia como comprová-lo. Só podia confiar que fosse verdade.

— Vista-se — ordenou a Sonja.

A bailarina saltou da cama e apressadamente pôs um vestido. Vandam, cobrindo os dois com o revólver, foi à proa do barco e olhou através da pequena porta. Viu um banheiro diminuto, com dois postigos pequenos.

— Entrem aí, os dois.

Kemel e Sonja entraram no banheiro. Vandam fechou a porta e começou a revistar a casa flutuante. Abriu todos os armários e gavetas esvaziando seu conteúdo sobre o solo. Desmantelou a cama. Com uma faca afiada que encontrou na cozinha, cortou o colchão e o forro do sofá. revisou todos os papéis da escrivaninha. Encontrou um cinzeiro grande, de vidro, cheio de papel carbonizado e o revirou, mas tudo estava completamente queimado. Esvaziou a geladeira. Subiu à coberta e derramou tudo o que havia nas gavetas. Olhou na parte exterior do casco, ao redor do barco, buscando uma corda que pendurasse para a água.

Depois de meia hora, teve a certeza de que na casa flutuante não havia nenhum rádio, nenhum exemplar de Rebeca e nenhuma chave do código.

Tirou os prisioneiros do banheiro. Em uma das gavetas da coberta havia encontrado um pedaço de corda. Amarrou as mãos de Sonja e depois a atou junto a Kemel.

Os fez sair do barco, levando-os pelo caminho do cais para a rua. Caminharam até a ponte, onde Vandam chamou um táxi. Pôs Sonja e Kemel na parte de trás e depois, apontando-lhes o revólver, acomodou-se na frente junto ao assustado motorista árabe.

— Quartel General — disse Vandam.

Teria que interrogar os dois prisioneiros, mas realmente só havia duas perguntas a fazer:

Onde estava Wolff? E onde estava Elene?

Sentado no carro, Wolff segurou o pulso de Elene. Ela tentou libertar-se, mas Wolff a sujeitava com muita força. O espião sacou sua faca e roçou ligeiramente o fio da lâmina no dorso da mão de Elene. A faca estava muito afiada. Elene olhou horrorizada. A princípio só havia uma linha, como a marca de um lápis. Depois surgiu o sangue na ferida e uma dor aguda. Elene gemeu.

Wolff disse:

— Deve ficar muito perto de mim e não dizer nada.

Repentinamente, Elene o odiou. Ela o olhou nos olhos.

— Do contrário, você me feriria? — disse isso com o desdém que pôde reunir.

— Não — respondeu Wolff —. Do contrário ferirei Billy.

Soltou a munheca de Elene e desceu do carro. Ela permanecia imóvel, desvalida. Que podia fazer contra aquele homem forte e impiedoso? Sacou um pequeno lenço de seu bolso e o atou à mão sangrenta.

Impaciente, Wolff rodeou o carro e abriu a porta. Pegou-a pelo antebraço e a fez sair. Depois, sem deixar de sujeitá-la, cruzou a rua para a casa de Vandam.

Percorreram o curto caminho da entrada e tocaram a campainha. Elene recordava a última vez que havia estado naquele pátio esperando que a porta se abrisse. Parecia que haviam passado anos, mas só haviam transcorrido alguns dias. Desde então sabia que Vandam era viúvo, e havia feito amor com ele, e ele não lhe havia enviado flores — como pôde haver feito disso um drama? — e havia se encontrado Wolff, e...

A porta se abriu. Elene reconheceu a Gaafar. O servente também a reconheceu, e disse:

— Bom dia, senhorita Fontana.

— Olá, Gaafar.

— Bom dia, Gaafar — cumprimentou Wolff —. Sou o capitão Alexander. O major me pediu que viesse. Podemos entrar?

— Certamente, senhor.

Gaafar se pôs de lado. Wolff, segurando ainda o braço de Elene, entrou na casa. O mordomo fechou a porta. Elene recordava do vestibulo ladrilhado.

— Espero que o major esteja bem... — disse Gaafar.

— Sim, está bem — disse Wolff —. Mas não pode vir esta manhã, assim que me pediu que passasse por aqui, dissesse que tudo está bem e levasse Billy à escola.

Elene estava espantada. Era horrível, Wolff ia sequestrar Billy. Devia ter adivinhado quando ele mencionou o nome do menino. Mas era inconcebível, não devia permitir que ocorresse! O que podia fazer? Queria gritar: “Não, Gaafar, ele está mentindo, leve Billy, fuja, corra, corra!”. Mas Wolff tinha a faca e Gaafar era velho, e Wolff pegaria Billy de qualquer maneira.

Gaafar pareceu duvidar.

— Muito bem, apressesse. Não dispomos de todo o dia — insistiu Wolff.

— Sim, senhor — respondeu Gaafar reagindo com o reflexo de um servente egípcio a um europeu que se dirigia de maneira autoritária.

— Billy está terminando de tomar café. Podem esperar aqui um momento? — disse Gaafar enquanto abria a porta da sala.

Wolff empurrou Elene para o interior da sala e finalmente lhe soltou o braço. Ela observou o tapete, o papel das paredes, a lareira de mármore e a fotografia de Angela Vandam: tudo tinha esse aspecto espectral dos objetos conhecidos que se vêem em um pesadelo. “Angela saberia o que fazer”, pensou Elene, desolada. “Não seja ridículo!”, haveria dito ela; então, levantando um braço imperativo, haveria lhe ordenado a sair de sua casa. Elene sacudiu a cabeça para dissipar a fantasia. Angela se haveria sentido tão desvalida como ela.

Wolff se sentou na escrivaninha. Abriu uma gaveta, sacou um bloco e um lápis e começou a escrever.

Elene se perguntava o que Gaafar podia fazer. Seria possível que ligasse para o Quartel General para falar com o pai de Billy? Os egípcios resistiam a fazer chamadas telefônicas para o Quartel General, Elene sabia. Gaafar teria dificuldades com as telefonistas e as secretárias. Olhou ao redor e viu que, de qualquer maneira, o telefone estava ali, naquele aposento, de modo que, se Gaafar tentasse Wolff o impediria.

— Por que me trouxe aqui? — disse Elene chorando.

A frustração e o temor davam um tom agudo a sua voz.

Wolff levantou a vista de seu escrito.

— Para manter o garoto quieto. Temos um longo caminho a percorrer.

— Deixe Billy em paz — rogou Elene — ; é um menino.

— O menino de Vandam — disse Wolff com um sorriso.

— Você não precisa dele.

— Vandam talvez adivinhe aonde vou — disse Wolff —. Desejo assegurar-me de que não me siga.

— Acha mesmo que ele ficará sentado enquanto você retém o seu filho?

Wolff pareceu considerar a questão.

— Espero que sim — disse finalmente —. De qualquer maneira, o que tenho a perder? Se não levo o garoto, certamente ele me seguirá.

Elene conteve as lágrimas.

— Não tem piedade?

— A piedade é uma emoção decadente — disse Wolff com um lampejo nos olhos —. O decisivo, com respeito à moralidade, é o ceticismo. O fim da interpretação moral do mundo, que já não tem nenhum valor.

Parecia citar as palavras de outra pessoa.

— Não acredito que faça isto para que Vandam não saia em sua busca. Acho que o faz por rancor. Pensa na angústia que lhe causará, e o encanta. Você é um homem cruel, ardiloso e detestável.

— Talvez tenha razão.

— Está doente.

— Basta! — Wolff avermelhou ligeiramente. Pareceu fazer um esforço para acalmar-se —.

Feche a boca enquanto escrevo.

Elene se esforçou para concentrar-se. Iam fazer uma longa viagem. Wolff temia que Vandam os seguisse. Havia dito a Kemel que tinha outro equipamento de rádio. Talvez Vandam adivinhasse aonde iam. Ao final da viagem, provavelmente, estava o rádio substituto, com um exemplar de Rebeca e da chave do código. Elene tinha que descobrir uma forma de ajudar Vandam segui-los, para que pudesse resgatá-los e obter a chave. “Se Vandam pode adivinhar o destino — pensava —, também posso fazê-lo eu.” Onde Wolff guardaria um rádio? Seria muito longe. Podia tê-lo escondido em algum lugar, antes de chegar ao Cairo. Podia estar em algum lugar no deserto, ou entre aqui e Asyut... Talvez...

Billy entrou.

— Olá. Trouxe o livro? — perguntou a Elene.

Elene não sabia de que estava falando. “Livro?” Olhou-o fixamente, pensando que ainda era um menino apesar de suas maneiras de adulto. Vestia bermuda de flanela cinza e uma camisa branca, e não tinha penugem na suave pele do antebraço. Usava um cartapácio e uma gravata de colégio.

— Esqueceu — disse, e pareceu decepcionado —. Ia emprestar-me uma história de detetives de Simenon.

— Sim, esqueci. Sinto muito.

— Trará da próxima vez que venha?

— Centamente.

Wolff estivera olhando detalhadamente para Billy o tempo todo, como um avaro para sua arca do tesouro. levantou-se.

— Olá, Billy — disse com um sorriso —. Sou o capitão Alexander.

Billy lhe deu a mão.

— Muito prazer, senhor.

— Seu pai me pediu que te dissesse que está muito ocupado.

— Sempre vem para casa na hora do café da manhã — replicou o menino.

— Hoje não pode. Tem muito trabalho com o bom Rommel, já sabe.

— Esteve em outra briga?

Wolff vacilou.

— Na verdade sim, mas está bem. Levou uma pancada na cabeça.

Billy parecia mais orgulhoso que preocupado, observou Elene.

Gaafar entrou e se dirigiu a Wolff.

— Está certo, senhor, de que o major disse para o senhor levar o menino ao colégio?

“Suspeita”, pensou Elene.

— Certamente — disse Wolff —. Há algum inconveniente?

— Não, mas sou responsável por Billy, e a verdade é que não o conhecemos...

— Mas conhece a senhorita Fontana — disse Wolff —. Ela estava comigo quando o major Vandam me pediu o favor. Não foi, Elene?

Wolff a olhou fixamente e levou a mão abaixo do braço esquerdo, onde estava a faca.

— Sim — disse Elene com amargura.

— Contudo, tem muita razão em ser cauteloso, Gaafar. Talvez devesse ligar para o Quartel General e falar com o major.

Wolff apontou o telefone.

“Não, não faça isso, Gaafar, ele o matará antes de que termine de digitar o número”, pensou Elene.

Gaafar vacilou.

— Estou certo de que não será necessário, senhor. Como diz, conhecemos a senhorita Fontana — declarou.

“Toda a culpa é minha”, pensou Elene.

Gaafar se retirou.

Wolff falou rapidamente com Elene, em árabe.

— Mantenha o garoto calado por um minuto — disse, e continuou escrevendo.

Elene olhou o cartapácio de Billy e teve uma idéia.

— Mostre-me seus livros da escola — disse.

Billy a olhou como se estivesse louca.

— Vamos — acrescentou.

O cartapácio estava aberto, e sobressaía um atlas. Elene o pegou.

— O que está estudando em geografia?

— Os fiordes noruegueses.

Elene viu que Wolff terminava de escrever e colocava a folha de papel num envelope. Molhou a solapa com a língua, fechou o envelope e o pôs no bolso.

— Busquemos Noruega — disse Elene.

Percorreu rapidamente as páginas do atlas.

Wolff levantou o fone do telefone e digitou. Olhou para Elene e depois para o outro lado, pela janela.

Elene encontrou o mapa do Egito.

Billy disse:

— Mas isso é...

Rapidamente, Elene o tocou nos lábios com o dedo. Billy se calou e enrugou a testa.

“Por favor, pequeno, fique quieto e deixa este assunto em minhas mãos.”

Seguiu dizendo:

— Escandinávia, sim, Noruega está na Escandinávia, olha, Billy.

Se desatou o lenço da mão. Billy olhou fixamente o corte. Com a unha Elene abriu a ferida e a fez sangrar novamente. Billy ficou branco. Parecia a ponto de falar, mas Elene o tocou nos lábios e sacudiu a cabeça com um olhar de súplica.

Elene estava segura de que Wolff se dirigiria a Asyut. Era uma suposição provável, e Wolff havia dito temer que Vandam adivinhasse seu destino. Enquanto pensava nisso, ouviu Wolff dizer:

— Alô? Queria saber a que hora parte o trem com destino a Asyut.

“Eu tinha razão!”, pensou Elene. Molhou o dedo no sangue que lhe corria pela mão. Com três traços desenhou uma flecha sobre o mapa do Egito, com a ponta para a cidade de Asyut, quatrocentos e oitenta quilômetros ao sul do Cairo. Fechou o atlas. Usou o lenço para manchar de sangue a capa do livro, e depois o empurrou atrás de si.

Wolff disse:

— Sim... há que horas chega?

Elene continuou.

— Mas por que há fiordes na Noruega e não no Egito?

Billy parecia pasmado. Olhava fixamente a mão de Elene. “Tinha que fazê-lo reagir antes que a delatasse”, pensou.

— Escute, há lido um conto de Agatha Christie intitulado a pista do atlas ensangüentado? — perguntou.

— Não, não existe...

— É muito inteligente a forma que o detetive averigua tudo com base nessa pista.

Billy franziu o cenho, mas não com gesto de surpresa, senão do que está meditando algo.

Wolff desligou e levantou-se.

— Vamos — disse —. Não vai querer chegar tarde à escola, Billy.

Dirigiu-se à porta e a abriu.

Billy recolheu seu cartapácio e o seguiu. Elene se levantou, horrorizada ante a possibilidade de que Wolff visse o atlas.

— Vamos — disse impaciente.

Elene cruzou o vão da porta e Wolff a seguiu. Billy já estava no vestibulo. Havia um pequeno monte de cartas sobre uma mesa em forma de rim, no vestibulo. Elene viu que Wolff deixou cair o envelope em cima da correspondência.

Saíram pela porta principal.

— Sabe dirigir? — perguntou Wolff a Elene.

— Sim — respondeu ela, e logo se maldice por pensar lentamente; devia ter dito que não.

— Vocês vão na frente — ordenou Wolff.

Ele se instalou na parte traseira.

Ao arrancar, Elene viu que Wolff se inclinava para frente.

— Vê isto? — perguntou.

Elene olhou para abaixo. Wolff estava mostrando a faca para Billy.

— Sim — disse Billy com voz insegura.

Wolff acrescentou:

— Se me causar problemas, cortarei a sua cabeça.

Billy começou a chorar.

— Sentido! — gritou Jakes com sua voz de sargento. Kemel se enquadrou.

A sala de interrogatórios não tinha mais móveis que uma mesa. Vandam entrou precedido de Jakes, levando uma cadeira em uma mão e uma xícara de chá na outra. Tomou assento.

Vandam perguntou:

— Onde está Alex Wolff?

— Não sei — disse Kemel, afrouxando ligeiramente a tensão dos músculos.

— Sentido! — uivou Jakes —. Fale em posição de sentido, amigo!

Kemel voltou a bater continência.

Vandam bebeu seu chá. Era parte da comédia, uma forma de dizer que tinha todo o tempo do mundo e que nada o preocupava muito, enquanto que o prisioneiro era que tinha problemas verdadeiros. Na verdade era o inverso.

— Ontem à noite você recebeu uma chamada do inspetor que vigiava o barco casa — disse Vandam.

— Responda ao major! — gritou Jakes.

— Sim.

— O que ele disse?

— Que o major Vandam havia ido ao caminho do cais e o havia enviado para pedir socorro.

— Senhor! — disse Jakes —. Para pedir socorro, senhor!

— E o que você fez?

— Fui pessoalmente ao caminho do cais, para investigar, senhor.

— O que ocorreu depois?

— Golpearam-me na cabeça e fiquei inconsciente. Quando voltei a mim, estava com os pés e mãos atados. Levei várias horas para soltar-me. Depois soltei o major Vandam, e em seguida ele me atacou.

Jakes se aproximou de Kemel.

— É um pequeno condenado, maldito wogs embusteiro! — Kemel deu um passo para trás —. Responda! — uivou Jakes —. É um pequeno wogs mentiroso ou não é?

Kemel não disse nada.

Vandam interveio:

— Escute, Kemel. Tal como as coisas estão, vão fuzilá-lo como espião. Se nos dizer tudo o que sabe, pode conseguir uma sentença de prisão. Seja sensato. Então, você foi ao caminho do cais e me golpeou. Não foi assim?

— Não, senhor.

Vandam suspirou. Kemel tinha sua versão e se aferrava a ela. Ainda que soubesse ou pudesse adivinhar onde havia ido Wolff, não revelaria enquanto pretendesse ser inocente.

— Qual é a participação de sua esposa em tudo isto?

Kemel não respondeu, mas pareceu assustado.

Vandam continuou:

— Se não responde as minhas perguntas, terei que fazê-las a ela.

Os lábios de Kemel se apertaram marcando uma dura linha.

Vandam se levantou.

— Muito bem, Jakes — disse —. Prenda a esposa por suspeita de espionagem.

— Típica justiça britânica — disse Kemel.

Vandam o olhou.

— Onde está Wolff?

— Não sei.

Vandam saiu do quarto. Esperou fora por Jakes. Quando o capitão apareceu, Vandam disse:

— É um policial e conhece as técnicas. Afrouxará, mas não hoje.

E Vandam tinha que encontrar Wolff nesse mesmo dia.

— Quer que prenda a esposa? — perguntou Jakes.

— Ainda não. Talvez depois.

E onde estava Elene?

Caminharam uns metros até outra cela. Vandam perguntou:

— Está tudo pronto?

— Sim.

— Bom.

Abriu a porta e entrou. O quarto não parecia tão vazio como o outro. Sonja estava sentada em uma cadeira dura, e tinha um grosseiro vestido de prisão, de cor cinza. Junto a ela havia uma mulher, oficial do exército, que haveria assustado a Vandam de ser ele o prisioneiro. Era baixa e robusta, com uma cara masculina rude e o cabelo curto e cinzento. Em uma quina da cela havia um catre, e uma bacia com água fria na outra.

Com a entrada de Vandam a mulher disse:

— Em pé!

Vandam e Jakes se sentaram. Vandam ordenou:

— Sente-se, Sonja.

A oficial a empurrou à cadeira.

Vandam estudou Sonja durante um minuto. A havia interrogado anteriormente e ela havia sido a mais forte. Desta vez seria diferente: a segurança de Elene estava em jogo e a Vandam restavam poucos escrúpulos.

— Onde está Alex Wolff? — perguntou o major.

— Não sei.

— Onde está Elene Fontana?

— Não sei.

— Wolff é um espião alemão e você estava ajudando-o.

— Ridículo.

— Você está num mau passo.

Sonja não disse nada. Vandam observou seu rosto. Era orgulhosa, confiante, corajosa. Vandam se perguntou o que havia ocorrido com exatidão naquela manhã na casa flutuante. Provavelmente, Wolff havia partido sem advertir a Sonja. Acaso não se sentia atraída?

— Wolff a traiu — disse Vandam —. Kemel, o policial, advertiu Wolff do perigo; mas ele a deixou dormindo e se foi com outra mulher. Depois disso, vai seguir protegendo-o?

Sonja calou.

— Wolff guardava o rádio em seu barco. Enviava mensagens para Rommel a meia-noite. Você sabia, de modo que participava da espionagem. Será fuzilada por espionagem.

— Todo o Cairo se rebelará! Não se atreverão!

— Acha mesmo? O que nos importa agora se o Cairo se rebela? Os alemães estão na porta... que eles se encarreguem da revolta.

— Não se atreverão a tocar-me.

— Para onde Wolff foi?

— Não sei.

— Pode adivinhar?

— Não.

— Não nos está ajudando, Sonja. Piorará as coisas.

— Não podem tocar-me.

— Acho que não fará mal demonstrar-lhe que posso sim.

Vandam fez um gesto à oficiala.

A mulher manteve Sonja imóvel enquanto Jakes a amarrava à cadeira. Lutou durante um momento, mas foi inútil. Olhou para Vandam, e pela primeira vez apareceu em seus olhos um indício de temor.

— O que estão fazendo, desgraçados? — perguntou, sobressaltada.

A oficiala sacou uma grande tesoura de seu bolso. levantou uma mecha do longo e espesso cabelo de Sonja e o cortou.

— Não podem fazer isso! — gritou Sonja.

Rapidamente, a mulher cortou o cabelo de Sonja. À medida que as pesadas mechas caíam, a oficiala as colocava no colo da detida. Ela uivava, maldizendo a Vandam, a Jakes e aos britânicos numa linguagem que o major nunca havia ouvido de uma mulher.

A oficiala pegou uma tesoura menor e voltou a cortar o cabelo de Sonja até a raiz.

Os alaridos de Sonja se converteram em lágrimas. Quando parou de gritar, Vandam disse:

— Como vê, já não nos importa muito a legalidade e a justiça, nem ligamos para a opinião pública egípcia. Temos a costas contra a parede. É possível que logo nos matem a todos. Estamos desesperados.

A mulher pegou sabão e uma broxa de barbear e cobriu de espuma a cabeça da detida.

Depois começou a barbeá-la.

— Wolff conseguia informação de alguém do Quartel General, de quem? — perguntou Vandam.

— Você é perverso — disse ela.

Finalmente, a oficiala sacou um espelho de seu bolso e o sustentou frente ao rosto de Sonja. A princípio não queria olhar, mas após um momento se rendeu. Lançou um gemido quando viu a imagem de sua cabeça barbeada por completo.

— Não — disse —. Não sou eu.

Rompeu a chorar.

Todo o ódio havia desaparecido imediatamente; estava completamente desmoralizada. Vandam perguntou com suavidade:

— De onde Wolff conseguia a informação?

— Do major Smith — replicou Sonja.

Vandam suspirou aliviado. Havia cedido, graças a Deus.

— Que Smith? — perguntou.

— Sandy Smith.

Vandam lançou um rápido olhar para Jakes. Era o desaparecido major do M16; tal como temiam.

— Como conseguiam a informação?

— Sandy vinha à casa flutuante na hora do almoço, para visitar-me. Enquanto estávamos na cama, Alex revistava sua maleta.

“Assim simples — pensou Vandam —. Deus, me sinto cansado.” Smith era o enlace entre o Serviço Secreto de Informação — também conhecido como M16 — e o Quartel General, e por causa disso tinha acesso a todos os planos estratégicos, pois o M16 necessitava saber o que o exército estava fazendo para poder dizer a seus espões qual era a informação que deviam procurar. Smith havia ido diretamente das conferências matutinas no Quartel General à casa flutuante, com uma maleta cheio de segredos. Vandam já sabia que, durante os dias anteriores ao seu desaparecimento, Smith dizia no Quartel General que almoçava nos escritórios do M16, e a seus superiores do M16 que almoçava no Quartel General; desse modo ocultava que estava deitando-se com uma bailarina. num dado momento, Vandam havia suposto que Wolff estava subornando ou chantageando alguém. Nunca lhe havia ocorrido que podia estar obtendo informação de alguém sem que esse alguém soubesse.

— Onde está Smith? — perguntou Vandam.

— Surpreendeu Alex revistando sua maleta. Alex o matou.

— Onde está o cadáver?

— No rio, junto à casa flutuante.

Vandam fez um sinal para Jakes, que saiu de imediato.

— Fale-me de Kemel — disse o major a Sonja.

Começou a abrir-se por completo, ansiosa de dizer tudo o que sabia, quebrada sua resistência. Faria qualquer coisa para que a tratassem com amabilidade.

— Ele veio dizer-me que você o havia encarregado de vigiar a casa flutuante. Acrescentou que censuraria seus relatórios se eu conseguisse organizar uma reunião entre Alex e Sadat.

— Alex e quem?

— Anuar el-Sadat. É um capitão do exército.

— Para que ele queria reunir-se com Wolff?

— Para que os Oficiais Livres pudessem enviar uma mensagem para Rommel.

“Há aqui elementos nos quais jamais haveria pensado”, refletiu Vandam.

— Onde vive Sadat? — perguntou.

— Em Kubri al-Qubbah.

— E o endereço?

— Não sei.

Vandam se dirigiu à oficiala.

— Vá e averigüe o endereço exato do capitão Anuar Sadat.

— Sim, senhor.

O rosto da mulher se abriu em um sorriso que era assombrosamente bonito. Retirou-se.

— Wolff guardava o rádio em sua casa flutuante, não é certo? — disse Vandam.

— Sim.

— Usava um código para suas mensagens.

— Sim, tinha um romance inglês que utilizava para codificar o texto.

— Rebeca.

— Sim.

— E tinha uma chave do código.

— Uma chave?

— Uma folha de papel que indicava que página do livro devia usar.

Sonja assentiu com a cabeça, lentamente:

— Sim, acho que sim.

— O rádio, o livro e a chave desapareceram. Sabe onde estão?

— Não — disse Sonja. Aterrorizou-se —. Sinceramente, não o sei; estou dizendo a verdade...

— Está bem, acredito. Sabe onde pode Wolff pode ter ido?

— Tem uma casa... Vila Les Oliviers.

— Boa idéia. Alguma outra sugestão?

— Abdullah. Pode ter ido à casa de Abdullah.

— Sim. Algo mais?

— Seus primos, no deserto.

— E onde eles estão?

— Ninguém sabe. São nômades.

— Wolff poderia conhecer seus movimentos?

— Suponho que sim.

Vandam permaneceu sentado, olhando-a, durante uns minutos mais. Não era atriz: não podia haver fingido. Estava totalmente quebrantada, não apenas disposta a trair seus amigos e contar todos seus segredos, como ansiosa em fazê-lo. Estava dizendo a verdade.

— Voltaremos a nos ver — disse Vandam, e saiu.

A oficiala lhe entregou um papel com o endereço de Sadat, e depois entrou na cela. Vandam se dirigiu rapidamente à sala de reuniões. Jakes estava esperando.

— A Marinha vai emprestar-nos um par de mergulhadores — disse o capitão —. Estarão aqui dentro de alguns minutos.

— Muito bem. — Vandam acendeu um cigarro —. Quero que reviste a casa de Abdullah. Eu vou prender a esse sujeito, Sadat. Mande um pequeno grupo à Vila Les Oliviers, por via das dúvidas. Suponho que não encontrarão nada. Todos receberam instruções?

Jakes assentiu.

— Sabem que buscamos um transmissor de rádio, um exemplar de Rebeca e um código para o cifrado.

Vandam olhou ao seu redor, e observou que havia policiais egípcios na sala.

— Por que temos estes condenados árabes na equipe? — perguntou, irado.

— Protocolo, senhor — replicou Jakes, formalmente —. Idéia do tenente coronel Bogge.

Vandam conteve a réplica.

— Depois de revistar a vivenda de Abdullah, reúna-se comigo na casa flutuante.

— Sim, senhor.

Vandam apagou o cigarro.

— Vamos.

Saíram embaixo do sol da manhã. Uma dúzia de jipes, ou um pouco mais, estavam alinhados, com os motores ligados. Jakes deu instruções aos sargentos encarregados dos grupos de incursão e depois fez um sinal para Vandam. Os homens subiram aos jipes e estes arrancaram.

Sadat vivia num subúrbio a cinco quilômetros do Cairo em direção a Heliópolis. Seu lar era uma casa de família comum, com um pequeno jardim. Quatro jipes chegaram rugindo e os soldados rodearam imediatamente a vivenda e começaram a revistar o jardim. Vandam deu uns golpes secos na porta dianteira. Um cachorro começou a ladrar. Vandam voltou a golpear. A porta se abriu.

— Capitão Anuar el-Sadat?

— Sim.

Sadat era um homem jovem, magro e sério, de estatura mediana. Seu cabelo castanho, cacheado, já estava raleando. Tinha posto seu uniforme e seu fez de capitão, como se se dispusesse a sair.

— O senhor está preso — disse Vandam e o empurrou para dentro da casa.

Outro homem jovem apareceu na saída.

— Quem é? — indagou Vandam.

— Meu irmão. Tal'at — disse Sadat.

Vandam olhou para Sadat. O árabe tinha aspecto tranqüilo e digno, mas escondia certa tensão. “Tem medo — pensou Vandam —. Mas não de mim, nem de ir preso; tem medo de outra coisa.”

Que tipo de trato haveria feito Kemel com Wolff nessa manhã? Os rebeldes necessitavam que Wolff lhes ajudasse a pôr-se em contato com Rommel. Estavam escondendo Wolff em algum lugar?

— Qual é seu quarto, capitão? — perguntou Vandam.

Sadat mostrou. O major entrou. Era um dormitório simples, com um colchão no chão, e havia uma túnica pendurada num cabide. Vandam fez sinais para dois soldados britânicos e a um policial egípcio e lhes deu ordem de revistar o quarto.

— O que significa isto? — perguntou Sadat, em voz baixa.

— O senhor conhece Alex Wolff? — perguntou Vandam.

— Não.

— Também se chama Achmed Rahmah, mas é europeu.

— Não sei do que está falando.

Estava claro que Sadat tinha uma personalidade bastante forte, não o tipo que se intimida e confessa tudo simplesmente porque um grupo de soldados corpulentos começam a revirar-lhe a casa. Vandam apontou para o outro lado do vestíbulo.

— De quem é esse quarto?

— Meu estúdio...

Vandam foi para a porta.

Sadat disse:

— As mulheres da família estão aí; deve permitir-me que as avise...

— Elas já sabem que estamos aqui. Abra a porta.

Vandam deixou que Sadat entrasse primeiro. Não havia mulheres, mas uma porta, no fundo, permanecia aberta, como se alguém acabasse de sair. Não importava; o jardim estava cheio de soldados, ninguém escaparia. Vandam viu sobre uma escrivaninha uma pistola do exército, em cima umas folhas de papel cobertas de escritura árabe. Foi à biblioteca e examinou os livros. Rebeca não estava ali.

De outra parte da casa chegou um grito:

— Major Vandam!

Vandam seguiu o som da voz e chegou à cozinha. Um sargento PM permanecia quieto junto ao forno, e o cachorro da casa ladrava a suas botas. A porta do forno estava aberta, e o sargento sacou uma maleta-rádio.

Vandam olhou para Sadat, que o havia seguido até a cozinha. A cara do árabe estava crispada de amargura e frustração. De modo que esse era o trato que haviam feito: avisaram a Wolff e em troca obtiveram o seu rádio. Isso significava que o espião tinha outro? Ou Wolff havia

combinado de ir à casa de Sadat para transmitir?

Vandam se dirigiu ao sargento.

— Bom trabalho. Conduza o capitão Sadat ao Quartel General.

— Protesto! — disse Sadat —. A lei estipula que os oficiais do exército egípcio só podem ser detidos na sala de oficiais, vigiados por um companheiro.

O policial egípcio de maior grau estava perto.

— Isso é verdade — afirmou.

Mais uma vez, Vandam chingou a Bogge por meter egípcios no meio da operação.

— A lei também diz que os espões serão fuzilados — recordou a Sadat. Voltou-se para o sargento —. Chame o meu motorista. Terminem de revistar a casa. Depois, prendam Sadat, acusado de espionagem.

Olhou outra vez para Sadat. A amargura e a decepção haviam desaparecido de seu rosto, substituídas por um olhar calculado. “Está pensando como aproveitar ao máximo a situação — pensou Vandam —. Está preparando-se para fazer-se de mártir. É muito dútil... deveria ser político.”

Vandam saiu da vivenda e se encaminhou para o jipe. Momentos depois, o condutor chegou correndo e entrou no veículo.

— Para Zamalek — disse Vandam.

— Sim, senhor.

O chofer arrancou e o jipe se afastou. Quando Vandam chegou à casa flutuante, os mergulhadores haviam realizado seu trabalho e estavam no caminho do cais, tirando-se o equipamento. Dois soldados puxavam uma corda, sacando do Nilo algo espantoso. Os mergulhadores haviam atado o corpo que acharam no fundo e depois haviam-se desligado do assunto.

Jakes se aproximou de Vandam.

— Olhe isto, senhor.

Entregou-lhe um livro empapado e sem as capas. Vandam o examinou: era Rebeca.

O rádio foi parar nas mãos de Sadat: o código, no fundo do rio. Vandam recordava o cinzeiro cheio de papel carbonizado, na casa flutuante; acaso Wolff havia queimado a chave do código?

Por que se havia livrado do rádio, do livro e da chave, quando tinha uma mensagem vital para enviar a Rommel? A conclusão era inevitável: tinha outro rádio, outro livro e outra chave escondidos em alguma parte.

Os soldados estenderam o cadáver na margem e se afastaram, como se não quisessem ter nada mais que ver com ele. Vandam permaneceu de pé junto ao corpo. Cortaram-lhe a garganta e a cabeça estava quase separada do tronco. Tinha uma maleta atada à cintura. Vandam se agachou e abriu cuidadosamente a mala. Estava cheia de garrafas de champanhe.

— Meu Deus! — exclamou —. É horrendo. A garganta cortada e jogado ao rio com garrafas de champanhe como lastro.

— Um desalmado.

— É rapidíssimo com a faca. — Vandam tocou sua bochecha; tirara o esparadrapo e a barba

de vários dias escondia a ferida. “Mas não a Elene, não com a faca, por favor.” —. Suponho que não há rastro dele.

— Não encontrei nada. Prendi Abdullah, sob acusações imprecisas, mas não havia nada em sua casa. E passei pela Vila Les Oliviers ao regressar. Com o mesmo resultado.

— Na casa de Sadat também.

Repentinamente, Vandam se sentia esgotado. Parecia que Wolff o vencia sempre. Ocorreu-lhe que talvez não fosse astuto o bastante como para caçar aquele espião esperto e evasivo.

— Talvez o tenhamos perdido — disse.

Passou a mão pelo rosto. Não havia adormecido nas últimas vinte e quatro horas. Perguntou-se o que estava fazendo ali, junto ao horrível cadáver do major Sandy Smith. Nada mais se podia saber por ele.

— Acho que irei para casa e dormirei por uma hora — disse.

Jakes o olhou surpreso.

— Ajudar-me-á a pensar com mais clareza. Esta tarde interrogaremos outra vez os prisioneiros — acrescentou Vandam.

— Muito bem, senhor.

Vandam regressou ao seu veículo. Ao cruzar a ponte desde Zamalek, recordou que Sonja havia mencionado outra possibilidade: os primos nômades de Wolff. Olhou os barcos do largo e lento rio. A corrente os levava rio abaixo e o vento soprava rio acima, uma coincidência de enorme importância para o Egito. Os barqueiros ainda usavam a simples vela triangular, um modelo que aperfeiçoara-se... fazia quanto tempo? Milhares de anos, talvez. Muitas coisas, naquele país, eram feitas como há milhares de anos atrás. Vandam fechou os olhos e viu Wolff, na falua, navegando rio acima, manipulando a vela triangular com uma mão enquanto com a outra enviava mensagens para Rommel com o transmissor. O carro parou repentinamente e Vandam abriu os olhos; percebeu que estivera sonhando desperto ou dormindo. Por que Wolff iria rio acima? Para encontrar-se com seus primos nômades? Mas quem poderia saber onde estavam? Wolff poderia encontrá-los, se seguissem uma rota anual preestabelecida.

O jipe havia parado na frente da casa de Vandam. O major desceu.

— Quero que me espere — disse ao condutor —. Será melhor que entre. — levou-o para a casa e indicou-lhe a cozinha —. Meu servente, Gaafar, dará algo para você comer, desde que não o trate como um wogs.

— Muito obrigado, senhor — disse o chofer.

Havia um pequeno monte de correspondência sobre a mesa do vestibulo. O envelope que o atraiu não tinha selo e estava dirigido a Vandam com uma letra vagamente conhecida. No ângulo superior esquerdo haviam escrito “Urgente”. Vandam o recolheu.

Pensou que ainda lhe faltavam coisas por intentar. Bem podia ser que Wolff se dirigisse neste momento para o sul. Deveriam colocar barricadas em todas as principais cidades da rota. Deveriam procurar Wolff em todas as estações da linha ferroviária. E no rio... Devia haver alguma forma de revistar o rio, no caso de Wolff realmente ter fugido de barco, como sonhara acordado. Vandam encontrava difícil concentrar-se. “Podemos colocar barricadas no rio, como no caminho”, pensava. Por que não? Nada disso resultaria se Wolff, simplesmente, se houvesse escondido no Cairo. “Suponhamos que se esconde nos cemitérios.” Muitos muçulmanos

enterravam seus mortos em casas muito pequenas, e havia hectares desses edifícios vazios na cidade; Vandam necessitaria de mil homens para revistá-los todos. “Talvez deva fazê-lo, de qualquer maneira”, pensou. Mas Wolff podia haver ido igualmente para o norte, para Alexandria; ou para o este, ou o oeste, para o deserto...

Entrou na sala, em busca de uma faca de papel. De todas formas, havia que limitar a busca. Vandam não tinha milhares de homens a sua disposição. Estavam no deserto, lutando. Devia decidir o que era melhor. Recordou onde havia começado tudo: em Asyut. Talvez devesse comunicar-se com o capitão Newman em Asyut. Aparentemente, Wolff havia chegado ali desde o deserto, e talvez saíria por esse caminho. talvez seus primos estivessem nas cercanias. Vandam olhou o telefone sem decidir-se. Onde estava a condenada faca de papel? Foi até a porta e chamou:

— Gaafar!

Regressou à sala e viu o atlas escolar de Billy sobre uma cadeira. Parecia sujo. O menino o havia deixado cair num charco, ou algo parecido. O recolheu. Estava pegajoso. Teve a sensação de sofrer um pesadelo. Que ocorria? Não encontrava a faca de papel, havia sangue no atlas, nômades em Asyut...

Gaafar entrou no aposento. Vandam perguntou:

— O que é esta porcaria?

Gaafar olhou.

— Sinto muito, senhor, não sei. O estavam olhando quando o capitão Alexander estava aqui...

— Quem? Quem é o capitão Alexander?

— O oficial que o senhor mandou para que levasse Billy à escola, senhor. Se chamava...

— Basta. — Um terrível temor clareou instantaneamente o cérebro de Vandam —. Um capitão do exército britânico veio esta manhã e levou Billy?

— Sim, senhor, o levou à escola. Ele me disse que o senhor enviara...

— Gaafar, não mandei ninguém.

O rosto bronzeado do servente se tornou cinza.

Vandam perguntou:

— Não comprovaste quem era?

— Mas, senhor, a senhorita Fontana estava com ele, de modo que tudo parecia correto.

— Oh, Meu Deus!

Vandam olhou o envelope que tinha na mão. Agora sabia por que a letra era conhecida: era a mesma que viu na nota que Wolff enviou para Elene. Rasgou o envelope. Continha uma mensagem com a mesma caligrafia.

Estimado major Vandam:

Billy está comigo. Elene cuidará dele. Não lhe acontecerá nada enquanto eu esteja seguro. Aconselho-o a ficar onde está e a não me perseguir. Não travamos a guerra à custa de crianças, e não tenho intenção de fazer mal a seu filho. Contudo, a vida de um menino não é nada comparada com o futuro de minhas duas nações, Egito e Alemanha; sendo assim, tenha a certeza de que, se servir ao meu propósito, matarei Billy.

Seu sinceramente,

Alex Wolff

Era a carta de um demente: as saldações corteses, o ponto e vírgula, a intenção de justificar o sequestro de um menino inocente... Vandam se deu conta de que, reconditamente, muito no fundo, Wolff estava louco.

E estava com Billy.

Entregou a nota a Gaafar, que pôs seus óculos com as mãos trêmulas. Wolff havia levado Elene quando abandonou a casa flutuante. Não haveria sido difícil obrigá-la a ajudá-lo: bastava ameaçar Billy para que ela ficasse anulada. Mas qual era, realmente, o objetivo do sequestro? E onde haviam ido? E por que o sangue?

Gaafar chorava sem conter-se. Vandam perguntou:

— Alguém se feriu? Quem sangrava?

— Não houve violência — disse Gaafar —. Acho que a senhorita Fontana tinha um corte na mão.

E havia manchado com sangue o atlas de Billy, deixando-o sobre a cadeira. Era um sinal, algum tipo de mensagem. Vandam colheu o livro e deixou que se abrisse só. Imediatamente viu o mapa do Egito com uma flecha vermelha borrada, toscamente desenhada. Assinalava Asyut.

Vandam pegou o telefone e discou o número do Quartel General. Quando a central telefônica respondeu, desligou. Pensou: “Se informo de isto, que ocorrerá? Bogge mandará um pelotão de Infantaria ligeira para Asyut, para prender Wolff. Haverá luta. Wolff saberá que há perdido, que será fuzilado com espião, isso sem levar em conta o sequestro e o assassinato... E o que ele fará então? Está louco; matará meu filho”, pensou.

Sentiu-se paralizado por temor. Certamente, era o que Wolff queria; esse era seu objetivo ao levar Billy; paralizar Vandam. Este era o motivo do sequestro.

Se Vandam fizesse o exército interceptá-lo, haveria um tiroteio. Wolff era capaz de matar Billy, enlouquecido de rancor. Isso deixava apenas uma opção.

Vandam tinha de segui-los sozinho.

— Traga-me duas garrafas de água — disse a Gaafar.

O servente se retirou. Vandam passou para o vestibulo, pôs os óculos de motorista e depois procurou um lenço grande, que usou para cobrir a boca e o pescoço. Gaafar chegou da cozinha com as garrafas de água. Vandam saiu da casa e pegou a motocicleta. Pôs as garrafas no bagageiro e montou na máquina. De uma pedalada a ligou e acelerou o motor. O tanque estava cheio. Gaafar estava de pé junto a ele, ainda chorando. Vandam tocou o ombro do ancião.

— Os trarei para casa — disse.

Balançando a moto, tirou-a de seu apoio, levou-a à rua e virou para o sul.

“Santo Deus! A estação é um desastre! Suponho que todo mundo quer sair do Cairo, por se o bombardeiam. Não há passagens de primeira nos trens para a Palestina, nem sequer sem reserva. As esposas e os filhos dos britânicos fogem como ratos. Por sorte, não há tanta demanda para os trens que vão para o sul. O balcão de reservas, de qualquer maneira, assegurava que faltavam passagens; mas sempre dizem isso. Uma poucas piastras aqui e outras ali, nunca falham para conseguir um assento, ou três. Temi perder a Elene e ao pequeno no caminho, entre todas essas centenas de camponeses descalços, com suas sebosas túnicas, acarretando caixas atadas com cordas, frangos em gaiolas, sentados no piso enquanto desjejuavam; uma mãe gorda, vestida de preto, dando-lhe ovos e pão de galinha e pudim de arroz a seu esposo e a seus filhos, primos, filhas, genros e noras. Idéia engenhosa a minha, a de agarrar a mão do garoto. Se o mantenho junto de mim, Elene nos seguirá. Idéia engenhosa; eu tenho idéias engenhosas. Eu sou astuto, mais esperto do que Vandam. Rabie, major Vandam, tenho o seu filho. Alguém levava uma cabra com uma correia. Que gosto dá levar uma cabra numa viagem de trem. Nunca tive que viajar em terceira classe, com os camponeses e suas cabras. Que trabalho, limpar o vagão de terceira ao final da viagem. Pergunto-me quem o faz, algum pobre camponês, uma casta diferente, uma raça diferente, nascidos escravos; graças a Deus, conseguimos assentos de primeira; eu tenho viajado na primeira classe por toda minha vida, odeio sujeira. Deus, a estação sim estava suja. Vendedores ambulantes no caminho: cigarros, periódicos, um homem com uma enorme canastra de pão sobre a cabeça. Gosto das mulheres com canastras sobre a cabeça, com tanta graça e orgulho. Ah! Olha os subúrbios de adobe, as casas que se apoiam umas nas outras; vacas e ovelhas nas ruas estreitas e empoeiradas; sempre me perguntei o que comiam essas ovelhas da cidade com suas caldas gordas, onde pastam? Não há encanamentos nessas casinhas escuras junto à via do trem. As mulheres estão às portas, descascando verduras, com as pernas cruzadas sobre o chão cheio de poeira. Gatos. Tão graciosos, os gatos. Os gatos europeus são diferentes, mais lentos e muito mais gordos; não é estranho que aqui os gatos sejam sagrados, são tão formosos; os gatos trazem sorte. Os ingleses gostam dos cachorros. Animais repugnantes, os cachorros: sujos, sem dignidade, babam, adulam, farejam. O gato é superior, e o sabe. É tão importante ser superior... Alguém é amo ou escravo. Eu levo a cabeça erguida, como o gato; caminho sem me importar coma ralé, dedicado a minhas tarefas misteriosas, usando à gente como o gato usa o seu dono, sem agradecer nem aceitar o carinho, pegando o que lhe oferecem como um direito, não como um presente. Sou um amo, um nazista alemão, um beduíno egípcio, um soberano nato. Quantas horas até Asyut? Oito, talvez? Devo agir rapidamente. Achar Ishmael. Deve estar no poço, ou não muito longe dali. Tenho que pegar o rádio. Transmitir hoje, à meia-noite. A defesa britânica completa; que golpe, me darão medalhas. Os alemães no poder no Cairo. Garoto, vamos pôr as coisas em seu lugar. Que combinação, alemães e egípcios; eficiência durante o dia e sensualidade pela noite; tecnologia teutona e selvagismo beduíno; Beethoven e haxixe. Se posso sobreviver, chegar a Asyut, comunicar-me com Rommel, ele conseguirá cruzar a última ponte, destruir a última linha de defesa, lançar-se sobre o Cairo, aniquilar os britânicos; que vitória. Se eu conseguir. Que vitória! Que vitória! Que vitória!”

“Não enjoarei, não enjoarei, não enjoarei. O trem fala por mim tamborilando sobre as vias. Já sou muito velho para vomitar nos trens; costumava fazê-lo quando tinha oito anos. Papai me levou a Alexandria, me comprou caramelos e laranjas e limões, e comi muito. Não pense nisso; fico enjoado ao pensar nisso. Papai disse que não era culpa minha, que era sua; mas ainda que

não houvesse comido eu vomitaria; hoje Elene comprou chocolate, mas eu disse que não, obrigado; sou bastante velho para dizer não ao chocolate; os meninos nunca dizem não ao chocolate; olha, as pirâmides, uma, duas, e a pequena fazem três; isto deve de ser Giza. Aonde vamos? Ele tinha que haver-me levado à escola. Depois sacou a faca. É curva. Cortará minha cabeça, onde está papai? Eu deveria estar na escola, hoje temos geografia na primeira aula, um exame sobre os fiordes noruegueses; aprendi tudo ontem à noite, não tinha que haver-me incomodado, faltei ao exame. Agora já o haverão terminado, o senhor Johnstone estará recolhendo as folhas. “Chama a isso de mapa, Higgins? Parece mais ao desenho de sua orelha, garoto!” todo mundo ri. “Smythe não pode soletrar Moskenstraumen. Escreva-o cinquenta vezes, jovenzinho.” Todos se alegram de não ser Smythe. O velho Johnstone abre o livro de geografia. “Por continuação, a tundra ártica.” Oxalá estivesse na escola. Oxalá Elene me rodeasse os ombros com o braço. Oxalá o homem deixasse de olhar-me, de cravar-me os olhos assim, tão satisfeito de si mesmo; acho que está louco. Onde está papai? Se não penso na faca, será como se não estivesse. Não devo pensar na faca. Se me concentro em não pensar na faca, é igual que pensar na faca. É impossível empenhar-se, não pensar em alguma coisa. Como se faz para deixar de pensar em algo? Acidentalmente. Pensamentos acidentais. Todos os pensamentos são acidentais. Ai está; hei deixado de pensar na faca por um segundo. Se vejo um policial, correrei para ele e gritarei em voz alta: salve-me, salve-me! Serei tão rápido, que ele não poderá deter-me. Posso correr como o vento, sou rápido. Poderia encontrar um oficial. Ele poderia ser um general. Gritarei: Bom dia, general! Ele me olhará, surpreso, e me dirá: Bom dia, meu jovem amigo, é um bom garoto? Perdoe-me, senhor, direi, sou o filho do major Vandam e este homem está levando-me para longe e meu pai não o sabe. Sinto incomodar-lhe, mas necessito de socorro. Que?, dirá o general. Olhe, senhor, o senhor não pode fazer isto com o filho de um oficial britânico? Não é correto, o senhor sabe! Assunto terminado! Entendeu? Quem diabos o senhor acha que é? E não me ameace com esse pequeno canivete, eu tenho uma pistola! Você é um garoto valente, Billy. Sou um garoto valente. Todos os dias homens morrem no deserto. Lá longe, em minha pátria, caem bombas. No Atlântico os submarinos alemães afundam barcos, os homens caem na água gelada e se afogam. Os pilotos da RAF caem derrubados na França. Todo mundo é valente. Lenvante esse queixo! Maldita seja esta guerra. É o que dizem: Maldita seja esta guerra. Depois sobem à cabina, correm para os refúgios, atacam a duna seguinte, dispõem torpedos nos submarinos, escrevem cartas para casa. Costumava pensar que isso era emocionante. Agora sei que não é assim. Não é emocionante em absoluto. Faz que a pessoa se sinta mal.”

“Billy está tão pálido... Está tentando ser valente. Não deveria; teria que atuar como um menino, deveria gritar e chorar e colher uma raiva passageira, Wolff não poderia com isso; porém, certamente, não o fará, porque foi ensinado a ser duro, a conter as lágrimas, a não gritar, a controlar-se. Pensa no que seu pai faria; que outra coisa faz um garoto, mais que copiar ao seu pai? Olha Egito. Um canal ao longo da via do trem. Um bosquezinho de palmeiras de tâmaras. Um homem inclinado sobre o campo, com a túnica levantada sobre seus largos calções, trabalhando nos cultivos; um asno pastando: muito mais saudável que os miseráveis espécimes que se vêem na cidade puxando os carroções; três mulheres ao lado do canal, lavando roupa, golpeando-a sobre pedras para tirar-lhe a sujeira; um homem a cavalo, galopando; deve de ser o efêndi local, só os camponeses mais ricos têm cavalos; ao longe, a exuberante campina verde termina abruptamente em uma cadeia de colinas empoeiradas de cor marrom. Em realidade, Egito só tem cinquenta quilômetros de largura; o resto é deserto. Que vou fazer? Esse arrepio, no fundo do peito, cada vez que olho para Wolff. A forma como olha para Billy. O brilho de seus

olhos. Sua inquietude: a maneira como olha pela janela, depois por todo o vagão, para Billy, depois para mim, e para Billy outra vez, sempre com esse brilho nos olhos, o olhar de triunfo. Devo consolar Billy. Oxalá soubesse mais sobre garotos, eu tive quatro irmãs. Que madrastra boba seria para Billy. Queria acariciá-lo, passar o braço sobre seus ombros, apertá-lo um instante; mas não estou segura de que seja isso o que ele quer, poderia fazê-lo sentir-se pior. Talvez conseguisse distraí-lo com um jogo. Que idéia ridícula. Talvez não seja tão ridícula. Aqui está seu cartapácio da escola. Aqui tem um livro de exercícios. Ele me olha com curiosidade. Que jogo? O jogo da velha. Quatro linhas e minha cruz no centro. Pela forma como me olha enquanto toma o lápis acho que vai concordar com esta idéia absurda só para consolar-me! Seu zero no canto. Wolff nos toma o livro, o olha, alça os ombros e o devolve. Minha cruz, o zero de Billy; será um empate. Deveria deixá-lo ganhar a próxima. Posso jogar sem pensar, tanto pior. Wolff tem um rádio em Asyut. Talvez devesse ficar com ele e impedi-lo de usar o transmissor. Quanta esperança! Tenho que tirar Billy disto, depois comunicar-me com Vandam e dizer-lhe onde estou. Espero que Vandam tenha visto o atlas. Talvez o servente o visse e ligasse para o Quartel General. Talvez fique sobre a cadeira todo o dia, sem ser visto. Talvez Vandam não vá a sua casa hoje. Tenho que afastar Billy de Wolff, afastá-lo da faca. Billy traça uma cruz no centro do novo traçado. Eu faço um círculo e depois rabisco apressadamente: “Devemos escapar, prepare-se”. Billy faz outra cruz, e: “O.K.”. Meu círculo. A cruz de Billy e: “Quando?”. Meu círculo e: “Na próxima estação”. A terceira cruz de Billy forma uma linha. Risca a linha de cruzes e me olha jubiloso. Ele ganhou. O trem reduz a marcha.”

Vandam sabia que o trem ainda estava na sua frente. Parara na estação, em Giza, perto das pirâmides, para perguntar quanto tempo fazia que o trem havia passado. Depois parou e fez a mesma pergunta nas três estações seguintes. Após uma hora de viagem, já não era preciso parar para perguntar, pois a estrada e a via corriam paralelas, uma de cada lado de um canal, e veria o trem quando o alcançasse.

Em cada parada bebeu um gole de água. Com seu gorro do uniforme, os óculos e o lenço atado ao redor da boca e do pescoço, protegia-se da pior parte da poeira; mas o sol queimava horrivelmente, e tinha uma sede insaciável. Finalmente percebeu que tinha um pouco de febre. Pensou que se resfriara na noite anterior, jogado durante horas no solo, junto ao rio. A garganta ardia ao respirar e as costas doíam.

Tinha que concentrar-se na estrada. Era a única que atravessava Egito, desde o Cairo até Asyut e, por conseguinte, grande parte dela estava pavimentada e nos últimos meses o exército havia realizado alguns trabalhos de reparação; contudo, apesar disso, devia ficar atento para as protuberâncias e para os buracos. Por sorte, o traçado era reto como uma flecha, de modo que podia ver, muito adiante, os perigos que representavam as vacas, os carros, as caravanas de camelos e os rebanhos de ovelhas. Conduziu a grande velocidade, exceto ao passar pelas aldeias e povoados, onde em qualquer momento alguém poderia cruzar o caminho; não mataria a um menino para salvar a outro menino, nem sequer para salvar seu próprio filho.

Até o momento só havia ultrapassado dois automóveis, um pesado Rolls-Royce e um Ford desconjuntado. O Rolls ia conduzido por um chofer uniformizado, e levava um par de ingleses de idade avançada no banco traseiro; e o velho Ford continha pelo menos uma dúzia de árabes. Portanto, Vandam estava bastante seguro de que Wolff viajava no trem.

De repente, ouviu um assobio distante. Olhou para frente, à esquerda, e viu, pelo menos a um quilômetro e meio, uma coluna de fumaça branca que, inequivocamente, saía de uma

locomotiva. “Billy! — pensou —. Elene!” Acelerou.

Paradoxalmente, a fumaça da máquina o fez pensar na Inglaterra, as suaves ladeiras, os intermináveis campos verdes, uma torre quadrada de igreja que sobressai entre um grupo de carvalhos, e uma via férrea através do vale, com uma locomotiva que resfolega e desaparece na distância. Por um instante esteve no vale inglês, saboreando o ar úmido da manhã. Depois a visão passou e viu novamente o céu africano, de um azul acerado, os arrozais, as palmeiras e as distantes escarpas escuras.

O trem estava chegando a um povoado. Vandam já não conhecia os nomes: não sabia tanta geografia, e quase havia perdido a noção da distância percorrida. Era um povoado pequeno. Tinha três ou quatro edifícios de tijolos e um mercado.

O trem ia chegar antes dele. Tinha seus planos, sabia o que ia fazer, mas precisava de tempo; era impossível correr até a estação e pegar o trem sem traçar um plano. Chegou ao povoado e reduziu a velocidade. A rua estava bloqueada por um pequeno rebanho de ovelhas. Do vão de uma porta um velho, fumando um narguilé, observava Vandam: um europeu numa motocicleta era um espetáculo raro, mas não desconhecido. Um asno, atado a uma árvore, lançou um zurro à moto. Um búfalo, que estava bebendo de um balde, nem sequer olhou. Dois meninos sebosos, vestidos com farrapos correram do seu lado, segurando guidons imaginários e dizendo: “Brrrrmm, brmmm” imitando a moto. Vandam viu a estação. Desde a praça não divisava o caminho oculto pelo edifício da estação, longo e rebaixado; mas podia observar a saída e ver tudo o que passasse por ali. Esperaria do lado de fora até que o trem partisse, caso Wolff descesse; depois seguiria adiante e chegaria à próxima parada com tempo de sobra. Parou a motocicleta e desligou o motor.

O trem passou lentamente sobre uma passagem de nível. Elene viu os rostos pacientes daqueles que estavam atrás da barreira, esperando que o trem passasse, para cruzar a via: um homem gordo sobre um asno, um menino muito pequeno que conduzia um camelo, uma carroça, um grupo de velhas silenciosas. O camelo se agachou e o garoto começou a golpear-lhe na cara com um pau. Nisso a cena se deslocou para um lado, fora da vista. Num momento, o trem estaria na estação. A coragem de Elene a abandonava. “Ainda não — pensou —. Não tive tempo de pensar num plano. Na próxima estação; deixemos para a próxima estação.” Mas dissera a Billy que tentariam escapar naquela. Se não fizesse algo, deixaria de confiar nela. Tinha que ser nessa estação. Tratou de conceber um plano. O que era mais importante? Afastar Billy de Wolff. Era a única coisa que importava. Dar a Billy a oportunidade de correr e depois tratar de impedir que Wolff o alcançasse. Teve uma recordação repentina e vívida de uma briga da infância, numa rua suja dos bairros periféricos da Alexandria: um garotão brigão golpeando-a, e outro menino intervindo e lutando com o agressor, e gritando-lhe: “Corre, corre!”, enquanto ela seguia olhando, horrorizada e fascinada. Não conseguia lembrar como havia terminado.

Elene olhou ao seu redor. “Pense rápido!” Estavam num vagão aberto, com quinze ou vinte filas de assentos. Billy e ela estavam sentados um junto ao outro, olhando para frente. Wolff se encontrava na frente deles. Ao seu lado havia um banco vazio. Atrás de Wolff estava a porta de saída para a plataforma. Os outros passageiros eram uma mistura de europeus e egípcios ricos, vestidos ao modo ocidental. Todo mundo estava com calor; estavam fatigados e enervados. Várias pessoas dormiam. O chefe do trem servia chá a um grupo de oficiais do exército egípcio no outro extremo do vagão.

Através da janela viu uma pequena mesquita, depois um edifício de tribunais de estilo

francês, e, finalmente, a estação. Junto à calçada de cimento cresciam algumas árvores na terra empoeirada. Um velho estava sentado debaixo de uma árvore, com as pernas cruzadas, fumando um cigarro. Seis soldados árabes com aspecto de garotos se amontoavam num banco pequeno. Uma mulher grávida levava um bebê nos braços. O trem parou.

“Ainda não — pensou Elene —. Ainda não.” O momento de agir seria quando o trem estivesse a ponto de retomar a marcha. Isso daria a Wolff menos tempo para capturá-los. Permaneceu sentada, febrilmente imóvel. Havia um relógio na estação, com números romanos. Faltava cinco minutos para as dezessete horas. Um homem apareceu na janela oferecendo sucos de fruta, e Wolff o afastou com um gesto.

Um sacerdote com túnica copta subiu ao trem, ocupou o assento junto a Wolff e disse cortesmente:

— Vouspermettez, monsieur?

Wolff sorriu encantador e replicou:

— Je vous en prie.

Elene murmurou para Billy:

— Quando soar o apito, corra pela porta e desça do trem.

Seu coração se acelerou: já não podia voltar atrás, e Billy não disse nada.

— O que foi? — perguntou Wolff.

Elene olhou para o outro lado. O apito soou.

Billy olhou para Elene, duvidando.

Wolff franziu o cenho.

Elene se jogou contra Wolff, procurando-lhe a cara com as mãos. Repentinamente estava possuída de raiva e ódio contra ele pela humilhação, a angústia e a dor que lhe havia causado. Wolff levantou os braços para proteger-se, mas não pôde detê-la. A força de Elene o deixou atônito. Ela o arranhou a cara e viu que o sangue começava a brotar.

O sacerdote lançou um grito de surpresa.

Sobre o encosto do banco de Wolff, Elene viu que Billy corria para a porta e tentava abri-la.

Elene se jogou em cima de Wolff, mas bateu o rosto contra a testa do espião. Levantou-se outra vez e tentou arranhá-lo nos olhos.

Finalmente, Wolff pôde reagir e rugiu de ira.

Levantando-se de seu banco, empurrou Elene para trás. Ela o agarrou pela camisa com ambas as mãos. Então, Wolff bateu nela. A mão subiu de debaixo da cintura, apertou-se num punho e se chocou na mandíbula de Elene. Ela não sabia que um soco pudesse doer tanto. Pelo espaço de um instante não pôde ver nada. Soltou a camisa de Wolff e caiu para trás, no assento. Recobrou a visão e viu que Wolff se dirigia para a porta. levantou-se.

Billy havia conseguido sair pela porta. Elene viu Wolff abri-la violentamente, e saltar para a calçada, indo atrás dele. Elene correu para a porta.

Billy escapava pela calçada veloz como o vento. Wolff o perseguia. Os poucos egípcios que se encontravam ali observavam isso surpresendidos, mas sem fazer nada. Elene desceu do trem e correu atrás de Wolff. O trem estremeceu, preparando-se para partir. Wolff acelerou. Elene gritou:

— Corra, Billy, corra!

Billy olhou por em cima do ombro. Quase havia chegado à saída. Um empregado que recolhia ali os bilhetes, usando uma capa impermeável, olhava com a boca aberta. “Não o deixarão sair, não tem bilhete”, pensou Elene. Não importava, se deu conta, pois o trem estava arrancando e Wolff tinha que voltar para ele. Wolff olhou o trem, mas não reduziu a velocidade. Elene viu que Wolff não conseguiria pegar Billy e pensou: “Conseguimos”. Nesse momento, Billy caiu no chão.

Havia topado em alguma coisa, perdeu o equilíbrio e saiu voando, levado pelo impulso da corrida, até chocar-se com violência contra o solo. Wolff chegou como um relâmpago, e se agachou para levantá-lo. Elene os alcançou e saltou sobre as costas de Wolff, que cambaleou e soltou Billy. Elene se pendurou em Wolff. O trem se movia lenta mas tenazmente. Wolff pegou Elene pelos braços, se liberou e, sacodindo seus ombros, a jogou ao solo.

Por um momento, Elene ficou aturdida. Ao levantar a vista notou que Wolff estava com Billy sobre o ombro. O menino gritava e golpeava com os punhos na costas de Wolff, sem resultado. Wolff correu junto ao trem em movimento uns poucos passos e depois saltou para uma porta aberta. Elene desejava ficar onde estava e nunca mais ver Wolff, mas não podia abandonar Billy. Apressadamente levantou-se.

Correu, tropeçando, junto ao trem. Alguém lhe estendeu uma mão. Ela a pegou e saltou. Estava a bordo.

Havia fracassado miseravelmente. Estava outra vez no ponto de partida. Sentiu-se abatida.

Seguiu Wolff pelos vagões, de regresso a seus assentos. Não olhou os rostos das pessoas. Viu que Wolff deu uma forte palmada no traseiro de Billy e o deixou cair no seu banco. O menino chorava em silêncio.

Wolff se dirigiu para Elene.

— É uma idiota, uma pirada — disse em voz alta, para que os outros passageiros ouvissem.

Agarrou-a pelo braço e a puxou para si. A esbofetou com a palma da mão, depois com o revés, depois com a palma, uma e outra vez. Doía, mas Elene não tinha forças para resistir. Por fim, o sacerdote se pôs de pé, tocou o ombro de Wolff e disse algo.

Wolff a largou e se sentou. Elene olhou ao seu redor. Todos a observavam fixamente. Nenhum lhe prestou socorro, porque não só era uma egípcia, era uma mulher, e as mulheres, como os camelos, deviam ser castigadas de vez em quando. Ao cruzar seus olhares, os outros passageiros desviavam a vista, perturbados, e voltavam para seus periódicos, seus livros e para a paisagem. Ninguém lhe falou.

Elene se derrubou em seu assento. Uma raiva inútil, impotente, fervia dentro dela. Estivera a ponto de escapar.

Passou um braço sobre os ombros do menino e o aproximou dela. Começou a acariciar-lhe o cabelo. Depois de um tempo, Billy adormeceu.

Vandam ouviu que o trem ofegava, arrancava e voltava a ofegar. Pegou velocidade e saiu da estação. Vandam bebeu outro gole de água. A garrafa estava vazia. Colocou-a de volta na rede. Deu uma tragada no cigarro e jogou a guimba. Só alguns camponeses haviam descido do trem. Vandam pôs em marcha a motocicleta e se afastou.

Em alguns minutos estava fora do pequeno povoado, novamente na estrada reta e estreita que corria junto ao canal. Instantes mais tarde havia deixado o trem para trás. Era meio-dia; a luz do sol era tão quente, que parecia palpável. Vandam imaginou que, se estendesse o braço, o calor o cobriria como um líquido viscoso. A estrada se prolongava num resplendor infinito. “Como seria refrescante meter-se no canal!”, pensou.

Em algum lugar, ao longo da rota, havia tomado uma decisão. Quando saiu do Cairo só pensava em resgatar Billy, mas em algum momento lembrou que esse não era seu único dever. A guerra continuava.

Quase tinha certeza de que Wolff, na meia-noite anterior, estivera muito ocupado para utilizar o rádio. E nessa manhã havia jogado o livro no rio e queimado a chave do código. Era provável que tivesse outro rádio, outro exemplar de Rebeca e outra chave do código e que estivessem guardados em Asyut. Para aplicar seu plano, Vandam devia ter o rádio e a chave, e isso significava permitir a Wolff chegar a Asyut e recolher seu equipamento reserva.

Devia de haver sido uma decisão angustiante, mas, por uma razão ou outra, Vandam a havia tomado com serenidade. Tinha que resgatar Billy e Elene, sim; mas depois que Wolff houvesse recolhido seu rádio de reserva. Seria duro para o garoto, atrozmente duro, mas o pior — o sequestro — já havia ocorrido e era irreversível; e a vida sob o domínio nazista, com seu pai num campo de concentração, também seria atrozmente dura.

Tomada a decisão, e endurecido o coração, Vandam precisava certificar-se de que Wolff se encontrava naquele trem. E enquanto pensava na forma de comprová-lo, correu, ao mesmo tempo, na maneira de tornar as coisas um pouco mais fáceis para Billy e Elene.

Quando chegou ao povoado seguinte calculou que estava, pelo menos, uns quinze minutos na frente do trem. Aquele lugar era como o anterior: os mesmos animais, as mesmas ruas empoeiradas, a mesma gente movendo-se com lentidão e o mesmo punhado de edifícios de tijolos. O quartel de polícia estava em uma praça central, em frente à estação do trem, flanqueado por uma mesquita grande e uma igreja pequena. Vandam se deteve na porta e tocou fortemente a buzina da moto.

Dois policiais árabes saíram do edifício: um homem de cabelos cinzentos, com uniforme branco e uma pistola ao cinto, e um garoto de dezoito ou vinte anos, que não usava armas. O mais velho estava abotoando a camisa. Vandam desceu da moto e gritou: “Sentido!”. Os homens se firmaram-se e cumprimentaram. Vandam devolveu o cumprimento e depois apertou a mão do homem mais velho.

— Estou perseguindo um perigoso criminoso e preciso de sua ajuda — disse teatralmente. Os olhos do homem cintilaram —. Vamos para dentro.

Vandam os precedeu. Sentia a necessidade de manter a iniciativa em suas mãos. Não tinha nenhuma segurança de suas próprias atribuições naquele lugar, e se os policiais decidissem não cooperar, pouco poderia fazer. Entrou no edifício. Pelo vão de uma porta viu uma mesa com um telefone. Dirigiu-se para essa sala e os policiais o seguiram.

Vandam disse ao homem mais velho:

— Ligue para o Quartel General britânico do Cairo. — Deu-lhe o número e o homem levantou o fone. Vandam se voltou para o outro policial —. Viu a minha motocicleta?

— Sim, sim — assentiu energeticamente com a cabeça.

— Saberá conduzi-la?

O garoto se entusiasmou com a idéia.

— Conduzo muito bem!

— Saia e prove.

O jovem olhou com dúvida para seu superior, que estava gritando no telefone.

— Vá — disse Vandam.

O jovem saiu.

O outro policial chamou Vandam ao telefone.

— É do Quartel General.

Vandam pegou o aparelho e falou:

— Ponha-me com o capitão Jakes, rápido.

Esperou.

Depois de alguns minutos, a voz de Jakes soou no outro extremo da linha.

— Diga?

— Fala Vandam. Estou no sul, seguindo uma pista.

— Aqui está um caos total desde que os chefes ficaram cientes do que ocorreu ontem à noite. O general está tremendo de medo e Bogge anda histérico de um lado para outro. Onde diabos o senhor se meteu, senhor?

— Não interessa onde exatamente; não ficarei aqui muito tempo e tenho que agir sozinho, pelo momento. A fim de assegurar o máximo apoio dos alгуазis indígenas... — falou nesses termos para que o policial não pudesse entendê-lo —... quero que interprete seu papel de chefe carrancudo. Entendeu?

— Sim, senhor.

Vandam deu o telefone ao policial de cabelos cinzentos e esperou. Podia adivinhar o que Jakes estava dizendo. Inconscientemente, o policial se endireitou e quadrou os ombros enquanto Jakes o ordenava, em termos inequívocos, a fazer aquilo que Vandam lhe pedisse e rápido.

— Sim, senhor! — disse o policial várias vezes. Finalmente, acrescentou — : Por favor, tenha a segurança, senhor, que faremos tudo o que esteja em nossas mãos...

Parou com brusquidão.

Vandam adivinhou que Jakes havia desligado. O policial jogou uma fugaz olhada para Vandam e depois disse “adeus” ao aparelho mudo.

Vandam se dirigiu à janela e olhou para afora. O policial jovem estava dando voltas na praça na motocicleta, fazendo soar a buzina e acelerando exageradamente o motor. Uma pequena multidão havia-se reunido para observá-lo e um punhado de meninos corria atrás da moto. O garoto sorria de orelha a orelha. “Acho que servirá”, pensou Vandam.

— Escute — disse —. Vou a pegar o trem de Asyut quando ele parar aqui, dentro de uns minutos. Descerei na próxima estação. Quero que o garoto conduza minha moto até lá e se encontre comigo. Compreende?

— Sim, senhor — disse o homem —. Então, o trem parará aqui?

— Não o faz normalmente?

— Geralmente, não.

— Então vá à estação e diga-lhes que o detenham!

— Sim, senhor.

O homem saiu à carreira.

Vandam o observou cruzar a praça. Ainda não ouvia o ruído do trem. Tinha tempo de fazer outra chamada telefônica. levantou o fone, esperou a resposta da telefonista e depois pediu uma comunicação com a base do exército em Asyut. Seria um milagre que o sistema telefônico funcionasse de forma adequada duas vezes seguidas. O fez. Asyut respondeu e Vandam perguntou pelo capitão Newman. Houve uma longa espera até que o encontrassem. Finalmente se pôs ao telefone.

— Fala Vandam. Acho que estou sobre o rastro do homem da faca.

— Bom trabalho, senhor! — disse Newman —. Há algo que eu possa fazer?

— Sim, escute. Temos que proceder com muita cautela. Por uma série de razões que lhe explicarei depois, estou trabalhando só, e perseguir Wolff com um esquadrão de homens armados seria inútil.

— Compreendo. Que necessita de mim?

— Chegarei a Asyut dentro de algumas horas. Necessito de um táxi, uma túnica grande e uma faca. Pode esperar-me lá?

— Com certeza, não há inconveniente. Vem pela estrada?

— O encontrarei no limite da cidade. De acordo?

— De acordo.

O major ouviu o trem aproximar-se.

— Tenho que ir.

— Estarei esperando.

Vandam desligou. Pôs uma nota de cinco libras sobre a mesa, junto ao telefone: uma pequena gorgeta nunca faz dano.

Saiu à praça. Ao longe, pelo norte, viu a fumaça do trem que se aproximava. O policial mais jovem se aproximou com a moto.

— Vou pegar o trem — lhe disse Vandam —. Conduza a motocicleta até a próxima estação e espere-me ali. De acordo?

— De acordo! De acordo!

Estava encantado.

Vandam sacou uma nota de uma libra e o cortou pela metade. O jovem policial se assombrou. Vandam lhe deu a metade da nota.

— Terá a outra metade quando se encontrar comigo.

— De acordo!

O trem quase havia chegado à estação. Vandam atravessou a praça correndo. O policial mais velho se encontrou com ele.

— O chefe da estação vai parar o trem.

Encontrou-se num vagão de terceira classe. Wolff provavelmente viajaria em primeira. Começou a percorrer o trem, passando entre as pessoas que estavam sentadas no piso com suas caixas, caixotes e animais. Observou que as mulheres e os meninos estavam no chão: os bancos de barras de madeira eram ocupados pelos homens, com suas garrafas de cerveja e seus cigarros. O calor e o odor dos vagões eram insuportáveis. Algumas mulheres guisavam em forninhos improvisados, o que, por certo, era perigoso. Vandam quase pisou em um bebê que engatinhava pelo piso sebo. Teve a impressão de que, se não desviasse a tempo, teria esmagado o menino.

Atravessou três vagões de terceira classe e chegou na porta de um de primeira. Havia um inspetor fora, sentado em uma pequena banquetta de madeira, bebendo um copo de chá. O inspetor levantou-se.

— Um pouco de chá, general?

— Não, obrigado. — Vandam teve que gritar para fazer-se ouvir sobre o ruído das rodas, que ficavam debaixo deles —. Tenho que controlar os documentos de todos os passageiros de primeira classe.

— Tudo em ordem, tudo muito bem — disse o inspetor, tratando de ajudar.

— São quantos vagões de primeira classe?

— Tudo em ordem...

Vandam se agachou para gritar no ouvido do homem:

— Quantos vagões de primeira classe?

O inspetor mostrou dois dedos.

Vandam assentiu e se endireitou. Olhou para a porta. De repente, duvidou de ter a coragem necessária para continuar. Pensou que Wolff nunca o havia visto direito — haviam lutado na escuridão, no beco —, mas não podia estar absolutamente certo. O corte na bochecha podia entregá-lo, mas estava quase completamente coberto pela barba. Apesar disso, devia tratar de não mostrar esse lado do rosto para Wolff. E Billy era o verdadeiro problema. De algum modo, Vandam tinha de advertir a seu filho que ficasse quieto e simulasse não o reconhecer. O ruim era que não havia como planejá-lo. Simplesmente, tinha que entrar e fazê-lo no momento.

Aspirou fundo e abriu a porta.

Ao entrar, deu uma rápida e nervosa olhada aos primeiros bancos e não reconheceu ninguém. Deu as costas ao vagão, para fechar a porta. Depois virou-se outra vez. Seu olhar varreu rapidamente as filas de assentos; Billy não estava ali.

Dirigiu-se aos passageiros mais próximos.

— Seus documentos, por favor, cavalheiros.

— Que é isto, major? — disse um oficial do exército egípcio, um coronel.

— Inspeção de rotina, senhor — replicou Vandam.

Percorreu com lentidão o corredor examinando os documentos das pessoas. Ao chegar à metade do vagão havia estudado aos passageiros o suficiente como para estar seguro de que Wolff, Elene e Billy não estavam ali. Pensou que devia terminar a pantomima da inspeção antes de passar para o carro seguinte. Começou a perguntar-se se não se equivocara. Talvez não estivessem no trem, talvez nem sequer fossem para Asyut; talvez a pista do atlas tenha sido uma treta...

Chegou ao final do carro e passou à plataforma que ficava entre os veículos. “Se Wolff estiver no trem, verei-lhe agora — pensou —. Se Billy estiver aqui... Se Billy estiver aqui...”

Abriu a porta.

Viu a Billy de imediato. Sentiu uma pontada de angústia, como uma ferida. O menino estava adormecido em seu assento e seus pés apenas chegavam ao solo. Apoiava-se sobre um lado, e tinha o cabelo sobre a testa. Sua boca estava aberta e suas mandíbulas se moviam ligeiramente. Vandam sabia, pois o havia visto antes, que Billy estava rangendo os dentes em seu sono.

A mulher que o rodeava com o braço, e em cujo colo apoiava a cabeça, era Elene. Vandam teve uma perturbadora sensação de déjà vu: recordou a noite em que havia chegado quando Elene se despedia de Billy com um beijo...

Captou a olhada de Vandam e observou como começava a trocar a expressão da garota: seus olhos assombrados, sua boca a ponto de lançar um grito de surpresa. Como Vandam tinha previsto algo semelhante, levou um dedo aos lábios, em sinal de silêncio. Ela entendeu imediatamente e baixou a vista; mas Wolff havia surpreendido o olhar e estava inclinando a cabeça, para ver o que ela havia visto.

Estava à esquerda de Vandam, e era sua bochecha esquerda a que tinha o corte da faca de Wolff.

Vandam se voltou para dar a costas ao carro. Depois se dirigiu para os passageiros situados do outro lado do corredor.

— Seus documentos, por favor.

Não havia calculado que Billy estivesse adormecido.

Tinha previsto fazer um rápido sinal para o menino, como havia feito com Elene, e esperava que Billy estivesse alerta o suficientemente para dissimular a surpresa, assim como Elene. Mas agora a situação era distinta. Se Billy despertasse e visse o pai parado ali, ele se delataria antes de ter tempo de refletir.

Vandam voltou-se para Wolff e disse:

— Documentação, por favor.

Era a primeira vez que via o seu inimigo cara a cara. Wolff era um canalha bem afeiçoado. Seu rosto amplo tinha faces firmes: uma testa larga, nariz aquilino, dentes brancos e uniformes, mandíbula forte. Só ao redor dos olhos e nos extremos da boca havia um indicio de debilidade, de abandono, de depravação. Entregou seus documentos e depois olhou pela janela, chateado. Os papéis o identificavam como Alex Wolff, de Vila Les Oliviers, Garden City. Seu descaramento era impressionante.

Vandam perguntou:

— Aonde o senhor se dirige, senhor?

— A Asyt.

— A negócios?

— Para visitar parentes.

A voz era firme e profunda e Vandam não repararia no sotaque se não estivesse de sobreaviso.

— Viajam juntos? — perguntou o major.

— São meu filho e sua babá — explicou Wolff.

Vandam pegou os documentos de Elene e os observou. Sentia gana de agarrar Wolff pela garganta e sacudi-lo até que suas bolas soassem como uma matraca. “São meu filho e sua babá.” Porco maldito.

Devolveu os documentos de Elene.

— Não precisa despertar o menino — disse.

Olhou para o sacerdote que estava sentado junto a Wolff e pegou a carteira que lhe oferecia.

— Que é tudo isto, major? — perguntou Wolff.

Vandam voltou a olhar-lhe e observou que tinha um arranhão recente no queixo, bastante longo; talvez Elene oferecera resistência.

— Segurança, senhor — replicou.

O sacerdote disse:

— Eu também vou para Asyut.

— Vejamos. Para o convento? — perguntou o major.

— Isso mesmo. Vejo que já ouviu falar dele.

— É o lugar onde permaneceu a Sagrada Família depois de viver temporalmente no deserto.

— Realmente. Há estado ali?

— Não. Talvez o visite desta vez.

— Assim o espero — disse o sacerdote.

Vandam lhe devolveu seus papéis.

— Obrigado.

Continuou pelo corredor para a fila seguinte de assentos, examinando as documentações. Quando levantou a vista encontrou os olhos de Wolff, que o observava sem expressão no rosto. Vandam se perguntou se haveria feito algo suspeito. Quando voltou a levantar, Wolff estava virado de novo para a janela.

O que Elene estaria pensando? “Deve estar perguntando-se a que me proponho. Talvez possa adivinhar minhas intenções. De qualquer maneira, há de ser difícil para ela permanecer imóvel e ver-me passar sem dizer uma palavra. Pelo menos, agora sabe que não está sozinha.”

Em que pensava Wolff? Talvez estivesse impaciente, ou malignamente satisfeito, ou assustado, ou ansioso... Não, nada disso, estava chateado.

Chegou ao final do vagão e examinou os últimos documentos. Já os estava devolvendo, dispondo-se a regressar sobre seus passos, pelo corredor, quando ouviu um grito que perfurou seu coração:

— É MEU PAI!

Vandam levantou a vista. Billy corria para ele pelo corredor, tropeçando, golpeando-se contra os assentos, com os braços estendidos.

“Oh, Deus!”

Detrás de Billy, Vandam viu a Wolff e a Elene pondo-se de pé e observando, Wolff inquieto e Elene com medo. Vandam abriu a porta atrás de si, simulando não advertir a Billy, e a

atravessou retrocedendo. Billy passou atrás, como se voasse. Vandam fechou a porta rapidamente. Pegou Billy em seus braços.

— Não aconteceu nada — disse Vandam —. Acalme-se.

Wolff viria investigar.

— Levaram-me a força! — disse Billy —. Faltei a prova de geografia e tive muito medo!

— Já não há nada que temer. — Vandam se deu conta de que não podia deixar Billy; teria que ficar com o menino e matar Wolff; teria que abandonar seu plano e o rádio e a chave do código... Não, tinha que consegui-lo... Lutou contra o que lhe ditavam seus instintos —. Escuta — disse —. Eu estou aqui, cuidando de você, mas tenho que pegar esse homem e ainda não quero que ele saiba quem sou. É um espião alemão que estou perseguindo, compreende?

— Sim, sim...

— Escute. Consegue simular que se enganou? Pode simular que não sou seu pai? Pode voltar para ele?

Billy olhava fixamente, com a boca aberta. Não disse nada, mas em sua expressão se lia: “Não, não, não!”.

— Esta é uma história de tees da vida real, Billy — disse Vandam —, e nela intervimos tu e eu. Você tem que voltar para esse homem e fingir que se enganou; mas lembre que estarei perto e juntos poderemos pegar o espião. Entendeu? Concorde?

Billy não disse nada.

A porta se abriu e Wolff apareceu.

— Que é tudo isto? — disse.

Vandam pôs uma cara insossa e sorriu forçadamente.

— Parece que despertou de um sonho e me confundiu com seu pai. Temos a mesma estatura, o senhor e eu... Disse que era seu pai, não é verdade?

Wolff olhou para Billy.

— Que bobeira! Volte imediatamente para o seu lugar — ordenou.

Billy permaneceu imóvel.

Vandam pôs uma mão sobre o ombro de Billy.

— Vamos, juvenzinho — disse —. Andando, para ganhar a guerra.

A velha ordem o havia conseguido. Billy sorriu com valentia.

— Sinto muito, senhor — disse —. Deve de haver sido um sonho.

Vandam sentiu que seu coração ia estourar.

Billy se voltou e regressou ao vagão. Wolff o seguiu, e também Vandam. Enquanto caminhava pelo corredor, o trem reduziu a marcha. Vandam viu que se aproximavam da estação seguinte, onde sua motocicleta o estaria esperando. Billy chegou ao seu banco. Elene olhava para Vandam sem compreender. Billy lhe tocou o braço e disse:

— Eu me equivoquei, devia estar sonhando.

Elene olhou para Billy, depois para Vandam, e uma luz estranha apareceu em seus olhos: parecia a ponto de chorar.

Vandam não queria se afastar. Desejava sentar-se, conversar, fazer qualquer coisa para prolongar o momento que passava com eles. Pela janela surgiu outro pequeno povoado empoeirado. Vandam cedeu à tentação e fez uma pausa na porta do vagão.

— Boa viagem — disse para Billy.

— Obrigado, senhor.

Vandam saiu.

O trem entrou na estação e parou. Vandam desceu e avançou alguns passos pelo caminho. Permaneceu à sombra de um toldo e esperou. Ninguém mais desceu do trem, mas duas ou três pessoas subiram para os vagões da terceira classe. Ouviu-se um silêncio e o trem começou a mover-se. Os olhos de Vandam estavam fixos na janela próxima ao assento de Billy. Ao passar frente a ele, viu o rosto de seu filho. Billy levantou a mão num pequeno cumprimento. Vandam lhe respondeu, e o rosto desapareceu.

Vandam percebeu que estava tremendo.

Observou como o trem sumia a distância nebulosa. Quando já ia bem longe, abandonou a estação. A sua motocicleta estava ali, com o jovem policial do povoado anterior montado sobre ela e explicando seus mistérios a uma pequena multidão de admiradores. Vandam lhe deu a outra metade da cédula. O jovem o cumprimentou.

Vandam subiu na motocicleta e ligou o motor. Não sabia como o policial ia voltar, mas tampouco lhe importava. Saiu do povoado e se enfiou na estrada para o sul. O sol havia passado do seu zênite, mas o calor ainda era terrível.

Vandam ultrapassou o trem. Chegaria a Asyut trinta ou quarenta minutos antes, calculava. O capitão Newman estaria ali para receber-lhe. Vandam tinha uma idéia geral do que ia fazer mais tarde, mas os detalhes teriam que ser improvisados em função dos acontecimentos.

Seguiu adiantando-se ao trem que levava Billy e Elene, as únicas pessoas a quem amava. Outra vez explicou a si mesmo que havia feito o correto, o melhor para todos, o melhor para Billy; mas no fundo de sua mente uma voz dizia: “Cruel, cruel, cruel”.

O trem entrou na estação e se deteve. Elene viu um cartaz que dizia, em árabe e inglês: “Asyut”. Percebeu, alarmada, de que haviam chegado.

Havia sido um grande alívio ver no trem o rosto preocupado e amável de Vandam. Por um momento se sentiu eufórica: provavelmente, pensou, tudo havia terminado. Observou a pantomima com os documentos, esperando que em qualquer momento sacasse um revólver, revelasse sua identidade, ou atacasse a Wolff. De forma gradual se deu conta de que não seria tão simples. Ficou admirada, e até horrorizada, com a fria integridade com que Vandam punha o seu filho de novo nas mãos de Wolff; e a coragem de Billy lhe pareceu incrível. Seu ânimo decaiu quando viu Vandam na calçada da estação, cumprimentando quando o trem se afastava. O que ele pretendia?

Certamente, ainda pensava no código Rebeca. Devia de ter algum plano para resgatar a ela e a Billy e conseguir também a chave do código. Oxalá soubesse como fazê-lo. Por sorte, Billy não parecia preocupar-se com tais idéias: seu pai tinha a situação dominada e aparentemente o garoto nem sequer conceberia que esses planos pudessem fracassar. Se havia animado, mostrando interesse pela campina que percorria o trem, e inclusive perguntou a Wolff onde havia conseguido sua faca. Ela queria ter uma fé semelhante em William Vandam.

Wolff também se mostrava muito animado. O incidente com Billy o havia alarmado e olhou

para Vandam com hostilidade e inquietude; mas se tranquilizou ao ver que o major descia do trem. Depois seu humor havia oscilado entre a chateação e a excitação nervosa; e perto de Asyut, a excitação o dominava. Elene pensava que nas últimas vinte e quatro horas percebera uma mudança em Wolff. A primeira vez que o viu, ele pareceu um homem com aprumado e atento. Em raras ocasiões seu rosto mostrava algum gesto espontâneo, salvo uma leve arrogância. Em geral, suas faces eram expressivas e seus movimentos quase lânguidos. Tudo isso havia desaparecido agora. Estava inquieto, olhava ao seu ao redor com nervosismo e a cada poucos segundos torcia imperceptivelmente os cantos dos lábios, como se estivesse a ponto de sorrir, ou talvez de fazer algum gesto reflexo de seus pensamentos. A serenidade que antes parecia formar parte de sua mais profunda natureza só era uma fachada cheia de fendas. Elene achava que a luta com Vandam o havia tornado irritado. O que começou como um jogo mortífero se havia convertido em uma batalha mortífera. Era curioso que Wolff, o impiedoso, se tornasse frenético enquanto que Vandam se acalmava.

“Desde que não se acalmasse demais...”, pensou Elene.

Wolff levantou-se e pegou sua maleta da rede. Elene e Billy o seguiram pelo vagão e pelo caminho. Aquela povoação era maior e mais ativa que as muitas que haviam atravessado, e a estação estava abarrotada de gente. Ao descerem foram empurrados pelas pessoas que lutavam para subir ao trem. Wolff, uma cabeça mais alto que a maioria, olhou ao seu ao redor buscando a saída, localizou-a e começou a abrir passagem entre a multidão. De repente, um menino seboso, descalço e vestido com uma pijama listrado, agarrou-se à maleta de Wolff gritando:

— Tenho táxi! Tenho táxi!

Wolff não soltava a maleta e o menino tampouco. Wolff alçou os ombros divertido, sem saber o que fazer, e deixou que o garoto o arrastasse para a saída.

Mostraram seus bilhetes e saíram para a praça. Era final de tarde, mas ali, no sul, o sol ainda esquentava muito. A praça estava rodeada de edifícios altos, um dos quais se chamava Grand Hotel. Em frente à estação havia uma fila de carroças. Elene olhou ao redor esperando ver um destacamento de soldados dispostos a prender Wolff. Não havia sinais de Vandam. Wolff disse ao garoto árabe:

— Táxi a motor, quero um táxi a motor.

Havia um, um velho Morris estacionado a poucos metros, depois das carroças. O garoto lhes levou para ele.

— Vá na frente — ordenou Wolff para Elene.

Entregou uma moeda ao garoto e subiu na parte traseira do carro, com Billy. O condutor usava óculos escuros e um kaffiyeh árabe na cabeça para resguardar-se do sol.

— Vá para o sul, para o convento — disse Wolff ao motorista em árabe.

— Okay — respondeu o condutor.

O coração de Elene parou. Conhecia aquela voz. Olhou fixamente para o motorista. Era Vandam.

Vandam conduzia, afastando-se da estação, e pensava: “Até agora tudo bem, exceto pelo árabe”. Não lhe havia ocorrido que Wolff falaria em árabe para o condutor de um táxi. O conhecimento que Vandam tinha do idioma era rudimentar, mas podia dar instruções e, por tanto, compreendê-las. Podia responder com monossílabos, ou grunhidos, ou inclusive em inglês, porque os árabes que falavam um pouco essa língua estavam sempre ansiosos de utilizá-la,

inclusive quando um europeu lhes falava na sua. Tudo iria bem enquanto Wolff não quisesse falar do tempo e das colheitas.

O capitão Newman havia conseguido tudo o que Vandam pedira, inclusive discrição. Até lhe deu seu revólver, um Enfield 380 de seis tiros, que Vandam tinha no bolso da calça, debaixo da túnica emprestada. Enquanto esperava o trem, Vandam havia estudado o mapa da periferia de Asyut — fornecido por Newman — de modo que tinha certa idéia de como achar a rota que se dirigia para o sul, fora da cidade. Passou pelo bairro antigo, fazendo soar a buzina mais ou menos continuamente, ao estilo egípcio, aproximando-se de forma perigosa das grandes rodas de madeira dos carroções e apartando as ovelhas do caminho com os pára-lamas. As lojas, cafés e oficinas situados nos edifícios, de ambos os lados da rua, transbordavam sobre a calçada. A estrada, que não estava pavimentada, aparecia coberta de poeira, lixo e esterco. Vandam olhou fugazmente pelo espelho e viu a quatro ou cinco meninos sobre o pára-choques traseiro.

Wolff disse algo e desta vez Vandam não entendeu. Simulou não haver ouvido. Wolff repetiu. Vandam captou a palavra que queria dizer gasolina. Wolff apontava uma garagem. Vandam deu uns golpezinhos sobre o indicador do painel, que mostrava o tanque cheio.

— Kifaya — disse —. Suficiente.

Wolff pareceu satisfeito.

Simulando ajustar o espelho, Vandam deu uma olhada em Billy, perguntando-se se haveria reconhecido seu pai. O menino olhava fixamente para a nuca de Vandam com expressão de deleite. O major pensou: “Não revele o jogo, pelo amor de Deus!”.

Deixaram o povoado para trás e se dirigiram para o sul pela reta estrada do deserto. À esquerda se encontravam os campos irrigados e bosquezinhos de árvores; à direita, a parede de penhascos graníticos, de cor amarelado pela capa de poeira arenosa que os cobria. No carro se respirava um ar peculiar. Vandam percebia a tensão de Elene, a euforia de Billy e a impaciência de Wolff. Ele mesmo estava inquieto. Wolff estaria percebendo tudo isso? O espião só precisava olhar bem para o condutor do táxi para dar-se conta de que era o homem que revistava os documentos no trem. Vandam esperava que Wolff estivesse preocupado pensando no seu rádio.

— Ruh alyaminak — disse Wolff.

Vandam sabia o significado: “Gire à direita”. Adiante viu uma curva que parecia conduzir diretamente para a escarpa. Diminuiu a marcha e girou. Então viu que se dirigia para uma passagem através das colinas.

Vandam se surpreendeu. Mais adiante, ao longo da rota para o sul, havia algumas aldeias e se encontrava o famoso convento, de acordo com o mapa de Newman; porém, depois dessas colinas não havia nada além do deserto ocidental. Se Wolff havia enterrado o rádio na areia, nunca o encontraria. Estava claro que não seria tão tolo. Vandam assim o esperava, porque se os planos de Wolff fracassassem, também os seus fracassariam.

A rota começou a subir e o velho carro lutou por ascender a ladeira. Vandam trocou de marcha uma vez, e outra vez. O carro chegou ao cume na segunda. Vandam contemplou um deserto aparentemente interminável. Oxalá tivesse um jipe. Perguntava-se o quanto mais longe Wolff iria. Era melhor que voltassem a Asyut antes que anoitecesse. Não podia fazer perguntas ao espião, por temer revelar sua ignorância do árabe.

A estrada se converteu em caminho. Vandam conduziu através do deserto, tão rapidamente quanto se atrevia, esperando instruções de Wolff. À frente, o sol descia no horizonte. Transcorrida uma hora passaram junto de um pequeno rebanho de ovelhas que pastavam nos

escassos arbustos espalhados, cuidadas por um homem e um garoto. Wolff se ergueu em seu assento e começou a olhar ao redor. Logo o caminho cruzou o leito seco de um rio. Com cautela, Vandam fez o carro passar sobre a margem.

Wolff disse:

— Ruh ashshimalak

Vandam girou à esquerda. O caminho era firme. Surpreendeu-se de ver ali grupos de pessoas, tendas e animais. Era como uma comunidade secreta. Um quilômetro e meio mais adiante viu a explicação: um poço de água.

A boca do poço estava destacada por uma baixa parede circular, de barro. Quatro troncos de árvore toscamente dispostos se alçavam sobre o buraco sustentando um mecanismo rudimentar. Quatro ou cinco homens tiravam água esvaziando os baldes em quatro canais ao redor do poço. Os camelos e as mulheres se amontoavam junto aos bebedouros.

Vandam se aproximou do poço. Wolff disse:

— Andak

Vandam parou o carro. A gente do deserto não se mostrava curiosa, ainda que deveria haver sido uma coisa rara ver ali um veículo de motor: “talvez — pensava Vandam — sua dura existência não lhes deixava tempo para investigar coisas estranhas”. Wolff fazia perguntas a um dos homens em rápido árabe. Foi uma breve conversação. O homem assinalou para diante.

— Dughri — disse Wolff para Vandam.

Vandam continuou.

Por fim chegaram a um grande acampamento, onde Wolff indicou para que Vandam parasse. Havia um conjunto de várias tendas, algumas ovelhas num curral, vários camelos maneados e um par de fogaréus para cozinhar. Com um movimento repentino e rápido, Wolff estendeu o braço para a parte dianteira do carro, parou o motor e sacou a chave. Sem uma palavra, desceu.

Ishmael estava sentado junto ao fogo, preparando o chá. levantou os olhos.

— Que a paz esteja contigo — disse tão tranquilo, como se Wolff houvesse chegado da tenda próxima.

— E contigo o bem-estar, e a misericórdia e a benção de Deus — replicou formalmente Wolff.

— Como está sua saúde?

— Deus te abençoe; eu estou bem, graças a Ele.

Wolff se pôs em cócoras sobre a areia. Ishmael lhe deu uma xícara.

— Toma-o.

— Deus te conceda sorte — disse Wolff.

— E a ti também.

Wolff bebeu o chá. Estava quente, doce e muito forte. Recordava como lhe havia dado forças durante sua aventura através do deserto... Havia sido só dois meses atrás?

Quando Wolff terminou de beber, Ishmael levantou a mão para sua cabeça.

— Que te faça bom proveito — desejou.

— Deus permita que te faça bom proveito.

As formalidades estavam cumpridas.

— E teus amigos? — perguntou Ishmael, apontando para o táxi estacionado no meio do leito seco do rio, incongruente entre as tendas e os camelos.

— Não são amigos — disse Wolff.

Ishmael sacudiu a cabeça. Não era curioso. Tendo em vista todas as perguntas corteses sobre a saúde de alguém, pensava Wolff, os nômades não se interessavam realmente no que fazia a gente da cidade: suas vidas eram muito distintas, até incompreensíveis.

— Ainda tem minha caixa? — perguntou Wolff.

— Sim.

“Ishmael diria que sim, a tivesse ou não — pensava Wolff — ; era o estilo árabe.” Ishmael não fez nenhum movimento para buscar a maleta. Era incapaz de apressar-se. “Rápido” significava “Dentro dos próximos dias”; “Imediatamente” significava “amanhã”.

— Devo regressar à cidade hoje — disse Wolff.

— Mas dormirás em minha tenda.

— Ai, não!

— Então comerá conosco.

— Duas vezes aí! O sol já está baixo e devo estar de volta na cidade antes do cair da noite.

Ishmael sacudiu a cabeça tristemente, com a olhada de quem contempla um caso perdido.

— Viera por sua caixa.

— Sim. Por favor, vá buscá-la, meu primo.

Ishmael falou a um homem que estava de pé atrás dele, o qual falou a um homem mais jovem, o qual falou a um menino para que fosse buscar a caixa. Ishmael ofereceu um cigarro a Wolff. O espião o aceitou por cortesia. Ishmael acendeu os cigarros com um galhinho que pegou do fogo. Wolff se perguntava de onde provinham os cigarros. O garoto trouxe a caixa e a ofereceu a Ishmael. Ishmael assinalou para Wolff.

Wolff pegou a caixa e a abriu. O invadiu uma grande sensação de alívio ao olhar o rádio e a chave do código. Na longa e tediosa viagem de trem, sua euforia desvanecera; mas de novo o envolvia e se sentia embriagado pela sensação do poder e da vitória iminente. Fechou a tampa da caixa. Suas mãos se mostravam inseguras.

Ishmael o olhava com os olhos semicerrados.

— Isto é muito importante para ti, esta caixa.

— É importante para o mundo.

Ishmael disse:

— O sol sai e o sol se põe. Às vezes chove. Vivemos e morremos.

Encolheu os ombros.

“Nunca o entenderia — pensou Wolff —. Mas outros sim.” Levantou-se.

— Obrigado, meu primo.

— Cuida-te.

— Que Deus te proteja.

Wolff se voltou e caminhou para o táxi.

Elene viu que Wolff se afastava do fogo com uma maleta na mão.

— Ele está voltando — disse —. E agora?

— Quererá voltar para Asyut — disse Vandam, sem olhá-la —. Esses rádios não têm pilhas. Tem que ir a algum lugar onde haja eletricidade, e isso quer dizer Asyut.

— Posso na frente? — perguntou Billy.

— Não — disse Vandam —. Calma. Não falta muito.

— Eu tenho medo dele.

— Eu também.

Elene se estremeceu. Wolff entrou no carro.

— Asyut — disse.

Vandam estirou a mão, com a palma para cima, e Wolff deixou cair a chave nela. Vandam pôs o motor em marcha e deu a volta.

Foram pelo leito seco do rio, passaram junto ao poço e saíram para a estrada. Elene pensava na caixa que Wolff sustentava sobre os joelhos. Continha o rádio, o livro e a chave do código Rebeca. Que absurdo era que tantas coisas dependessem de quem tivesse aquela caixa em suas mãos, que por isso ela estivesse arriscando sua vida e que Vandam pusesse em perigo a de seu filho! Elene se sentiu muito cansada. O sol se pusera atrás deles e os menores objetos — pedras, matas, penachos de capim — projetavam longas sombras. Nuvens noturnas se juntavam à frente sobre as colinas.

— Mais rápido — disse em árabe —. Está escurecendo.

Vandam parecia entender, pois aumentou a velocidade. O carro dava saltos e se inclinava sobre a estrada desfeita. Depois de alguns minutos, Billy disse:

— Estou enjoado.

Elene se voltou para olhá-lo. Billy estava pálido e tenso, sumamente erguido.

— Vá mais devagar — disse Elene para Vandam, e depois o repetiu em árabe, como se acabasse de recordar que ele não falava inglês.

Vandam diminuiu a marcha por um momento, porém Wolff disse:

— Mais rápido. — Se dirigiu a Elene: — Não se preocupe com o garoto.

Vandam acelerou.

Elene voltou a olhar para Billy. Estava branco como papel e parecia a ponto de chorar.

— Você é um desgraçado — disse a Wolff.

— Pare o automóvel — disse Billy.

Wolff ignorou-o e Vandam teve que simular que não entendia inglês.

Havia uma pequena ondulação na estrada. Ao tomá-la a grande velocidade, o automóvel se elevou uns poucos centímetros no ar e voltou a cair chocando contra o solo.

— Papai, freia! Freia, papai! — gritou Billy.

Vandam cravou os freios.

Elene se apoiou no painel e voltou a cabeça para olhar para Wolff.

Durante uma fração de segundo, Wolff ficou aturdido pela surpresa. Olhou para Vandam, depois para Billy e depois outra vez para Vandam; e em sua expressão, Elene viu primeiro incompreensão, depois assombro e, finalmente, temor. Elene se deu conta de que Wolff pensava no incidente do trem, e no garoto árabe da estação, e no kaffiyeh que cobria o rosto do condutor do táxi; e então viu que tudo ficou-lhe claro como iluminado por um relâmpago.

O carro se deteve com um chiado e jogou os passageiros para frente. Wolff recuperou o equilíbrio. Com um rápido movimento, passou o braço esquerdo ao redor de Billy e puxou o garoto contra si. Elene viu que afundava a mão na camisa e sacava a faca.

Vandam se virou. No mesmo momento, observou Elene, sua mão deslizou pela abertura do lado de sua túnica, e ali ficou paralizada ao olhar para o assento traseiro. Elene também se voltou.

Wolff mantinha a faca a três centímetros da suave pele do pescoço de Billy. O menino estava aterrorizado. Vandam parecia desfeito. Nos cantos da boca de Wolff se esboçava um sorriso demente.

— Maldito seja! — disse Wolff —. Esteve a ponto de pegar-me.

Todos o olhavam em silêncio.

— Tire esse chapéu ridículo — ordenou a Vandam.

Vandam se livrou do kaffiyeh.

— Deixe-me adivinhar — disse Wolff —. É o major Vandam. — Parecia desfrutar do momento —. Que boa idéia foi trazer o seu filho como refém.

— Está liquidado, Wolff — disse Vandam —. A metade do exército britânico o está seguindo. Ou me deixa levá-lo vivo, ou eles o matarão.

— Não acredito que esteja dizendo a verdade — disse Wolff —. Não haverá trazido o exército por seu filho. Teria medo de que esses cowboys errassem seus disparos. Acho que seus superiores nem sequer sabem onde você está.

Elene estava segura de que Wolff tinha razão, e a constrangeu o desespero. Não tinha idéia do que Wolff faria, mas pensava que Vandam havia perdido a batalha. Olhou para o major e viu a derrota em seus olhos.

Wolff disse:

— Debaxo de sua túnica o major Vandam está de calça caqui. Num dos bolsos da calça, ou possivelmente na cintura, encontrará um revólver. Pegue-o.

Elene afundou a mão na túnica de Vandam e encontrou o revólver no bolso. Pensou: “Como Wolff sabia?”. E depois: “Ele adivinhou”. Elene sacou o revólver do bolso.

Olhou para Wolff. Não podia pegar o revólver sem soltar Billy, e se o fizesse, ainda que fosse por um momento, Vandam tentaria algo.

Mas Wolff havia pensado nisso.

— Empurra para abaixo o canhão do revólver, de modo que o tambor caia para frente. Cuidado, não vá apertar o gatilho por engano.

Elene manobrou nervosamente com o revólver.

— Provavelmente há uma trava no lado do cilindro — seguiu Wolff.

Elene achou a trava e abriu o revólver.

— Tire as balas e deixe-as cair fora do carro.

Ela o fez.

— Coloque o revólver no chão.

Ela o colocou.

Wolff pareceu aliviado. Uma vez mais, a única arma era sua faca. Falou para Vandam.

— Saia do carro.

Vandam não se moveu.

— Saia — repetiu Wolff.

Com um súbito e preciso movimento tocou o lóbulo da orelha de Billy com a faca. Brotou uma gota de sangue.

Vandam desceu do carro.

Wolff disse para Elene:

— Sentesse ao volante.

Elene passou sobre a macha.

Vandam havia deixado a porta aberta.

— Fecha a porta — ordenou o espião.

Elene fechou a porta. Vandam permaneceu de pé junto ao carro, olhando fixamente para o interior.

— Ligue o carro — disse Wolff.

O motor havia afogado. Elene pôs a macha em ponto morto e girou a chave. O motor tossiu e parou. Elene esperava que não arrancasse. De novo fez girar a chave; outra vez o arranque falhou.

— Aperta o pedal do acelerador ao dar o contato — disse Wolff.

Elene fez o que Wolff dizia. O motor ligou e rugiu.

— Dirija — disse Wolff.

Elene arrancou.

— Mais rápido.

Elene trocou de marcha.

Pelo espelho viu que Wolff guardava a faca e soltava Billy. Detrás do carro, a uns cinquenta metros de distância, Vandam estava de pé na estrada do deserto; sua silhueta se via negra contra o pôr do sol.

Permanecia imóvel.

— Não tem água! — exclamou Elene.

— Não — replicou Wolff.

Nisso, Billy enloqueceu de fúria.

Elene o ouviu gritar:

— Não pode abandoná-lo!

Elene se virou, esquecendo-se do caminho. Billy havia saltado sobre Wolff como um gato da montanha raivoso, golpeando e arranhando e, ao parecer, chutando. Gritava de forma incoerente. Seu rosto era uma máscara de cólera infantil e seu corpo se sacudia convulsivo como se sofresse um ataque. Wolff, que se havia descuidado pensando na crise que acabava de passar, foi momentaneamente incapaz de resistir. No espaço fechado, com Billy tão perto dele, não pôde lançar um golpe adequado, de forma que levantou os braços, para proteger-se, e empurrou o menino, para afastá-lo.

Elene voltou a olhar a estrada. O carro desviara-se e a roda dianteira esquerda sulcava os matos arenosos que cresciam junto ao caminho. Lutou com o volante, mas este parecia ter vontade própria. Apertou os freios e a parte posterior do carro começou a deslizar lateralmente. Tarde demais, Elene viu um profundo sulco que cruzava o caminho. O carro, resvalando, chocou de lado contra o rego, com um impacto que lhe sacudiu os ossos. Pareceu dar um salto para cima. Elene se elevou no assento por um instante e, quando voltou a cair, pisou no pedal do acelerador de forma involuntária. O carro saiu disparado para frente e começou a deslizar na direção oposta. Pelo canto do olho viu que Wolff e Billy caíam de um lado para o outro sem poderem evitar, lutando ainda. O carro saiu da estrada e entrou na areia macia. Perdeu velocidade com brusquidão e Elene bateu a testa na borda do volante. O automóvel se inclinou e pareceu voar. Elene viu o deserto de um lado e se deu conta que o carro, literalmente, estava dando voltas. Pensou que não ia parar nunca. Ela caiu sobre um lado, agarrada ao volante e à alavanca do câmbio. O automóvel não ficou invertido, ficou apoiado lateralmente, como uma moeda que caísse de canto sobre a areia. A alavanca de trocas soltou-se na mão de Elene. Ela chocou-se contra a porta, e voltou a bater a cabeça. O carro ficou imóvel.

Elene se apoiou nas mãos e nos joelhos, sustentando ainda a alavanca de trocas quebrada, e olhou a parte posterior do carro. Wolff e Billy estavam caídos, o espião sobre o menino. Enquanto Elene olhava, Wolff se moveu; ela havia esperado que estivesse morrido.

A garota tinha um joelho sobre a porta do carro e o outro na janela. À direita se elevava verticalmente o teto do automóvel. À esquerda estava o assento. Olhava pelo espaço que havia entre a parte superior do assento traseiro e o teto.

Wolff levantou-se.

Billy parecia inconsciente.

Elene estava desorientada; sentia-se inútil, ajoelhada sobre a janela do carro.

Wolff, sobre a parte interna da porta traseira esquerda, lançou todo seu peso contra o piso do carro. Este se balançou. Voltou a fazê-lo. O veículo se balançou mais. Na terceira tentativa girou e caiu sobre as quatro rodas com um forte estrépito. Elene estava enjoada. Viu que Wolff abria a porta e saía do carro. Permaneceu de pé lá fora, e depois, agachando-se, sacou sua faca. A garota viu que Vandam se aproximava.

Elene se ajoelhou sobre o assento, observando. Não poderia mover-se até que a cabeça deixasse de dar voltas. Viu que Vandam se agachava como Wolff, pronto para saltar, as mãos no alto, para proteger-se. Tinha a cara vermelha e ofegava; havia corrido atrás do carro. Se moviam em círculos. Wolff coxeava ligeiramente. O sol era um enorme globo alaranjado atrás deles.

Vandam se adiantou e depois pareceu vacilar. Wolff lançou uma facada, mas lhe havia surpreendido o titubeio de Vandam e errou o golpe. O punho de Vandam saiu disparado. Wolff deu um respingo. Elene viu que o nariz do espião estava sangrando.

Enfrentaram-se outra vez, como boxeadores num ringue.

Vandam voltou a saltar para frente. Desta vez Wolff se esquivou. Vandam lançou um pontapé, mas Wolff estava fora de seu alcance. Wolff desferiu uma curta estocada com a faca. Elene viu que atravessava as calças de Vandam e que o sangue brotava. Wolff lançou outro golpe, mas Vandam havia retornado. Uma mancha escura apareceu em uma perna de sua calça.

Elene olhou para Billy. O menino jazia nascidamente no solo do carro, com os olhos fechados. Elene passou engatinhando para a parte traseira e, levantando-o, o acomodou no banco. Não sabia se estava vivo ou morto. Tocou-lhe no rosto. Não se moveu.

— Billy! — exclamou — Oh, Billy!

Elene voltou a olhar para fora. Vandam estava agachado sobre um joelho. Seu braço esquerdo pendurava do ombro, cobertos de sangue. Mantinha o direito levantado, em atitude defensiva. Wolff se aproximou.

Elene saltou do carro. Ainda tinha a alavanca de trocas rompida na mão. Viu que Wolff levantava sua arma, pronta para jogar-se contra Vandam mais uma vez. Correu atrás de Wolff, tropeçando na areia. Wolff lançou um golpe em Vandam. O major saiu de lado. Elene levantou bem alta a alavanca e bateu com toda sua força sobre a nuca de Wolff. O espião pareceu ficar imóvel por um momento.

— Oh, Deus! — exclamou Elene.

Voltou a golpear. Bateu uma terceira vez.

Wolff caiu no chão.

Ela bateu de novo.

Então largou a alavanca e se ajoelhou junto de Vandam.

— Bem feito — disse Vandam debilmente.

— Consegue se levantar?

Vandam apoiou uma mão no ombro de Elene e conseguiu levantar-se.

— Não é tão grave como parece — disse.

— Espere um minuto. Ajuda-me.

Com o braço seguro Wolff por uma perna e o arrastou para o carro. Elene ajudou puxando pelo braço do homem inconsciente. Quando chegaram ao carro, Vandam levantou o braço de Wolff e fez que a mão ficasse apoiada sobre o estribo, com a palma para baixo. Então levantou um pé e o desceu violentamente sobre o cotovelo de Wolff. O braço se partiu em dois. Elene empalideceu.

— Quero assegurar-me de que não causará problemas quando voltar a si — explicou.

Vandam entrou no veículo e pôs uma mão sobre o peito de Billy.

— Está vivo — disse —. Graças a Deus.

Billy abriu os olhos.

— Já passou tudo — tranquilizou-lhe Vandam.

O menino fechou os olhos.

Vandam se sentou ao volante.

— Onde está a alavanca do câmbio? — perguntou.

— Quebrou. Bati em Wolff com ela.

Vandam girou a chave e o carro se sacudiu.

— Bem, a marcha ainda está engatada — disse. Apertou a embreagem e fez girar de novo a chave. O motor arrancou. Soltou lentamente a embreagem e o carro avançou. Desligou o motor —. Poderemos deslocar-nos. Que golpe de sorte!

— O que faremos com Wolff?

— Metê-lo no porta-malas.

Vandam olhou outra vez para Billy. Havia recuperado a consciência e tinha os olhos muito abertos.

— Como está, filho? — perguntou.

— Eu sinto muito — Billy se desculpou —, mas não pude evitar o enjôo.

Vandam olhou para Elene.

— Você terá que dirigir — disse.

Havia lágrimas em seus olhos.

De repente, ouviu-se o rugido aterrador de aviões que se aproximavam. Rommel lançou uma olhada para cima e viu os bombardeios britânicos que se aproximavam a baixa altura vindos por trás das linhas de colinas mais próximas: a tropa os chamava bombardeios “Desfile de Festa”, porque voavam em perfeita formação, como os aviões das exposições de Nuremberg de antes da guerra.

— Protejam-se! — gritou Rommel, que correu para uma trincheira e se jogou nela.

O ruído era tão intenso, que se parecia com o silêncio. Rommel jazia com os olhos fechados. Doía-lhe o estômago. Enviaram-lhe um médico da Alemanha, mas ele sabia que a única medicina que necessitava era a vitória. Havia perdido muito peso: o uniforme estava muito folgado e as golas das camisas pareciam grandes demais. Também estava perdendo rapidamente o cabelo, que em algumas partes já branqueava.

Era o primeiro dia de setembro e tudo havia saído terrivelmente mal. O que parecia ser o ponto débil da linha de defesa aliada, dava a impressão de ser uma emboscada. Os campos minados eram densos onde deviam ser esparsos; o terreno era de areia movediça onde se esperava solo firme; a crista de Alam Halfa, que devia ser capturada com facilidade, estava poderosamente defendida. A estratégia de Rommel estava equivocada; seu serviço de informação havia-se equivocado; seu espião havia-se equivocado.

Os bombardeios passaram sobre sua cabeça. Rommel saiu da trincheira. Seus assistentes e oficiais emergiram dos refúgios e se reuniram ao redor dele. Rommel levantou seus binóculos de campanha e olhou para o deserto. Numerosos veículos permaneciam imobilizados na areia, muitos deles ardendo furiosamente. “Se pelo menos o inimigo atacasse — pensou —, poderíamos combatê-lo.” Mas os aliados não se moviam e, bem entrincheirados, liquidavam os tanques Panzer como quem pesca num barril.

As coisas não andavam bem. Suas unidades de vanguarda se encontravam a vinte e cinco quilômetros de Alexandria, mas estavam atoladas. “Vinte e cinco quilômetros — pensou —. Outros vinte e cinco quilômetros e Egito teria sido meu.” Olhou para os oficiais que lhe rodeavam. Como sempre, a expressão de seus rostos eram o reflexo da sua: viu em seus rostos o que eles viam na dele.

A derrota.

Sabia que era um pesadelo, mas não conseguia despertar. A cela tinha um e oitenta de comprimento por um e vinte de largura, e a metade era ocupada pela cama. Debaixo da cama havia um urinol. As paredes eram de pedra cinzenta e lisa. Uma lâmpada pequena pendurada no teto, na ponta de um fio. Num extremo da cela havia uma porta. No outro, uma janelinha quadrada, justo acima do nível dos olhos: por ela podia ver o céu azul brilhante.

Em seu sonho pensava: “Pronto despertarei e então tudo estará bem. Despertarei, e haverá uma bonita mulher junto de mim, sobre lençóis de seda. Acariciarei seus peitos. — Quando pensou nisso, foi invadido por um forte desejo —. E ela se despertará e me beijará, e então beberemos champanhe”.

Mas não conseguia sonhar com isso, e regressava o sonho da cela. Em algum lugar próximo soava um tambor continuamente. Ao seu ritmo, lá fora, soldados marchavam. O ruído era

aterrador, aterrador, bum-bum, bum-bum, tram-tram; o tambor e os soldados e as estreitas paredes cinzentas da cela e aquele distante, aquele exasperante quadrado de céu azul; e ele estava tão assustado, tão horrorizado, que abriu os olhos à força e despertou.

Olhou ao seu redor sem compreender. Estava desperto, bem desperto. Não havia dúvida alguma. O sonho havia terminado. Mas continuava em uma cela. Tinha um e oitenta de comprimento por um e vinte de largura, e metade era ocupada pela cama. Se agachou e olhou. Debaixo havia um urinol.

Permaneceu erguido. Depois, silenciosa e tranquilamente, começou a golpear a cabeça contra a parede.

Jerusalém, 4 de setembro de 1942.

Minha querida Elene,

Hoje fui ao Muro Ocidental, que é chamado também Muro das Lamentações. Estive ali com muitos outros judeus e orei. Escrevi um kvitlach e o pus em uma fenda da parede. Deus queira conceder-me o que peço.

Este é o lugar mais formoso do mundo: Jerusalém. Certamente não vivo bem. Durmo num colchão no chão de um pequeno quarto, com outros cinco homens. À vezes consigo trabalhar um pouco, limpando uma oficina onde um de meus companheiros de quarto, um jovem, carrega madeira para os carpinteiros. Sou muito pobre, como sempre, mas agora sou pobre em Jerusalém, que é melhor do que ser rico no Egito.

Cruzei o deserto num caminhão do exército britânico. Perguntaram-me o que eu teria feito se não me houvessem recolhido, e quando disse que haveria caminhado, acho que pensaram que estava louco. Mas esta é a coisa mais lúcida que jamais hei feito.

Devo dizer-te que estou morrendo. Minha doença é incurável, mesmo que pudesse pagar aos doutores, e só me faltam algumas semanas, quiçá um par de meses. Não fique triste. Jamais fui mais feliz em minha vida.

Quero dizer-te o que escrevi em meu kvitlach. Pedi a Deus que conceda felicidade a minha filha Elene. Tenho fé em que o fará.

Adeus.

O presunto defumado estava cortado fino como o papel e enrolado em apetitosos cilindros. Os pãozinhos eram caseiros, frescos, dessa manhã. Havia um recipiente com salada de batatas feita com verdadeira maionese e boa cebola picada, uma garrafa de vinho, outra de gasosa e uma bolsa de laranjas. E um pacote de cigarros, da marca que ele fumava.

Elene começou a guardar a comida na cesta.

Acabava de fechar a tampa quando ouviu o golpe na porta. Tirou o avental antes de ir abrir.

William Vandam entrou, fechou depois de si e a beijou. A rodeou com os braços e apertou até machucá-la. Sempre fazia isso, e sempre doía, mas ela nunca se queixava, porque havia estado a ponto de perder Vandam, e ele a ela, de modo que quando estavam juntos, sentiam-se muito felizes.

Foram à cozinha. Vandam levantou a cesta e disse:

— Deus! O que tem aqui, as jóias da Coroa?

— Há novas notícias? — perguntou Elene.

Vandam sabia que se referia à guerra no deserto.

— Cito: “Forças do Ejito em plena retirada”.

Elene pensou no muito que Vandam havia-se tranquilizado esses dias. Até falava de outra forma. Seus cabelos estavam adquirindo uma tonalidade grisalha, e ele ria muito disso.

— Acho que você é desses homens que ficam mais atraentes com a passagem dos anos — ela disse.

— Espere até que meus dentes caiam.

Saíram. O céu estava curiosamente preto, e Elene lançou um “Oh!” de surpresa ao chegar à rua.

— Hoje é o fim do mundo — disse Vandam.

— Nunca o havia visto assim — repôs Elene.

Subiram na motocicleta e se dirigiram à escola de Billy. O céu escureceu mais ainda. Começou a chover quando passavam ante o Shephard's Hotel. Elene viu um egípcio que punha um lenço sobre seu fez. As gotas eram enormes; cada uma delas atravessava seu vestido e chegava à pele. Vandam deu a volta com a moto e estacionou em frente ao hotel. Quando desciam da motocicleta, as nuvens despencaram.

Permaneceram debaixo da marquise do hotel observando como descarregava a tormenta. A quantidade de água era incrível. Em poucos minutos, as sarjetas transbordaram e as calçadas inundaram. Em frente do hotel, os comerciantes se agitavam debaixo da tormenta, tirando as mercadorias para fechar suas lojas. Os carros tiveram que parar onde estavam.

— Não há rede de esgoto nesta cidade — disse Vandam —. A água não tem aonde ir, salvo o Nilo. Olha.

A rua convertera-se num rio.

— E a moto? — perguntou Elene.

— Será arrastada a maldita — disse Vandam —. Terei que trazê-la aqui.

Dvidou, mas correu à calçada, pegou a motocicleta pelo guidom e a empurrou pela água até os degraus do hotel. Quando voltou ao abrigo da marquise, estava com a roupa toda empapada e o cabelo colado na cabeça, como um esfregão recém tirado de um balde. Elene riu dele.

A chuva continuou.

— E Billy? — perguntou Elene.

— Terão que reter aos meninos na escola até que estie.

Finalmente entraram no hotel para tomar uma bebida. Vandam pediu xerez: havia jurado não tomar mais genebra e dizia que não iria fazer falta.

Finalmente a tempestade passou e voltaram a sair, mas tiveram que esperar um pouco mais, até que a inundação cedesse. Por último ficaram uns dois ou três centímetros de água e o sol apareceu. Os condutores começaram a pôr seus carros em marcha. A moto não estava muito úmida e ligou na primeira tentativa.

Com o sol, as ruas começaram a desprender vapor enquanto eles se dirigiam à escola. Billy

estava esperando no lado de fora.

— Que tormenta! — exclamou cheio de excitação.

Subiu na moto e se sentou entre Elene e Vandam.

Saíram para o deserto. Elene ia fortemente segura, com os olhos semicerrados, e por isso não viu o milagre até que Vandam parou a moto. Os três desceram e olharam ao redor, mudos.

O deserto estava atapetado de flores.

— Foi a chuva, evidentemente — disse Vandam —. Mas...

Milhões de insetos voadores também haviam aparecido do nada, e as mariposas e as abelhas iam freneticamente de flor em flor, recolhendo a repentina colheita.

— As sementes deviam de estar na areia esperando — disse Billy.

— Isso mesmo. As sementes estiveram ali durante anos à espera disto.

Todas as flores eram diminutas, como miniaturas, mas de cores muito brilhantes. Billy deu uns passos, desde a estrada, e se agachou para examinar uma. Vandam abraçou Elene e a beijou. Começou com um ligeiro beijo na bochecha, que se converteu num longo abraço de amor.

Finalmente, Elene se separou, rindo.

— Fará que Billy ficar envergonhado.

— Vai ter que acostumar-se — disse Vandam.

Elene parou de rir.

— Fala sério? — perguntou —. É verdade?

Vandam sorriu e a beijou de novo.

FIM.